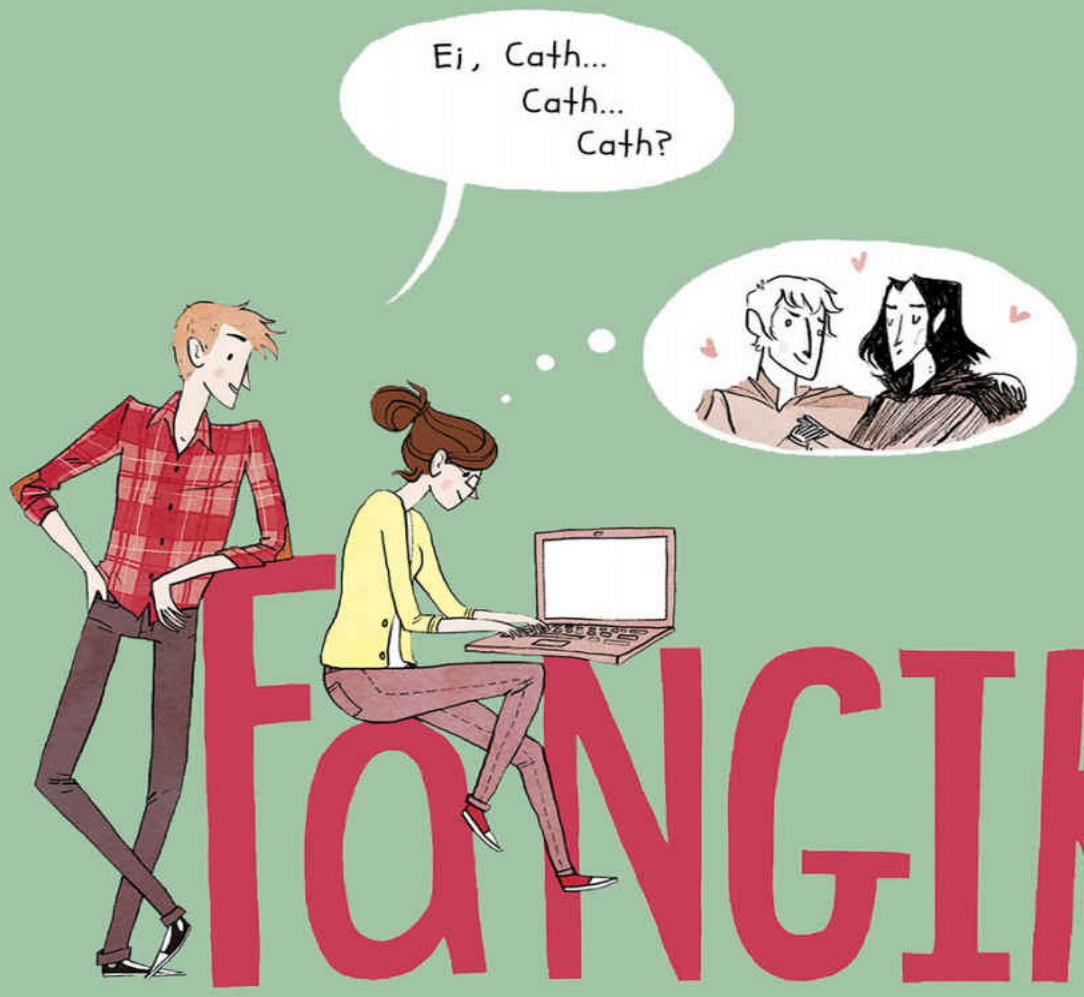


FANGIRL

Da autora de *Eleanor & Park*

RAINBOW ROWELL

SEGUINTE

RAINBOW
ROWELL

FANGIRL

Tradução
LÍGIA AZEVEDO

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

SUMÁRIO

Capa
Folha de rosto
Sumário
Segundo semestre de 2011
um
dois
três
quatro
cinco
seis
sete
oito
nove
dez
onze
doze
treze
catorze
quinze
dezesseis
dezessete
dezoito

dezenove
vinte
vinte e um

Primeiro semestre de 20l 2
vinte e dois
vinte e três
vinte e quatro
vinte e cinco
vinte e seis
vinte e sete
vinte e oito
vinte e nove
trinta
trinta e um
trinta e dois
trinta e três
trinta e quatro
trinta e cinco
trinta e seis
trinta e sete
trinta e oito

Agradecimentos
Sobre a autora
Créditos

Para Jennifer,
que sempre tinha um
sabre de luz a mais

SEGUNDO SEMESTRE DE 2O11

Série Simon Snow

Da Enciclowikia, a enciclopédia do povo

Este artigo é sobre a série de livros infantojuvenis. Para outros usos, ver Simon Snow (desambiguação).

Simon Snow é uma série de sete livros de fantasia escritos pela filologista Gemma T. Leslie. Os volumes contam a história de Simon Snow, um órfão de onze anos de Lancashire que é recrutado pela Escola de Magia de Watford para se tornar um feiticeiro. Conforme cresce, Simon se junta a um grupo — os Magos — que luta contra o Oco Insidioso, um ser maligno que tenta extinguir a magia no mundo.

Desde a publicação de *Simon Snow e o herdeiro do Mago*, em 2001, os livros da série foram traduzidos para 53 línguas, e venderam mais de 380 milhões de cópias até agosto de 2011.

Leslie foi criticada pela violência na série e por criar um herói que às vezes é egoísta e mal-humorado. Uma cena de exorcismo do quarto volume, *Simon Snow e os quatro selkies*, desencadeou um boicote de grupos cristãos americanos em 2008. Mas os livros da série são amplamente considerados clássicos modernos, e em 2010 a revista *Time* chamou Simon de "o personagem mais importante da literatura infantojuvenil desde Huckleberry Finn".

O lançamento do oitavo volume, o último livro da série, está previsto para 1º de maio de 2012.

Histórico de publicação

Simon Snow e o herdeiro do Mago, 2001

Simon Snow e a segunda serpente, 2003

Simon Snow e o terceiro portão, 2004

Simon Snow e os quatro selkies, 2007

Simon Snow e as cinco lâminas, 2008

Simon Snow e as seis lebres brancas, 2009

Simon Snow e o sétimo carvalho, 2010

Simon Snow e a oitava dança, previsto para 1º de maio de 2012

UM

Havia um garoto em seu quarto.

Cath olhou para o número pintado na porta e baixou os olhos para o número do quarto anotado em um papel em sua mão.

Pound Hall, 913.

Aquele era o quarto 913, mas talvez ela não estivesse em Pound Hall. Todos os prédios se pareciam, como aqueles condomínios para velhinhos. Talvez Cath devesse ir atrás de seu pai antes que ele trouxesse o resto das caixas.

— Você deve ser Cather — o garoto disse, sorrindo e estendendo a mão.

— Cath — ela corrigiu, sentindo uma onda de pânico na barriga. Ela ignorou a mão esticada dele. (Estava segurando uma caixa, afinal de contas. O que ele esperava que ela fizesse?)

Aquilo era um erro — tinha que ser. Ela sabia que Pound Hall era um alojamento misto… *Será que também eram* quartos *mistos?*

O garoto pegou a caixa das mãos dela e a apoiou sobre a cama vazia. A cama do outro lado do quarto já estava tomada por roupas e caixas.

— Tem mais coisa sua lá embaixo? — ele perguntou. — Acabamos de trazer o que faltava. Acho que vamos comer um hambúrguer agora. Quer vir junto? Você já foi no Pear's? Os hambúrgueres de lá são do tamanho de um punho. — Ele levantou o braço de Cath. Ela engoliu em seco. — Fecha a mão — ele disse.

Cath fechou.

— São *maiores* que o seu punho, até — o garoto disse, soltando a mão de Cath e pegando a mochila que ela deixou do lado de fora do quarto. — Você tem mais caixas? Deve ter. Está com fome?

Ele era alto, magro e bronzeado. Parecia que tinha acabado de tirar um gorro da cabeça, porque o cabelo loiro-escuro despontava para todos os lados. Cath voltou a olhar para o papel com as informações do quarto que lhe fora designado. Aquele garoto poderia ser *Reagan*?

— Reagan! — o garoto chamou, animado. — Olha só, sua colega de quarto chegou.

Uma garota contornou Cath à porta, depois olhou para ela por cima do ombro, com frieza. Tinha cabelo ruivo e liso, e um cigarro que ainda não acendera nos lábios. O garoto o pegou dela e o pôs na própria boca.

— Reagan, Cather. Cather, Reagan — ele disse.

— Cath — Cath corrigiu.

Reagan assentiu e procurou outro cigarro na bolsa.

— Peguei este lado — ela disse, indicando com a cabeça a pilha de caixas do lado direito do quarto. — Mas pra mim tanto faz. Se você liga pra essas merdas de feng shui, pode mudar minhas coisas de lugar. — Ela se virou para o garoto. — Pronto?

Ele se virou para Cath.

— Você vem?

Ela negou com a cabeça.

Quando a porta se fechou atrás deles, Cath se sentou no colchão que aparentemente era dela — feng shui era a última de suas preocupações — e apoiou a cabeça na parede de blocos de concreto.

Só precisava acalmar os nervos.

Pegar a ansiedade que parecia uma estática escura atrás dos olhos e um coração a mais na garganta e empurrar de volta para o estômago, onde devia

ficar — onde ela pelo menos podia comprimir e ignorar.

Seu pai e Wren logo estariam ali, e Cath não queria que soubessem que ela estava prestes a ter um colapso nervoso. Se ela tivesse um, o pai teria também. E se *qualquer um dos dois* tivesse, Wren ia agir como se eles estivessem fazendo aquilo de propósito, só para estragar seu primeiro dia na faculdade, que deveria ser perfeito. Sua nova aventura.

"Você vai me agradecer por isso", Wren insistia em repetir.

A primeira vez que dissera aquilo fora em junho.

Cath já havia preenchido e enviado o formulário da moradia estudantil, e é claro que pedira para ter Wren como colega de quarto — nem pensara duas vezes. As duas tinham dividido o quarto por dezoito anos, por que mudar agora?

— Dividimos o quarto por *dezoito anos* — Wren argumentara. Ela estava sentada à cabeceira da cama de Cath, com a expressão irritante de Irmã Adulta.

— E deu supercerto — Cath havia dito, mexendo os braços para mostrar o quarto: as pilhas de livros, os pôsteres de Simon Snow, o guarda-roupa em que elas enfiavam todas as suas roupas, na maior parte do tempo sem se preocupar com qual pertencia a quem.

Catch estava sentada ao pé da cama, tentando não ser a Irmã Ridícula e Chorona.

— É a faculdade — Wren insistira. — A vantagem da faculdade é justamente conhecer gente nova.

— A vantagem de ter uma irmã gêmea é justamente não precisar se preocupar com esse tipo de coisa — Cath dissera. — Garotas esquisitas que roubam seus absorventes, têm cheiro de molho de salada e tiram fotos suas enquanto você dorme…

Wren suspirara.

— De onde você tirou isso? Por que alguém teria cheiro de molho de salada?

— A vinagre — Cath havia dito. — Lembra quando a gente foi conhecer a faculdade e o quarto daquela menina tinha cheiro de molho italiano?

— Não.

— Bom, era nojento.

— É a faculdade — Wren havia dito, exasperada, levando as mãos ao rosto. — Deveria ser uma *aventura*.

— Já é uma aventura. — Cath foi engatinhando até o lado da irmã e tirou as mãos dela do rosto. — A ideia toda já é aterrorizante.

— É pra gente conhecer gente nova — Wren repetira.

— Não preciso de gente nova.

— Isso só prova o quanto você precisa… — Wren apertara as mãos da irmã. — Cath, pensa no assunto. Se ficarmos juntas, vão nos tratar como se fôssemos a mesma pessoa. Vai demorar quatro anos para alguém aprender a nos diferenciar.

— É só prestar atenção.

Cath tocou a cicatriz no queixo de Wren, logo abaixo dos lábios. (Um acidente de trenó. Elas tinham nove anos, e Wren estava na frente quando bateram numa árvore. Cath, que estava atrás, havia caído na neve.)

— Você sabe que estou certa — Wren havia dito.

Cath negara com a cabeça.

— Não sei, não.

— Cath…

— Por favor, não me obriga a fazer isso sozinha.

— Você nunca está sozinha — Wren respondera, suspirando de novo. — É essa a vantagem de ter a porra de uma irmã gêmea.

— É muito bom — o pai delas disse, olhando para o quarto 913 do Pound Hall e deixando um cesto cheio de sapatos e livros sobre o colchão de Cath.

— Não é nada, pai — Cath disse, rígida junto à porta. — É tipo um quarto de hospital, só que menor. E sem TV.

— Você tem uma bela vista do campus — ele insistiu.

Wren foi até a janela.

— Meu quarto dá pro estacionamento.

— Como você sabe? — Cath perguntou.

— Vi no Google Earth.

Wren estivera ansiosa para que toda aquela coisa de faculdade começasse. Ela e a colega de quarto — *Courtney* — vinham se falando havia semanas. Courtney também era de Omaha. As duas já tinham se encontrado e feito compras para o quarto juntas. Cath tinha ido junto, e tentara não fazer bico enquanto escolhiam pôsteres e luminárias combinando.

O pai delas se afastou da janela e passou o braço sobre os ombros de Cath.

— Vai ficar tudo bem — ele disse.

Ela assentiu.

— Eu sei.

— Certo — ele disse, batendo palmas uma vez. — Próxima parada, Schramm Hall. E depois: rodízio de pizza. Por último: meu triste ninho vazio.

— Nada de pizza — Wren disse. — Desculpa, pai. Courtney e eu vamos ao churrasco dos calouros hoje à noite. — Ela olhou para a irmã. — Cath deveria ir também.

— Prefiro a pizza — Cath disse, em desafio.

Seu pai sorriu.

— Sua irmã está certa, Cath. Você tem que ir. Pra conhecer gente nova.

— Vou passar os próximos nove meses só conhecendo gente nova. Hoje quero comer pizza.

Wren revirou os olhos.

— Muito bem — o pai disse, dando tapinhas no ombro de Cath. — Próxima parada, Schramm Hall. Vamos?

Ele abriu a porta.

Cath não se moveu.

— Pode voltar para me buscar depois que deixar Wren — ela disse, olhando para a irmã. — Quero começar a arrumar minhas coisas.

Wren não disse nada a respeito, só saiu para o corredor.

— Amanhã a gente se fala — ela se despediu, sem virar para olhar para a irmã.

— Tá — Cath disse.

A sensação de arrumar as coisas era boa. Fazer a cama e organizar seus livros teóricos ridiculamente caros nas prateleiras acima da nova escrivaninha.

Quando o pai voltou, os dois foram até a pizzaria Valentino's. Todo mundo que viram no caminho tinha mais ou menos a idade de Cath. Era muito esquisito.

— Por que todo mundo é loiro? — Cath perguntou. — E branco?

O pai riu.

— É que você está acostumada à parte menos branca de Nebraska.

Eles viviam em um bairro mexicano no sul de Omaha. Eram a única família branca do quarteirão.

— Ah, meu Deus — ela disse. — Você acha que tem uma barraquinha de taco nesta cidade?

— Acho que vi um fast-food mexicano…

Ela gemeu.

— Ah, vai — ele disse. — Você gosta de fast-food.

— Não é essa a questão.

Quando chegaram à Valentino's, estava cheia de estudantes. Alguns, como Cath, estavam acompanhados dos pais, mas não muitos.

— É tipo um conto de ficção científica — ela disse. — Sem crianças… Sem ninguém acima dos trinta… Cadê os velhos?

O pai pegou um pedaço de pizza com as mãos.

— Viraram pizza.

Cath riu.

— Eu não sou velho, sabe? — Ele tamborilava na mesa com dois dedos da mão esquerda. — Tenho quarenta e um. Vários caras da minha idade só estão tendo filhos agora.

— Foi uma boa ideia — Cath disse — tirar a gente do caminho logo. Você pode começar a levar mulheres pra casa agora. Ninguém vai saber.

— Todas as minhas mulheres… — ele disse, olhando para o prato. — Vocês são as únicas mulheres com quem me ocupo.

— Eca, pai. Que esquisito.

— Você sabe o que quero dizer. E o que aconteceu com sua irmã? Nunca vi vocês brigando…

— Não estamos brigando — Cath disse, dando uma mordida numa pizza de carne moída com queijo e bacon. — Ai, credo — ela disse, antes de cuspir.

— O que foi? Encontrou uma pálpebra de velho na pizza?

— Não. É só picles. Tudo bem. Eu só não estava esperando.

— Vocês duas *estão passando a impressão* de que estão brigando — ele continuou.

Cath deu de ombros. Ela e a irmã não andavam se falando muito, de modo que não brigavam.

— Wren só quer mais… independência.

— Parece razoável — ele disse.

É claro que sim, Cath pensou. *Essa é a especialidade de Wren.* Mas ela resolveu deixar para lá. Não queria que o pai se preocupasse com aquilo. Pelo modo como ficava tamborilando na mesa, ela sabia que ele já estava perdendo as forças. Tinham sido muitas horas em seguida se comportando como um pai normal.

— Cansado? — Cath perguntou.

Ele sorriu como quem pede desculpas, e descansou a mão sobre a perna.

— Foi um grande dia. E um dia difícil também. Bom, eu já sabia que seria. — O pai arqueou uma sobrancelha. — As duas no mesmo dia. *Uau*. Ainda não consigo acreditar que não vão voltar para casa comigo…

— Não se acostume com isso. Não tenho certeza de que vou conseguir aguentar isso por um semestre inteiro.

Era brincadeira só em parte, e ele sabia.

— Você vai ficar bem, Cath. — O pai colocou uma mão, a menos inquieta, sobre a dela e apertou. — E eu também. Sabe disso, não?

Cath se permitiu encarar seus olhos por um momento. Ele parecia cansado. E sim, inquieto. Mas estava segurando as pontas.

— Eu ainda queria que você adotasse um cachorro — ela disse.

— Eu nunca ia lembrar de dar comida pra ele.

— Talvez ele pudesse ser treinado pra dar comida pra *você*.

Quando Cath entrou no quarto, sua colega — Reagan — ainda não tinha voltado. Ou talvez tivesse saído de novo, mas suas caixas pareciam como antes. Cath acabou de guardar as próprias roupas, então abriu a caixa de itens pessoais que havia trazido de casa.

Pegou uma foto dela com Wren e a prendeu no quadro de cortiça atrás da escrivaninha. Tinha sido tirada na colação de grau. As duas usavam beca vermelha e sorriam. Antes de Wren cortar o cabelo…

Ela nem contara a Cath que ia fazer aquilo. Ao fim do verão, só voltara do trabalho com o cabelo curtinho. Tinha ficado incrível — o que provavelmente significava que também ficaria incrível em Cath —, mas ela não poderia mais cortar o cabelo daquele jeito, mesmo se reunisse coragem para diminuir o comprimento em uns quarenta centímetros. Não podia dar uma de *Mulher solteira procura* para cima da irmã gêmea.

Cath pegou um porta-retratos com uma foto do pai, que sempre ficara sobre a cômoda delas. Era uma foto especialmente bonita, tirada no dia do casamento dele. Nela, o pai aparecia jovem e sorridente, usando um girassol bem pequeno na lapela. Cath o arrumou na prateleira acima da escrivaninha.

Então ela pegou uma foto dela com Abel na festa de formatura. Cath usava um vestido verde cintilante, da mesma cor da faixa na cintura do smoking de Abel. Ela tinha saído bem na foto, ainda que seu rosto parecesse nu e achatado sem os óculos. Abel também, ainda que parecesse entediado.

Ele sempre parecia meio entediado.

Cath já devia ter lhe mandado uma mensagem àquela altura, para dizer que havia chegado, mas queria esperar até que se sentisse mais relaxada e tranquila. Não dá para voltar atrás em uma mensagem. Se você parece mal-

humorada e melancólica em uma mensagem, ela fica ali no seu celular te lembrando de como você é chata.

No fundo da caixa, estavam os pôsteres de Simon e Baz. Cath os estendeu na cama com cuidado — alguns eram originais, feitos só para ela. Teria que escolher seus preferidos: não havia espaço para todos no quadro de cortiça, e Cath já havia decidido não pendurar nada nas paredes, onde todo mundo veria.

Ela escolheu três…

Simon erguendo a Espada dos Magos. Baz estirado em um trono denteado preto. Os dois andando juntos em meio a folhas douradas voando, os cachecóis agitados pelo vento.

Havia mais algumas coisas na caixa — flores secas, uma roseta com os dizeres CLUBE DO PRATO LIMPO que Wren havia lhe dado, bustos comemorativos de Simon e Baz que ela havia comprado na loja oficial…

Cath encontrou lugar para tudo, então se instalou na cadeira surrada de madeira à escrivaninha. Sentada ali, com as costas para a parede nua e as caixas de Reagan no chão, quase se sentia em casa.

Havia um garoto no quarto de Simon.

Um garoto com cabelo preto liso e olhos cinzentos e frios. Ele girava, segurando um gato no alto enquanto uma menina pulava para pegá-lo.

— Devolve — a menina disse. — Vai machucar ele.

O garoto riu e ergueu o gato ainda mais alto, então notou Simon à porta e parou. Sua expressão pareceu ainda mais cortante.

— Oi — o garoto de cabelo escuro disse, soltando o gato. Ele aterrissou nas quatro patas e correu para fora do quarto. A menina foi atrás dele.

O garoto os ignorou, ajeitando o paletó do uniforme com cuidado e erguendo apenas o lado esquerdo dos lábios para sorrir.

— Conheço você. É Simon Snow, o herdeiro do Mago. — Ele estendeu a mão, presunçoso. — Sou Tyrannus Basilton Pitch. Mas pode me chamar de Baz. Vamos ser colegas de quarto.

Simon fez uma cara feia e ignorou a mão pálida do garoto.

— O que pensa que estava fazendo com o gato dela?

do capítulo 3 de *Simon Snow e o herdeiro do Mago*,

copyright © 2001 by Gemma T. Leslie

DOIS

Nos livros, sempre que os personagens acordam em um lugar diferente, eles passam por um momento de desorientação, em que não sabem onde estão.

Aquilo nunca tinha acontecido com Cath. Ela sempre se lembrava de onde estava quando pegava no sono.

Ainda assim, parecia estranho ouvir seu bom e velho despertador disparando em um lugar totalmente novo. A iluminação do quarto era esquisita, amarela demais para a manhã, e o ar tinha um cheiro de produto de limpeza a que Cath não estava certa de que ia se acostumar. Ela pegou o celular, desligou o despertador, e lembrou que ainda não havia mandado uma mensagem para Abel. Tampouco tinha verificado seu e-mail ou sua conta no FanFixx antes de ir para a cama.

primeiro dia, ela escreveu então para Abel. conto depois. bjs e tal.

A cama do outro lado do quarto continuava vazia.

Cath poderia se acostumar com aquilo. Talvez Reagan passasse a maior parte do tempo no quarto do namorado. Ou no apartamento dele. O namorado parecia mais velho — provavelmente morava fora do campus com outros vinte caras, em uma casa caindo aos pedaços, com um sofá no jardim.

Mesmo sozinha no quarto, Cath não se sentiu confortável para trocar de roupa. Reagan poderia entrar a qualquer minuto, o namorado dela poderia entrar a qualquer minuto… E os dois podiam ser tarados que gravavam tudo com o celular.

Cath levou as roupas para o banheiro e se trocou dentro de uma cabine. Uma garota sorridente perto da pia tentou desesperadamente fazer contato visual. Ela fingiu não notar.

Quando acabou de se arrumar, Cath ainda tinha tempo para tomar café, mas não se sentia pronta para enfrentar o refeitório. Ainda não sabia onde ficava, nem como funcionava…

Em situações novas, as regras mais complicadas são aquelas que ninguém se dá ao trabalho de explicar. (E aquelas que não dá para procurar no Google.) Tipo, onde começa a fila? Que comidas estão liberadas? Aonde ir e onde sentar? Para onde ir depois de comer? Por que está todo mundo olhando?… Que saco.

Cath abriu uma caixa de barrinhas de cereal. Tinha enfiado mais quatro caixas e três potes gigantes de manteiga de amendoim debaixo da cama. Se conseguisse se controlar, talvez pudesse evitar o refeitório até outubro.

Ela abriu o notebook enquanto mastigava uma barrinha de alfarroba com aveia e entrava no FanFixx. Havia um monte de novos comentários em sua página, todos de pessoas preocupadas porque Cath não havia postado um novo capítulo de *Sempre em frente* no dia anterior.

Oi, pessoal, ela escreveu. Desculpa por ontem. Primeiro dia de aula, coisas de família e tal. Talvez eu não consiga postar hoje também. Mas prometo que volto com tudo na terça e que estou planejando um capítulo bem especial. Fui! Magicath.

No caminho para a aula, Cath não conseguia ignorar a sensação de que fingia ser uma estudante em um filme adolescente. O cenário era perfeito: gramados verdes, prédios de tijolinho, jovens de mochila por toda parte. Cath ajeitou a mochila nas costas, desconfortável. *Olha só pra mim. Pareço uma foto genérica de universitária.*

Ela chegou à aula de história americana dez minutos adiantada, mas não cedo o bastante para conseguir uma mesa no fundo da sala. Todo mundo ali

parecia sem jeito e nervoso, como se tivesse passado tempo demais decidindo que roupa usar.

(*É melhor começar com um estilo que consiga manter*, Cath pensara ao considerar suas roupas na noite anterior. Jeans. Camiseta do Simon. Casaquinho verde.)

O garoto sentado ao lado dela estava de fones de ouvido e sacudia a cabeça, de maneira insegura. A garota do outro lado de Cath ficava jogando o cabelo de um lado para o outro.

Cath fechou os olhos. Podia ouvir o ranger da cadeira dos dois. Podia sentir o cheiro do desodorante. Só de saber que estavam ali já fazia com que se sentisse tensa e encurralada.

Se ela fosse um pouco orgulhosa, poderia ter ficado na mesma turma da irmã — as duas precisavam cursar história. Talvez devesse mesmo fazer as matérias com Wren enquanto ainda tinham algumas em comum, porque elas não se interessavam pelos mesmos assuntos. Wren queria estudar marketing — e talvez trabalhar com publicidade, como o pai delas.

Cath não conseguia se imaginar em nenhum emprego ou *carreira*. Ela ia se formar em letras, esperando que aquilo significasse passar os próximos quatro anos lendo e escrevendo. E talvez os quatro anos depois disso.

Ela tinha conseguido eliminar a disciplina introdutória de escrita, e quando encontrara seu orientador na primavera o convencera de que conseguia dar conta da aula de introdução à escrita de ficção, uma matéria de terceiro ano. Era a única disciplina — e talvez a única coisa na faculdade — pela qual Cath ansiava. A professora era uma romancista de verdade. Cath tinha lido os três livros dela (sobre o declínio e a desolação nos Estados Unidos rural) durante o verão.

— Por que está lendo isso? — Wren perguntara ao notar.

— Como assim?

— Um livro sem dragão nem elfo na capa.

— Estou diversificando.

— Shh — Wren dissera, cobrindo os ouvidos do pôster acima de sua cama. — Baz vai te ouvir.

— Baz não tem inseguranças quanto ao nosso relacionamento — Cath havia dito, sem conseguir conter um sorriso.

Pensar em Wren a levou a ir atrás do celular.

Ela devia ter saído na noite anterior.

Parecera que o campus inteiro estava em festa. Cath se sentira sob cerco no quarto vazio. Gritos. Risos. Música. Vindo de todas as direções. Wren não devia ter sido capaz de resistir ao barulho.

Cath tirou o aparelho da mochila.

acordada?, enviou à irmã.

Alguns segundos depois, uma notificação. eu é que pergunto.

estava cansada demais pra escrever ontem, Cath escreveu. fui pra cama às dez.

Outra notificação. já está negligenciando seus fãs…

Cath sorriu. você sempre teve ciúmes deles…

aproveita o dia

vc tb

Um homem indiano de meia-idade entrou na sala, vestindo um paletó de tweed reconfortante. Cath desligou o celular e o guardou na mochila.

Quando Cath chegou ao dormitório, estava morrendo de fome. Naquele ritmo, as barrinhas de cereal não iam durar nem uma semana…

Tinha um garoto sentado à porta de seu quarto. O mesmo. Era o namorado de Reagan? Ou só o companheiro de cigarro?

— Cather! — ele disse, com um sorriso. Assim que a avistara, ele começara a se levantar, o que parecia mais trabalhoso do que deveria ser: seus braços e pernas eram compridos demais para o corpo.

— É Cath — ela disse.

— Tem certeza? — Ele passou uma mão pelo cabelo. Como se precisasse confirmar que continuava bagunçado. — Gosto bastante de Cather.

— Tenho certeza — ela disse, seca. — Tive bastante tempo para pensar a respeito.

Ele ficou ali, esperando que ela abrisse a porta.

— Reagan não está? — Cath perguntou.

— Se ela estivesse — o garoto sorriu —, eu já teria entrado.

Cath virou a chave na fechadura, mas não abriu a porta. Não estava pronta para aquilo. Aquele dia já havia sido uma overdose de novidades e coisas diferentes. No momento, só queria se encolher na cama esquisita e barulhenta e engolir três barrinhas de cereal. Ela olhou para além do garoto.

— Quando Reagan vai chegar?

Ele deu de ombros.

Cath sentiu o estômago se revirar.

— Bom, não posso te deixar entrar — ela soltou.

— Por que não?

— Nem te conheço.

— Está brincando? — Ele riu. — Nos conhecemos ontem. E eu estava *lá dentro* quando isso aconteceu.

— É, mas não te conheço de verdade. Não conheço nem a Reagan.

— Você vai fazer a Reagan ficar esperando aqui fora também?

— Olha… — Cath disse. — Não posso deixar caras que não conheço entrarem no meu quarto. Nem sei seu nome. A situação toda cheira a estupro.

— Cheira a estupro?

— Você entende, não?

Ele baixou uma sobrancelha e balançou a cabeça, ainda sorrindo.

— Na verdade, não. Mas agora não quero entrar com você. A palavra "estupro" me deixa desconfortável.

— Também me deixa — ela disse, grata.

Ele apoiou as costas na parede e deslizou até o chão, ainda olhando para ela. Então ofereceu a mão.

— Meu nome é Levi, aliás.

Cath franziu a testa e apertou sua mão de leve, ainda segurando as chaves.

— Tá — ela disse, então abriu a porta e a fechou tão rápido quanto possível atrás de si.

Ela pegou o notebook e as barrinhas de cereal e se arrastou até o canto da cama.

Cath tentava andar de um lado para o outro de sua metade do quarto, mas não havia chão o bastante. O lugar parecia uma prisão, ainda mais com o namorado de Reagan, Levi, de pé do outro lado da porta — ou sentado, não importava. Ela ia se sentir melhor se pudesse conversar com alguém. Considerou se era cedo demais para ligar para Wren…

Em vez disso, ligou para o pai e deixou uma mensagem de voz.

Então mandou uma mensagem para Abel. ei, um dia já foi. e aí?

Ela abriu o livro de sociologia. Então abriu o notebook. Então levantou e abriu a janela. Estava quente lá fora. As pessoas se perseguiam com arminhas de água do lado de fora de uma fraternidade, do outro lado da rua. Na placa, havia as letras pi, capa e um O esquisito.

Cath pegou o celular e ligou.

— Oi — Wren atendeu. — Como foi seu primeiro dia?

— Normal. E o seu?

— Foi legal — Wren disse. Ela *sempre* soava relaxada e tranquila. — Bom, foi meio estressante, acho. Fui pro prédio errado na aula de estatística.

— Que saco.

A porta se abriu, e Reagan e Levi entraram. Ela olhou para Cath de um jeito meio estranho, mas Levi só sorriu.

— É — Wren disse. — Cheguei só alguns minutos atrasada, mas me senti tão idiota. Ei, Courtney e eu estamos indo jantar, posso te ligar mais tarde? Ou quer almoçar com a gente amanhã? Combinamos de nos reunir sempre no Selleck Hall ao meio-dia. Sabe onde fica?

— Eu encontro — Cath disse.

— Ah, legal. A gente se vê amanhã, então.

— Legal — Cath disse, encerrando a ligação e guardando o celular no bolso.

Levi já tinha se esticado na cama de Reagan.

— Faz alguma coisa de útil — Reagan disse para ele, jogando-lhe um lençol amarrotado. — Oi — ela disse para Cath.

— Oi — Cath disse. Ela ficou ali parada um minuto, esperando que algum tipo de conversa começasse, mas Reagan não pareceu muito interessada naquilo. Ela revirou as caixas como se estivesse à procura de alguma coisa.

— Como foi seu primeiro dia? — Levi perguntou.

Cath precisou de um segundo para entender que ele falava com ela.

— Bom — respondeu.

— Você está no primeiro ano, né? — Ele estava arrumando a cama de Reagan. Cath se perguntou se planejava passar a noite ali. O que não seria legal. Nem um pouco.

Levi continuava olhando para ela, sorrindo, então Cath assentiu.

— Encontrou todas as salas?

— Sim…

— Está conhecendo gente nova?

Sim, vocês, ela pensou.

— Não porque eu quero — Cath disse.

Ela ouviu Reagan dar uma risadinha.

— Cadê suas fronhas? — Levi perguntou na direção do armário.

— Em uma dessas caixas — Reagan disse.

Ele começou a esvaziar uma, arrumando as coisas na escrivaninha de Reagan como se soubesse onde iam ficar. Sua cabeça pendia para a frente como se mal estivesse presa ao pescoço e aos ombros. Como se ele fosse um daqueles bonequinhos cujas partes são mantidas juntas por elásticos desgastados. Levi parecia meio desvairado. Reagan também. *Pessoas parecidas tendem a se encontrar*, Cath pensou.

— O que você estuda? — ele perguntou a Cath.

— Letras. — Ela esperou tempo demais para continuar. — E você?

Ele pareceu encantado por ela ter feito aquela pergunta. Ou qualquer uma.

— Gestão de pastagens.

Cath não sabia o que aquilo significava, mas não queria perguntar.

— Por favor, não começa a falar sobre gestão de pastagens — Reagan resmungou. — Vamos criar uma regra para o resto do ano. Nada de falar sobre gestão de pastagens no meu quarto.

— É o quarto da Cather também — Levi disse.

— Cath — Reagan o corrigiu.

— E quando você não estiver aqui? — ele perguntou a Reagan. — Vamos poder falar de gestão de pastagens quando você não estiver no quarto?

— Quando eu não estiver no quarto, acho que você vai ter que esperar no corredor — respondeu ela.

Cath sorriu para as costas de Reagan. Então notou que Levi a observava, e seu sorriso se desfez.

A turma toda estava com a maior cara de que era *aquilo* que estavam esperando desde o começo da semana. Era como se aguardassem um show começar. Ou a sessão de pré-estreia de um filme à meia-noite.

Quando a professora Piper entrou, alguns minutos atrasada, a primeira coisa que Cath notou foi que ela era mais baixa do que parecia nas fotos das orelhas dos livros.

Talvez aquilo fosse meio idiota. Eram só fotos de rosto, afinal de contas. Mas a professora Piper as preenchia muito bem, com as maçãs do rosto bem altas, os olhos azuis arregalados, seu espetacular cabelo castanho, bem comprido.

Ao vivo, seu cabelo era igualmente espetacular, mas tinha mechas grisalhas e era um pouco mais volumoso do que nas fotos. Ela era tão baixinha que teve que dar um pulinho para sentar na beirada da mesa.

— Então — a professora disse, em vez de "oi". — Bem-vindos à aula de escrita de ficção. Reconheço alguns de vocês…

Ela sorriu para algumas pessoas que não eram Cath.

Cath era obviamente a única caloura na turma. Estava começando a reparar no que distinguia os novos alunos… As mochilas limpas demais. A maquiagem, no caso das garotas. As camisetas com estampas engraçadas, no caso dos garotos.

Tudo em Cath, de seu novo tênis Vans vermelhos aos óculos roxos que havia comprado na Target. Os mais veteranos usavam Ray-Ban de armação preta e pesada. Os professores também. Se Cath tivesse um Ray-Ban,

provavelmente poderia pedir um gim-tônica sem que pedissem sua identidade no bar.

— Muito bem — a professora Piper disse. — Fico feliz que estejam todos aqui. — Sua voz era calorosa e ofegante. Dava para dizer que ela "ronronava" sem que fosse um exagero. E ela falava no volume ideal para que todo mundo tivesse que se concentrar para ouvi-la.

— Temos muito a fazer este semestre — ela disse —, então é melhor não perder nenhum minuto. Vamos mergulhar no assunto. — Ela se inclinou para a frente, se segurando ao tampo da mesa. — Estão prontos? Vamos mergulhar comigo?

A maior parte das pessoas assentiu. Cath olhou para o próprio caderno.

— Muito bem. Vamos começar com uma pergunta que não tem resposta… Por que escrevemos ficção?

Um dos alunos mais velhos decidiu arriscar.

— Para nos expressar — ele disse.

— Claro — a professora Piper disse. — É por isso que você escreve?

O cara assentiu.

— Certo… O que mais?

— Porque gostamos do som da nossa própria voz — uma garota disse. Seu cabelo era um pouco parecido com o de Wren, talvez ainda mais descolado. Ela parecia Mia Farrow em *O bebê de Rosemary* (tirando o Ray-Ban).

— Sim. — A professora riu. Cath achou que ela tinha uma risada de fada. — É por isso que eu escrevo, com toda a certeza. É por isso que *dou aula*. — Todos riram com ela. — Por que mais?

Por que eu escrevo? Cath tentou pensar em uma resposta profunda, sabendo que não diria nada, mesmo que a encontrasse.

— Para explorar novos mundos — alguém disse.

— Para explorar velhos mundos — outra pessoa disse.

A professora assentia.

Para ser outra pessoa, Cath pensou.

— Então… — a professora Piper ronronou. — Para nos compreender, talvez?

— Para nos libertar — uma garota disse.

Para nos libertar de nós mesmos.

— Para mostrar aos outros o que temos em nossa mente — disse um garoto de jeans vermelho justo.

— Presumindo que eles queiram saber — a professora Piper acrescentou. Todo mundo riu.

— Para fazer as pessoas rirem.

— Para chamar a atenção.

— Porque é a única coisa que sabemos fazer.

— Fale por você — a professora disse. — Eu também toco piano. Mas continuem. Estou adorando. Adorando.

— Para cessar as vozes na nossa cabeça — disse o garoto na frente de Cath. Ele tinha cabelo escuro e curto, o corte terminava em uma ponta na nuca.

Para cessar, Cath pensou.

Para deixar de ser qualquer coisa, de estar em qualquer lugar.

— Para deixar nossa marca — Mia Farrow disse. — Para criar algo que sobreviva a nós.

O garoto na frente de Cath disse:

— Reprodução assexuada.

Cath imaginou a si mesma no notebook. Tentava descrever em palavras qual era a sensação, o que acontecia quando era prazeroso, quando funcionava, quando as palavras fluíam dela antes que soubesse o que

formavam, borbulhando de seu peito, como rimas, como rap, *como pular corda*, ela pensou, saltando pouco antes de a corda atingir seus pés.

— Para compartilhar algo verdadeiro — outra garota disse. Também de Ray-Ban.

Cath balançou a cabeça.

— Por que escrevemos ficção? — a professora Piper perguntou.

Cath baixou os olhos para o caderno.

Para desaparecer.

Ele estava tão concentrado — e frustrado — que nem viu a garota ruiva se sentar à sua mesa. Ela tinha o cabelo preso em marias-chiquinhas e usava óculos gatinho antiquados, do tipo que se usa em uma fantasia de bruxa.

— Você vai se cansar desse jeito — a garota disse.

— Só estou tentando acertar — Simon grunhiu, tocando a moeda de dois centavos de novo com a varinha e franzindo a testa com toda a força. Nada aconteceu.

— Pronto — ela disse, fazendo um gesto decisivo para a moeda.

Ela não tinha varinha, mas usava um anel com uma pedra roxa grande. Um fio o envolvia, para que não escorregasse de seu dedo.

— Retorna já!

Com um tremor, a moeda criou seis pernas e um tórax e começou a ir embora. A garota a empurrou com cuidado para dentro de um pote de vidro.

— Como você fez isso? — Simon perguntou. Ela também estava no primeiro ano. Ele sabia daquilo por causa do escudo verde na frente do suéter dela.

— Não se faz magia — ela disse, tentando sorrir modestamente e quase conseguindo. — Se é *magia.*

Simon ficou observando a joaninha de dois centavos.

— Meu nome é Penelope Bunce — a menina disse, estendendo a mão.

— Meu nome é Simon Snow — ele disse, cumprimentando-a.

— Eu sei — Penelope disse, e sorriu.

do capítulo 8 de *Simon Snow e o herdeiro do Mago*,

copyright © 2001 by Gemma T. Leslie

TRÊS

Era impossível escrever daquele jeito.

Em primeiro lugar, o quarto era pequeno demais. Um retângulo minúsculo, largo o bastante só para as duas camas — quando a porta se abria, esbarrava no colchão de Cath — e comprido o bastante apenas para enfiar uma escrivaninha de cada lado, entre as camas e as janelas. Se uma delas tivesse um sofá, ocuparia todo o espaço livre no meio do cômodo.

Nenhuma delas tinha um sofá. Ou uma TV. Ou uma luminária de mesa fofa da Target.

Reagan aparentemente não tinha levado nenhum item pessoal consigo, além das roupas, de uma torradeira — proibidíssima — e de Levi, que naquele momento estava deitado na cama dela, ouvindo música de olhos fechados enquanto Reagan martelava no computador. (Um PC vagabundo, que nem o de Cath.)

Cath estava acostumada a dividir o quarto com Wren, mas o quarto de casa era quase três vezes maior que aquele. E Wren nem de perto ocupava tanto espaço quanto Reagan. Espaço no sentido figurado. Espaço mental. A irmã não fazia Cath se sentir como se estivesse acompanhada.

E ela ainda não sabia muito bem o que pensar de Reagan…

Por um lado, sua colega de quarto não parecia querer que ficassem acordadas a noite toda trançando o cabelo uma da outra para que se tornassem melhores amigas para sempre. O que era um alívio.

Por outro lado, Reagan não parecia *nem um pouco* interessada em Cath.

Na verdade, aquilo também era meio que um alívio, porque Reagan era assustadora.

Ela parecia fazer tudo com vigor. Escancarava a porta do quarto quando a abria e a batia para fechar. Reagan era maior que Cath, um pouco mais alta e muito mais avantajada (avantajada *mesmo*). Ela parecia maior, ponto. Por dentro também.

Quando Reagan estava no quarto, Cath tentava se manter fora de seu caminho e não fazer contato visual. Reagan fingia que Cath não estava lá, então Cath fazia o mesmo. Em geral, aquilo parecia funcionar para elas.

Mas naquele exato momento, fingir que não existia dificultava muito escrever.

Cath estava trabalhando em uma cena complicada. Simon e Baz discutiam sobre se vampiros podiam ser considerados verdadeiramente bons e se deviam ir ao baile de formatura juntos. Deveria ser muito engraçada, romântica e reflexiva, o que costumava ser a especialidade de Cath. (Ela também era muito boa com traições. E com dragões que falavam.)

Mas ela não conseguia passar de "Simon tirou o cabelo castanho-claro da frente dos olhos e suspirou". Não conseguia nem fazer Baz se mover. Não parava de pensar em Reagan e Levi sentados atrás dela. Seu cérebro estava travado no modo de alerta.

Além disso, estava morrendo de fome. Assim que Reagan e Levi saíssem para jantar, ia comer um pote inteiro de manteiga de amendoim. *Se* eles saíssem para jantar — Reagan continuava martelando no teclado como se quisesse afundar as teclas e Levi continuava *não indo embora*, e a barriga de Cath começava a roncar.

Ela pegou uma barrinha de cereal e saiu do quarto, pensando em dar uma volta rápida pelo corredor para esvaziar a mente.

Mas o corredor era praticamente uma festa. Todas as portas estavam abertas, com exceção da delas. As garotas andavam para lá e para cá, conversando e rindo. O andar inteiro cheirava a pipoca de micro-ondas queimada. Cath entrou no banheiro discretamente e se sentou dentro de uma das cabines, então abriu a embalagem da barrinha e deixou que lágrimas de nervoso escorressem por seu rosto.

Nossa, ela pensou. *Nossa. Tá. Não é tão ruim assim. Não tem nenhum problema, na verdade. O que houve de errado, Cath? Nada.*

Ela se sentia toda tensa. No limite. E com o estômago queimando.

Cath pegou o celular e se perguntou o que Wren estaria fazendo. Provavelmente inventando coreografias para músicas da Lady Gaga. Provavelmente experimentando as blusas da colega de quarto. Provavelmente não sentada sobre o tampo da privada, comendo uma barrinha de linhaça com amêndoas.

Ela poderia ligar para Abel… mas sabia que ele ia viajar até a Missouri Tech na manhã seguinte. A família ia fazer uma festona para ele naquela noite, com tamales caseiros e os biscoitinhos recheados de coco da avó — tão especiais que ela nem vendia na padaria. Abel trabalhava na *panadería*, e a família morava no apartamento em cima do estabelecimento. Seu cabelo sempre cheirava a canela e fermento… Nossa, Cath estava com *muita* fome.

Ela jogou a embalagem no lixo e lavou o rosto antes de voltar para o quarto.

Reagan e Levi estavam saindo, graças a Deus. E *finalmente.*

— Tchauzinho — Reagan disse.

— Fica na paz — Levi disse, e sorriu.

Cath sentiu como se estivesse desabando quando a porta se fechou atrás deles.

Ela pegou outra barrinha, se jogou na cadeira velha de madeira, da qual já estava começando a gostar, e abriu uma gaveta para apoiar os pés.

Simon tirou o cabelo castanho-claro da frente dos olhos e suspirou.

— Só porque não consigo pensar em nenhum vampiro heroico não quer dizer que eles não existam.

Baz parou de tentar levitar sua mala e revelou os caninos brilhantes para Simon em um sorriso rápido.

— Os mocinhos sempre usam branco — Baz disse. — Já tentou tirar sangue de uma capa branca?

Selleck Hall era um prédio bem no meio do campus. Mesmo quem não era residente podia comer no refeitório. Cath costumava esperar no saguão por Wren e Courtney, para não ter que entrar no refeitório sozinha.

— Como é a sua colega de quarto? — Courtney perguntou enquanto elas avançavam pela fila do bufê de salada. Ela o fez como se ambas fossem velhas amigas, como se Cath tivesse alguma ideia de como *Courtney* era, além de saber que gostava de queijo cottage com pêssego.

O bufê de saladas do Selleck era um horror. Queijo cottage com pêssego, pera em calda com cheddar ralado.

— O que é isso? — Cath perguntou, levantando uma colherada de salada de vagem e feijão vermelho.

— Talvez seja mais um lance regional — Wren disse. — Tem uns caras no nosso alojamento que usam chapéu de cowboy, tipo, o tempo todo, mesmo quando só vão atravessar o corredor.

— Vou pegar uma mesa — Courtney disse.

— Ei… — Cath ficou observando Wren empilhar vegetais no seu prato. — A gente já escreveu alguma fanfic em que Simon e Baz dançavam?

— Não lembro — ela respondeu. — Por quê? Vai fazer uma cena assim?

— De valsa. Em cima das muralhas.

— Que romântico.

Wren procurava Courtney pelo refeitório.

— Fico preocupada de estar fazendo Simon fofinho demais.

— Ele *é* fofinho.

— Queria que você estivesse lendo — Cath disse, seguindo a irmã até a mesa.

— Achei que todos os alunos de nono ano da América do Norte já estivessem lendo.

Wren se sentou ao lado de Courtney.

— E do Japão — Cath disse, sentando também. — Faço o maior sucesso lá, não sei por quê.

Courtney se inclinou na direção de Cath de repente, como se estivesse prestes a revelar um grande segredo.

— *Cath*, Wren me disse que você escreve histórias do Simon Snow. Achei tão legal. Sou *muito* fã dele. Li todos os livros quando era criança.

Cath desembrulhou seu sanduíche, cética.

— Ainda não saíram todos — ela disse.

Courtney comeu um pouco do queijo cottage, ignorando a correção.

— A série ainda não acabou — Cath disse. — O oitavo livro só sai no ano que vem…

— Conta sobre a sua colega de quarto — Wren disse, sorrindo sem graça para Cath.

— Não tem nada pra contar.

— Então inventa alguma coisa.

Wren estava irritada. O que irritou Cath. Então Cath pensou em como estava feliz em comer comida que exigia talheres e em conversar com

alguém conhecido, e decidiu fazer um esforço com a nova colega de quarto da irmã.

— Ela se chama Reagan. E tem cabelo castanho-avermelhado… E fuma.

Courtney franziu o nariz.

— No quarto?

— Ela não fica muito no quarto, na verdade.

Wren pareceu desconfiada.

— Vocês nem conversaram?

— A gente se cumprimentou — Cath disse. — Falei um pouco com o namorado dela.

— E como o namorado dela é? — Wren perguntou.

— Não sei. Alto?

— Bom, faz só alguns dias. Tenho certeza de que vocês vão se conhecer melhor.

Então Wren começou a falar de algo que havia acontecido em uma festa a que ela e Courtney tinham ido. Fazia só duas semanas que moravam juntas e já tinham todo um conjunto de piadas internas que Cath não compreendia.

Cath comeu seu sanduíche de peru com duas porções de batatas fritas, depois enfiou outro sanduíche na bolsa, quando Wren não estava prestando atenção.

Reagan finalmente passou a noite no quarto. (Levi não, graças a Deus.) Ela foi para a cama enquanto Cath ainda estava digitando.

— A luz te incomoda? — Cath perguntou, apontando para a luminária da escrivaninha. — Posso desligar.

— Não tem problema — Reagan disse.

Cath colocou fones de ouvido para não ter que ouvir Reagan adormecendo. A respiração. Os lençóis roçando. A cama rangendo.

Como ela simplesmente consegue dormir com uma desconhecida no quarto?, Cath se perguntou. Ela tirou os fones quando finalmente passou à própria cama e puxou o edredom por cima da cabeça.

— Você ainda não falou com ela? — Wren perguntou na semana seguinte, durante o almoço.

— Falei — Cath disse. — Ela disse: "Tudo bem fechar a janela?". Eu disse: "Tudo bem". E sempre damos oi. Trocamos ois diariamente. *Duas vezes por dia*, aliás.

— Que esquisito — Wren disse.

Cath cutucou seu purê de batata.

— Estou acostumando.

— Ainda assim é esquisito.

— *Sério?* — Cath disse. — Você quer *mesmo* falar sobre como acabei com uma colega de quarto esquisitona?

Wren suspirou.

— E o namorado dela?

— Faz uns dias que ele não aparece.

— O que você vai fazer este fim de semana?

— Lição de casa, acho. Escrever o Simon.

— Courtney e eu vamos a uma festa hoje à noite.

— Onde?

— Na Triangle! — Courtney disse, com a mesma empolgação que um completo babaca usaria para dizer "Na mansão da Playboy!".

— O que é isso? — Cath perguntou.

— É uma fraternidade da engenharia — Wren explicou.

— Então eles ficam bêbados e constroem pontes?

— Não, eles ficam bêbados e *projetam* pontes. Quer ir?

— Acho que não. — Cath comeu um pouco de rosbife com purê. O cardápio do refeitório do Selleck era um eterno jantar de domingo. — Nerds bêbados não são meu lance.

— Você gosta de nerds.

— Não de nerds que entram em fraternidades — Cath disse. — É um subgênero de nerds que não me interessa.

— Você fez Abel assinar um compromisso de sobriedade antes de ir pra Missouri?

— Abel é seu namorado? — Courtney perguntou. — Ele é bonitinho?

Cath a ignorou.

— Abel não vai encher a cara. Ele não tolera nem cafeína.

— Não estou entendendo a relação.

— Você sabe que não gosto de festas, Wren.

— E você sabe o que o papai diz: é preciso experimentar antes de dizer que não gosta de alguma coisa.

— Sério? Você vai usar o papai pra me convencer a ir a uma festa de fraternidade? Eu já experimentei ir a festas. Teve aquela no Jesse, com tequila…

— Você experimentou a tequila?

— Não, mas você experimentou, e eu ajudei a limpar seu vômito.

Wren sorriu com melancolia e alisou a franja comprida.

— Quando se bebe tequila o que importa é a jornada, mais do que o destino…

— Você vai me ligar, né? — Cath perguntou.

— Se eu vomitar?

— Se precisar de ajuda.

— Não vou precisar de ajuda.

— Mas você vai me ligar?

— Nossa, Cath. Tá bom. Relaxa.

— Mas, senhor — Simon insistiu —, tenho que ser colega de quarto dele todos os anos, até sair de Watford?

O Mago sorriu de maneira indulgente e bagunçou o cabelo cor de caramelo de Simon.

— A designação do colega de quarto é uma tradição sagrada em Watford. — Sua voz era gentil, mas firme. — O crisol juntou vocês. Devem cuidar um do outro, se conhecer tão bem como se fossem irmãos.

— Sim, mas, senhor… — Simon se remexeu na cadeira. — O crisol deve ter se enganado. Meu colega de quarto é um completo babaca. Talvez seja até do mal. Na semana passada, alguém lançou um feitiço para fechar meu notebook, e sei *que foi ele. Ele morreu de rir.*

O Mago alisou a barba algumas vezes, de maneira solene. Era curta e pontuda, e só cobria o queixo.

— O crisol colocou vocês dois juntos, Simon. É seu destino cuidar dele.

do capítulo 3 de *Simon Snow e a segunda serpente*,

copyright © 2003 by Gemma T. Leslie

QUATRO

Os esquilos no campus eram mais do que domesticados: eram agentes de violência doméstica. Se você estivesse comendo qualquer coisa, eles corriam em sua direção e tomavam conta do seu espaço.

— Pega — Cath disse, jogando um pedaço de barrinha de soja com morango para o esquilo-vermelho gordo a seus pés. Ela tirou uma foto dele com o celular e mandou para Abel.

sofrendo bullying de um esquilo, Cath escreveu.

Abel tinha lhe mandado fotos de seu quarto — de sua *suíte* — na MoTech, e dele mesmo com os cinco colegas de quarto nerds estilo *Big Bang Theory*. Cath tentou se imaginar pedindo a Reagan para posar para uma foto e riu um pouco. O esquilo congelou, mas não fugiu.

Às quartas e sextas, Cath tinha quarenta e cinco minutos de intervalo entre as aulas de biologia e escrita de ficção, e ultimamente andava matando o tempo ali, sentada no pedaço de grama com sombra do lado mais tranquilo do prédio da letras. Ali, não precisava lidar com ninguém. Além dos esquilos, claro.

Ela verificou suas mensagens, ainda que não tivesse recebido nenhuma notificação.

Cath e Abel não tinham se falado de verdade desde que ela fora para a faculdade, três semanas antes, mas ele mandava mensagens. E de vez em quando, e-mails. Abel havia dito que estava bem e que a concorrência em

Missouri já era intensa. *Todo mundo aqui costumava ser o melhor aluno da classe.*

Ela resistira à vontade de responder: *Menos você, né?*

O fato de Abel ter acertado todas as questões de matemática do exame admissional não significava que ele era o melhor aluno da classe. Abel era péssimo em história americana, e sempre tivera muita dificuldade com espanhol. Justo *ele*.

Ele já havia dito a Cath que não ia voltar a Omaha para o Dia de Ação de Graças, e ela não tentara convencê-lo a voltar o quanto antes.

Ainda não sentia falta dele.

Wren diria que era porque Abel não era um namorado de verdade. Aquela era uma conversa recorrente entre as duas.

— Ele é um ótimo namorado — Cath dizia.

— Ele é tipo uma mesinha de canto — Wren respondia.

— Ele está sempre ao meu lado.

— Pra você poder apoiar revistas e tal.

— Você preferiria que eu namorasse alguém como Jesse? Pra *nós duas* passarmos as noites de fim de semana chorando?

— Eu preferiria que você namorasse alguém que gostasse de beijar.

— Já beijei Abel.

— Ah, Cath, para com isso. Meu cérebro vai vomitar.

— Faz *três anos* que estamos juntos. Ele é meu *namorado*.

— Você tem sentimentos mais fortes por Baz e Simon.

— Óbvio, eles são Baz e Simon, não é justo. Mas eu gosto de Abel. Ele é estável.

— Igualzinho a uma mesa de canto.

Wren tinha começado a namorar no oitavo ano (dois anos antes que Cath começasse a considerar a possibilidade). Até Jesse Sandoz, ela nunca tinha

ficado com o mesmo garoto por mais do que alguns meses. Wren tinha mantido o relacionamento com Jesse por tanto tempo porque nunca tivera certeza de que ele realmente gostava dela — ou pelo menos essa era a teoria de Cath.

Wren costumava perder interesse em um garoto assim que o tivesse conquistado. A *conversão* era sua parte preferida.

— Aquele momento — ela dissera a Cath uma vez — em que você se dá conta de que um cara está te olhando diferente, de que você está ocupando mais espaço em seu campo de visão. Aquele momento em que você sabe que ele não consegue ver mais nada.

Cath tinha gostado tanto do que ela dissera que usara como fala de Baz algumas semanas depois. Wren ficara irritada quando lera.

De qualquer modo, a conversão nunca aconteceu para Jesse. Ele nunca teve olhos *apenas* para Wren, nem mesmo depois que transaram, no outono anterior. Aquilo tirava o chão de Wren.

Cath ficou aliviada quando Jesse conseguiu uma bolsa para jogar futebol americano na Universidade Iowa State. O déficit de atenção dele impedia um relacionamento à distância, e havia pelo menos dez mil novos caras na Universidade de Nebraska para Wren converter.

Cath jogou outro pedaço da barrinha para o esquilo, mas alguém usando sapatos oxford azulados chegou perto demais deles, e o bichinho se assustou e fugiu como podia. *Esses esquilos gorduchos do campus se arrastam em vez de correr*, Cath pensou.

Os sapatos deram outro passo na direção dela, então pararam. Cath levantou os olhos. Tinha um cara de pé à frente dela. De seu ponto de vista sentada — e com ele de pé bem ali, com o sol atrás de sua cabeça —, o garoto parecia ter dois metros e meio de altura. Ela semicerrou os olhos, mas não o reconheceu.

— Cath, certo? — ele perguntou.

Ela reconheceu a voz. Era o garoto de cabelo escuro que se sentava à sua frente na aula de escrita de ficção: Nick.

— Isso — Cath disse.

— Já fez o exercício de escrita?

A professora Piper havia pedido a eles que escrevessem um texto de cem palavras na perspectiva de um objeto inanimado. Cath assentiu, ainda semicerrando os olhos para ele.

— Ah, desculpa — Nick disse, saindo do sol para se sentar ao lado dela na grama. Ele deixou a bolsa entre os joelhos. — E que objeto você escolheu?

— Um cadeado — ela disse. — E você?

— Uma caneta. — Seu rosto se contraiu. — Estou preocupado que todo mundo vá fazer o mesmo.

— Isso não vai acontecer — ela disse. — Uma caneta é uma péssima ideia.

Nick riu, e Cath baixou os olhos para a grama.

— Acha que a professora vai fazer a gente ler em voz alta? — ele perguntou.

Cath ergueu a cabeça na hora.

— *Não.* Por que ela faria isso?

— É o que eles sempre fazem — Nick disse, como se Cath já devesse saber. Ela não estava acostumada a vê-lo de frente. Ele tinha um rosto juvenil com olhos azuis caídos e sobrancelhas grossas e escuras que quase se encontravam no meio. Parecia alguém que tinha uma passagem para o deque inferior do *Titanic*. Um imigrante qualquer de séculos atrás. De uma família antiga que pouco se misturou. Era bem bonitinho.

— Mas nem daria tempo de todo mundo ler o texto na aula — Cath disse.

— Provavelmente vamos ter que nos dividir em grupos — ele disse, de novo como se ela já devesse saber.

— Ah… Sou meio nova por aqui.

— Você está no primeiro ano?

Ela assentiu e revirou os olhos.

— Como conseguiu se matricular na aula da professora Piper? É uma disciplina de terceiro ano.

— Eu pedi.

Nick arqueou suas sobrancelhas grossas e projetou o lábio inferior, impressionado.

— Acha mesmo que uma caneta é uma péssima ideia?

— Não sei bem o que você espera que eu diga agora — Cath respondeu.

— Você tem algum transtorno alimentar? — Reagan perguntou.

Cath estava sentada na cama, estudando.

Reagan segurava a porta do armário dela enquanto pulava para tentar pegar uma bota preta de salto alto. Devia estar indo para o trabalho — ela sempre estava indo para algum lugar. Reagan tratava o quarto delas como um ponto de passagem, o lugar para onde ia entre as aulas e a biblioteca, entre o trabalho no grêmio estudantil e o trabalho no restaurante Olive Garden. Um lugar onde trocar de roupa, deixar seus livros e encontrar o Levi.

Às vezes outros caras apareciam. No mês anterior, um Nathan e um Kyle tinham passado por ali. Mas nenhum deles parecia fazer parte do sistema solar de Reagan, como Levi fazia.

O que tornava Levi parte do sistema solar de Cath também. Ele a vira no campus aquele dia e a acompanhara até Oldfather Hall, enquanto falava sobre as luvas que havia comprado perto do grêmio estudantil.

“Feitas à mão. No Equador. Você já viu uma alpaca, Cather? São as lhamas mais fofas do mundo. Tipo, imagina a lhama mais bonitinha que puder. É mais que isso. E a lã… não é bem lã, é tipo uma fibra, e é hipoalergênica…”

No quarto, Reagan encarava Cath, com a testa franzida. Ela usava jeans preto justo e blusinha preta. Talvez fosse sair, e não trabalhar.

— Seu lixo está sempre cheio de embalagens de barrinhas de cereal — Reagan disse.

— Você andou revirando meu lixo?

Cath sentiu a raiva tomar conta dela.

— Levi queria jogar o chiclete fora… Mas e aí? Você tem algum transtorno alimentar?

— Não — Cath disse, quase certa de que aquela seria a resposta de alguém com algum transtorno alimentar.

— Então por que você não come comida de verdade?

— Eu como. — Cath cerrou as mãos em punho. Sentiu a pele repuxada e tensa. — Só não aqui.

— Você é uma daquelas pessoas que só comem coisas esquisitas?

— Não, eu… — Cath olhou para o teto e decidiu que era uma daquelas vezes em que a verdade era mais simples do que qualquer mentira que poderia inventar. — Eu não sei onde fica o refeitório.

— Faz mais de um mês que você mora aqui.

— Pois é.

— E ainda não encontrou o refeitório?

— Não cheguei a procurar de verdade.

— E por que não perguntou pra alguém? Podia ter me perguntado.

Cath revirou os olhos, então encarou Reagan.

— Quer mesmo que eu faça perguntas idiotas?

— Se for sobre comida, água, ar ou abrigo, sim. Pelo amor de Deus, Cath. Sou sua colega de quarto.

— Tá — Cath disse, voltando a seu livro. — Entendido.

— Bom, quer que eu te mostre onde fica o refeitório?

— Não precisa, obrigada.

— Você não pode viver à base das suas barrinhas de cereal. Elas estão acabando.

— Não estão, não.

Reagan suspirou.

— Levi pode ter comido algumas…

— Você deixou seu namorado roubar minhas barrinhas de cereal? — Cath se inclinou para olhar seu estoque debaixo da cama. Todas as caixas estavam abertas.

— Levi disse que estava te fazendo um favor — Reagan contou. — Te forçando a agir a respeito. E ele não é meu namorado. Não exatamente.

— Isso é uma invasão — Cath disse, brava, esquecendo por um momento que Reagan provavelmente era a pessoa mais intimidante que já conhecera.

— Coloca um sapato — Reagan disse. — Vou te mostrar onde fica o refeitório.

— *Não*. — Cath já podia sentir a ansiedade começando a revirar seu estômago. — Não é só isso… Não gosto de lugares novos. De situações novas. Vai ter um monte de gente, e eu não vou saber onde sentar… Não quero ir.

Reagan se sentou na beirada da própria cama e cruzou os braços.

— Você tem ido às aulas?

— Claro.

— Como?

— É diferente — Cath disse. — Nas aulas tenho no que me concentrar. Ainda é ruim, mas dá pra aguentar.

— Você toma algum remédio?

— *Não.*

— Talvez devesse…

Cath pressionou os punhos contra a cama.

— Não é da sua conta. Você nem me conhece.

—Tá vendo? — Reagan disse. — É por isso que eu não queria dividir o quarto com uma caloura.

— Por que você se importa? Estou te incomodando?

— Vamos sair pra jantar agora.

— Não, não vamos.

— Pega a sua carteirinha.

— Não vamos jantar juntas. Você nem gosta de mim.

— Gosto de você o bastante — Reagan disse.

— Isso é ridículo.

— Meu Deus do céu, você não está com fome?

Cath apertava os punhos com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos.

Ela pensou em filé de frango empanado. Em batata gratinada. Em torta de morango com ruibarbo. Cath se perguntou se o refeitório daquele prédio tinha uma máquina de sorvete como a do Selleck.

E ela pensou em vencer. Em como estava deixando que *aquilo* vencesse, o que quer que fosse… a maluquice dela. Cath, zero. Maluquice, um milhão.

Cath se inclinou, comprimindo o estômago revirado.

Então se levantou com tanta dignidade quanto pôde reunir e calçou os tênis.

— Eu tenho comido comida de verdade… — ela resmungou. — Almoço com minha irmã no Selleck.

Reagan abriu a porta.

— Então por que não come no refeitório daqui também?

— Porque esperei tempo demais. Construí uma muralha ao redor disso. É difícil explicar…

— Sério, por que você não toma remédio?

Cath passou por ela para sair do quarto.

— Você é uma psiquiatra licenciada? Ou só faz o papel de uma de televisão?

— Eu tomo remédio — Reagan disse. — É maravilhoso.

Não houve nenhum momento de desconforto no refeitório, nada de ficar parada à porta com a bandeja tentando decidir o lugar mais inócuo onde sentar.

Reagan sentou à primeira mesa com espaço sobrando que encontrou. Nem cumprimentou com a cabeça as pessoas que já estavam lá.

— Você não vai se atrasar pro trabalho? — Cath perguntou.

— Vou sair. Mas ia jantar aqui antes de qualquer jeito. A gente paga pela comida mesmo, então é melhor aproveitar.

A bandeja de Cath tinha um prato de macarrão ao forno e duas tigelas de couve-de-bruxelas. Ela estava morrendo de fome.

Reagan pegou uma garfada de salada de macarrão. Seu cabelo comprido caía sobre os ombros. Tinha uma dezena de tons de vermelho e dourado, nenhum deles parecia natural.

— Acha mesmo que não gosto de você? — ela perguntou, com a boca cheia.

Cath engoliu a comida. Ela e Reagan nunca haviam tido uma conversa, muito menos uma séria.

— Hum… tenho a impressão de que você não quer uma colega de quarto.

— E não quero mesmo. — Reagan franziu a testa. Fazia aquilo tanto quanto Levi sorria. — Mas isso não tem nada a ver com você.

— Então por que mora no alojamento? Você não é caloura, certo? Não achei que os veteranos morassem no campus.

— Tenho que ficar aqui — Reagan disse. — Tenho uma bolsa. Eu deveria ter um quarto só meu este ano, estava na lista. Mas não tinha nenhum disponível.

— Sinto muito — Cath disse.

— Não é culpa sua.

— Eu não queria uma colega de quarto também — Cath disse. — Bom… achei que fosse morar com a minha irmã.

— Sua irmã estuda aqui?

— Minha irmã gêmea.

— Afe. Que esquisito.

— Por quê? — Cath perguntou.

— Sei lá. Só é esquisito. Tipo ter um sósia bizarro. Vocês são idênticas?

— Tecnicamente, sim.

— Afe.

O corpo de Reagan estremeceu, de maneira exagerada.

— Não é esquisito — Cath disse. — Qual é o seu problema?

Reagan fez uma careta e seu corpo voltou a estremecer.

— E por que você não mora com a sua irmã?

— Ela queria conhecer gente nova — Cath disse.

— Do jeito que você fala parece que ela te deu um pé na bunda.

Cath espetou outra couve-de-bruxelas.

— Ela mora no Schramm — Cath disse para a bandeja. Quando levantou os olhos, Reagan franzia a testa para ela.

— Já estou com dó de você de novo — Reagan disse.

Cath apontou o garfo para ela.

— Não tenha dó de mim. Não quero isso.

— Não posso evitar — Reagan disse. — Você é bem patética.

— Não sou, não.

— É sim. Não tem amigos, levou um fora da irmã, é fresca pra comer… E tem algum lance estranho com o Simon Snow.

— Contesto tudo o que você acabou de dizer.

Reagan só mastigou. E franziu a testa. Ela usava batom vermelho-escuro.

— Tenho muitos amigos — Cath disse.

— Nunca vi nenhum.

— Acabei de chegar. A maior parte dos meus amigos foi estudar em outro lugar. Ou são da internet.

— Amigos da internet não contam.

— Por que não?

Reagan deu de ombros, desdenhosa.

— E não tenho nenhum lance estranho com o Simon Snow — Cath disse. — Só sou muito ativa no fandom.

— Que porra é essa?

— Você não entenderia.

Cath suspirou, desejando não ter usado aquela palavra, sabendo que se tentasse se explicar só ia piorar tudo. Reagan não acreditaria — e não compreenderia — que Cath não era apenas fã de Simon. Ela era uma das fãs mais importantes. Uma fã conhecida, com seus próprios fãs.

Se ela contasse que suas fanfics do Simon tinham vinte mil acessos… Reagan riria dela.

Além disso, Cath se sentiria muito babaca se falasse tudo isso em voz alta.

— Você tem umas cabeças do Simon Snow na escrivaninha — Reagan disse.

— São bustos comemorativos.

— Estou com dó de você, vou ser sua amiga.

— Não quero ser sua amiga — Cath disse, tão ríspida quanto pôde. — Gosto do fato de que não somos amigas.

— Eu também — Reagan disse. — É uma pena que você tenha estragado tudo sendo tão patética.

Bem-vindo ao FanFixx.net, onde a história nunca termina.

Somos um arquivo e fórum administrado por voluntários, e aceitamos histórias de qualidade de todos os fandoms. Seja um voluntário ou faça uma doação aqui. Crie um perfil de autor do FanFixx.net *aqui*. Você deve ter treze anos de idade ou mais para publicar textos ou comentários no FanFixx.net.

Mensagem de boas-vindas da homepage do FanFixx.net
Acesso em 1º de julho de 2011

CINCO

— Por favor, não me deixa sentado no corredor — Levi disse.

Cath passou por cima das pernas dele para chegar à porta.

— Tenho que estudar.

— Reagan está atrasada, e já faz meia hora que estou sentado aqui. — Sua voz baixou para um sussurro. — Sua vizinha com as botas Ugg cor-de-rosa fica saindo pra falar comigo o tempo todo. Tenha piedade.

Cath fez uma careta para ele.

— Não vou te incomodar — Levi insistiu. — Vou esperar quietinho pela Reagan.

Ela revirou os olhos e entrou, deixando a porta aberta atrás de si.

— Dá pra ver por que você e Reagan se dão bem. — Ele se levantou para segui-la. — As duas podem ser bem bruscas às vezes.

— Não nos damos bem.

— Não foi o que ouvi… Ei, agora que você está comendo no refeitório, posso comer suas barrinhas?

— Você já estava comendo minhas barrinhas — Cath disse, indignada, sentando à escrivaninha e abrindo o notebook.

— Eu me sentia mal fazendo isso pelas suas costas.

— Que bom.

— Não está mais feliz agora? — Levi sentou na beirada da cama dela e se recostou na parede, cruzando as pernas compridas na altura dos tornozelos. — Já parece mais saudável.

— Hum… valeu?

— E aí?

— Quê?

Ele sorriu.

— Posso comer uma barrinha?

— Você é inacreditável.

Levi se inclinou para alcançar debaixo da cama.

— A de mirtilo é a minha preferida…

Cath se sentia, sim, mais feliz. (Mas não ia admitir aquilo para Levi.) Até ali, ser o trabalho de caridade de Reagan não tinha exigido muito — só ir jantar com ela e ajudá-la a ridicularizar todo mundo que passava pela mesa em que estivessem.

Reagan gostava de se sentar perto da porta da cozinha, bem onde a fila do bufê dava para o salão. Chamava aquele lugar de camarote, e não poupava ninguém.

— Olha ali o manquinho — ela dissera na noite anterior. — Como você acha que ele quebrou a perna?

Cath olhara para o cara todo descolado, com cabelo desgrenhado e óculos grandes demais para o rosto.

— Provavelmente tropeçou na própria barba.

— Rá! — Reagan dissera. — A namorada está carregando a bandeja dele. Olha só pra ela. Tão descolada. Será que eles se conheceram em uma propaganda da American Apparel?

— Tenho quase certeza de que se conheceram em Nova York, mas demoraram uns cinco anos pra chegar aqui.

— Ah, olha lá menina-lobo a nordeste — Reagan dissera, animada.

— Ela está usando o rabo?

— Não sei, espera aí… Não. Droga.

— Eu meio que gosto do rabo. — Cath sorrira carinhosamente para a garota gorducha com cabelo preto tingido.

— Se Deus me botou na sua vida pra te impedir de usar a porra de um rabo, eu aceito a tarefa — Reagan dissera.

Na opinião dela, Cath já era esquisita e problemática o suficiente.

— Já é ruim o bastante que você tenha pôsteres artesanais do Simon Snow — Reagan dissera na noite anterior, quando estavam se arrumando para deitar. — Eles ainda precisam ser gays?

Cath havia olhado para o desenho de Simon e Baz de mãos dadas, que ficava acima da escrivaninha.

— Deixa os dois em paz — ela dissera. — Eles estão apaixonados.

— Tenho certeza de que isso não está nos livros.

— Quando sou eu que escrevo, eles estão apaixonados.

— Como assim, quando é *você* que escreve? — Reagan tinha parado de falar enquanto vestia a camiseta. — Não, quer saber? Deixa pra lá. É melhor ficar fora disso. Já é difícil o bastante fazer contato visual com você.

Levi estava certo, elas deviam estar se dando bem, porque agora, quando Reagan dizia aquele tipo de coisa, Cath tinha vontade de rir. Se Reagan não ia jantar, Cath descia sozinha e se sentava à mesa em que sempre sentavam. Mais tarde, quando Reagan voltava ao quarto — *se* Reagan voltava ao quarto —, Cath lhe contava tudo o que ela havia perdido.

— Chinelo Rider finalmente falou com a Lindsay Lohan venezuelana — Cath dizia.

— Graças a Deus — Reagan respondia, se jogando na cama. — A tensão sexual estava me matando.

Cath não tinha certeza de aonde Reagan ia nas noites que não voltava ao alojamento. Talvez ficasse no quarto de Levi. Ela olhou para ele.

Ainda estava sentado na cama de Cath, comendo o que devia ser a segunda barrinha de mirtilo. Estava de jeans e camiseta pretos. Talvez também trabalhasse no Olive Garden.

— Você é garçom? — ela perguntou.

— No momento? Não.

— Você trabalha no balcão da Lancôme?

Ele riu.

— Oi?

— Estou tentando entender por que às vezes você aparece vestido todo de preto.

— Vai ver é porque sou gótico e sombrio. — Ele sorriu. — Mas só em alguns dias.

Cath não conseguia imaginar Levi como gótico e sombrio. Ele tinha o rosto mais sorridente que ela já havia visto. Levi sorria com o rosto todo, do queixo à linha do cabelo. Sua testa se enrugava, seus olhos brilhavam. Até suas orelhas participavam — se mexiam do nada, como se ele fosse um cachorro.

— Ou vai ver é porque eu trabalho na Starbucks — Levi disse.

Ela riu.

— *Sério?*

— Sério — ele disse, ainda sorrindo. — Um dia você vai precisar de seguro de saúde e não vai mais achar que trabalhar na Starbucks é engraçado.

Levi e Reagan sempre faziam aquilo com Cath — lembravam-na de como ela era jovem e inocente. Reagan era apenas dois anos mais velha. Não tinha nem idade para beber. Não legalmente. (Não que aquilo importasse no campus, porque havia bebida por toda parte. Wren já tinha

uma identidade falsa. “Você pode pegar emprestado”, ela havia dito a Cath. “É só dizer que fez megahair.”)

Cath se perguntou quantos anos Levi tinha. Parecia velho o bastante para beber, mas talvez fosse só o cabelo…

Não que ele fosse careca. Ou estivesse perto disso. (Ainda.)

Mas seu cabelo formava um V no alto da testa, então entrava drasticamente acima das têmporas. Em vez de pentear o cabelo para baixo ou para a frente, para disfarçar, ou em vez de desistir e raspar, como a maioria dos caras faria, Levi o penteava para cima e para trás, em uma onda loira desleixada. E estava sempre mexendo nele, o que chamava mais atenção para a testa larga e enrugada. Como naquele instante.

— O que você está fazendo? — ele perguntou, passando os dedos pelo cabelo e depois coçando a nuca.

— Estudando em silêncio — ela disse.

Cath tinha postado apenas um capítulo de *Sempre em frente, Simon* aquela semana, com metade do tamanho da média.

Ela costumava postar alguma coisa em sua página no FanFixx todas as noites — se não um capítulo inteiro, pelo menos um textinho no blog.

Os comentários tinham sido simpáticos a semana toda… “Como é que você está?” “Só dando um oi.” “Mal posso esperar pelo próximo post!” “Ah! Preciso da minha dose diária de Baz.” Mas para Cath, a sensação era de cobrança.

Ela costumava ler e responder todos os comentários — eram como estrelinhas douradas, buquês de flores —, mas, desde que *Sempre em frente, Simon* realmente decolara no ano anterior, a coisa ficara grande demais para que Cath conseguisse administrar. Ela passara de cerca de quinhentos acessos por capítulo a cinco mil. Recorrentes.

Então, um dos bambambãs do site mais importante, o Fic-sation, chamou *Sempre em frente* de "*a* fanfic do oitavo ano", e a página de Cath no FanFixx recebeu trinta mil acessos em um único dia.

Ela ainda tentava ficar em dia com os comentários e perguntas, na medida do possível. Mas já não era a mesma coisa.

Cath não estava mais escrevendo para Wren e as amigas do antigo fórum dos Snowzetes. Não era mais só um bando de meninas trocando fanfics em aniversários, para animar alguém que estava triste ou algo do tipo "escrevi porque achei que você ia dar umas boas risadas"…

Agora Cath tinha um público, tinha seguidores. Um monte de gente que não conhecia, que tinha expectativas em relação a ela, que questionava suas decisões. Às vezes, essas pessoas até se voltavam contra Cath. Falavam mal dela em outros sites, comentavam que antes ela era boa, mas que havia perdido a magia — que seu Baz era parecido demais com o original, ou que não tinha nada a ver com ele, que seu Simon era puritano, que ela não escrevia direito as cenas da Penelope…

— Você não deve nada a eles — Wren dizia, subindo na cama de Cath às três da manhã para fechar o notebook dela. — Vai dormir.

— Eu vou. Só… só quero terminar essa cena. Acho que Baz finalmente vai dizer a Simon que o ama.

— Ele ainda vai amar amanhã.

— É um capítulo importante.

— Sempre é.

— Dessa vez é diferente. — Fazia um ano que Cath dizia aquilo. — É o fim.

Wren estava certa: Cath já havia escrito aquela história, de Baz e Simon apaixonados, dezenas de vezes. Tinha escrito aquela cena, aquela fala — "Snow… Simon, eu te amo" — de cinquenta maneiras diferentes.

Mas *Sempre em frente* era diferente.

Era a fanfic mais longa que Cath havia escrito. Já estava mais longa que qualquer um dos livros de Gemma T. Leslie, e Cath só tinha escrito dois terços dela.

Sempre em frente havia sido escrita como se fosse o oitavo livro da série Simon Snow, como se coubesse a Cath amarrar todas as pontas soltas, se certificar de que Simon ascendesse a Mago, de que Baz se redimisse (algo que a autora nunca faria), de que ambos os garotos esquecessem Agatha… Escrever todas as cenas de despedida, de formatura, de revelações de último minuto… E encenar a batalha final entre Simon e o Oco Insidioso.

Todo mundo no fandom estava escrevendo fanfics sobre o oitavo ano. Todo mundo queria se arriscar com um grande final antes que o último livro de Simon Snow fosse lançado, em maio.

Mas, para milhares de pessoas, *Sempre em frente* já era o último livro.

Os leitores sempre diziam a Cath que não conseguiam mais ver os livros originais do mesmo modo depois de ler suas fanfics. ("Por que Gemma odeia Baz?")

Alguém tinha até começado a vender camisetas na internet com *Sempre em frente* escrito e uma imagem de Baz e Simon olhando um para o outro. Wren havia comprado uma para Cath de aniversário de dezoito anos.

Ela não queria que aquilo subisse à sua cabeça. *Estes personagens pertencem a Gemma T. Leslie*, Cath escrevia no início de cada capítulo.

— Você pertence a Gemma — ela dizia para o pôster de Baz que ficava acima de sua cama em casa. — É só um empréstimo.

— Você não pegou Baz emprestado — Wren dizia. — Você o sequestrou e o criou como se fosse seu.

Quando Cath ficava acordada até tarde escrevendo por noites seguidas — quando ficava obcecada pelos comentários ou pelas críticas —, Wren ia até

sua cama e tirava o notebook dela, então o segurava como se fosse um ursinho de pelúcia enquanto dormia.

Em noites assim, Cath sempre podia ir para o andar de baixo e continuar escrevendo no computador do pai, se realmente quisesse — mas ela não gostava de contrariar Wren. As duas se ouviam mesmo quando não ouviriam qualquer outra pessoa.

Ei, pessoal, Cath começou a escrever, em seu diário no FanFixx. Queria que Wren estivesse ali para que pudesse ler antes que ela postasse.

Acho que está na hora de admitir que a faculdade é bem difícil — e é mesmo! Ou pelo menos consome tempo demais! — e que provavelmente não vou conseguir atualizar Sempre em frente tanto quanto antes, ou tanto quanto gostaria…

Mas não vou desaparecer, prometo. E não vou desistir. Já sei como tudo isso vai acabar, e não vou descansar até chegar lá.

Nick se virou para trás assim que a aula terminou.

— Você vai fazer dupla comigo, né?

— Tá — Cath disse, notando uma garota na fileira ao lado olhando para os dois, decepcionada. Provavelmente queria fazer dupla com ele.

Cada dupla deveria escrever um texto fora do horário de aula, intercalando parágrafos. O objetivo do exercício, de acordo com a professora Piper, era que tivessem maior consciência de trama e voz — e fazer com que o cérebro deles seguisse por caminhos que nunca encontrariam sozinhos.

Nick queria que eles se encontrassem no campus, na biblioteca Love. (Esse era o nome da biblioteca, graças à doação do prefeito Don Lathrop Love.) Nick trabalhava ali algumas noites por semana, arrumando as estantes.

Reagan pareceu desconfiada quando Cath pôs seu notebook na mochila depois do jantar.

— Vai sair do dormitório à noite? É um *encontro*?

Ela falou como se fosse um absurdo. Pensar em Cath saindo com um garoto.

— Vou encontrar alguém para estudar.

— Não volta sozinha se ficar tarde — Levi disse. Tinha anotações dele e de Reagan espalhadas por toda a outra metade do quarto.

— *Eu* volto sozinha à noite o tempo todo — Reagan retrucou.

— É diferente. — Levi sorriu para ela calorosamente. — Você não tem a menor cara de Chapeuzinho Vermelho. É assustadora.

Reagan sorriu como se fosse o Lobo Mau.

— Não acho que estupradores se importem muito com autoconfiança — Cath disse.

— Não mesmo? — Levi se virou para ela, sério. — Acho que eles preferem uma presa fácil. Jovem e fraca.

Reagan bufou. Cath enrolou um cachecol no pescoço.

— Não sou fraca… — ela resmungou.

Levi levantou da cama de Reagan e vestiu um casaco de lona verde e pesado.

— Vamos — ele disse.

— Oi?

— Vou te levar até a biblioteca.

— Não precisa fazer isso — Cath argumentou.

— Faz duas horas que não me mexo. Não me importo.

— Não, sério…

— Aceita, Cath — Reagan disse. — Só vai levar cinco minutos, e agora se você for estuprada vai ser nossa culpa. Não tenho tempo para isso.

— Você vem? — Levi perguntou a Reagan.

— Claro que não. Está frio pra cacete lá fora.

Estava *mesmo* frio lá fora. Cath andava tão rápido quanto podia. Mas Levi, apesar de suas pernas compridas, não apertava o passo.

Ele estava tentando falar sobre búfalos. Pelo que Cath compreendera, Levi tivera uma aula inteira só sobre isso. Ele parecia disposto a se formar em búfalos caso aquilo fosse uma opção. E talvez fosse…

Aquela universidade recordava constantemente a Cath de como era a área rural de Nebraska, algo em que nunca tinha pensado antes, tendo crescido em Omaha, a única cidade de verdade do estado. Cath tinha atravessado Nebraska de carro algumas vezes, a caminho do Colorado, e tinha visto os gramados e campos de milho, mas nunca pensara em nada além da paisagem. Nunca pensara nas pessoas que moravam ali.

Levi e Reagan eram de uma cidade chamada Arnold, que Reagan dissera que tinha o cheiro e a aparência de estrume.

— A terra de Deus — Levi comentara. — De todos os deuses, na verdade. Brama e Odin adorariam aquele lugar.

Levi continuava falando sobre búfalos, ainda que já tivessem chegado à biblioteca. Cath subiu no primeiro degrau de pedra da escadaria da entrada e ficou pulando no lugar para se manter aquecida. Assim ficava quase da mesma altura que ele.

— Entendeu o que quero dizer? — Levi perguntou.

Ela assentiu.

— Vaca é ruim, búfalo é bom.

— Vaca é bom — ele disse —, mas bisão é *melhor*. — Ele abriu um sorriso preguiçoso, meio torto. — Isso é muito importante, sabia? Por isso estou te contando.

— Vital — ela disse. — Ecossistemas. Lençóis freáticos. Musaranhos à beira da extinção.

— Me liga quando tiver terminado, Chapeuzinho.

Não, Cath pensou. *Nem tenho seu número.*

Levi já estava voltando.

— Vou estar no quarto de vocês — ele disse, por cima do ombro. — Me liga lá.

A biblioteca tinha seis andares para cima e dois andares para baixo.

Os andares subterrâneos, onde ficavam os livros, tinham um formato estranho e só eram acessíveis por determinadas escadas. Era quase como se os livros estivessem guardados sob outros prédios do campus.

Nick trabalhava na ala norte, em uma sala comprida com paredes brancas — era praticamente um silo de míssil com estantes de livros. Não importava onde se ficasse, ouvia-se um zumbido constante, e embora Cath não visse nenhuma saída de ar-condicionado, havia correntes de ar em algumas partes da sala, como na mesa a que estavam sentados: Nick tinha colocado uma caneta sobre o caderno aberto para que as páginas não se virassem sozinhas.

Nick escrevia à mão.

Cath tentava convencê-lo de que seria mais fácil caso se alternassem no notebook.

— Mas nesse caso não vamos ver a passagem de um para outro — ele disse. — Não vamos ver as duas mãos trabalhando.

— Não consigo pensar no papel — ela disse.

— Ótimo — Nick disse. — O intuito do exercício é deixar a própria pele.

— Tá bom. — Ela suspirou. Não adiantava discutir. Ele já tinha empurrado o notebook para longe.

— Então tá. — Nick pegou a caneta e tirou a tampa com os dentes. — Eu começo.

— Espera — Cath disse. — Antes vamos falar sobre que tipo de história pretendemos escrever.

— Você vai ver.

— Isso não é justo. — Ela se inclinou para a frente, olhando para a folha de papel em branco. — Não quero escrever sobre, tipo, cadáveres ou… nudez.

— Parece que você não quer escrever sobre corpos em geral.

Nick escrevia com uma espécie de caligrafia cursiva rabiscada. Era canhoto, de modo que a tinta azul borrava conforme escrevia. *Você devia usar caneta hidrográfica*, Cath pensou, tentando desvendar a letra de cabeça para baixo do outro lado da mesa. Ele lhe passou o papel, mas mesmo do lado certo ela mal conseguiu ler.

— Que palavra é essa? — Cath perguntou, apontando.

— Retinas.

Ela está de pé no estacionamento. E está sob um poste de luz. E seu cabelo está tão loiro que lampeja para você. Queima suas retinas, a porra de um cone por vez. Ela se inclina para a frente e agarra sua camiseta. E está na ponta dos pés agora. Está se aproximando. Cheira a chá preto e cigarros American Spirit, e quando a boca dela toca sua orelha, você se pergunta se ela lembra o seu nome.

— Então… — Cath disse. — A narrativa vai ser no presente?

— E na segunda pessoa — Nick confirmou.

Cath franziu a testa para ele.

— Qual é o problema? — ele perguntou. — Não gosta de histórias de amor?

Ela sentiu que estava ficando vermelha, e tentou impedir. *Fica calma, Chapeuzinho.* Ela se virou para a mochila para procurar uma caneta.

Era difícil para Cath escrever sem digitar — e com Nick a observando como se tivesse acabado de lhe passar uma batata quente.

— Por favor, não conta pra mamãe. — Ela dá uma risadinha.

— Que parte devo deixar de fora? — você pergunta a ela. — Seu cabelo? Ou os cigarros hipsters?

Ela puxa sua camiseta, com maldade, e você a empurra de volta, como se ela tivesse doze anos. E ela quase tem… é tão nova. E você está tão cansado. E o que Dave vai pensar se você for embora do primeiro encontro de vocês para cuidar da idiota da sua irmã mais nova?

— Você é um chato, Nick — ela diz. Está cambaleando. Voltou a oscilar sob a luz do poste.

Cath virou o caderno e o empurrou de volta para Nick.

Ele sorriu, parecendo achar graça.

— Então nosso narrador é gay… — ele disse. — E tem o meu nome…

— Adoro histórias de amor — Cath disse.

Nick assentiu para ela algumas vezes.

E os dois começaram a rir.

Era quase como escrever com Wren — na época em que as duas se sentavam diante do computador, passando o teclado de uma para a outra e lendo em voz alta enquanto a outra digitava.

Cath sempre escrevia a maior parte do diálogo. Wren era melhor em trama e tom. Às vezes, Cath escrevia todas as conversas, então Wren as completava, decidindo onde Baz e Simon estavam e para onde iriam. Uma vez, Cath escrevera o que achava que era uma cena romântica, e Wren a transformara em uma luta de espada.

Mesmo depois que tinham parado de escrever juntas, Cath ainda seguia Wren pela casa, implorando por ajuda, quando não conseguia botar Simon e Baz para fazer nada além de falar.

Nick não era Wren.

Ele era mais mandão e meio exibicionista. Além disso, era um garoto, claro. De perto, seus olhos ficavam ainda mais azuis, e suas sobrancelhas pareciam ter vida própria. Nick umedecia os lábios enquanto escrevia, batendo a língua nos dentes da frente.

Ele superou o lance do personagem gay no mesmo instante, o que depunha a seu favor. Apesar de Cath ter dado ao Nick ficcional sobrancelhas escuras e grossas e sapatos oxford azulados.

O verdadeiro Nick tinha dificuldade em esperar sua vez. Ele tentava pegar o caderno das mãos de Cath antes que ela terminasse de escrever, e a caneta verde dela traçava um risco página abaixo.

— Espera — ela dizia.

— Não, eu tenho uma ideia que você está prestes a estragar.

Ela se esforçava muito para fazer seus parágrafos soarem como os de Nick, mas seu estilo pessoal ficava se insinuando neles. Foi legal quando Cath se deu conta de que ele a imitava também.

Depois de algumas horas, Cath estava bocejando, e o texto deles já tinha o dobro do tamanho necessário.

— Vamos demorar uma eternidade para digitar isso — ela disse.

— É só não digitar. Vamos entregar assim.

Cath olhou para as páginas com borrões em verde e azul.

— É nossa única versão.

— Então não deixa seu cachorro comer. — Ele subiu o zíper do moletom cinza e pegou a jaqueta jeans velha. — É meia-noite. Hora de ir embora.

O carrinho próximo à mesa deles estava cheio de livros.

— E esses daqui? — Cath perguntou.

— A menina do turno da manhã pode guardar. Assim vai se lembrar de que está viva.

Cath arrancou com cuidado as folhas com o texto deles do caderno de Nick e as guardou na mochila, então o seguiu pela escada em espiral. Eles não viram mais ninguém no caminho até o térreo.

Parecia diferente estar com ele agora. Diferente até mesmo de algumas horas antes. *Divertido*. Cath não sentia como se seu verdadeiro eu estivesse esmagado debaixo de oito camadas de medo e ansiedade diagnosticável. Nick subia a escada ao lado dela e os dois conversavam como se ainda passassem o caderno de um para o outro.

Quando saíram, ficaram parados na calçada.

Cath sentiu um pouco do nervosismo se esgueirando de volta. Ficou mexendo nos botões do casaco.

— Então tá — Nick disse, colocando a mochila nos ombros. — Te vejo na aula?

— É — Cath disse. — Vou tentar não perder nosso livro.

— Nosso *primeiro* livro — ele disse, pegando o caminho para a saída do campus. — Boa noite.

— Boa noite.

Ela o observou se afastar, todo cabelo escuro e manchas azuis sob o luar…

Então restava apenas Cath ali. Cath e cerca de trezentas árvores que ela nunca notara durante o dia. As luzes da biblioteca se apagaram atrás dela. Sua sombra desapareceu.

Cath suspirou e pegou o celular — tinha recebido duas mensagens de Abel, mas as ignorou —, então ligou para o quarto, torcendo para que Reagan estivesse acordada.

— Alô? — Reagan atendeu no terceiro toque. Música tocava ao fundo.

— É a Cath.

— Ah, oi, Cath. Como foi o encontro?

— Não era um… Olha, estou indo pra casa. Vou ser rápida. Já saí.

— Levi saiu assim que o telefone tocou. Não custa esperar.

— Ele não precisa…

— A confusão vai ser maior se ele não te encontrar aí.

— Tá — Cath disse, desistindo. — Obrigada, então.

Reagan desligou.

Cath ficou esperando perto de um poste de luz, para que ele a visse, e tentou parecer o caçador, e não a menininha carregando uma cesta. Levi chegou bem antes do que ela esperava, trotando ao longo do caminho. Até seu trote era tranquilo.

Ela começou a andar na direção dele, pensando em poupar-lhe aqueles últimos passos.

— Catherine — Levi disse, parando quando ela o alcançou e virando para andarem juntos. — E inteira!

— Meu nome nem é esse — ela disse.

— Então é só Cather mesmo?

— É só Cath.

— Você se perdeu na biblioteca?

— Não.

— Eu sempre me perco na biblioteca, não importa quantas vezes já tenha ido lá. Na verdade, acho que quanto mais vou, mais me perco. É como se ela começasse a me revelar novas passagens conforme me conhece melhor.

— Você passa bastante tempo na biblioteca?

— Passo, sim.

— Como isso é possível se está sempre no meu quarto?

— Onde acha que eu durmo? — Levi perguntou. Quando ela o encarou, ele estava sorrindo.

Simon se encolheu na cama como um filhote de unicórnio ferido, levando o pedaço de veludo verde ao rosto marcado por lágrimas.

— Você está bem? — Basil perguntou. Dava para ver que ele não queria ter perguntado. Dava para ver que ele considerava muito desagradável ter que falar com seu inimigo de longa data.

— Me deixa em paz — Simon disse, engasgando com as lágrimas e odiando Basil ainda mais do que o normal. — Ela era minha mãe.

Basil franziu a testa. Ele semicerrou os olhos cinza como fumaça e cruzou os braços, como se estivesse se forçando a se manter ali de pé. Como se o que realmente quisesse fazer fosse lançar um feitiço que iniciasse outro ataque de espirros em Simon.

— Eu sei — Basil disse, quase com raiva. — Sei pelo que está passando. Também perdi minha mãe.

Simon enxugou o nariz na manga do paletó e se sentou devagar, com os olhos arregalados e azuis como o Oitavo Mar. Basil estava mentindo? Seria a cara daquele babaca.

de "Amigos para sempre — e mais", postado em agosto de 2006 pelas autoras do FanFixx.net Magicath e Wrenegada

SEIS

— Pai? Me liga.

— É a Cath de novo. Me liga.

— Pai, para de ignorar minhas mensagens. Será que você escuta a caixa postal? Sabe como fazer isso? Bom, mesmo se não souber, meu número aparece nas ligações perdidas. Me liga, tá?

— Pai. Me liga. Ou liga pra Wren. Não, liga pra *mim*. Estou preocupada. Não gosto de ficar preocupada com você.

— Não me faz ligar pros vizinhos. Eles vão ter que ir ver o que aconteceu e vai ser constrangedor, porque você não fala nada de espanhol.

— Pai?
— Oi, Cath.
— *Pai*. Por que você não me ligou? Deixei um milhão de mensagens.
— Eram mensagens demais. Você não deveria estar me ligando ou pensando em mim. Está na faculdade agora. Me esquece.

— Só estou estudando, pai. Não é como se tivéssemos diferenças irreconciliáveis.

— Querida, eu já vi *Barrados no baile*. Os pais sumiram da série depois que Brandon e Brenda foram para a faculdade. É a sua vez. Você deveria estar indo a festas de fraternidade e voltando a namorar com Dylan.

— Por que todo mundo quer que eu vá a festas de fraternidade?

— Quem quer que você vá a festas de fraternidade? Eu só estava brincando. Não fica amiga desse tipo de cara, Cath, eles são péssimos. Só sabem ficar bêbados e assistir a *Barrados no baile.*

— Como você está?

— Estou bem, querida.

— Está se sentindo solitário?

— Sim.

— Está comendo?

— Sim.

— O quê?

— Comida nutritiva.

— O que você comeu hoje? *Não mente.*

— Um negócio genial que encontrei na loja de conveniência: uma salsicha com uma panqueca enrolada em volta, cozida à perfeição numa daquelas maquininhas…

— *Pai.*

— Você disse pra não mentir, Cath.

— Não podia ir ao mercado ao algo assim?

— Você sabe que odeio mercado.

— Eles vendem fruta na loja de conveniência.

— É mesmo?

— É. Pede pra alguém te ajudar.

— Você sabe que eu odeio pedir ajuda.
— Está me deixando preocupada com você.
— Não se preocupa comigo, Cath. Vou procurar as frutas.
— É uma concessão ridícula…
— Tá, eu vou ao mercado.
— Promete? *Não vale mentir.*
— Eu prometo.
— Te amo.
— Também te amo. E diga à sua irmã que eu a amo também.

— Cath, é o papai. Sei que é tarde e que você deve estar dormindo. Espero que esteja, pelo menos. Mas tive uma ideia. Uma ótima ideia. Me liga.

— Cath, é o papai de novo. Ainda é tarde, mas não aguentei esperar pra te contar. Vocês sempre quiseram um banheiro lá em cima, né? Bom, o quarto de vocês fica bem em cima do banheiro lá de baixo. A gente podia colocar um alçapão. E uma escada. Seria como um atalho secreto para o banheiro. Não é uma ótima ideia? Me liga. É o papai.

— Cath! Esquece a escada: vamos botar um daqueles postes de bombeiro! Vocês teriam que usar a escada normal para voltar ao quarto, mas, Cath, um *poste de bombeiro*. Acho que eu mesmo posso fazer. Quer dizer, eu teria que encontrar um poste…

— Pai, me liga.

— Me liga, tá?

— Pai, é a Cath. Me liga.

Era sexta à noite, e Cath tinha o quarto só para si.

Ela estava tentando avançar em *Sempre em frente, Simon*, mas não conseguia se concentrar… Na aula daquele dia, a professora Piper tinha devolvido o texto que ela e Nick haviam escrito juntos. A professora enchera as margens de notas dez e desenhara uma caricaturazinha de si mesma no canto, gritando "DEEEEEZ!".

A professora pedira que algumas duplas — aquelas que tinham se saído muito bem — lessem seus textos para a classe. Cath e Nick foram os últimos, e se revezaram de modo a sempre ler o que o outro havia escrito. A turma riu bastante. Provavelmente porque Nick fazia parecer que estava em uma peça de Shakespeare. As bochechas e o pescoço de Cath estavam queimando quando eles se sentaram.

Depois da aula, Nick levantou um dedinho para ela. Cath não reagiu, então ele disse:

— Anda, vamos fazer um juramento.

Ela enganchou o dedinho no de Nick, que o apertou.

— Vamos formar dupla automaticamente em todos os trabalhos. Combinado?

Seus olhos eram tão fundos que faziam tudo o que ele dizia parecer ainda mais intenso.

— Combinado — Cath disse, sem encará-lo.

— Porra — Nick disse, já tendo soltado o dedo dela. — A gente é bom pra caramba.

— Acho que depois do nosso texto não sobrou nenhum outro dez pra professora distribuir — Cath disse, seguindo-o para fora da sala. — Todo mundo vai receber nove, no máximo, pelos próximos oito anos, por nossa causa.

— A gente devia fazer isso de novo.

Nick se virou para ela de repente, quando estavam à porta.

Cath não conseguiu parar a tempo e deu um encontrão nele sem querer.

— Já fizemos um juramento — ela disse, recuando um passo.

— Não é disso que estou falando. Não tem nada a ver com a aula. A gente devia escrever só porque foi bom, sabe?

Tinha sido mesmo bom. Cath não se divertira tanto desde… bom, com certeza desde que havia chegado ali.

— É — ela disse. — Legal.

— Trabalho às terças e quintas à noite — Nick disse. — Quer me encontrar nessa terça? No mesmo horário?

— Claro — Cath disse.

Ela não parara de pensar naquilo desde então. Imaginava o que escreveria. Queria falar com Wren sobre o assunto. Tentara ligar para a irmã mais cedo naquele dia, mas ela não atendera. Já eram quase onze horas agora…

Cath pegou o celular e ligou para Wren.

Ela atendeu.

— Sim, irmãzinha?

— Oi, você pode falar agora?

— Sim, irmãzinha — disse Wren, dando risada.

— Está na rua?

— Estou no décimo andar do Schramm Hall. É aqui que… *todos* os turistas vêm quando visitam o prédio. É como um mirante. “Veja o mundo

do quarto de Tyler” é o que dizem os postais.

A voz de Wren parecia quente e líquida. O pai delas sempre dizia que as duas tinham a mesma voz, mas a de Wren funcionava em trinta e três rotações por minuto, e a de Cath, em quarenta e cinco… Mas agora era diferente.

— Você está bêbada?

— Eu *estava* bêbada — Wren disse. — Agora acho que passei desse ponto.

— Está sozinha? Cadê a Courtney?

— Está aqui. Talvez eu esteja sentada na perna dela.

— Wren, você está bem?

— Sim, sim, sim, irmãzinha. Por isso atendi o celular. Para dizer que estou bem. Para você me deixar sossegada um tempo. Belezinha?

Cath sentiu o rosto ficar tenso. Mais magoado que preocupado.

— Só liguei para falar do papai. — Cath desejou que não usasse a palavra “só” com tanta frequência. Era uma evidência de comportamento passivo-agressivo, como alguém que se contraía quando mentia. — E de outras coisas. De… garotos.

Wren riu.

— Garotos? Simon voltou a sair com Agatha? Baz o transformou em vampiro? De novo? Os dedos deles ficaram presos no cabelo um do outro? Você chegou à parte em que Baz o chama de Simon pela primeira vez? Porque essa parte é difícil. Todos os alarmes vão soar.

Cath afastou um pouco o celular da orelha.

— Vai se foder — ela sussurrou. — Eu só queria ter certeza de que você estava bem.

— Superbem — Wren disse, cantarolando irritada. Então desligou.

Cath deixou o celular na escrivaninha e se recostou na cama para se afastar dele. Como se o aparelho pudesse mordê-la.

Wren deve estar bêbada. Ou chapada.

Ela nunca… nunca.

Wren nunca a provocara quanto a Simon e Baz. Os dois eram…

Cath se levantou para apagar a luz. Seus dedos estavam gelados. Ela tirou o jeans e foi para a cama.

Então se levantou de novo para confirmar se a porta estava trancada e espiou o corredor vazio pelo olho mágico.

Ela se sentou na cama. E levantou de novo.

Cath abriu o notebook, ligou e fechou de novo.

Wren deve estar chapada. Nunca falaria isso.

Ela sabia o que Simon e Baz eram. O que significavam. Simon e Baz eram…

Cath se deitou na cama e sacudiu os punhos sobre o edredom, então puxou os cabelos na altura das têmporas até que pudesse sentir aquilo.

Simon e Baz eram intocáveis.

— Não vai ter a menor graça hoje — Reagan disse, desanimada, à porta do refeitório.

Reagan sempre estava de mau humor nas manhãs de fim de semana (quando aparecia). Ela bebia muito e dormia pouco. Não tinha removido a maquiagem da noite anterior e ainda cheirava a suor e cigarro. *Reagan amanhecida*, Cath pensou.

Mas Cath não se preocupava com Reagan, não tanto quanto se preocupava com Wren. Talvez porque Reagan parecesse com o Lobo Mau, enquanto Wren se parecia com Cath com um corte de cabelo melhor.

Uma garota entrou, usando jeans justo e um moletom do time de futebol americano. Reagan suspirou.

— O que foi? — Cath perguntou.

— Todos parecem iguais em dia de jogo — Reagan disse. — Não consigo distinguir o verdadeiro eu, feio e deformado… — Ela se virou para Cath. — O que vai fazer hoje?

— Me esconder no quarto.

— Você parece precisar de um ar fresco.

— Eu? — Cath engasgou com o sanduíche de carne. — Você parece precisar de um DNA fresco.

— Isso porque estou viva — Reagan disse. — Porque experimento coisas. Entendeu?

Cath levou o olhar até Reagan e não conseguiu evitar sorrir.

Reagan tinha passado delineador em torno do olho todo. Parecia uma versão durona de Kate Middleton. E ainda que fosse maior que a grande parte das garotas — com quadris grandes, peitos grandes e ombros largos —, ela se comportava como se tivesse o tamanho exato que todo mundo queria ter. E todo mundo acreditava — incluindo Levi e todos os outros garotos que esperavam no quarto delas enquanto Reagan terminava de se arrumar.

— Você não fica desse jeito — Reagan disse, apontando para seu rosto amanhecido — se escondendo no quarto durante o fim de semana todo.

— Certo — Cath disse.

— Vamos fazer alguma coisa hoje.

— É dia de jogo. A melhor coisa a fazer é ficar no quarto e construir uma barricada na porta.

— Você tem alguma coisa vermelha? — Reagan perguntou. — Se estivermos de vermelho, podemos descolar bebidas grátis enquanto

passeamos pelo campus.

O celular de Cath tocou. Ela olhou quem era. Wren. Cath recusou a chamada.

— Tenho que escrever hoje — ela disse.

Quando elas voltaram ao quarto, Reagan tomou um banho e se maquiou de novo, sentada à escrivaninha, com um espelho na mão.

Ela saiu e voltou algumas horas depois, com sacolas da Target e um cara chamado Eric. Então saiu de novo e só voltou depois que o sol tinha se posto. Daquela vez, sozinha.

Cath ainda estava à escrivaninha.

— Chega! — Reagan meio que gritou.

— Nossa — Cath disse, virando para ela. Seus olhos precisaram de alguns segundos para focar em algo que não era a tela do computador.

— Se troca — Reagan disse. — E não discute comigo. Não vou fazer esse joguinho com você.

— Que joguinho?

— Você é uma ermitã deprimida. É muito esquisito. Então você vai se trocar. Vamos jogar boliche.

Cath riu.

— Boliche?

— Ah, tá — Reagan disse. — Porque boliche é mais patético do que tudo o que você faz.

Cath afastou a cadeira da escrivaninha. Sua perna esquerda estava adormecida. Ela a sacudiu.

— Nunca joguei boliche. Que roupa eu visto?

— Como assim? — Reagan pareceu incrédula. — As pessoas não jogam boliche em Omaha?

Cath deu de ombros.

— Acho que as bem velhinhas jogam.

— Bota qualquer roupa. Que não seja do Simon Snow, pras pessoas não pensarem que seu cérebro parou de se desenvolver aos sete anos.

Cath vestiu a camiseta vermelha com SEMPRE EM FRENTE escrito e um jeans, então refez o rabo de cavalo.

Reagan fez uma careta para ela.

— Você precisa mesmo usar o cabelo assim? É um lance meio mórmon?

— Não sou mórmon.

— Eu disse "meio".

Alguém bateu à porta e Reagan foi abrir.

Era Levi, e ele estava praticamente saltitando. Usava uma camiseta branca, na qual havia desenhado com caneta preta um colarinho e botões, além de um bolso lateral com REI DO STRIKE escrito em uma caligrafia rebuscada.

— Vamos? — ele disse.

Reagan e Levi eram ótimos no boliche. Aparentemente, havia uma pista de boliche em Arnold. Mas nem de perto tão legal quanto aquela, eles garantiram.

Os três eram as únicas pessoas com menos de quarenta anos jogando aquela noite, o que não impediu Levi de falar com absolutamente todo mundo do lugar. Ele conversou com o cara que desinfetava os sapatos, com o casal de aposentados na pista ao lado e com um grupo de mães de alguma liga que o devolveu com o cabelo todo bagunçado e uma jarra de cerveja.

Reagan agia como se nem notasse.

— Acho que tem um bebê no canto que você esqueceu de beijar — Cath disse a ele.

Os olhos dele se iluminaram.

— Um bebê? Onde?

— Não — ela disse. — Eu só…

Só.

Levi apoiou a jarra de cerveja. Ele trazia três copos na outra mão, que deixou cair na mesa sem que tombassem.

— Por que você faz isso?

— O quê?

Ele serviu cerveja em um copo e entregou para Cath. Ela aceitou sem pensar, então deixou na mesa, com cara de nojo.

— Se esforça tanto pra ser legal com todo mundo.

Levi sorriu — mas já estava sorrindo, de modo que sorriu ainda mais.

— Acha que eu deveria ser mais como você? — ele perguntou, então lançou um olhar carinhoso para Reagan, que esperava de testa franzida (mas ainda assim voluptuosamente) a bola voltar. — Ou como ela?

Cath revirou os olhos.

— Deve ter um meio-termo mais feliz.

— Eu estou bem feliz — disse ele —, então devo estar no meio-termo.

Cath foi buscar uma coca sabor cereja no bar e ignorou a cerveja. Reagan comprou dois pratos de nachos cobertos por um molho laranja. Levi comprou três pepinos em conserva gigantes tão azedos que fizeram os três chorarem.

Reagan ganhou a primeira partida. Levi ganhou a segunda. Então, na terceira, ele convenceu o funcionário do boliche a levantar as canaletas pelo bem de Cath. Nem assim ela fez um strike. Levi ganhou de novo.

Cath ainda tinha dinheiro para comprar um sanduíche de sorvete para cada na máquina de venda automática.

— Sou mesmo o rei do strike — Levi disse. — Tudo o que escrevo nas minhas camisetas vira verdade.

— O que vai escrever pra se dar bem agora no Muggsy's? — Reagan disse.

Levi riu e fez uma bolinha com a embalagem do sorvete para jogar nela. O jeito como os dois sorriam um para o outro fez Cath desviar o rosto. Eles se davam tão bem. Era como se conhecessem todos os detalhes um do outro. Reagan era mais fofa — e mais maldosa — com Levi do que com Cath.

Alguém puxou o rabo de cavalo de Cath, e seu queixo levantou de súbito.

— Você vai também, né? — Levi perguntou.

— Aonde?

— Ao Muggsy's. A noite é uma criança.

— E eu também — Cath disse. — Não tenho idade pra entrar num bar.

— Você vai estar com a gente — ele disse. — Ninguém vai te parar.

— É verdade — Reagan disse. — O Muggsy's só tem gente que abandonou a faculdade e alcoólatras. Calouros nunca tentam entrar lá.

Reagan colocou um cigarro nos lábios, mas não o acendeu. Levi o pegou e o levou à própria boca.

Cath quase concordou.

Mas, no fim, fez que não com a cabeça.

Quando Cath voltou ao quarto, pensou em ligar para Wren.

Em vez disso, ligou para o pai. Ele soava cansado, mas não estava querendo substituir a escada por um tobogã, o que era um avanço. E tinha descongelado duas porções de refeições saudáveis para o jantar.

— Foi uma boa escolha — Cath disse, tentando encorajá-lo.

Ela leu alguns textos para a faculdade. Depois escreveu *Sempre em frente* até que seus olhos ardessem e ela soubesse que pegaria no sono assim que fosse para a cama.

— Palavras são muito poderosas — disse a srta. Possibelf, avançando a passos leves por entre as fileiras de carteiras. — E ganham ainda mais poder conforme são usadas… Conforme são ditas*,* lidas *e* escritas*, em combinações consistentes e específicas. — Ela parou em frente da carteira de Simon e bateu nela com um pequeno cajado com pedras preciosas. —* Para o alto e avante *— disse, com clareza.*

Simon viu o chão se afastar de seus pés. Ele se agarrou às beiradas da mesa, derrubando uma pilha de livros e papéis. Do outro lado da sala, Basilton riu.

A srta. Possibelf cutucou o tênis de Simon com seu cajado e disse:

— Parem as máquinas!

A mesa dele ficou pairando a quase um metro do chão.

— A chave para lançar um feitiço — ela disse — é recorrer a esse poder. Não só dizer as palavras, mas invocar seu significado. Agora abram o livro de palavras mágicas na página quatro. E pés no chão*, Simon, por favor.*

do capítulo 5 de *Simon Snow e o herdeiro do Mago*,

copyright © 2001 by Gemma T. Leslie

SETE

Quando Cath viu o nome de Abel aparecer no celular, pensou que era uma mensagem, ainda que o aparelho estivesse obviamente tocando.

Abel nunca ligava.

Eles trocavam e-mails. Mandavam mensagens — tinham conversado assim na noite anterior. Mas nunca se falavam de verdade, só quando se encontravam.

— Alô? — Cath atendeu. Ela estava no lugar de sempre do lado de fora do Andrews Hall, o prédio da letras. Estava frio demais para ficar ao ar livre, mas às vezes Nick aparecia ali antes da aula e os dois davam uma olhada nos exercícios da aula um do outro ou falavam sobre o texto em que estavam trabalhando juntos. (Estava virando outra história de amor. Graças a Nick.)

— Cath? — A voz de Abel soava áspera e familiar.

— Oi — ela disse, de repente se sentindo quente. O que foi uma surpresa. Talvez tivesse, sim, sentido falta dele. Cath ainda estava evitando Wren; não tinha almoçado no Selleck desde aquela conversa em que a irmã estivera bêbada. Talvez só estivesse com saudade de casa. — Como você está?

— Bem — ele disse. — Foi o que eu disse ontem à noite.

— É, bom, eu sei. Mas é diferente falando.

Ele pareceu surpreso.

— Foi exatamente o que Katie disse.

— Quem é Katie?

— Katie é o motivo pelo qual estou te ligando. Ela é, tipo, o único motivo pelo qual estou ligando.

Cath inclinou a cabeça.

— Oi?

— Cath, conheci alguém — ele disse. Simplesmente. Como se estivessem em uma novela mexicana.

— Katie?

— É. E, hum, ela me fez perceber que… bom, que o que eu e você temos não é de verdade.

— Como assim?

— Estou falando do nosso relacionamento, Cath. Não é de verdade.

Por que ele ficava repetindo o nome dela?

— É claro que é, *Abel.* Faz três anos que estamos juntos.

— Bom, mais ou menos.

— Não mais ou menos — Cath disse.

— Bom… de qualquer modo — ele falou com firmeza —, conheci outra pessoa.

Cath virou de frente para o prédio e apoiou a testa contra os tijolos.

— Katie.

— E é muito mais real — ele disse. — A gente… combina, sabe? Podemos falar sobre tudo. E ela também mexe com programação. Tirou trinta e quatro no exame admissional.

Cath havia tirado trinta e dois.

— Está terminando comigo porque não sou inteligente o bastante?

— Não estou terminando com você. A gente nem estava junto de verdade.

— Foi isso que você disse pra Katie?

— Eu disse pra ela que a gente se distanciou.

— É — Cath soltou. — Porque você só é capaz de me ligar pra terminar comigo.

Ela chutou a parede, mas se arrependeu no mesmo instante.

— Ah, tá. Porque você me ligava o tempo todo.

— Eu ligaria se você quisesse — Cath disse.

— Ligaria mesmo?

Cath voltou a chutar a parede.

— Talvez.

Abel suspirou. Parecia mais exasperado que qualquer outra coisa — mais que triste ou preocupado.

— A gente não está junto de verdade desde o segundo ano.

Cath queria retrucar, mas não conseguiu pensar em nada convincente. *Mas você me levou ao baile*, ela pensou. *Me ensinou a dirigir.*

— Mas sua avó sempre faz bolo *tres leches* pro meu aniversário.

— Ela tem que fazer pra padaria de qualquer jeito.

— *Tá bom*. — Cath se virou e se recostou na parede. Queria conseguir chorar, só para que ele tivesse que lidar com aquela situação. — Já entendi. Entendi tudo. Não estamos terminando, mas estamos terminados.

— Não é bem assim — Abel disse. — Ainda podemos ser amigos. Ainda vou ler sua fanfic. A Katie também lê. Ela já lia, inclusive. Não é muita coincidência?

Cath balançou a cabeça, sem dizer nada.

Então Nick virou a esquina do prédio e fez o que sempre fazia quando a encontrava ali: a encarou nos olhos e a cumprimentou com um aceno rápido de cabeça. Cath levantou o queixo em resposta.

— É — ela disse ao celular. — É muita coincidência.

Nick tinha apoiado a mochila em um canteiro de pedra e estava revirando os livros e cadernos. Sua jaqueta estava aberta, e Cath podia ver por baixo de sua camiseta com ele inclinado daquele jeito. Mais ou menos. Só alguns centímetros de pele branca e alguns poucos pelos pretos.

— Tenho que ir — ela disse.

— Ah — Abel disse. — Tá bom. A gente ainda vai se ver no feriado de Ação de Graças?

— Tenho que ir — ela insistiu, e desligou.

Cath inspirou fundo. Se sentia um pouco zonza e tensa, como se tivesse algo grande demais querendo sair de dentro de suas costelas. Ela ajeitou a postura, ainda apoiada à parede, e olhou para baixo, para o topo da cabeça de Nick.

Ele levantou os olhos para ela e abriu um sorriso torto enquanto lhe oferecia algumas folhas de papel.

— Quer ler? Talvez seja péssimo. Mas talvez seja ótimo. Provavelmente é ótimo. Me diz que é ótimo, tá? A não ser que seja péssimo.

Cath mandou uma mensagem para Wren antes que a aula de escrita de ficção começasse, com o celular escondido atrás dos ombros largos de Nick.

abel terminou comigo.
ah, droga. sinto muito. quer que eu vá te encontrar?
quero. às cinco?
pode ser. você tá bem?
acho que sim. perdi a mesinha de canto.

— Você já chorou?

Elas estavam sentadas na cama de Cath, comendo as últimas barrinhas de cereal.

— Não — Cath disse. — E acho que não vou chorar.

Wren mordeu o lábio. Literalmente.

— Fala logo — Cath disse.

— Acho que nem preciso falar. Nunca pensei que *não* dizer seria tão bom.

— *Fala logo.*

— Ele não era seu namorado de verdade! Você não gostava dele assim!

Wren empurrou Cath com tanta força que ela caiu.

Cath riu e voltou a se sentar, abraçando as pernas.

— Eu achava mesmo que gostava.

Wren também estava rindo.

— Como conseguiu pensar isso?

Cath deu de ombros.

Era quinta-feira e Wren já estava arrumada para sair. Ela tinha passado uma sombra verde-clara que fazia seus olhos parecerem mais verdes que azuis, e um batom vermelho brilhante. Ela tinha feito uma risca no cabelo curto e penteado de lado, cobrindo a testa de um jeito chique.

— É sério — Wren disse. — Você entende de amor. Já te vi descrever o sentimento de mil maneiras diferentes.

Cath fez uma careta.

— Não tem nada a ver. Isso foi na fantasia. Tipo "Simon procurou por Baz, e seu nome pareceu uma palavra mágica em seus lábios".

— Não é só fantasia… — Wren disse.

Cath pensou no olhar de Levi quando Reagan o provocava.

Pensou em Nick batendo a ponta da língua em seus dentes pequenos e uniformes.

— Não consigo acreditar que Abel me falou quanto ela tirou no exame admissional — Cath disse. — O que ele esperava que eu fizesse?

Oferecesse uma bolsa à garota?

— Você está pelo menos um pouco triste? — Wren enfiou o braço debaixo da cama e sacudiu a caixa vazia de barrinhas de cereal.

— É… Fico constrangida por ter mantido isso por tanto tempo. Por realmente ter pensado que a gente poderia continuar assim. E estou triste porque agora parece que a escola finalmente acabou. É como se Abel fosse uma lembrança de um período feliz que eu pudesse levar comigo.

— Lembra quando ele te comprou um carregador de notebook de presente de aniversário?

— Foi um bom presente — Cath disse, apontando para a irmã.

Wren agarrou seu dedo e o baixou.

— Você pensava nele toda vez que botava o notebook pra carregar?

— Eu precisava de um cabo novo. — Cath voltou a se recostar na parede e ficou encarando a irmã. — Ele me beijou pela primeira vez naquele dia, no nosso aniversário de dezessete anos. Ou eu o beijei.

— Foi um beijo *carregado* de paixão?

Cath riu.

— *Não.* Mas eu me lembro de ter pensado… que ele fazia com que eu me sentisse segura. — Ela esfregou a cabeça contra a parede de blocos de concreto. — Me lembro de ter pensado que ele e eu nunca seríamos como a mamãe e o papai. Que se Abel se cansasse de mim, eu sobreviveria.

Wren continuava segurando a mão da irmã. Ela a apertou. Então apoiou a cabeça na parede, espelhando Cath, que agora chorava.

— Bom, deu certo — Wren disse. — Você sobreviveu.

Cath chorou e enfiou os dedos por baixo dos óculos para enxugar os olhos. Wren pegou aquela mão dela também.

— Você sabe o que acho disso — ela disse.

— Sobrevivemos a tudo — Cath sussurrou. Ela sentiu os dedos de Wren envolverem seus punhos.

— Somos indestrutíveis.

Cath olhou para o cabelo castanho liso de Wren e para o brilho metálico da coroa acinzentada que realçava o verde de seus olhos.

Você é, Cath pensou.

— Isso quer dizer que acabaram os bolos *tres leches* no seu aniversário? — Wren perguntou.

— Tem outra coisa que eu queria te contar — Cath disse antes de pensar direito. — Tem, quer dizer, eu acho que tem… um cara.

Wren arqueou as sobrancelhas. Antes que Cath pudesse dizer mais alguma coisa, elas ouviram vozes e a chave entrando na fechadura. Wren soltou os punhos da irmã e a porta se abriu. Reagan entrou e jogou uma mala no chão. Ela voltou a sair antes mesmo que Levi entrasse no quarto.

— Oi, Cath — ele disse, já sorrindo. — Você está…?

Levi olhou para a cama e parou de falar.

— Levi — Cath disse —, esta é a minha irmã, Wren.

Wren estendeu a mão para ele.

Cath nunca tinha visto os olhos de Levi tão arregalados. Ele sorriu para Wren e apertou sua mão.

— *Wren* — ele repetiu. — As pessoas da sua família têm nomes fascinantes.

— Nossa mãe não sabia que ia ter gêmeas — Wren disse. — E não se animou muito em pensar em outro nome.

— Cather, Wren… — Parecia que Levi tinha acabado de descobrir algo simplesmente maravilhoso. — *Catherine.*

Cath revirou os olhos. Wren apenas sorriu.

— Genial, né?

— *Cath* — Levi disse, e tentou se sentar ao lado de Wren na cama, ainda que não houvesse espaço. Ela riu e se aproximou da irmã. Cath também ajudou a abrir espaço para ele, relutante. *Quando se dá um centímetro que seja a Levi…*

— Eu não sabia que você tinha mãe — ele disse. — Ou uma irmã. O que mais anda escondendo?

— Cinco primos — Wren disse. — E muitos hamsters que tiveram um destino triste, todos chamados Simon.

Levi sorriu ainda mais.

— Ah, para com isso — Cath disse, incomodada. — Chega de babar em cima da minha irmã. Depois a gente que vai ter que secar…

Reagan atravessou a porta que continuava aberta de volta para o quarto e olhou para Cath. Ela notou Wren e estremeceu.

— É a gêmea?

— Você sabia que ela tinha uma irmã? — Levi perguntou.

— Wren, Reagan — Cath disse.

— Oi — Reagan disse, franzindo a testa.

— Não leva pro lado pessoal — Cath disse à irmã. — Os dois são assim com todo mundo.

— Tenho que ir. — Wren deslizou toda alegre para fora da cama. Estava usando vestido rosa e meia-calça marrom, com botas de salto também marrons de cano curto, com botõezinhos verdes na lateral. Eram de Cath, que nunca tivera coragem de usá-las.

— Foi legal conhecer vocês — Wren disse, sorrindo para Reagan e Levi. — A gente se vê no almoço amanhã — ela disse para Cath.

Reagan a ignorou. Levi acenou.

Assim que a porta se fechou, ele voltou a arregalar os olhos. Muito azuis.

— *Essa* é sua irmã gêmea?

— Idêntica — Reagan disse, incomodada.

Cath assentiu e se sentou à escrivaninha.

— Nossa… — Levi foi para o canto da cama e se sentou à frente dela.

— Não sei muito bem no que você está pensando — Cath disse —, mas me sinto ofendida.

— Como o fato de sua gêmea idêntica ser muito gata pode ser uma ofensa a você?

— Simplesmente é — Cath disse, ainda muito encorajada por Wren e, estranhamente, por Abel, e talvez até por Nick, para se deixar afetar. — Faz com que eu me sinta a irmã feia.

— Você não é a irmã feia. — Levi sorriu. — Você é tipo o Clark Kent.

Ela abriu seus e-mails.

— Ei, Cath — Levi disse, chutando a cadeira dela. Cath podia ouvir seu tom provocador. — Você me avisa quando for tirar os óculos?

Agatha Wellbelove era a feiticeira mais encantadora de Watford. Todo mundo sabia daquilo — todos os garotos, todas as garotas, todos os professores… Os morcegos nos campanários, as cobras nos porões…

A própria Agatha sabia. O que seria de imaginar que diminuiria seu charme e sua beleza. Mas, aos catorze anos, Agatha nunca usava aquele conhecimento para prejudicar ou manipular os outros.

Ela sabia que era encantadora, e distribuía aquilo como se fosse um presente. Cada sorriso de Agatha era como acordar em um dia de sol. Consciente daquilo, Agatha sorria para todo mundo que cruzava seu caminho, como se fosse a coisa mais generosa que pudesse fazer.

do capítulo 15 de *Simon e os quatro selkies*, copyright © 2007 by Gemma T. Leslie

OITO

— Já começou sua cena?

Eles estavam no subsolo da biblioteca, no subsubsolo, e estava mais frio que de costume — o vento até fazia com que a franja de Nick balançasse sobre a testa.

— Por que venta aqui? — ela perguntou.

— Por que venta em qualquer lugar? — Nick respondeu.

Aquilo a fez rir.

— Não sei. As marés?

— Cavernas respirando?

— Não é vento — Cath disse. — É o que sentimos quando há um salto no tempo do nada.

Nick sorriu para ela. Seus lábios eram finos e escuros, da mesma cor que o interior da boca.

— Alunos de letras são inúteis — ele disse, arqueando as sobrancelhas. Então deu uma cotovelada nela. — *Então.* Já começou a cena? Imagino que já tenha até terminado. É rápida pra caralho.

— Eu treino bastante — ela disse.

— Treina escrever?

— É. — Por um segundo, Cath pensou em contar a verdade a ele. Sobre Simon e Baz. Sobre um capítulo por dia e cinquenta e cinco mil acessos… — Eu me exercito — ela diz. — Escrevo todas as manhãs, pra não perder a mão. Você começou sua cena?

— Comecei — Nick disse. Ele estava desenhando espirais na margem do caderno. — Três vezes… não sei bem o que fazer com essa tarefa.

A professora Piper queria que escrevêssemos uma cena com um narrador não confiável. Cath havia escrito a dela do ponto de vista de Baz. Ela já havia tido a ideia fazia um tempo, e poderia transformá-la em um texto mais extenso no futuro, quando acabasse de escrever *Sempre em frente.*

— Deveria ser fácil pra você — Cath disse, dando uma cotovelada em Nick também, só que com mais delicadeza. — Nenhum narrador seu é confiável.

Nick tinha deixado que ela lesse alguns de seus contos e os primeiros capítulos de um romance que começara no primeiro ano. Todos os seus textos eram sombrios — mais sujos e sórdidos que qualquer coisa que Cath poderia escrever —, mas ainda assim divertidos. E de alguma maneira, estimulantes. Nick era *bom*.

Ela gostava de se sentar ao lado dele e observar todo aquele talento fluindo por sua mão. Ver as piadas nascendo em tempo real. As palavras se encadeando.

— Exatamente… — ele disse, passando a língua no lábio superior. Nick quase não tinha lábio superior, só uma mancha vermelha. — É por isso que sinto que preciso fazer alguma coisa especial dessa vez.

— Pronto. — Cath puxou o caderno dele. — Minha vez.

Era sempre difícil conseguir que Nick lhe passasse o caderno.

Na primeira noite em que haviam trabalhado espontaneamente em um texto, Nick havia chegado à biblioteca com três páginas já escritas.

— Isso não é justo — Cath havia dito.

— É só um empurrãozinho — ele dissera —, pra gente começar.

Ela havia pegado o caderno e escrito por cima ou entre suas palavras, incluindo novos diálogos nas margens e riscando frases além da conta. (Às

vezes Nick forçava um pouco demais seu estilo.) Então acrescentara alguns parágrafos seus.

Escrever no papel tinha ficado mais fácil para Cath, ainda que ela continuasse sentindo falta do teclado…

— Preciso recortar e colar — ela dissera a Nick.

— Da próxima vez, traga uma tesoura — ele respondera.

Eles tinham passado a se sentar lado a lado enquanto trabalhavam — era melhor para ler e escrever dependendo de quem era a vez. Cath aprendera que devia se sentar à direita de Nick, para não ficarem se dando cotoveladas sem querer.

Aquilo fazia Cath se sentir parte de um monstro de duas cabeças. Em uma corrida de três pernas.

Aquilo a fazia se sentir em casa.

Ela não tinha certeza de como Nick se sentia a respeito…

Eles conversavam bastante, antes e depois da aula. Nick se virava totalmente para trás na cadeira. Às vezes, quando saíam, Cath fingia que precisava passar pelo Bessey Hall, onde ele tinha a aula seguinte, ainda que não houvesse nada além do estádio depois daquele prédio. Por sorte, Nick nunca perguntava aonde ela ia.

Ele tampouco perguntava quando eles saíam da biblioteca à noite. Sempre ficavam um minuto parados nos degraus, enquanto Nick ajeitava a mochila nas costas e enrolava um lenço azul no pescoço.

— Te vejo na aula — ele dizia, e ia embora.

Se Cath soubesse que Levi estava em seu quarto, ela ligava para ele e esperava que fosse buscá-la. Mas na maioria das noites, digitava o número da emergência no celular e corria de volta para o alojamento com o dedo sobre o botão para ligar.

Wren estava fazendo uma dieta maluca.

— É a dieta da vaca magra — Courtney disse.

— É vegana — Wren explicou.

Era dia de *fajitas* no Selleck. O prato de Wren estava cheio de pimentão verde e cebola grelhada, além de duas laranjas. Fazia algumas semanas que ela vinha se alimentando daquele jeito.

Cath a observou com cuidado. Wren estava usando uma roupa que Cath já tinha usado, então ela sabia como costumava ficar. A blusa de Wren continuava justa no peito, e seu jeans ainda ficava baixo demais na cintura. As duas tinham quadril largo — Cath gostava de usar blusas e malhas que passassem do quadril, enquanto Wren gostava de usar blusas por dentro da calça.

— Você continua igual — Cath disse. — Está que nem eu, e olha o que eu como…

Cath comia *fajitas* de carne com *sour cream* e três tipos de queijo.

— É, mas você não bebe.

— Beber é parte da dieta da vaca magra?

— Somos vacas magras durante a semana — Courtney disse — e vacas bêbadas no fim de semana.

Cath tentou encarar Wren nos olhos.

— Acho que não quero ser nenhum tipo de vaca.

— Tarde demais — Wren disse, sem emoção, então mudou de assunto. — Você encontrou Nick ontem à noite?

— Sim — Cath disse, então sorriu. Ela tentou dar um toque pretensioso ao sorriso, mas só conseguiu franzir o nariz como um coelho.

— Ah, Cath! — Courtney disse. — A gente pensou em dar uma passadinha na biblioteca *por acaso* uma noite dessas e dar uma olhada nele. Terças e quintas, né?

— Não. De jeito nenhum. Não, não, não. — Cath se virou para Wren. — Não, tá? Fala "tá".

— *Tá.* — Wren garfou algumas cebolas. — Mas o que tem de mais?

— Não tem nada de mais — Cath disse. — Mas se vocês fossem, pareceria ter. Vocês iam acabar com a minha estratégia "Ah, tanto faz. Você quer sair? Beleza".

— Você tem uma estratégia? — Wren perguntou. — Ela envolve beijar o cara?

Wren não esquecia aquela história de beijar. Desde que Abel tinha terminado com Cath, ela insistia que a irmã precisava ir atrás do que queria e soltar a fera dentro de si.

— E quanto a *ele*? — Wren perguntava, apontando para um bonitão enquanto esperavam na fila do almoço. — Você beijaria esse cara?

— Não quero beijar um desconhecido — Cath respondia. — Não tenho interesse em lábios fora de contextos.

Aquilo era apenas uma parte da verdade.

Desde que Abel terminara com ela… desde que Nick tinha começado a se sentar ao seu lado… Cath passara a notar coisas.

Garotos.

Caras.

Por toda parte.

Sério, *por toda parte.* Na aula. No grêmio estudantil. No dormitório, nos andares acima e abaixo do dela. E Cath podia jurar que não se pareciam em nada com os garotos da escola. *Como um ano pode fazer tanta diferença?* Cath se pegava observando pescoços e mãos. Notava as mandíbulas pesadas, a maneira como os peitos se projetavam adiante dos ombros, os cabelos…

As sobrancelhas de Nick seguiam paralelas à linha do cabelo, e suas costeletas iam só até a altura das bochechas. Quando Cath se sentava atrás dele na aula, podia ver os músculos de seu ombro esquerdo se movendo sob a blusa.

Até mesmo Levi era uma distração. Uma distração quase constante. Com seu pescoço comprido e bronzeado. Com a garganta pulsando quando ria.

Cath se sentia diferente. Mais atenta. Louca por garotos — ainda que nenhum daqueles caras parecessem *garotos*. E pela primeira vez na vida, Wren era a última pessoa com quem ela queria falar a respeito. Todo mundo era a última pessoa com quem Cath queria falar a respeito.

— Minha estratégia — ela disse a Wren — é garantir que ele não conheça minha irmã gêmea mais bonita e mais magra.

— Acho que não faria diferença — Wren disse. Cath notou que ela não recusou o rótulo de "mais bonita e mais magra". — Parece que ele está interessado no que você tem dentro da cabeça. E não sou tão brilhante quanto você.

Ela não era. Mas Cath não entendia aquilo. Elas tinham o mesmo DNA. A mesma natureza, a mesma educação. As diferenças entre as duas não faziam sentido.

— Vamos pra casa esse fim de semana — Cath disse, abruptamente. Ela ia pegar uma carona para Omaha aquela noite. Wren já havia dito que não queria ir. — Você sabe que o papai está com saudade — ela insistiu. — Vamos.

Wren baixou os olhos para sua bandeja.

— Eu te falei que preciso estudar.

— Tem jogo esse fim de semana — Courtney explicou. — Só precisamos estar sóbrias de novo segunda-feira às onze.

— Você pelo menos ligou pra ele? — Cath perguntou.

— A gente tem trocado e-mails — ela respondeu. — Ele parece bem.

— Ele está com saudade.

— É normal que esteja. Ele é nosso pai.

— Tá — Cath disse, baixo —, mas ele é diferente.

Wren ergueu o rosto para olhar para Cath. Ela balançou a cabeça para a irmã, muito discretamente.

Cath afastou a cadeira da mesa.

— É melhor eu ir. Preciso passar no quarto antes da aula.

Quando a professora Piper pediu os textos com o narrador não confiável naquela tarde, Nick pegou o de Cath da mão dela. Cath o pegou de volta. Ele arqueou uma sobrancelha.

Cath inclinou o queixo e sorriu para ele. Foi só depois que ela se deu conta de que abria um dos sorrisos de Wren para ele. Um sorriso evangélico.

Nick pareceu achar graça e avaliou Cath por um segundo antes de se virar.

A professora Piper pegou o trabalho da mão de Cath.

— Obrigada, Cath. — A professora sorriu e apertou o ombro da aluna. — Mal posso esperar.

Nick virou a cabeça para ela. “Queridinha” ele fez com a boca, sem produzir som.

Cath pensou em esticar o braço e acariciar o cabelo de sua nuca.

Fazia duas horas que eles tinham visto a ponte levadiça ser recolhida.

Duas horas brigando sobre quem era o culpado.

Baz fazia bico e dizia:

— Não teríamos perdido a hora se você não tivesse se metido no meu caminho.

Simon resmungava e dizia:

— Eu não teria precisado *me meter no seu caminho se você não estivesse se esgueirando pelo terreno.*

Mas Simon sabia que a verdade era que tinham ficado tão envolvidos em sua discussão que haviam perdido a noção do tempo, e agora teriam que passar a noite ali. Não havia como entrar depois do toque de recolher — não importava quantas vezes Baz batesse os calcanhares e dissesse: "Não há lugar como o nosso lar". (*De qualquer maneira, aquele era um feitiço do sétimo ano. Baz não teria como fazê-lo.*)

Simon suspirou e sentou na grama. Baz continuava resmungando e olhando para a fortaleza, como se pudesse descobrir um jeito de entrar.

— Ei — Simon disse, batendo no joelho de Baz.

— Ai. O que foi?

— Tenho um chocolate — Simon diz. — Quer metade?

Baz olhou para baixo, com o rosto comprido tão cinza quanto seus olhos no crepúsculo. Ele jogou o cabelo preto para trás e franziu a testa, então se sentou ao lado de Simon na grama.

— De que tipo?

— Com menta.

Simon tirou o chocolate do bolso da capa.

— É meu preferido — Baz admitiu, mal-humorado.

Simon abriu um grande sorriso, revelando os dentes brancos.

— O meu também.

de “Segredos, estrelas e chocolates”, postado em janeiro de 2009 pelas autoras do FanFixx.net Magicath e Wrenegada

NOVE

Cath tinha cerca de uma hora para matar antes de partir para Omaha, e não estava a fim de ficar sentada no quarto. Era o melhor tipo de dia de novembro. De um frio revigorante, mas ainda não congelante. Só frio o bastante para justificar o uso de suas roupas preferidas — casaquinho, legging e polainas.

Ela pensou em ir estudar no grêmio, mas acabou optando por dar uma volta pelo centro de Lincoln. Cath quase nunca deixava o campus; não havia muitos motivos para fazê-lo. Sair do campus se assemelhava a atravessar uma fronteira. O que ela faria se perdesse a carteira ou não encontrasse o caminho de volta? Teria que ligar para a embaixada…

Lincoln era mais parecida com uma cidade pequena do que Omaha. Tinha cinemas de rua e lojas pequenas. Cath passou por um restaurante tailandês e pelo tal fast-food de comida mexicana. Entrou em uma lojinha de presentes e cheirou todos os óleos essenciais. Havia uma Starbucks do outro lado da rua. Cath se perguntou se era naquela unidade em que Levi trabalhava, e um minuto depois seguia na direção dela.

Por dentro, era exatamente como qualquer outra Starbucks a que já havia ido. Com exceção de alguns clientes com ares mais professorais… E de Levi saindo de repente de trás de uma máquina de café, sorrindo por causa de algo que haviam dito em seu *headset*.

Levi usava uma malha preta por cima da camiseta branca. Parecia que tinha acabado de cortar o cabelo — estava mais curto atrás, mas continuava

cheio de pontas e caindo no rosto. Ele chamou o nome de alguém e entregou um copo para um cara que parecia um professor de violino aposentado. Levi puxou papo com ele. Porque Levi era assim, e aquilo era uma necessidade biológica sua.

— Você está na fila? — uma mulher perguntou a Cath.

— Não, pode ir. — Mas então Cath decidiu que podia muito bem entrar na fila. Não era como se tivesse ido até lá para observar Levi em seu habitat natural. Ela não sabia o que estava fazendo ali.

— Posso ajudar? — o cara no caixa perguntou.

— Não, não pode — Levi disse, empurrando o cara para o lado. — Pode deixar que eu atendo essa. — Ele sorriu para ela. — Cather.

— Oi — Cath disse, revirando os olhos. Não sabia que ele a tinha visto.

— Olha só pra você. Toda agasalhada. E o que é isso? Agasalho de pernas?

— São polainas.

— Você está usando pelo menos quatro tipos diferentes de agasalhos.

— Isso é um lenço.

— Você está toda agasalhada e encapotada.

— Já entendi — ela disse.

— Veio só pra dar um oi?

— Não — ela disse. Ele franziu a testa. Cath revirou os olhos de novo. — Vim tomar café.

— De que tipo?

— Puro. Grande.

— Está frio lá fora. Posso fazer algo mais gostoso.

Cath deu de ombros. Levi pegou um copo e começou a encher de xarope de abóbora. Ela aguardou do outro lado do balcão.

— O que vai fazer hoje à noite? — ele perguntou. — Devia encontrar a gente. Acho que vamos fazer uma fogueira. Reagan vai.

— Vou pra casa — Cath disse. — Omaha.

— É? — Levi sorriu para ela. A máquina de café soltou um assobio. — Aposto que seus pais estão felizes.

Cath deu de ombros de novo. Levi acrescentou chantili ao café dela. Suas mãos eram compridas — e mais grossas do que o restante do corpo, com nós dos dedos marcados e unhas curtas e quadradas.

— Tenha um bom fim de semana — ele disse, entregando a bebida.

— Eu ainda não paguei.

Levi ergueu as mãos.

— Por favor! Não me ofenda.

— O que é isso?

Ela inclinou o rosto na direção do copo e sentiu o cheiro.

— Uma invenção minha: mocha de abóbora, com pouco mocha. Não tenta pedir pra outra pessoa: não vai ficar igual.

— Valeu — Cath disse.

Ele sorriu para ela. Cath deu um passo para trás e trombou em uma prateleira cheia de canecas.

— Tchau — ela disse.

Levi foi atender a próxima pessoa na fila, sorrindo largo como sempre.

Cath pegou carona com uma garota chamada Erin, que prendera um anúncio no banheiro do térreo procurando alguém com quem dividir a gasolina até Omaha. Ela só falava do namorado, que ainda morava em Omaha e provavelmente a estava traindo. Cath mal podia esperar para chegar em casa.

Ela sentiu uma onda de otimismo ao subir os degraus da frente da casa. Alguém tinha juntado as folhas — pessoas que passavam a noite toda acordadas fazendo montanhas de purê de batata raramente tinham o cuidado de juntar as folhas.

Não que o pai fosse fazer aquilo de fato, o lance do purê. Não era nem um pouco seu estilo.

Um poste de bombeiro saindo do alçapão. Viagens de carro decididas no calor do momento. Virar três noites seguidas depois de descobrir *Battlestar Galactica* na Netflix… A loucura dele seguia mais aquela linha.

— Pai?

A casa estava escura. Pelo horário, o pai de Cath deveria estar em casa — ele havia dito que chegaria cedo.

— Cath!

O pai estava na cozinha, e ela correu para abraçá-lo. Ele retribuiu o abraço, como se precisasse daquilo. Quando Cath se afastou, ele sorriu para ela. Como se a filha fosse um colírio para seus olhos cansados.

— Está escuro aqui — Cath disse.

O pai observou ao redor, como se tivesse acabado de chegar ali.

— Verdade. — Ele perambulou pelo térreo, acendendo as luzes. Depois começou a acender os abajures também, mas Cath foi apagando um a um atrás dele. — Eu estava trabalhando num projeto…

— Para o trabalho?

— Para o trabalho — ele concordou, acendendo distraído um abajur que ela acabara de apagar. — O que você acha de Ravimolho?

— Daquele ravióli enlatado com molho de carne? Eu gosto. É o que vamos jantar?

— Não. É o produto em que estou trabalhando.

— Vocês conseguiram a conta do Ravimolho?

— Ainda não. Mas estamos na concorrência. O que você acha?

— De Ravimolho?

— É…

Ele tamborilou a própria palma com os dedos do meio da mão esquerda.

— Eu gosto de molho de carne, acho… E… de ravióli em geral.

— E Ravimolho faz com que você se sinta…

— Cheia.

— Isso é péssimo, Cath.

— Hum… Feliz? Indulgente? Abraçada? Duplamente abraçada, porque gosto de ravióli *e* de molho de carne?

— *Talvez*… — ele disse.

— E me faz pensar em outras coisas que ficariam melhor com molho de carne.

— Ahá! — o pai disse. — É uma possibilidade…

Ele começou a se afastar de Cath, e ela soube na hora que estava procurando pelo caderno de esboços.

— E o que vamos jantar, afinal? — Cath perguntou.

— O que você quiser — ele disse. Então parou e se virou para a filha, como se estivesse relembrando alguma coisa. — Não. Mexicano. Pode ser?

— *Sim*. Eu dirijo. Faz meses que não pego em um carro. Em qual barraquinha a gente vai? Podemos passar em todas!

— Tem pelo menos sete em um raio de três quilômetros.

— Sem problemas — ela disse. — Quero comer burritos de hoje até domingo de manhã.

Eles comeram burritos e viram TV. O pai ficou escrevinhando, enquanto Cath pegou o notebook. Wren deveria estar lá também, com seu próprio notebook, mandando mensagens para a irmã em vez de conversar de verdade.

Cath decidiu enviar um e-mail para ela.

Queria que você estivesse aqui. Papai parece bem. Acho que não lavou a louça desde que fomos embora, e pelo visto não usou nenhum prato, só copos. Mas ele está trabalhando. E tudo está inteiro. E os olhos dele parecem normais. Bom, te vejo segunda. Fica bem. Tenta não cair em nenhum boa-noite cinderela.

Cath foi para a cama à uma da manhã. Às três, ela desceu para se certificar de que a porta estava trancada — fazia aquilo às vezes, quando não conseguia dormir, quando as coisas não pareciam cem por cento.

O pai tinha enchido a sala de estar de slogans e esboços. Ele andava em volta dos papéis, como se procurasse por algo.

— Cama? — Cath disse apenas.

Ele levou alguns segundos para olhar para ela.

— Cama — respondeu, com um sorriso doce.

Quando Cath desceu outra vez, às cinco, ele estava no quarto. Ela podia ouvi-lo roncando.

O pai já tinha saído quando Cath desceu, mais tarde naquela mesma manhã.

Ela decidiu avaliar os danos. A papelada na sala de estar tinha sido separada em grupos. “Caixas”, como ele chamava. Estavam colados com fita adesiva às paredes e às janelas. Alguns tinha outros papéis colados com fita adesiva neles, em uma explosão de ideias. Cath olhou para tudo aquilo, pegou uma caneta verde e destacou suas favoritas. (Ela usava verde; Wren usava vermelho.)

A visão daquilo tudo — o caos, mas ainda organizado — fez com que ela se sentisse melhor.

Certo nível de mania não era um problema. Certo nível de mania pagava as contas e o fazia acordar todas as manhãs, tornava-o mágico quando era

mais necessário.

— Fui mágico hoje, meninas — o pai costumava dizer depois de uma grande apresentação, e as duas sabiam que aquilo significava que iam sair para jantar, e que cada um comeria uma lagosta acompanhada de molho de manteiga quentinho.

Certo nível de mania era o que fazia a casa deles funcionar. Era o duende transformando palha em ouro no porão.

Cath foi dar uma olhada na cozinha. A geladeira estava vazia. O congelador estava cheio de tortas e refeições saudáveis prontas. Ela pôs copos, colheres e xícaras sujos na lava-louça.

O banheiro estava normal. Cath deu uma olhada no quarto do pai e recolheu mais copos. Havia folhas de papéis soltas por todo o cômodo. Uma pilha de correspondência, a maior parte fechada. Cath se perguntou se ele só tinha levado tudo para o quarto antes que ela chegasse. Não tocou em nada, só na louça.

Então descongelou uma refeição pronta no micro-ondas, comeu sobre a pia e decidiu voltar à cama.

O colchão de casa era muito mais confortável do que ela se lembrava. E os travesseiros tinham um cheiro tão bom. Cath sentia falta de todos os pôsteres de Simon e Baz que elas tinham. Havia uma silhueta de Baz em tamanho real, com um sorriso malicioso que mostrava seus caninos, pendurada no trilho do dossel da cama de Cath. Ela se perguntou se Reagan deixaria que o pendurasse no quarto do alojamento. Talvez coubesse dentro do armário.

Cath e o pai fizeram cada refeição do fim de semana em uma barraquinha diferente de comida mexicana. Cath comeu *carnitas*, *barbacoa, tacos al pastor* e até mesmo *lengua.* Tudo mergulhado em salsa verde.

O pai estava trabalhando, então Cath trabalhou também, postando mais capítulos de *Sempre em frente, Simon* do que escrevera em semanas. À uma da madrugada do domingo, ela ainda estava totalmente desperta, mas fez questão de ir para a cama, para que o pai fosse também.

Então Cath ficou mais uma ou duas horas sem dormir, escrevendo.

Era boa a sensação de escrever em seu próprio quarto, em sua própria cama. De se perder no Mundo dos Magos e continuar perdida. De não ouvir nenhuma voz na sua cabeça além das de Simon e Baz. Nem mesmo a dela. Aquele era o motivo pelo qual Cath escrevia fanfics. Pelas horas em que o mundo *deles* se sobrepunha ao mundo real. Pelos momentos em que ela podia simplesmente surfar nos sentimentos de um pelo outro, como se fossem uma onda, como se descessem por uma colina.

No domingo à noite, a casa inteira estava coberta de papel-manteiga e alumínio das embalagens de burritos. Cath voltou a encher a lava-louça de copos e recolheu todo o lixo cheiroso.

Ela tinha que ir para o oeste de Omaha para pegar a carona de volta. O pai esperava à porta para levá-la, batendo a chave do carro contra a perna.

Cath tentou tirar uma foto mental dele, para tranquilizar a si mesma depois. O pai tinha cabelo castanho-claro, como Cath e Wren. Os fios, grossos e lisos, também pareciam com os delas. Um nariz arredondado, apenas mais largo e maior que o delas. Olhos cor de tudo e nada, iguais aos delas. Era como se houvesse tido as filhas sozinho. Como se os três tivessem o mesmo DNA, que um dia resolveu se dividir.

A foto mental seria muito mais tranquilizadora se ele não parecesse tão triste. Ele batia a chave contra a perna com força demais.

— Estou pronta — ela disse.

— Cath… — Ele disse o nome dela de um jeito que fez seu coração se apertar. — Senta um pouco? Quero te contar uma coisa, rapidinho.

— Por que preciso sentar? Não quero ter que me sentar.

— Só… — Ele fez um gesto em direção à mesa de jantar. — Por favor.

Cath se sentou à mesa, tentando não se apoiar sobre a papelada dele ou fazer tudo voar ao expirar.

— Eu queria ter dito antes…

— Só fala logo — Cath disse. — Você está me deixando nervosa.

Mais que nervosa — era como se seu estômago se contorcesse traqueia acima.

— Venho falando com sua mãe.

— Quê? — Cath teria ficado menos chocada se ele tivesse dito que vinha falando com um fantasma. Ou com o pé-grande. — Por quê? Como assim?

— Não por mim — ele disse depressa, como se soubesse que a perspectiva de reatarem era aterrorizante. — Sobre vocês.

— Eu e ela?

— Você e Wren.

— Então para — ela disse. — Não fala com ela sobre a gente.

— Cath… ela é sua mãe.

— Não tenho nenhuma prova disso.

— Só me escuta, Cath. Você nem sabe o que vou dizer.

Cath estava começando a chorar.

— Não me importo com o que vai dizer.

O pai decidiu continuar falando.

— Ela quer ver vocês. Quer conhecer as duas um pouco melhor.

— *Não.*

— Querida, ela passou por muita coisa.

— Não — Cath repetiu. — Ela não passou por nada. — Era verdade. A mãe de Cath nunca participara de nada. — Por que estamos falando dela?

Cath podia ouvir a batida da chave do carro contra a perna do pai, embaixo da mesa de jantar. Eles precisavam de Wren ali. Ela não ia esboçar reação. Ou chorar. Não ia permitir que o pai continuasse falando daquilo.

— Ela é sua mãe — ele disse. — E acho que você deveria dar uma chance a ela.

— Nós demos. Quando nascemos. Não quero mais falar disso.

Cath se levantou depressa demais, e uma pilha de papéis voou.

— Talvez a gente possa falar mais sobre o assunto no feriado de Ação de Graças — ele insistiu.

— Talvez a gente possa *não* falar sobre o assunto no feriado de Ação de Graças, para não estragar o feriado. Você vai contar pra Wren?

— Já contei. Mandei um e-mail pra ela.

— O que ela disse?

— Quase nada. Que ia pensar a respeito.

— Bom, eu não vou pensar a respeito — Cath disse. — Nem isso eu consigo fazer.

Ela se afastou e começou a pegar suas coisas, porque precisava se segurar a algo. Ele não deveria ter falado sobre aquilo com as filhas separadamente. Não deveria nem ter tocado no assunto.

Ir até o oeste de Omaha no carro com o pai foi uma tortura. E a viagem de volta a Lincoln sem ele foi ainda pior.

Nada estava dando certo.

Eles tinham sido atacados por um fura-pau-de-topete-peçonhento.

Então haviam se escondido numa caverna com aranhas *e o que quer que tivesse mordido o tênis de Simon,* talvez um rato.

Então Baz pegara a mão de Simon. Ou talvez Simon tenha pegado a mão de Baz… O que, de qualquer modo, era absolutamente perdoável, por causa do fura-pau*, das* aranhas *e dos* ratos.

E às vezes você segura a mão de alguém só para confirmar que ainda está vivo, porque o fato de outro ser humano estar ali atesta isso.

Eles tinham caminhado até a fortaleza daquele jeito, de mãos dadas. E não teria havido problema — não teria havido muito problema — *se um deles tivesse soltado a mão do outro.*

Se eles não tivessem permanecido ali, à beira do gramado, segurando essa pequena parte um do outro, muito tempo depois que o perigo já havia passado.

de "A ideia errada", postado em janeiro de 2010 pela
autora do FanFixx.net Magicath

DEZ

A professora Piper ainda não tinha corrigido todos os textos com narrador não confiável (o que deixava Nick rabugento e paranoico), mas queria que todos começassem a escrever o trabalho final, um conto de dez mil palavras.

— Não esperem até a noite anterior — ela dissera, sentada à mesa, balançando as pernas no ar. — Vai ficar óbvio quando eu ler que vocês escreveram na noite anterior. Não estou interessada em fluxo de consciência.

Cath não tinha certeza de como ia dar conta de tudo. O trabalho final, os textos semanais e todas as outras tarefas das outras matérias. Toda a leitura, toda a escrita. Os ensaios, as argumentações, os relatórios. Fora escrever com Nick às terças e às vezes às quintas. Mais o *Sempre em frente.* E os e-mails, bilhetes e comentários…

Cath sentia que nadava em palavras. E às vezes se afogava nelas.

— Você já sentiu que era um buraco negro? — ela perguntou a Nick na terça à noite. — Mas ao contrário?

— Que expele em vez de sugar?

— Que suga pra *fora* — ela tentou explicar. Estava sentada à mesa de sempre, descansando a cabeça na mochila. Podia sentir uma corrente de ar no pescoço. — Um buraco negro inverso de palavras.

— Como se o mundo estivesse te deixando seca em termos de linguagem? — ele perguntou.

— Não estou seca. Ainda não. Mas as palavras me deixam tão rápido que nem sei de onde vêm.

— E talvez você já tenha gastado todo o seu estoque — ele disse, sério — e agora elas são feitas de sangue e ossos.

— Agora elas são feitas de ar — Cath disse.

Nick a encarou com as sobrancelhas unidas em uma linha preta e grossa. Seus olhos eram de uma cor que não se encontrava no arco-íris. Índigo.

— Não — ele disse. — Nunca me sinto assim.

Ela riu e balançou a cabeça.

— As palavras saem de mim como as teias do Homem-Aranha. — Nick esticou as mãos e levou os dedos do meio às palmas. — Fffffsh.

Cath tentou rir, mas em vez disso bocejou.

— Vamos — ele disse. — É meia-noite.

Ela guardou seus livros. Nick sempre ficava com o caderno. Era seu, afinal de contas, e ele trabalhava no texto entre seus encontros na biblioteca. (Ou reuniões, ou o que quer que fossem.)

Quando saíram do prédio, estava muito mais frio do que Cath esperava.

— Te vejo amanhã — Nick disse, já se afastando. — Talvez a Piper já tenha corrigido nossos trabalhos.

Cath assentiu e pegou o celular para ligar para o quarto.

— Oi — alguém disse, baixo.

Ela deu um pulo. Era só Levi, apoiado num poste de luz, como o arquétipo do homem apoiado num poste de luz.

— Você costuma sair à meia-noite. — Ele sorriu. — Então pensei em vir antes. Está frio demais para ficar esperando.

— Obrigada — ela disse, passando por ele a caminho do alojamento.

Levi estava quieto, o que era raro.

— Então esse é o seu colega de estudo? — ele perguntou quando já estavam na metade do caminho para o Pound.

— É — Cath disse para o cachecol. Ela sentiu a expiração úmida e congelante na lã. — Você o conhece?

— Já o vi por aí.

Cath ficou quieta. Estava frio demais para falar, e ela se sentia mais cansada que o normal.

— Ele já se ofereceu pra te levar até seu quarto?

— Nunca pedi — Cath disse depressa. — E nunca pedi pra você.

— É verdade — Levi disse.

Mais silêncio. Mais frio.

O ar arranhou a garganta de Cath quando ela finalmente voltou a falar.

— Então talvez você não devesse fazer isso.

— Não seja ridícula — Levi disse. — Não foi isso que eu quis dizer.

A primeira vez que ela viu Wren aquela semana, no almoço, acompanhada de Courtney, tudo em que Cath conseguia pensar era: *Então é assim que você fica quando está guardando um enorme segredo de mim… igual sempre.*

Cath se perguntou se Wren planejava falar com ela sobre… o assunto que o pai comentara. Ela se perguntou quantas outras coisas importantes Wren não tinha contado. Quando aquilo começara? Quando Wren havia começado a filtrar o que revelava a Cath?

Também posso fazer isso, Cath pensou. *Posso guardar segredos.* Mas ela não tinha nenhum segredo nem queria esconder nada da irmã. Não quando era tão bom, tão fácil, saber que não precisava se preocupar com nenhum filtro quando ela estava com Wren.

Cath ficou esperando por uma oportunidade de falar com Wren sem Courtney por perto, mas Courtney estava sempre por perto. (E falando das coisas mais fúteis possíveis. Como se sua vida fosse um teste para participar de um reality show da MTV.)

Finalmente, depois de alguns dias, Cath decidiu acompanhar Wren até a aula depois do almoço, ainda que acabasse se atrasando para sua própria aula.

— O que foi? — Wren perguntou assim que Courtney seguiu seu caminho alegremente para a aula de economia. Tinha começado a nevar, e os flocos estavam úmidos.

— Bom, eu fui pra casa fim de semana passado… — Cath disse.

— Como o papai está?

— Bem… muito bem, na verdade. Ele está na concorrência do Ravimolho.

— Do Ravimolho? É uma conta enorme.

— Eu sei. E ele pareceu animado. E não tinha nada mais rolando. Quer dizer, o papai me deu a impressão de estar bem.

— Falei que ele não precisava da gente — Wren disse.

Cath desdenhou.

— É claro que ele precisa da gente. Se tivesse um gato, estaria a um passo de virar aquelas mulheres do *Grey Gardens*. Acho que ele faz todas as refeições na loja de conveniência e está dormindo no sofá.

— Mas você acabou de me dizer que ele está bem.

— Bem pros padrões dele. Você devia ir comigo da próxima vez.

— A próxima vez vai ser no feriado de Ação de Graças. Acho que eu vou.

Cath parou. Estavam quase chegando na sala de Wren, e ela nem havia chegado à parte complicada.

— Papai me disse… que te contou…

Wren expirou como se soubesse o que estava por vir.

— É.

— Ele também disse que você estava pensando a respeito.

— E estou.

— Por quê? — Cath se esforçou muito para não chorar.

— Porque sim. — Wren ajeitou a mochila no ombro. — Porque é nossa mãe. E estou pensando a respeito.

— Mas… — Não era que Cath não conseguisse pensar em nenhum argumento; ela conseguia pensar em *muitos*. Eles eram como uma multidão tentando fugir ao mesmo tempo de um prédio em chamas e ficando presa na porta. — Mas ela só vai estragar tudo.

— Ela já estragou tudo — Wren disse. — Não é como se pudesse abandonar a gente de novo.

— É claro que ela pode.

Wren balançou a cabeça.

— Só estou pensando a respeito.

— Você me diz quando se decidir?

Ela franziu a testa.

— Não vou dizer se você vai ficar assim.

— Tenho o direito de ficar inquieta com coisas inquietantes.

— Não gosto disso — Wren disse, desviando o rosto para olhar para a porta. — Vou me atrasar.

Cath também ia.

— Já somos colegas de quarto — Baz argumentou. — Eu não deveria ter que ser a dupla de laboratório dele também. Está pedindo que eu suporte muito mais que minha cota dessas bochechas rosadas.

Todas as garotas no laboratório se sentaram à beira dos banquinhos, prontas para assumir o lugar de Baz.

— Para de implicar com as minhas bochechas — Snow murmurou, corando heroicamente.

— Sinceramente, professor — Baz disse, acenando com a varinha na direção de Snow de um modo que parecia dizer "dá só uma olhada nele". Snow pegou a ponta da varinha e a direcionou para o chão.

O professor Chilblains não se abalou.

— Sente-se*, sr. Pitch. Está desperdiçando um tempo precioso da aula.*

Baz jogou os livros com força contra a bancada em que Snow estava. Snow pôs os óculos de segurança e os ajustou. Aquilo não escureceu em nada o azul de seus olhos, nem reduziu seu brilho.

— Só para deixar claro — Simon resmungou —, também não tenho a menor vontade de passar ainda mais tempo com você.

Garoto idiota… *Baz suspirou, notando os ombros tensos de Snow, seu pescoço vermelho de raiva, a mecha grossa de cabelo cor de bronze presa sob os óculos de segurança…* O que é que você sabe sobre vontade?

de "Cinco vezes que Baz foi à aula de química e uma em que ele não foi", postado em agosto de 2009 pelas autoras

do FanFixx.net Magicath e Wrenegada

ONZE

O corredor estava em perfeito silêncio. Todo mundo que morava no Pound Hall estava em algum outro lugar, se divertindo.

Cath ficou olhando para a tela do computador e ouviu a voz da professora Piper em sua mente de novo. Ela ficava se forçando a recordar toda a conversa, repassando-a várias vezes seguidas, do começo ao fim, como se enfiasse um dedo na garganta da memória.

Mais cedo naquele dia, no começo da aula, a professora Piper devolvera os textos com narrador não confiável. De todos os alunos, menos o de Cath.

— Falamos depois da aula, pode ser? — a professora tinha dito a ela, com aquele seu sorriso gentil e honesto.

Cath achara que ser destacada devia ser um bom sinal — de que a professora havia realmente gostado de sua história. Ela simpatizava com Cath, dava para ver. A aluna recebia mais sorrisos doces que qualquer outra pessoa da turma. Muito mais que Nick.

E aquele texto era o melhor que Cath havia escrito em todo o semestre, ela sabia. Talvez a professora Piper quisesse conversar sobre ele em mais detalhes, ou talvez quisesse falar sobre a possibilidade de Cath ir para a turma avançada dela no semestre seguinte. (Era preciso receber uma permissão especial para se matricular nela.) Ou talvez… fosse alguma outra coisa boa. *Alguma coisa.*

— Cath — a professora Piper dissera quando todo mundo já tinha ido embora e Cath se aproximara de sua mesa. — Senta.

O sorriso da professora parecera mais doce que nunca, só que todo errado. Seus olhos estavam tristes e pesarosos. Quando ela devolvera o trabalho a Cath, havia um pequeno zero em caneta vermelha no canto.

Cath levantara a cabeça na hora.

— Cath — a professora dissera. — Não sei o que pensar disso. Não sei mesmo no que você estava pensando…

— Mas… — Cath dissera. — Estava tão ruim assim?

O texto dela poderia ser tão pior que o de todo mundo?

— Não é uma questão de bom ou ruim. — A professora balançara a cabeça, e seu cabelo comprido e rebelde foi de um lado a outro. — Isso é plágio.

— Não — Cath respondera. — Fui eu quem escrevi.

— Foi você quem escreveu? Você é a autora de *Simon Snow e o herdeiro do Mago*?

— É claro que não.

Por que a professora tinha perguntado aquilo?

— Esses personagens e esse mundo pertencem a outra pessoa.

— Mas a história é minha.

— Os personagens e o mundo *fazem* a história — a mulher dissera, como se implorasse que Cath a compreendesse.

— Não necessariamente…

Cath sentia o rosto vermelho. Sua voz falhava.

— Necessariamente — a professora Piper dissera. — Quando se pede que se escreva algo original, não se pode simplesmente roubar a história de outra pessoa e modificar um pouco os personagens.

— Não se trata de roubar.

— E do que se trata?

— De pegar emprestado — Cath dissera, odiando o fato de estar discutindo com a professora Piper sem conseguir evitar que o rosto da mulher ficasse tão frio e fechado, embora não fosse o que queria. — De reposicionar. Remixar. Samplear.

— *Roubar.*

— Não é ilegal. — Os argumentos lhe ocorriam com facilidade. Justificavam as fanfics em geral. — Não sou proprietária dos personagens, mas não estou ganhando dinheiro com eles.

A professora Piper continuava balançando a cabeça, mais decepcionada do que parecera alguns minutos antes. Ela passara as mãos pela calça jeans. Seus dedos eram curtos, e a professora usava um anel volumoso e estreito que saltava de uma junta.

— Se é legal ou não, não importa. Pedi que *você* escrevesse um texto original, e não tem nada de original aqui.

— Acho que você não está entendendo — Cath começara a dizer, e um soluço escapara junto. Ela olhara para as próprias pernas, envergonhada, e vira o zero vermelho de novo.

— Acho que *você* não está entendendo, Cath — a professora tinha dito, com a voz deliberadamente calma. — E realmente quero que entenda. Você está na faculdade. O que fazemos aqui é real. Permiti que você se matriculasse em um curso de nível mais avançado, e até agora você estava me impressionando. Mas foi imatura e cometeu um erro, e agora a coisa certa a fazer é aprender com ele.

Cath cerrara a mandíbula. Ela ainda queria discutir. Tinha se esforçado naquele texto. A professora Piper sempre dizia para que escrevessem sobre algo que importava a eles, e nada importava mais para ela que Baz e Simon…

No entanto, Cath assentira e se levantara. Até tinha conseguido proferir um agradecimento fraco enquanto saía da sala.

Voltar a pensar a respeito a fazia sentir que toda a pele do rosto estava sendo esfregada até ficar em carne viva. Cath olhou para o desenho a carvão de Baz pendurado atrás do notebook. Ele estava sentado com uma perna sobre um braço de um trono preto entalhado, a cabeça inclinada para a frente em um desafio lânguido. Quem o ilustrara havia escrito ao pé da folha, em uma caligrafia perfeita: "Quem você seria sem mim, Snow? Um garoto virgem de olhos azuis que nunca daria um soco". E mais abaixo: "A inimitável Magicath".

Cath voltou a pegar o celular. Tinha ligado para Wren pelo menos seis vezes desde que saíra da aula. Caía direto na caixa postal. Cath desligava antes de deixar mensagem.

Se ela conseguisse falar com Wren, ia se sentir melhor. A irmã entenderia — provavelmente. Wren havia dito coisas maldosas em relação a Baz e Simon algumas semanas antes. Mas estava bêbada. Se soubesse como Cath estava chateada agora, não agiria como uma babaca. Compreenderia. Puxaria Cath de volta da beira do precipício — ela era muito boa naquilo.

Se Wren estivesse ali… Cath riu, mas saiu como um soluço. (*Que saco*, ela pensou. *Por que tudo está saindo como um soluço?*)

Se Wren estivesse ali, declararia que era hora de uma festa de emergência.

Primeiro, ficaria de pé sobre a cama. Aquele era o protocolo quando ainda moravam em casa. Sempre que as coisas começavam a ficar intensas demais — quando Wren descobrira que Jesse Sandoz a estava traindo, quando Cath fora demitida porque seu chefe na livraria achava que ela não sorria o bastante, quando o pai passava a agir como um zumbi e não melhorava —, uma delas ficava de pé na cama, fingia puxar uma alavanca

imaginária, apertava um interruptor gigante no ar e gritava: “Festa de emergência!”.

Então cabia à outra correr para o computador e botar a playlist do Kanye West para tocar. E as duas pulavam, dançavam e gritavam as letras até se sentirem melhor. Às vezes demorava um pouco…

Posso muito bem declarar uma festa de emergência sozinha, Cath pensou, voltando a rir. (Daquela vez, saiu um pouco mais parecido com uma risada de fato.) *Não é como se eu precisasse de quórum.*

Ela pegou o notebook e abriu a playlist. Sua caixa de som portátil estava em uma gaveta. Cath a pegou e a conectou.

Então colocou o volume no máximo. Era sexta-feira à noite. Não tinha ninguém no prédio — e talvez nem mesmo em todo o campus — para se incomodar.

Festa de emergência. Cath ficou de pé na cama e fez o anúncio, mas se sentou imediatamente depois. Parecia idiota. E patético. (Havia algo mais patético que uma pessoa dançando sozinha?)

Ela ficou na frente do som e fechou os olhos, só balançando e sussurrando a letra, sem dançar de verdade. Depois do primeiro verso, já estava dançando. Kanye sempre conseguia abrir passagem dentro dela. Era o antídoto perfeito para qualquer frustração mais séria. Raivoso o bastante, indignado o bastante, “o mundo nunca vai saber como sou absolutamente incrível” o bastante. Poeta o bastante.

Com os olhos fechados, Cath quase conseguia fingir que Wren estava dançando do outro lado do quarto, segurando a réplica da varinha de Simon Snow como se fosse um microfone.

Depois de algumas músicas, Cath não precisava mais fingir.

Se algum vizinho estivesse por perto, teria ouvido Cath gritando a letra das músicas.

Ela dançou. Cantou rap. E dançou. Até que houve uma batida à porta.

Droga. Vai ver que sobrou alguém no prédio.

Cath abriu a porta sem ver quem era e sem abaixar a música (influenciada por Kanye), mas pronta para pedir desculpas.

Era só Levi.

— Reagan não está! — ela gritou.

Ele disse alguma coisa, mas não alto o suficiente para que ela ouvisse.

— Quê? — Cath gritou.

— Então quem está aqui? — Levi gritou, sorrindo. Levi. Sempre sorrindo. Usando uma camisa de flanela xadrez com os punhos desabotoados. Ele nem sabia se vestir sozinho. — Quem está ouvindo rap?

— Eu — Cath disse. Ela arfava. Tentou não arfar.

Ele se inclinou para mais perto, para não ter que gritar.

— Não acredito que você escuta esse tipo de música, Cather. Sempre imaginei que você fosse do tipo indie triste.

Era uma provocação. E só emergências de verdade podiam interromper uma festa de emergência.

— Vai embora — Cath disse, já fechando a porta.

Levi a impediu com uma mão.

— O que você está fazendo? — ele perguntou, rindo e enfiando a cabeça para dentro do quarto com a última palavra.

Ela balançou a cabeça em negativa, porque não conseguia pensar em uma resposta razoável. E porque não importaria, de qualquer forma: Levi nunca era razoável.

— É uma festa de emergência. Vai embora.

— Ah, *não* — Levi disse, abrindo a porta e entrando. Ele era magro demais. Alto demais.

Cath fechou a porta atrás dele. Não havia protocolo para aquilo. Ela ligaria para Wren para consultá-la se houvesse alguma chance de a irmã a atender.

Levi ficou diante de Cath com uma expressão séria (pela primeira vez) (de verdade, pela primeira vez) e movimentando a cabeça para cima e para baixo.

— Então… — ele disse, alto. — É uma festa de emergência.

Cath assentiu.

E assentiu. E assentiu.

Levi assentiu de volta.

Então Cath começou a rir e revirou os olhos, começando a mover os quadris para um lado e para o outro. Bem pouquinho.

Depois os ombros.

De repente ela estava dançando de novo. Mais tensa que antes, com os joelhos e os cotovelos quase travados, mas dançando.

Quando voltou a olhar para Levi, ele também dançava. Exatamente como Cath teria imaginado que dançaria caso já tivesse pensado a respeito. Com movimentos longos e soltos, passando os dedos pelo cabelo. (*Cara. Todo mundo já sacou. Você adora esse corte de cabelo.*) Os olhos dele brilhavam de alegria. Emitiam luz.

Cath não conseguia parar de rir. Levi a encarou e riu também.

E então ele estava dançando com ela. Não perto nem nada. Não mais perto, pelo menos. Só observando seu rosto e se movendo com ela.

E então ela estava dançando com ele. Melhor que ele, o que era legal. Cath se deu conta de que estava mordendo o lábio, e parou na hora.

Cath começou a cantar. Conhecia aquelas músicas de trás para a frente. Levi arqueou as sobrancelhas e sorriu. Ele sabia o refrão, e cantou com ela.

Os dois continuaram dançando quando a música seguinte começou, e a outra depois daquela. Levi se aproximou mais, talvez sem essa intenção, e Cath foi para cima da cama dela. Ele riu e pulou na cama de Reagan, quase batendo a cabeça no teto.

Continuaram dançando juntos, imitando os movimentos mais bobos um do outro, pulando na beirada das camas… Era quase como dançar com Wren. (Mas não era, claro. Não era mesmo.)

Então a porta abriu de repente.

Cath deu um pulo para trás e caiu com tudo no colchão, quicando e rolando no chão.

Levi riu tanto que teve que se apoiar na parede com ambas as mãos.

Reagan entrou e disse alguma coisa, mas Cath não ouviu. Ela foi até a escrivaninha e fechou o notebook, interrompendo a música. A risada de Levi ecoou no silêncio repentino. Cath estava completamente sem fôlego. Tinha caído de mau jeito, batendo o joelho.

— Que porra é essa? — Reagan disse, mais chocada que irritada, ou pelo menos era o que Cath achava.

— Festa de emergência — Levi disse, pulando para fora da cama e esticando o braço para ajudar Cath. Ela se apoiou na mesa para levantar. — Tudo bem? — ele perguntou.

Ela sorriu e assentiu.

— Você conhece a Cather? — Levi disse a Reagan, com o rosto ainda brilhando de animação. — Ela é da pesada.

— É o fim perfeito para o dia de hoje — Reagan disse, deixando a mochila no chão e tirando os sapatos. — Uma maluquice aparecendo a cada esquina. Vou sair. Você vem?

— Claro. — Levi virou para Cath. — Você vem junto?

Reagan olhou para Cath e franziu a testa. Cath voltou a sentir seu estômago se revirando. Talvez a conversa com a professora estivesse voltando à sua mente. Ou talvez ela não devesse ter dançado com o namorado da colega de quarto.

— Você devia sair com a gente — Reagan disse. Ela parecia sincera.

Cath puxou a bainha da camiseta.

— Não… Já é tarde. Vou escrever um pouco…

Ela deu uma olhada no celular, por hábito. Tinha recebido uma mensagem de texto. De Wren.

no muggsy's. VEM JÁ. SOS.

Cath viu o horário da mensagem — fazia vinte minutos que Wren havia escrito, enquanto ela e Levi dançavam. Ela deixou o celular na escrivaninha e começou a calçar as botas, sem trocar a calça do pijama.

— Tá tudo bem? — Levi perguntou.

— Não sei… — Cath balançava a cabeça. Estava envergonhada. E assustada. Seu estômago parecia muito animado em ter outro motivo pelo qual se revirar. — Onde fica o Muggsy's?

— Perto do campus leste — ele disse.

— Onde fica o campus leste?

Levi contornou Cath e pegou o celular dela, então franziu a testa para a tela.

— Eu te levo. Estou de carro.

— Leva aonde? — Reagan perguntou. Levi jogou o celular de Cath para Reagan e vestiu o casaco. — Deve estar tudo bem — ela disse, olhando para a mensagem. — Ela só deve ter bebido demais. Comportamento típico de calouro.

— Mas preciso ir mesmo assim — Cath disse, pegando o celular de volta.

— Claro — Levi concordou. — SOS é SOS. — Ele olhou para Reagan. — Você vem?

— A menos que precisem de mim, não. A gente ficou de encontrar a Anna e o Matt…

— Encontro vocês depois — ele disse.

Cath já estava de pé à porta.

— Sua irmã está bem, Cath — Reagan disse, de um jeito quase (mas não exatamente) gentil. — Ela só está sendo normal.

Levi tinha uma caminhonete. Bem grande. *Como ele consegue pagar a gasolina?*

Cath não queria ajuda para entrar, mas a caminhonete não tinha aquele apoio de pé para ajudar a dar impulso — era uma caminhonete especialmente vagabunda, ela percebeu agora que estava bem perto —, e teria acabado subindo de quatro se Levi não tivesse pegado seu cotovelo.

O carro cheirava a gasolina e grãos de café. O cinto emperrava, mas ela conseguiu colocar mesmo assim.

Levi subiu no banco do motorista e sorriu para ela. Estava tentando encorajá-la, Cath percebeu.

— O que é o campus leste? — ela perguntou.

— Está falando sério?

— Como poderia não estar falando sério agora?

— É a outra parte do campus — ele disse. — Onde fica a escola de agronomia.

Cath deu de ombros, impaciente, e olhou pela janela. Caía granizo desde a tarde. As luzes pareciam manchas molhadas nas ruas. Felizmente, Levi dirigia devagar.

— E a escola de direito — ele disse. — E tem alojamentos lá, e uma pista de boliche bem razoável. E uma *sorveteria*. É sério que não sabia de nada disso?

Cath deixou a cabeça descansar no vidro. O aquecedor da caminhonete ainda soprava ar frio. Já fazia meia hora que a mensagem fora mandada. Meia hora desde o SOS.

— Fica longe?

— Alguns quilômetros. Dez minutos daqui, talvez um pouco mais por causa do clima. A maior parte das minhas aulas é no campus leste…

Cath se perguntou se Wren estava sozinha. Onde andava Courtney? As duas não deviam estar dando uma de vacas magras juntas?

— Tem um museu de tratores lá — Levi disse. — E um centro internacional de quiltagem. Fora que a comida dos refeitórios é incrível…

Aquilo não estava certo. Ter uma irmã gêmea devia ser como ter um vigia próprio. Um guardião. Uma MELHOR AMIGA EMBUTIDA, como diziam as camisetas que o pai havia comprado no aniversário de treze anos delas. As duas ainda as usavam (mas nunca juntas), só para fazer graça. Ou por ironia.

Qual é o sentido de ter uma irmã gêmea e não deixar que ela tome conta de você? Não deixar que ela fique na retaguarda?

— O campus leste é bem melhor que o campus da cidade, em todos os sentidos. E você nem sabia da existência dele.

O farol à frente ficou vermelho, e Cath sentiu os pneus girarem abaixo deles. Levi mudou de marcha e a caminhonete parou perfeitamente.

Eles tiveram que estacionar um pouco longe do bar. Havia bares pela rua toda, um quarteirão depois do outro.

— Não vão me deixar entrar — Cath disse, querendo que Levi andasse mais rápido. — Sou menor de idade.

— Eles nunca pedem identidade no Muggsy's.

— Nunca nem estive num bar.

Uma dúzia de meninas saiu pela porta à frente deles. Levi pegou a manga de Cath e a tirou do caminho.

— Eu já — ele disse. — Tudo bem.

— Tudo bem nada — Cath disse, mais para si mesma que para Levi. — Se estivesse tudo bem, ela não precisaria de mim.

Levi puxou a manga de Cath de novo e abriu uma porta pesada e preta, sem janela. Ela olhou para o sinal neon acima da cabeça dos dois. Só restavam o UGGSY e um trevo de quatro folhas. Tinha um grandalhão sentado em uma banqueta do lado de dentro, lendo o *Daily Nebraskan* com uma lanterna. Ele apontou a luz para Levi e sorriu.

— E aí, Levi?

O garoto retribuiu o sorriso.

— E aí, Yackle?

O segurança abriu uma segunda porta com uma única mão, sem nem olhar para Cath. Levi deu alguns tapinhas no braço dele ao passar.

Estava escuro e lotado lá dentro. As pessoas tinham que ficar bem próximas umas das outras. Havia uma banda tocando em um palco do tamanho de um sofá, perto da porta. Cath observou ao redor, mas não conseguiu enxergar além da barreira de corpos.

Ela se perguntou onde Wren estaria.

Onde sua irmã tinha estado quarenta e cinco minutos antes.

Escondida no banheiro? Agachada em algum canto?

Teria passado mal, desmaiado? Às vezes aquilo acontecia. Quem estaria com ela para ajudá-la? Quem estaria com ela para machucá-la?

Cath sentiu a mão de Levi em seu cotovelo.

— Vem — ele disse.

Eles se espremeram para passar por uma mesa alta cheia de gente virando doses. Um dos caras caiu em cima de Cath, mas Levi o botou de pé com um sorriso.

— Você costuma vir aqui? — Cath perguntou depois que tinha passado da mesa.

— Só é ruim assim quando tem banda.

Os dois se afastaram do palco e se aproximaram do bar. Um movimento próximo à parede chamou a atenção de Cath — o modo como alguém jogava o cabelo para trás.

— Wren — Cath disse, avançando.

Levi segurou seu braço e se pôs à frente dela, tentando abrir caminho.

— Wren! — Cath gritou em meio à multidão, quando ainda não estava perto o bastante para que a irmã a ouvisse.

Seu coração estava disparado. Ela tentava entender o que se passava ali: tinha um cara grande à frente de Wren, prendendo-a contra o painel da parede.

— *Wren!* — Cath tirou um braço do cara da frente e ele se afastou, surpreso. — Você está bem?

— Cath? — Wren segurava uma garrafa de cerveja escura em direção à boca, como se seu braço estivesse congelado. — O que está fazendo aqui?

— Você me pediu pra vir.

Wren bufou. Seu rosto estava vermelho e suas pálpebras estavam caídas, como se tivesse bebido além da conta.

— Não pedi nada.

— Você me mandou uma mensagem — Cath disse, olhando furiosa para o grandalhão até que ele recuasse mais um passo. — "No Muggsy's. VEM

JÁ. SOS.”

— Merda. — Wren puxou o celular do bolso do jeans e olhou para a tela. Teve que manter o olhar por um segundo para que a imagem focasse. — Era pra Courtney. C errado.

— C errado? — Cath congelou, então jogou as mãos para o alto. — Está brincando comigo?

— Ei — alguém disse.

As duas viraram. Um cara que devia pertencer a uma fraternidade estava a um passo de distância, assentindo para as duas. Ele retorceu os lábios ao sorrir.

— Gêmeas.

— Vai se foder — Wren disse, virando para a irmã. — Olha, sinto muito…

— Você precisa de ajuda? — Cath perguntou.

— *Não* — Wren disse. — Não, não, não…

— Que delícia — o cara continuou falando.

— Então por que o SOS? — Cath perguntou.

— Pra Courtney vir logo. — Wren indicou o palco com a garrafa de cerveja. — O cara de quem ela gosta está aqui.

— Cara, saca só. Gêmeas gostosas.

— SOS é pra emergências! — Cath gritou. Fazia tanto barulho lá dentro que ela *tinha* que gritar. De modo que ficava fácil demais perder o controle.

— Acha mesmo que isso é apropriado? — Cath ouviu Levi dizer para o desconhecido, com aquela voz de quem sorria.

— São gêmeas, porra. É a fantasia, cara…

— Relaxa, Cath — Wren disse, esfregando os olhos. — Se fosse uma emergência eu teria *ligado* para a emergência.

— Você entende que elas são irmãs, né? — Levi disse, com a voz um pouco mais tensa. — O que você está sugerindo é incesto.

O cara riu.

— Não, só estou falando de pagar bebidas pras duas até elas começarem a se pegar.

— É isso que você faz com a sua irmã? — Levi deu um passo para longe de Cath, na direção do cara e do amigo dele. — Quem foi que te educou, porra?

— Levi, esquece. — Cath puxou a jaqueta dele. — Isso acontece o tempo todo.

— O tempo todo? — Ele arqueou as sobrancelhas subitamente e virou para o cara. — As duas têm *família.* Têm *pai.* E ele não deveria precisar se preocupar que as duas possam acabar em um bar sendo humilhadas por um tarado que ainda bate uma assistindo a pornô de má qualidade. Um pai nunca deveria precisar nem *pensar* nisso.

O tarado nem prestou atenção. Ficou secando as duas por cima do ombro de Levi. Wren mostrou o dedo do meio para o bêbado e os lábios dele voltaram a se retorcer.

Levi deu um passo na direção da mesa do cara.

— Você não pode ficar olhando pra elas assim só porque são parecidas. Seu tarado de merda.

Outro cara parecendo um membro de fraternidade chegou, carregando três cervejas. Ele sorriu quando viu Cath e Wren.

— *Gêmeas.*

— A porra da fantasia — o primeiro cara disse.

Então, sem que alguém tivesse antecipado, o cara ao lado de Wren — o grandalhão que a prensara contra a parede — passou por Levi e deu um soco no queixo do tarado.

Levi olhou para o grandalhão e sorriu, dando alguns tapinhas no ombro dele.

Wren agarrou o braço do cara.

— Jandro!

Os amigos do tarado já o ajudavam a levantar.

Levi puxou Cath pela manga e começou a empurrar Jandro na direção da multidão. O grandalhão arrastou Wren junto.

— Anda — Levi disse. — Pra fora, pra fora.

Cath ouviu o tarado xingando atrás deles.

— Ah, vai se foder, seu pervertido! — Levi gritou de volta.

Eles abriram a porta da saída com tudo. O segurança se levantou.

— Tudo bem aí, Levi?

— Bêbados — Levi disse, balançando a cabeça. Yackle entrou no bar.

Wren já estava na calçada, gritando com o grandalhão. Com Jandro. Cath se perguntou se ela estava com ele ou se era só um cara que havia dado um soco em sua defesa?

— Não acredito que você fez isso — Wren disse. — Poderia ser preso.

Ela bateu no braço dele e Jandro deixou.

Levi bateu no outro braço de Jandro, em uma espécie de cumprimento. Eles tinham mais ou menos a mesma altura, mas Jandro era mais largo. Tinha cabelo escuro — Cath achou que devia ser mexicano — e usava uma camisa vermelha de cowboy.

— Quem vai ser preso? — alguém perguntou. Cath virou na hora. *Courtney.* Se aproximando deles em seus sapatos cor-de-rosa salto doze. — Por que estão aqui fora?

— Estamos indo embora — Cath disse.

— Mas eu acabei de chegar — Courtney choramingou. Ela olhou para Wren. — Noah está lá dentro?

— Estamos indo embora — Cath insistiu com Wren. — Você está bêbada.

— É… — Wren ergueu sua garrafa. — Finalmente.

— Opa, cuidado aí — Levi disse, pegando a garrafa e jogando numa lata de lixo atrás dela. — É proibido beber na rua.

— Essa cerveja era minha — Wren protestou.

— Um pouco mais alto, mocinha. Acho que nem todos os guardas na rua te ouviram — ele disse, sorrindo.

Cath não sorria.

— Você está bêbada — ela disse. — Vamos pra casa.

— Não, Cath. Eu não vou. Estou bêbada e vou curtir. Essa é a merda da vantagem de sair de casa.

Wren cambaleou um pouco. Courtney deu uma risadinha e a segurou. Wren olhou para a colega de quarto e começou a rir também.

— Você só fala da "merda da vantagem" das coisas — Cath disse, baixo. O granizo parecia cascalho ao atingir o rosto deles. Wren tinha lascas de gelo no cabelo. — Não vou te deixar sozinha desse jeito.

— Não estou sozinha — Wren respondeu.

— Tudo bem, Cath. — O sorriso de Courtney não poderia ser mais condescendente. Ou estar mais coberto de batom cor-de-rosa. — Estou aqui, Han Solo está aqui… — Ela sorriu para Jandro, sedutora. — A noite é uma criança.

— A noite é uma criança! — Wren repetiu, deitando a cabeça no braço de Courtney.

— Não posso simplesmente… — Cath balançou a cabeça.

— Está frio pra caralho aqui fora. — Courtney voltou a abraçar Wren. — Vamos.

— Nada de Muggsy's — Jandro disse, começando a se afastar. O grandalhão olhou para trás, para Cath, e por um segundo ela achou que ele fosse dizer alguma coisa, mas só continuou andando. Wren e Courtney o seguiram. Courtney a passos pesados. Wren sem olhar para trás.

Cath ficou observando os três subirem o quarteirão e desaparecerem sob outro sinal de neon. Ela limpou o gelo das bochechas.

— Ei — Cath ouviu alguém dizer depois de um minuto frio e úmido. Levi. Ainda atrás dela.

— Vamos embora — Cath disse, olhando para a calçada. Além de tudo o que tinha dado errado, Levi ainda devia estar achando que ela era uma idiota. A calça do pijama estava ensopada, e o vento a atravessava direto. Cath tremia.

Levi puxou o capuz dela para a cabeça ao passar por ela. Cath o seguiu até a caminhonete. Agora que percebera que congelava, seus dentes começaram a bater.

— Pode deixar — Cath disse quando Levi tentou ajudá-la a subir no carro. Ela esperou que ele se afastasse antes de se içar na direção do banco. Levi entrou atrás do volante e deu a partida, ligando o aquecedor e o limpador de para-brisa, então levando às mãos à saída de ar.

— Cinto — ele disse, depois de um minuto.

— Ah, desculpa…

Cath o puxou e afivelou. A caminhonete não se moveu.

— Você fez a coisa certa, você sabe disso.

Levi.

— Não sei, não — Cath disse.

— Você tinha que vir ver como ela estava. SOS é SOS.

— Então fui embora e deixei minha irmã completamente bêbada com um desconhecido e uma idiota.

— Aquele cara não parecia um desconhecido — Levi disse.

Cath quase riu. Porque ele não comentara a parte da idiota.

— É minha irmã. Eu deveria cuidar dela.

— Não contra a vontade dela.

— E se Wren desmaiar?

— Isso acontece muito?

Cath olhou para Levi. Seu cabelo estava molhado, e dava para ver o caminho que seus dedos tinham feito quando ele os passara por ali.

— Não quero mais falar sobre isso — ela disse.

— Tá bom… Está com fome?

— Não.

Ela baixou os olhos para as pernas.

A caminhonete continuou ali.

— Porque eu estou — Levi disse.

— Você não tem que encontrar a Reagan?

— Tenho. Mais tarde.

Cath esfregou o rosto. O gelo em seu cabelo derretia e escorria para os olhos.

— Estou de pijama

Levi engatou a ré.

— Conheço o lugar perfeito.

A calça de pijama não foi um problema.

Levi a levou a uma parada de estrada vinte e quatro horas, perto dos limites da cidade. (Nada em Lincoln ficava muito longe dos limites da cidade.) Parecia que o lugar nunca havia sido reformado; era como se tivesse sido construído sessenta anos antes com materiais usados que se

desfaziam. A garçonete serviu café para eles sem nem perguntar se queriam.

— Perfeito — Levi disse, sorrindo para a garçonete enquanto tirava o casaco. Ela deixou o leite na mesa e passou uma mão carinhosa em seu ombro.

— Você vem bastante aqui? — Cath perguntou quando a mulher saiu.

— Mais do que vou a outros lugares, acho. Depois de comer o mexido de carne, dá pra passar dias sem comer mais nada… Quer leite?

Cath não costumava tomar café, mas assentiu, e Levi encheu sua xícara. Ela puxou o pires de volta em sua direção e ficou olhando para a xícara. Então ouviu Levi soltando o ar.

— Sei como está se sentindo — ele disse. — Tenho duas irmãs mais novas.

— Você não tem como saber. — Cath despejou três envelopinhos de açúcar no café. — Ela não é só minha irmã.

— É verdade mesmo que fazem isso com vocês o tempo todo?

— Isso o quê?

Cath olhou para Levi, mas ele desviou o rosto.

— O lance das gêmeas.

— Ah. Isso. — Ela mexeu o café, batendo a colher com força demais contra a xícara. — Não o tempo todo. Só quando tem um bêbado por perto, ou, tipo, quando andamos na rua…

Ele fez uma careta.

— As pessoas são nojentas.

A garçonete voltou e Levi se animou. Como sempre. Pediu o mexido de carne. Cath ficou só no café.

— Ela vai parar com isso — ele disse quando a garçonete se afastou. — Reagan está certa. É um lance de calouro.

— Eu estou no primeiro ano e não fico me embebedando por aí.

Levi riu.

— Claro. Porque você está ocupada demais dançando. Qual era a emergência, aliás?

Ao ver que ele ria, Cath sentiu a fossa escura e pegajosa se abrir em seu estômago. *A professora Piper. Simon. Baz. Um nítido e vermelho zero.*

— Você estava antecipando uma emergência? — Levi perguntou, ainda sorrindo. — Ou talvez invocando uma? Era tipo uma dança da chuva?

— Você não precisa fazer isso — Cath disse.

— Isso o quê?

— Tentar fazer com que eu me sinta melhor. — Ela sentiu as lágrimas vindo, e sua voz falhou. — Não sou uma das suas irmãs mais novas.

O sorriso dele se desfez por completo.

— Desculpa — ele disse, sem nenhum traço de brincadeira. — Eu… achei que talvez você fosse querer falar a respeito.

Cath voltou a olhar para o café. Ela balançou a cabeça algumas vezes, tanto para dizer que não quanto para reprimir a ardência em seus olhos.

O mexido de carne chegou. Uma porção enorme. Ele apoiou a xícara de Cath direto na mesa e colocou um pouco de comida no pires dela.

Cath comeu — era mais fácil que discutir. Tinha discutido o dia todo, e até então ninguém a ouvira. Além do mais, o mexido era muito bom, não parecia ser de carne enlatada, e vinha com dois ovos fritos por cima.

Levi colocou um pouco mais no pires dela.

— Aconteceu um negócio na aula — Cath disse. Não olhou para ele. Talvez um irmão mais velho pudesse ser útil, agora que não podia contar com a irmã gêmea. Era melhor do que nada…

— Que aula?

— De escrita de ficção.

— Você faz escrita de ficção? É uma aula de verdade?

— É uma pergunta de verdade?

— Tem alguma coisa a ver com o seu lance com Simon Snow?

Cath levantou o rosto, já vermelho.

— Quem te contou sobre o meu lance com Simon Snow?

— Ninguém precisou me contar. Você tem coisas do Simon Snow por toda parte. É pior que minha prima de dez anos. — Levi sorriu. Parecia aliviado de poder sorrir de novo. — Reagan me falou que você escreve histórias sobre ele.

— Então *Reagan* contou.

— É nisso que você está sempre trabalhando, né? Em histórias sobre o Simon Snow?

Cath não sabia o que responder. Parecia absolutamente ridículo quando Levi dizia aquilo.

— Não são só histórias… — ela disse.

Levi enfiou na boca uma garfada enorme do mexido. Seu cabelo continuava molhado e caindo (úmido e loiro) sobre os olhos. Ele o tirou da frente.

— Não são?

Cath balançou a cabeça. *Eram* só histórias, mas histórias não eram *só* alguma coisa. Simon não era *só*.

— O que você sabe sobre Simon Snow? — ela perguntou.

Levi deu de ombros.

— Todo mundo conhece Simon Snow.

— Você leu os livros?

— Eu vi os filmes.

Cath revirou tanto os olhos que até doeu. (De verdade.) (Talvez porque ainda estivesse à beira das lágrimas. No limite.)

— Então você não leu.

— Não sou muito de ler.

— Talvez tenha sido a coisa mais idiota que você já me disse.

— Não muda de assunto — Levi disse, sorrindo de novo. — *Você escreve histórias sobre o Simon Snow…*

— Você acha isso engraçado.

— Acho — Levi disse. — E meio legal. Me conta mais.

Cath pressionou as pontas do garfo contra o jogo americano.

— É mais, tipo… eu pego os personagens e coloco em situações diferentes.

— São tipo cenas deletadas?

— Às vezes. É mais uma coisa de conjecturar. Tipo, e se Baz não fosse do mal? E se Simon nunca encontrasse as cinco lâminas? E se quem as encontrasse fosse Agatha? E se Agatha fosse do mal?

— Agatha não poderia ser do mal — Levi argumentou, se inclinando para a frente e apontando com o garfo para Cath. — Ela tem "um coração puro, é uma leoa do alvorecer".

Cath semicerrou os olhos.

— Como você sabe disso?

— Já falei que vi os filmes.

— Bom, no meu mundo, se eu quiser fazer Agatha ser do mal, ela vai ser. Ou então posso fazer dela uma vampira. Ou uma leoa de verdade.

— Simon não ia gostar disso.

— Simon não se importa. Ele está apaixonado por Baz.

Levi irrompeu em risos. (*Você não tem muitas oportunidades de usar essa expressão na vida real*, Cath pensou, *mas é o caso agora*.)

— Simon não é gay — ele disse.

— No meu mundo é.

— Mas o Baz é o arqui-inimigo dele.

— Não preciso seguir regras. Os livros originais já existem. Meu trabalho não é de reescrita.

— Seu trabalho é fazer Simon virar gay?

— Você está focando demais na coisa gay — Cath disse. Ela também se inclinava para a frente.

— Não tem como… — Levi deu uma risadinha. (Caras também davam "risadinhas"? Cath não achava outro termo que se aplicasse ali.)

— A ideia de uma fanfic é se arriscar no universo que outra pessoa criou. Reescrever as regras. Ou infringir. A história não precisa terminar quando Gemma Leslie se cansa dela. Dá para continuar nesse mundo, nesse mundo que você ama, por quanto tempo quiser: é só continuar criando histórias…

— Fanfic — Levi disse.

— *Isso*.

Cath se sentia um pouco constrangida com sua própria sinceridade, com a animação que demonstrava sempre que falava sobre o assunto. Ela estava acostumada a guardar segredo, a supor que as pessoas pensariam que era esquisita, nerd, pervertida…

Talvez Levi pensasse todas aquelas coisas. Talvez ele só achasse que esquisitões pervertidos eram divertidos.

— E a festa de emergência? — ele perguntou.

— Ah, é. — Cath voltou a se recostar no banco. — A professora pediu pra gente escrever um texto com um narrador não confiável, e eu escrevi sobre Simon e Baz… mas ela não entendeu. Achou que era plágio.

Cath se forçou a usar aquela palavra, e sentiu o piche no estômago despertar e se retorcer.

— Mas a história era *sua* — Levi disse.

— Sim!

— Isso não é plágio exatamente… — Ele sorriu para ela. Cath precisava de mais palavras para seus sorrisos; havia muitas versões deles. Aquele em especial fazia uma pergunta. — As palavras eram suas, certo?

— Certo.

— Quer dizer, consigo entender por que a professora não ia querer que você escrevesse sobre Simon Snow, porque não é uma aula de escrita de *fanfic*, mas não se trata de plágio. Não é ilegal, é?

— Se você não tentar vender, não. Gemma diz que adora as fanfics. Quer dizer, adora a ideia por trás. Ela não lê os textos de fato.

— A professora vai passar isso adiante?

— Como assim?

— Ela vai informar o conselho da faculdade?

— Ela não disse nada.

— Bom, ela teria avisado se fosse fazer isso — ele disse. — Então… tudo bem. — Ele movimentou o garfo em uma linha reta entre os dois, segurando-o como se fosse um lápis. — Não tem importância. É só não entregar mais fanfics.

Ainda parecia ter muita importância. O estômago de Cath ainda doía.

— É só que… ela fez com que eu me sentisse tão idiota e… *depravada.*

Levi voltou a rir.

— Você achava mesmo que uma professora de letras velhinha ia curtir uma fanfic gay do Simon Snow?

— Ela nem mencionou o lance gay — Cath disse.

— Depravada. — Ele arqueou uma sobrancelha. As duas eram muito mais escuras que seu cabelo. Escuras demais. E arqueadas. Como se Levi as tivesse desenhado.

Cath sentiu que sorria, ainda que estivesse tentando manter os lábios e o rosto imóveis. Ela balançou a cabeça, então olhou para a comida e deu uma

bela garfada.

Levi serviu mais ovo e mexido em seu pires.

Se esgueirando pelo castelo, passando a noite toda acordado, voltando para casa pela manhã, com folhas no cabelo…

Baz estava envolvido em alguma coisa — Simon tinha certeza. Mas precisava de provas. Penelope e Agatha não levavam suas suspeitas a sério.

— Ele está tramando *alguma coisa — Simon dizia.*

— Ele está sempre tramando alguma coisa — Penelope respondia.

— Ele está assomando *— Simon dizia.*

— Ele está sempre assomando — Agatha respondia. — Já viu como é alto?

— Não mais do que eu.

— Hum… um pouco mais.

Não era só o fato de tramar e assomar. Baz estava mesmo envolvido em algo. Não era só sua canalhice crônica. Seus olhos cinzentos perolados andavam injetados e opacos, seu cabelo preto tinha perdido o brilho. Baz costumava ser frio e intimidante, mas andava parecendo assustadiço e encurralado.

Por três horas, Simon o seguira pelas catacumbas na noite anterior, mas continuava sem ter a menor ideia do que se passava.

do capítulo 3 de *Simon Snow e as cinco lâminas*,

copyright © 2008 by Gemma T. Leslie

DOZE

Estava frio demais para esperar do lado de fora antes da aula de escrita de ficção, então Cath encontrou um banco dentro do Andrews Hall e se sentou sobre uma perna, reclinada contra a parede cor de creme.

Ela pegou o celular e abriu uma fanfic que estava lendo. (Estava nervosa demais para estudar.) Cath não lia outras histórias Simon/ Baz, porque não queria imitar ninguém inconscientemente ou roubar ideias de outros autores. Então, quando lia fanfic, era sempre sobre Penelope. Às vezes, Penelope/ Agatha. Às vezes, Penelope/ Micah (o estudante de intercâmbio americano que só aparecia no terceiro livro). Às vezes, as histórias eram apenas sobre Penelope, sozinha, vivendo aventuras.

Parecia um ato de rebeldia declarada ler uma fanfic dentro do prédio da letras, esperando a professora Piper pela primeira vez desde que conversaram. Cath tinha chegado a pensar em faltar à aula, mas concluiu que aquilo só tornaria ainda mais doloroso encarar a professora Piper depois. Não era como se ela pudesse sumir até o fim do semestre. Era melhor superar logo aquela situação.

Cath já tinha encontrado Wren, e não tinha sido nem de perto tão ruim quanto esperara. Elas haviam almoçado juntas duas vezes naquela semana, sem tocar no assunto da confusão no Muggsy's. Talvez Wren estivera bêbada demais para se lembrar de detalhes depois.

Courtney não parecia entender que as duas estavam evitando o assunto. (Ela não era nem um pouco sutil.)

— Ei, Cath — Courtney dissera no almoço —, quem era aquele loiro fofo que estava com você na sexta à noite? Seu bibliotecário bonitão?

— Não — Cath respondera. — Era só o Levi.

— O namorado da colega de quarto dela — Wren dissera, mexendo a sopa de legumes. Ela parecia cansada. Não estava usando rímel, e seus cílios estavam pálidos e curtos.

— Ah. — Courtney fizera um beicinho. — Que pena. Ele era muito fofo. Estilo garoto do interior.

— Como você sabe que ele é do interior? — Cath perguntara.

— Carhartt — as duas responderam ao mesmo tempo.

— Oi?

— O casaco dele — Wren explicara. — Todos os meninos do interior usam essa marca.

— Pode confiar na sua irmã. — Courtney soltara uma risadinha. — Ela conhece *todos* os meninos do interior.

— Bom, ele não é meu bibliotecário bonitão — Cath repetira.

Ninguém é meu bibliotecário bonitão, ela pensava agora, perdendo o parágrafo da fanfic que estava lendo. *Não tenho nenhum bonitão.*

Além do mais, Cath nem sabia se Nick era bonitão de verdade ou se apenas projetava boniteza. Na direção dela, especificamente.

Alguém se sentou ao seu lado no banco, e Cath ergueu os olhos da tela do celular. Nick ergueu o queixo em cumprimento.

— É só pensar no diabo… — ela disse, e imediatamente se arrependeu.

— Estava pensando em mim?

— Eu estava pensando… no diabo — Cath disse, como uma boba.

— Mente vazia — Nick disse, sorrindo. Ele usava uma malha grossa azul-marinho de gola alta, que o fazia parecer que trabalhava em um navio

de guerra soviético. Mais do que parecia normalmente. — Então, o que a Piper queria falar com você na semana passada?

— Nada de mais.

O estômago de Cath estava em tamanha confusão naquele dia que ela mal o sentiu se retorcer.

Nick pegou um chiclete e colocou na língua.

— Ela te convidou pra turma avançada?

— Não.

— Você tem que marcar um horário pra falar com ela a respeito — ele disse, mascando. — É tipo uma entrevista. Vou falar com ela na semana que vem. Espero que consiga uma monitoria.

— Ah, é? — Cath se endireitou no banco. — Seria ótimo. Você ia se sair muito bem.

Nick abriu um sorriso tímido para ela.

— Bom… Queria ter falado com ela antes da última tarefa. Foi minha pior nota do semestre.

— Sério? — Era difícil fazer contato visual com Nick. Os olhos dele ficavam quase enterrados sob suas sobrancelhas. Era preciso abrir passagem por seu rosto. — A minha também.

— Ela disse que meu texto era “pretensioso demais” e “impenetrável”.

Ele suspirou.

— Ela disse coisas piores sobre o meu.

— Acho que me acostumei a escrever acompanhado — Nick disse, ainda sorrindo para ela. Ainda tímido.

— É um vício — Cath disse.

Nick estourou uma bola de chiclete.

— Vamos escrever hoje à noite?

Cath assentiu e baixou os olhos para o celular.

— Reagan não está — Cath disse, já fechando a porta.

Levi a impediu de fechar com o ombro.

— Acho que já passamos dessa fase — ele disse, entrando no quarto. Cath deu de ombros e voltou para a escrivaninha.

Levi se jogou na cama dela. Estava todo vestido de preto — devia ter vindo do trabalho. Cath franziu a testa para ele.

— Ainda não consigo acreditar que você trabalha na Starbucks — ela disse.

— Qual é o problema da Starbucks?

— É uma corporação gigantesca sem rosto.

Ele arqueou uma sobrancelha, brincalhão.

— Até agora me deixaram manter meu rosto.

Cath retornou ao notebook.

— Gosto do meu trabalho — Levi disse. — Vejo as mesmas pessoas todos os dias. Lembro o que elas bebem, elas gostam disso, ficam felizes por minha causa e vão embora. É como trabalhar num bar, mas sem ter que lidar com bêbados. Falando *nisso*… e a sua irmã?

Cath parou de digitar e olhou para ele.

— Bem. Ela está… bem. De volta ao normal, acho. Obrigada por… Você sabe, me levar lá. E tudo o mais.

Cath já havia agradecido na sexta à noite, mas sentia que devia agradecer um pouco mais.

— Imagina. Vocês conversaram a respeito?

— A gente nunca conversa — ela disse, levando dois dedos à têmpora. — Somos gêmeas. Nos comunicamos por telepatia.

Levi sorriu.

— Sério?

Cath riu.

— Claro que não.

— Nem um pouquinho?

— Não.

Ela voltou a digitar.

— No que está trabalhando?

— Um trabalho de biologia.

— Não é sua fanfic secreta e safada?

Cath parou de novo.

— Minha fanfic não é secreta, obviamente, nem safada.

Levi passou os dedos pelo cabelo, fazendo-o espetar no meio, como se fossem plumas cor de areia. Sem nenhuma vergonha.

— O que você passa no cabelo pra ele ficar espetado assim? — ela perguntou.

Ele riu e fez aquilo de novo.

— Nada.

— Nada? Não é possível…

— Acho que é porque eu não uso xampu…

Ela fez uma careta.

— Nunca?

— Uma vez por mês, talvez.

Cath franziu o nariz e balançou a cabeça.

— Que nojo.

— Que nada. Eu passo água.

— Ainda assim é nojento.

— Meu cabelo é superlimpo. — Ele se inclinou na direção dela e seu cabelo tocou o braço de Cath. O quarto era pequeno demais. — Cheira.

Ela se afastou.

— Não vou cheirar seu cabelo.

— Bom, então eu cheiro. — Ele esticou uma mecha sobre a testa até chegar à ponte do nariz. — Cheira a trevo recém-colhido.

— Não acho que se colha trevo.

— Consegue imaginar o cheiro delicioso caso se colhesse? — Levi endireitou o corpo, o que foi um alívio para Cath. Até que ele pegou o travesseiro dela e começou a esfregar a cabeça nele.

— Ah, meu Deus — ela disse. — Isso é muito invasivo.

Levi riu e Cath tentou pegar o travesseiro. Ele o segurou contra o peito, com ambas as mãos.

— *Cather*…

— Não me chama assim.

— Lê um trecho da sua fanfic secreta e safada.

— Não é *safada*!

— Lê mesmo assim.

Ela soltou o travesseiro; ele provavelmente já o tinha maculado de maneira irrecuperável.

— Por quê?

— Porque estou curioso — Levi disse. — E gosto de histórias.

— Você vai rir de mim.

— Não vou — ele disse. — Eu prometo.

— É o que você e Reagan fazem quando não estou aqui, não é? Riem de mim. Brincam com meus bustos comemorativos. Vocês têm um apelido idiota pra mim?

Os olhos dele se iluminaram.

— Cather.

— Eu não existo só pra divertir vocês, sabia?

— Em primeiro lugar: tem certeza? Porque eu acho que sim. Em segundo lugar: a gente não ri de você. Não muito. Não mais. Em terceiro lugar…

Ele contava aquilo nos dedos, fazendo caretas, de modo que Cath não podia evitar sorrir.

— Em terceiro lugar — Levi continuou —, de agora em diante não vou rir de você na frente de qualquer outra pessoa, se me ler um trecho da sua fanfic, só uma vez, agora mesmo.

Cath o observou, séria. Mais ou menos séria. Ainda ria um pouco. E piscava bastante. E de vez em quando revirava os olhos.

— Você está mesmo curioso — ela disse.

Ele assentiu.

Ela voltou a revirar os olhos e se virou para o notebook. Por que não? Não tinha nada a perder. *Tudo bem, mas essa não é a questão*, parte dela argumentou. *O que você tem a ganhar?*

Não era como se Levi fosse ficar impressionado com sua fanfic. O texto talvez o distraísse, mas ele não ficaria impressionado. Já achava que Cath era esquisita, e aquilo só reforçaria essa opinião sobre ela. A mulher barbada ficava animada quando caras gatos iam assistir a suas apresentações?

Cath não deveria querer aquele tipo de atenção. E Levi nem era tão gato assim. A testa dele tinha rugas mesmo quando ele não a franzia. Excesso de sol, provavelmente.

— Tá — ela disse.

Levi sorriu e fez menção de dizer alguma coisa.

— Quieto. — Ela ergueu a mão esquerda. — Não me faça mudar de ideia. Só… me deixa encontrar alguma coisa…

Ela abriu a pasta *Simon/Baz* no desktop e foi passando pelos arquivos, à procura de algo adequado. Nada romântico demais. Ou safado.

Talvez… isso. Esta vai servir.

— Tá bom — ela disse. — Bom, você deve saber que no sexto livro…

— Qual é esse?

— *Simon Snow e as seis lebres brancas*.

— Tá, eu vi o filme.

— Bom, Simon fica na escola durante as férias de Natal porque está tentando encontrar a quinta lebre.

— E porque o pai dele foi raptado por monstros usando fantasias bizarras. Então nada de ceia feliz na casa dos Snow.

— Eles são chamados de ogros da rainha — Cath disse. — E Simon ainda não sabe que o Mago é pai dele.

— Como ele pode *não* saber? — Levi perguntou. Cath se sentiu encorajada pela indignação em sua voz. — É tão óbvio. Por que o Mago apareceria toda vez que algo importante acontece, todo choroso, falando sobre como conheceu uma mulher que tinha os olhos do Simon?

— Eu sei — Cath disse —, é péssimo, mas acho que Simon é tão obcecado com a ideia de que o Mago pode ser seu pai que não se permite aceitar as evidências óbvias. Se estivesse enganado, isso acabaria com ele.

— Basil sabe — Levi diz.

— Ah, certeza que ele sabe. E acho que Penelope também sabe.

— *Penelope Bunce.* — Levi sorriu. — Se eu fosse Simon, só ia querer saber dela, o tempo todo.

— Credo. Penelope é como uma irmã pra ele.

— Ela não é como nenhuma das minhas irmãs.

— *Bom* — Cath disse. — Minha história acontece durante essas férias de Natal.

— Tá. Entendi. — Levi fechou os olhos e se recostou na parede, segurando o travesseiro de Cath. — Certo. Estou pronto.

Cath virou para o notebook e pigarreou. (Então se sentiu meio boba por ter pigarreado.) Ela olhou para Levi uma última vez. Não conseguia

acreditar que ia fazer aquilo…

Ia mesmo fazer aquilo?

— Se você continuar andando de um lado para o outro — Baz disse —, vou prender seus pés ao piso de madeira com um feitiço.

Simon o ignorou. Estava pensando nas pistas que havia achado até então, tentando encontrar um padrão: a pedra em forma de coelho na torre ritual, a lebre no vitral da catedral, o símbolo na ponte levadiça…

— Snow! — Baz gritou. Um livro de feitiços errou por pouco o nariz de Simon.

— O que você está fazendo? — Simon perguntou, genuinamente surpreso. Livros voadores e maldições eram uma coisa nos corredores, salas de aula e… bom, em qualquer outro lugar. Mas se Baz tentasse machucá-lo dentro *do quarto… — O anátema do colega de quarto — Simon disse. — Você vai ser expulso.*

— Por isso não acertei seu nariz. Conheço as regras — Baz resmungou, esfregando os olhos. — Você sabia, Snow, que se seu colega de quarto morre durante o ano escolar eles só te dão nota máxima por pena?

— É mentira — Simon disse.

— Sorte a sua que eu já tiro nota máxima sem isso.

Simon parou de andar de um lado para o outro e encarou o colega de quarto. Em geral, gostava de fingir que Baz não estava ali. E em geral, ele não estava mesmo. A menos que estivesse espionando ou tramando alguma coisa, Baz odiava ficar no quarto. Dizia que cheirava a boas intenções.

Mas Baz mal havia deixado o quarto nas duas semanas anteriores. Simon não o tinha visto no refeitório nem no futebol. Nas aulas, ele parecia cansado e distraído, e suas camisas da escola — em geral muito brancas e bem passadas — andavam tão amarrotadas quanto as de Simon.

— Porque ele é um vampiro, Simon! — Levi interrompeu.

— Nesta história, Simon ainda não sabe disso — Cath disse.

— Ele é um vampiro! — Levi gritou para o notebook dela. — E está caçando você! Fica acordado a noite toda, observando você dormir, tentando decidir se te come inteiro ou um pedaço por vez.

— Simon não consegue te ouvir.

Levi voltou a se recostar e a abraçar o travesseiro.

— Eles são meio gays mesmo, né? Toda essa história de um ficar vendo o outro dormir… e ignorar a Penelope.

— Eles nutrem uma obsessão mútua — Cath disse, como se aquilo fosse uma das verdades absolutas da vida. — Simon passa o quinto ano inteiro seguindo Baz por toda parte e descrevendo seus olhos. Parece que pesquisou todos os sinônimos de "cinza".

— Não sei — Levi disse. — É difícil superar isso. É como se eu ouvisse que Harry Potter é gay. Ou algum personagem de *Enciclopédia Brown*.

Aquilo fez Cath rir alto.

— Você é fã de *Enciclopédia Brown*, é?

— Shh. Meu pai costumava ler pra mim. — Ele voltou a fechar os olhos. — Tá, continua.

— Você… está com algum problema? — Simon perguntou, mas nem ele mesmo acreditou que tinha feito aquilo. Não que se importasse. Se Baz dissesse que sim, Simon provavelmente diria "Ótimo!". De qualquer modo, parecia cruel não perguntar. Baz podia ser o ser humano mais desprezível que Simon já havia conhecido na vida… mas, ainda assim, era um ser humano.

— Não sou eu que estou andando de um lado para o outro do quarto, como um doido hiperativo — Baz resmungou, com os cotovelos apoiados na escrivaninha e a cabeça descansando nas mãos.

— Você parece… pra baixo, ou sei lá.

— É, eu estou pra baixo. Estou pra baixo, Snow. — Baz ergueu a cabeça e virou a cadeira na direção de Simon. Tinha um aspecto realmente péssimo. Seus olhos estavam fundos e avermelhados. — Passei os últimos anos dividindo o quarto com o idiota mais autocentrado e insuportável que já empunhou uma varinha. E agora, em vez de comemorar a véspera de Natal com minha amada família, bebendo quentão e comendo queijo quente, em vez de esquentar minhas mãos na lareira ancestral de casa… estou servindo de figurante na porcaria do Show do Simon Snow.

Simon olhou para ele.

— É véspera de Natal?

— É… — Baz grunhiu.

Simon deu a volta na cama, taciturno. Não tinha se dado conta de que era véspera de Natal. Imaginou que Agatha fosse ligar. Ou Penelope…

Levi suspirou.

— Penelope.

Cath continuou lendo.

Talvez suas amigas estivessem esperando que Simon ligasse para elas. Ele não tinha nem comprado presentes para elas. Nos últimos tempos, nada lhe parecera tão importante quanto encontrar as lebres brancas. Simon tencionou o maxilar. Nada *era mais importante que aquilo; a escola toda estava em perigo. Devia haver um padrão que ele não estava enxergando. Apertou o passo.* A pedra na torre, o vitral, o símbolo, o livro do Mago…

— Eu desisto — Baz choramingou. — Vou me afogar no fosso. Diz pra minha mãe que eu sempre soube que ela gostava mais de mim.

Simon parou à escrivaninha de Baz.

— Você sabe como descer pro fosso?

— Não vou me matar de verdade*, Snow. Sinto muito por te decepcionar.*

— Não. É só que… você usa os botes às vezes, né?

— Todo mundo usa.

— Eu não — Simon disse. — Não sei nadar.

— É sério*? — Baz sibilou, com um toque de seu antigo vigor. — Bom, você não ia querer nadar no fosso de qualquer maneira. Os lobisreios pegariam você.*

— Por que eles não atacam os botes?

— Por causa do remo e da estrutura de prata.

— Vem andar de barco comigo?

Valia a tentativa. O fosso era um dos poucos lugares na escola onde Simon ainda não havia procurado.

— Você quer andar de barco *comigo? — Baz perguntou.*

— Quero — Simon disse, erguendo o queixo. — Você topa?

— Por quê?

— Eu… quero ver como é. Nunca andei. E que diferença faz? É véspera de Natal e você claramente não tem nada melhor pra fazer. Aparentemente seus pais não aguentam ter você por perto.

Baz se levantou de repente com os olhos cinzentos brilhando perigosamente sob as sobrancelhas.

— Você não sabe nada *sobre os meus pais.*

Simon recuou um passo. Baz era alguns centímetros mais alto que ele (*por enquanto*)*, e quando queria podia parecer ameaçador.*

— Eu… olha, desculpa — Simon disse. — Mas você topa?

— Tá — Baz disse. O lampejo de ira e energia já havia passado. — Pega sua capa.

Cath se virou para Levi. Ele mantinha os olhos fechados. Depois de um segundo, abriu um.

— Acabou?

— Não — ela disse. — Só não sabia se você queria que eu continuasse. Quer dizer, já deu pra ter uma ideia.

Levi fechou os olhos e balançou a cabeça.

— Não seja tonta. Continua.

Cath continuou observando-o por mais um segundo. As rugas em sua testa e os pelos loiros se insinuando ao longo do maxilar. Sua boca era pequena e arqueada. Como a de uma boneca. Cath se perguntou se ele conseguia abri-la o bastante pra comer uma maçã.

— Loucura deve ser contagioso — Baz reclamou, desfazendo o nó de uma corda.

Os barcos estavam amontoados e amarrados, por causa do inverno. Simon não tinha considerado o frio…

— Cala a boca — ele disse, mesmo assim. — Vai ser divertido.

— Foi isso que eu quis dizer, Snow. Desde quando nos divertimos juntos? Nem sei o que você faz pra se divertir. Clareia os dentes, imagino. Caça dragões desnecessariamente…

— A gente já se divertiu antes — Simon retrucou. Porque ele não sabia fazer outra coisa com Baz que não fosse discutir, e porque Baz tinha que estar errado. Em seis anos, eles deviam ter se divertido um pouco em algum momento. — Teve aquela vez no terceiro ano em que lutamos juntos contra a quimera.

— Eu só queria te entregar pra ela — Baz disse. — Achei que eu conseguiria escapar antes que a coisa atacasse.

— Mesmo assim, foi divertido.

— Eu estava tentando matar você*, Snow. E já que tocamos no assunto, tem certeza de que quer fazer isso? Sozinho comigo? Num barco? E se eu te*

empurrar? Eu poderia deixar os lobisreios resolverem todos os meus problemas…

Simon retorceu um canto dos lábios.

— Não acho que você vá fazer isso.

— E por que não?

Baz soltou a última corda.

— Se realmente quisesse se livrar de mim — Simon disse, pensativo —, já teria conseguido. Ninguém teve tantas oportunidades quanto você. Não acho que você me machucaria a não ser que fosse parte de um dos seus planos grandiosos.

— Este *pode ser meu plano grandioso — Baz disse, empurrando um bote com um grunhido.*

— Não — Simon disse. — Este é o meu.

— Por Aleister Crowley, Snow, você vai me ajudar com isso ou não?

Eles arrastaram o barco até a água. Baz agitava o remo levemente. Simon notou pela primeira vez que uma ponta era folheada a prata.

— Guerras de bola de neve — ele disse, imitando Baz para botar o barco na água.

— Oi?

— A gente fez um monte de guerras de bola de neve. Foram divertidas. E guerras de comida. Teve aquela vez em que eu lancei um feitiço que encheu seu nariz de molho…

— E eu coloquei sua varinha no micro-ondas.

Simon riu.

— Você destruiu a cozinha.

— Achei que só ia estourar que nem marshmallow.

— Não sei por que você acharia isso…

Baz deu de ombros.

— Nunca ponha uma varinha no micro-ondas, aprendi a lição. A menos que seja a varinha do Snow. E o micro-ondas do Snow.

Simon tremia sobre as docas. Ele realmente não tinha considerado o frio. Ou o fato de que teria que entrar em um barco de verdade. Simon olhou para a água escura e gelada do fosso e pensou ter visto algo pesado se movendo abaixo da superfície.

— Vamos. — Baz já estava no barco. Ele tocou o ombro de Simon com o remo. — É o seu grande plano, lembra?

Simon cerrou o maxilar e entrou. O barco afundou um pouco com seu peso, e ele pendeu para a frente.

Baz riu.

— Talvez seja mesmo divertido — ele disse, colocando o remo na água e o movimentando.

Baz parecia perfeitamente confortável ali — uma sombra alta e escura ao fim do remo —, elegante e gracioso como sempre. Ele se moveu ao luar, e Simon o observou inspirar fundo e devagar. Baz parecia mais vivo que em semanas.

Mas Simon não tinha saído do quarto para observar Baz — Deus sabia que ele teria inúmeras outras oportunidades. Simon se virou, olhando para o fosso, reparando nos entalhes nas paredes de pedra e azulejos nas beiradas.

— Eu devia ter trazido uma lanterna… — disse.

— Pena que você não é um mago — Baz retrucou, conjurando uma chama azul e a jogando sobre a cabeça de Simon. O outro se agachou e a pegou. Baz sempre fora melhor com fogo. Metido.

Os azulejos brilharam sob a luz.

— Podemos chegar mais perto da parede? — Simon perguntou. Baz fez o que ele pedira, com cuidado.

De perto, Simon podia ver que havia um mosaico se estendendo até debaixo d'água. Batalhas de feiticeiros. Unicórnios. Símbolos e glifos. Como saber até onde iam? Baz os guiou lentamente ao longo da parede, com Simon segurando a chama, se inclinando gradualmente na lateral do barco para enxergar melhor.

Ele se esqueceu de Baz de uma maneira que normalmente não se permitia, tão longe da proteção do quarto. A princípio, Simon nem notou que o barco havia parado. Quando ele olhou para trás, Baz havia dado um passo em sua direção. Ele estava curvado sobre Simon, refletindo o azul da própria chama, os dentes expostos e o rosto marcado pela determinação e pela repugnância…

A porta se abriu com tudo.

Reagan sempre a abria com um pontapé logo depois de girar a chave; havia marcas de sapato por todo o lado de fora da porta. Ela entrou e deixou algumas sacolas no chão.

— Oi — Reagan disse, olhando para eles.

— Shh — Levi sussurrou. — Cath está lendo a fanfic dela.

— *Sério?* — Reagan olhou para os dois com mais interesse.

— Na verdade, não — Cath disse, fechando o notebook. — Acabei de terminar.

— *Não*. — Levi se inclinou para abri-lo. — Você não pode parar no meio de um ataque de vampiro.

— Tem vampiros, é? — Reagan disse. — Parece emocionante.

— Tenho que terminar meu trabalho de biologia — Cath disse.

— E aí? — Reagan virou para Levi. — Fisiologia vegetal. Sim ou não?

— Sim — ele grunhiu, saindo da cama de Cath. — Posso usar seu celular? — ele perguntou a ela.

Cath passou o aparelho e Levi digitou um número. Uma música do Led Zeppelin começou a tocar no bolso de trás da calça dele.

— Continuamos depois — ele disse, devolvendo o celular. — Combinado?

— Tá — Cath disse.

— Biblioteca? — Reagan perguntou.

— Vamos na lanchonete da estrada. — Levi pegou a mochila e abriu a porta. — Fanfics me deixam com vontade de mexido de carne.

— Até depois — Reagan disse para Cath.

— Até — Cath respondeu.

Levi virou a cabeça no último minuto para abrir um sorriso largo para ela.

Se você quisesse encontrar outros fãs de Jornada nas estrelas *em 1983, teria que entrar para um fã-clube pelo correio ou encontrar outros* trekkies *em convenções.*

Quando os leitores se apaixonaram por Simon em 2001, a comunidade de fãs já estava tão perto quanto o primeiro teclado à vista.

O fandom de Simon Snow explodiu a internet — e continua fazendo isso. Tem mais sites e blogs devotados a Simon que a Beatles e Lady Gaga somados. É possível acessar histórias, artes e vídeos de fãs, além de infinitas discussões e conjecturas.

Amar Simon não é algo que se faça sozinho ou em uma convenção anual — para milhares de fãs de todas as idades, amar Simon Snow não é nada menos que um estilo de vida.

Jennifer Magnuson, "A tribo do Simon", *Newsweek*, 28 de outubro de 2009

TREZE

Cath não estava tentando fazer novos amigos por ali.

Em alguns casos, se esforçava para *não* fazer amigos, embora em geral não chegasse a ser grosseira. (Rígida, tensa e ligeiramente misantropa? Sim. Mas grosseira? Nunca.)

Mas todo mundo em volta dela — todo mundo nas aulas e no alojamento — tentava *muito* fazer amigos, e às vezes ela teria que ser grosseira para não participar daquilo.

A vida no campus era muito previsível, uma rotina por cima da outra. Você via sempre as mesmas pessoas quando escovava os dentes e um grupo diferente de mesmas pessoas em cada aula. As mesmas pessoas passavam por você todos os dias no corredor… Logo, você já as cumprimentava com um aceno de cabeça. Então passava a dar oi. Até que alguém puxava conversa, e você era obrigado a dar corda.

O que Cath deveria dizer? “Para de falar comigo”? Ela não era como Reagan.

Foi assim que acabou conversando com T.J. e Julian na aula de história americana, e com Katie, uma aluna atípica, que tinha dois filhos, na aula de ciência política. Tinha uma menina legal na aula de escrita de ficção chamada Kendra, e ela e Cath costumavam estudar às terças e quintas pela manhã durante uma hora no grêmio, de modo que fazia sentido se sentarem juntas.

Nenhuma daquelas amizades passou para a vida pessoal de Cath. T.J. e Julian não a convidavam para fumar maconha nem para jogar *Batman: Arkham City* no PlayStation 3.

Ninguém convidava Cath para festas (a não ser Reagan e Levi, que pareciam mais seus monitores que amigos). Nem mesmo Nick, com quem Cath escrevia com regularidade agora, duas vezes por semana.

Enquanto isso, a agenda de Wren estava sempre tão lotada de eventos sociais que Cath sentia que atrapalharia a irmã só de ligar. Ela achara que tinham superado a bar-tástrofe do outro dia, mas Wren parecia ainda mais irritável e distante do que no começo do ano letivo. Quando Cath ligava para ela, estava sempre indo para algum lugar, e não dizia para onde.

— Não quero que você apareça com uma bomba estomacal — Wren dizia.

De certa forma, sempre tinha sido daquele jeito.

Wren sempre fora a mais social. A mais simpática. Aquela que era convidada para festas de quinze anos e de aniversário. Mas antes — na escola —, todo mundo sabia que, se convidasse Wren, tinha que convidar Cath. Elas eram inseparáveis, mesmo em festas. Havia três anos de fotos tiradas em bailes de início e de fim de ano letivo com Cath e Wren ao lado de seus pares, sob um arco de bexigas ou em frente a uma cortina cintilante.

Elas eram inseparáveis e ponto-final. Desde sempre.

Tinham até feito terapia juntas depois que a mãe fora embora. O que, agora que Cath pensava a respeito, parecia bem estranho. Principalmente considerando quão diferente a reação delas tinha sido. Wren botara tudo pra fora, e Cath guardara tudo dentro de si. (Violenta e desesperadamente. Bem para dentro mesmo, estilo *Viagem ao centro da Terra.*)

A professora do terceiro ano — elas tinham estudado na mesma classe durante todo o ensino fundamental — achava que andavam chateadas por

causa dos ataques terroristas…

Porque a mãe tinha ido embora dia 11 de setembro.

No Onze de Setembro.

(Cath ainda achava aquilo incrivelmente constrangedor. Era como se a mãe delas fosse tão egocêntrica que era capaz de profanar uma tragédia nacional com os próprios problemas.)

Cath e Wren foram mandadas para casa mais cedo naquele dia, e os pais já estavam brigando quando elas chegaram. O pai estava triste e a mãe chorava. A princípio, Cath pensara que era por causa do World Trade Center. A professora havia contado sobre os aviões. Mas não era. Não exatamente…

A mãe ficava dizendo:

— Já chega, Art. Cansei. Estou levando a vida errada.

Cath saíra e se sentara nos degraus da porta dos fundos. Wren ficara ao lado dela, segurando sua mão.

A briga prosseguira. Quando o presidente sobrevoara por eles aquela tarde, a caminho da base da Força Aérea, no único avião no céu, Cath pensara que talvez o mundo fosse acabar.

A mãe os deixou de vez uma semana depois. Abraçara as meninas na entrada da casa e beijara suas bochechas de novo e de novo, prometendo que veria as duas em breve, que só precisava de um tempo para voltar a se sentir melhor, para se lembrar de quem realmente era. O que não fazia o menor sentido para Cath e Wren. *Você é nossa mãe.*

Cath não conseguia se lembrar de tudo o que havia acontecido depois.

Ela se lembrava de chorar muito na escola. De se esconder com Wren no banheiro durante o recreio. De ficar de mãos dadas com ela no ônibus. De Wren arranhar o olho de um menino que disse que elas eram lésbicas.

Wren não tinha chorado. Furtara coisas e as escondera debaixo do travesseiro. Quando o pai tinha ido trocar os lençóis delas pela primeira vez — em fevereiro —, encontrara lápis do Simon Snow, brilhos labiais e um CD da Britney Spears.

Então, em uma mesma semana, Wren cortara o vestido de outra menina com uma tesoura sem ponta e Cath fizera xixi na calça durante a aula de estudos sociais porque tinha medo demais de levantar a mão para pedir para ir ao banheiro. A professora chamara o pai delas e lhe entregara o cartão de um psicólogo infantil.

O pai não contara ao terapeuta que a mãe delas havia ido embora. E não contara à avó delas até as férias de verão. Tinha tanta certeza de que a esposa ia voltar… E estava muito, muito mal.

Os três estavam.

Eles levaram anos para se recuperar. E daí se algumas coisas não tinham voltado ao lugar certo? Pelo menos eles se aguentavam de pé.

A maior parte do tempo.

Cath fechou o livro de biologia e pegou o notebook. Ler era silencioso demais — ela precisava escrever.

O toque do celular a assustou. Cath olhou para a tela por um segundo antes de atender, tentando reconhecer o número.

— Alô?

— Oi. É o Levi.

— Oi?

— Vai ter uma festa na minha casa hoje.

— Sempre tem uma festa na sua casa.

— Você vai? A Reagan vai.

— O que vou fazer na sua festa, Levi?

— Se divertir — ele disse, e ela soube ao ouvir sua voz que ele sorria.

Cath tentou não sorrir.

— Não vou beber. Não vou fumar. Não vou usar nada.

— Você pode conversar.

— Não gosto de conversar com gente bêbada.

— Só porque as pessoas vão beber não quer dizer que vão ficar bêbadas. Eu não vou ficar.

— Não preciso ir a uma festa pra falar com você. Foi Reagan quem te disse pra me convidar?

— Não. Não exatamente. Não assim.

— Divirta-se na sua festa, Levi.

— Espera. Cath.

— Quê? — Ela falou aquilo como se estivesse irritada, mas não estava. Não de verdade.

— O que você está fazendo?

— Tentando escrever. E você?

— Nada — ele disse. — Acabei de sair do trabalho. Talvez você devesse terminar de ler aquela história pra mim…

— Que história?

Ela sabia que história.

— A história do Simon Snow. O vampiro Baz estava prestes a atacar o cara.

— Você quer que eu leia pra você no celular?

— Por que não?

— Não vou ler pra você no celular.

Alguém bateu à porta. Cath olhou na direção dela, desconfiada.

Mais batidas.

— Eu sei que é você — ela disse ao celular. Levi riu.

Cath levantou e abriu a porta, encerrando a ligação.

— Você é ridículo.

— Trouxe café — ele disse. Estava todo de preto: jeans preto, malha preta, botas de amarrar pretas. Tinha dois copos vermelhos com estampa natalina nas mãos.

— Não gosto muito de café — ela disse, a despeito das outras vezes em que havia tomado na frente dele.

— Não tem problema. Isso que eu trouxe tem gosto de bala derretida. Qual você quer? Latte de biscoito de gengibre ou gemada?

— Gemada parece muco — ela falou.

— Também acho. Mas é gostoso. — Ele esticou uma mão. — Latte de biscoito de gengibre.

Cath pegou o copo e sorriu, resignada.

— De nada — Levi disse. Ele se sentou na cama dela e sorriu, em expectativa.

— É sério?

Ela se sentou à escrivaninha.

— Vai, Cath. Você não escreve essas histórias pras pessoas gostarem?

— Escrevo pras pessoas lerem. Posso te mandar o link.

— Não manda. Não sou muito de internet.

Cath sentiu que arregalava os olhos. Estava prestes a tomar um gole da bebida, mas parou.

— Como você pode não ser muito de internet? É como dizer: “Não sou muito de conveniência. E facilidade. Não gosto de ter acesso a todas as descobertas registradas na história da humanidade. Não gosto de luz. E de conhecimento”.

— Eu gosto de conhecimento — ele disse.

— Você não é muito de ler. E não é muito de internet. O que sobra?

Levi riu.

— A vida. O trabalho. As aulas. O ar livre. *Outras pessoas.*

— Outras pessoas — Cath repetiu, balançando a cabeça e tomando um gole da bebida. — Tem outras pessoas na internet. É incrível. Você tem todos os benefícios de "outras pessoas" sem a parte do odor corporal e do contato visual.

Levi deu um chutinho na cadeira dela. Podia alcançá-la sem se esticar.

— *Cath.* Lê sua fanfic pra mim. Quero saber o que vai acontecer.

Ela abriu o notebook devagar, como se ainda estivesse pensando a respeito. Como se ainda houvesse alguma chance de Cath se recusar a fazer aquilo. Levi queria saber o que ia acontecer. Aquele era o calcanhar de aquiles dela.

Cath abriu a história que tinha começado a ler para ele. Fora escrita no ano anterior, em um festival de fanfics de Natal ("Baz e Simon noite e dia"). A dela tinha ganhado dois prêmios: "Gostinho do original" e "Melhor Snow".

— Onde paramos? — ela perguntou, mais para si mesma.

— Baz estava com os dentes arreganhados, o rosto cheio de repugnância e determinação.

Cath encontrou aquele ponto da história.

— Nossa — ela disse. — Sua memória é boa.

Levi estava sorrindo. Ele deu outro chutinho na cadeira dela.

— Bom — Cath disse —, eles estão no barco. Simon está inclinado, olhando para os azulejos da parede do fosso…

Levi fechou os olhos.

Cath pigarreou.

Quando ele olhou para trás, Baz havia dado um passo na sua direção. Ele estava curvado sobre Simon, refletindo o azul da própria chama, os dentes expostos e o rosto marcado pela determinação e pela repugnância…

Baz ergueu o remo acima do rosto de Simon. Antes que o outro pudesse pegar a varinha ou sussurrar um feitiço, Baz já afundava o remo por cima do ombro dele. O barco chacoalhou e um uivo gorgolejante veio da água, acompanhado de um revolver frenético da superfície. Baz voltou a erguer o remo e afundá-lo, com uma expressão cruel como Simon jamais havia visto. Seus lábios brilhavam e ele praticamente rosnava.

Simon se segurou firme no barco chacoalhando. Quando Baz recuou, Simon voltou a se sentar devagar.

— Você matou a coisa? — ele perguntou, baixo.

— Não — Baz disse. — Deveria ter matado. Ele deveria saber que não pode incomodar os barcos. E você *deveria saber que não pode se inclinar para o fosso.*

— Por que tem lobisreios no fosso? — Simon estava vermelho. — Estamos numa escola.

— Numa escola administrada por um doido. Algo que eu venho tentando te explicar há seis anos.

— Não fala assim do Mago.

— Onde está o seu Mago agora, Simon? — Baz perguntou baixo, olhando para a antiga fortaleza. Tinha voltado a parecer cansado, com o rosto azulado à sombra do luar, manchas praticamente pretas ao redor dos olhos. — E o que você está procurando? — ele perguntou, irascível, esfregando os olhos. — Se me contasse, talvez eu pudesse ajudar, então poderíamos ambos voltar para dentro e evitar uma morte por afogamento, congelamento ou dilaceramento.

— É que… — Simon ponderou sobre os riscos.

Em geral, quando ele estava naquele ponto de uma busca, Baz já tinha descoberto tudo e bolava uma armadilha para pegá-lo. Mas daquela vez,

Simon não havia contado a ninguém o que estava fazendo. Nem mesmo a Agatha. Nem mesmo a Penelope.

A carta anônima dizia para procurar ajuda; dizia que a missão era perigosa demais para que a cumprisse sozinho — motivo pelo qual Simon não queria envolver seus amigos.

Mas colocar Baz em risco… bom, aquela ideia não o incomodava tanto.

— É perigoso — Simon disse, com rispidez.

— Ah, tenho certeza disso. Perigo é seu nome do meio e tal. Simon Oliver Perigo *Snow.*

— Como você sabe meu nome do meio? — Simon perguntou, com cautela.

— Grande Crimeia, que parte de "seis anos" você não entendeu? Sei que pé você calça primeiro. Sei que usa xampu de maçã. Minha mente está inundada de curiosidades inúteis sobre Simon Snow… Você não sabe o meu?

— O seu o quê?

— Meu nome do meio — Baz disse.

Pelos dentes de Morgana, ele era mal-humorado.

— É… é Basilton, não é?

— Exatamente, seu idiota retumbante.

— Era pegadinha.

Simon voltou a se virar para o mosaico.

— O que você está procurando? — Baz voltou a perguntar, rosnando entredentes como um animal.

Aquilo era algo que Simon de fato tinha aprendido sobre Baz nos últimos seis anos: ele podia passar de rabugento a perigoso em meio segundo.

Mas Simon ainda não tinha aprendido a não morder a isca.

— Coelhos! — ele soltou. — Estou procurando por coelhos.

— Coelhos?

Baz pareceu confuso, congelando no meio de um rosnado.

— Seis lebres brancas.

— Por quê?

— Não sei! — ele gritou. — Mas estou procurando. Recebi uma carta. Tem seis lebres brancas no terreno da escola, indicando alguma coisa…

— O quê?

— Eu não sei! Só sei que é perigoso.

— Imagino que você também não saiba quem mandou a carta — Baz disse, inclinado sobre o remo, descansando a testa na madeira.

— Não.

— Pode ser uma armadilha.

— Só tem um jeito de descobrir.

Simon queria poder ficar de pé e encarar Baz sem virar o barco. Odiava o jeito como o garoto o olhava de cima.

— Você realmente acredita nisso, não é? — Baz zombou. — Acha mesmo que a única maneira *de descobrir se algo é perigoso é ir a seu encontro.*

— Tem outra sugestão?

— Você poderia perguntar a seu precioso Mago, pra começar. Poderia conversar sobre o assunto com sua amiga cabeçuda. O cérebro dela é enorme, por isso que as orelhas são de abano. Talvez ela tivesse alguma ideia.

Simon puxou a capa de Baz, o que fez com que ele perdesse o equilíbrio.

— Não fala assim da Penelope.

O barco balançou, e Baz voltou à postura fria.

— Você falou com ela? Falou com alguém?

— Não — Simon disse.

— Seis lebres, né?

— É.

— Quantas você achou até agora?

— Quatro.

— Então você já encontrou a da catedral e a da ponte levadiça…

— Você sabe sobre a lebre da ponte? — Simon recuou, surpreso. — Demorei três semanas pra encontrar.

— Isso não me surpreende — Baz disse. — Você não é muito observador. Por acaso sabe qual é meu primeiro *nome?*

Ele voltou a mover o barco pela água, levando-os na direção da doca, Simon esperava.

— É… começa com T.

— É Tyrannus — Baz disse. — Sinceramente… Então, tem a catedral, a ponte levadiça, o berçário…

Simon segurou na capa de Baz e se levantou na hora. O barco balançou.

— O berçário?

Baz abaixou uma sobrancelha.

— Óbvio.

Tão de perto, Simon podia ver as manchas roxas sob os olhos dele, a teia de vasos sanguíneos nas pálpebras.

— Me mostra.

Baz deu de ombros — quase estremeceu —, se soltando e saindo do barco. Simon inclinou o corpo para a frente e agarrou um poste na doca para impedir o barco de flutuar para longe.

— Vem — Baz disse.

Cath se deu conta de que tinha começado a fazer as vozes de Simon e Baz — ou pelo menos a versão das vozes deles que ela ouvia na cabeça. Olhou para Levi para verificar se ele havia notado. Ele segurava seu copo contra o peito com ambas as mãos, apoiando o queixo no topo, como se

para se manter aquecido. Seus olhos estavam abertos, mas fora de foco. Ele parecia uma criança pequena vendo TV.

Ela voltou a virar para o notebook antes que ele percebesse que o observava.

Eles demoraram mais para guardar o barco do que para pegá-lo, e quando finalmente a embarcação estava amarrada, Simon sentia as mãos molhadas congelando.

Os dois voltaram correndo para a fortaleza, lado a lado, com as mãos enfiadas nos bolsos.

Baz era mais alto, mas as passadas de ambos eram idênticas.

Simon se perguntava se já tinham andado daquele jeito. Em seis anos — seis anos indo sempre na mesma direção —, tinham acompanhado um ao outro alguma vez?

— Aqui — Baz disse, pegando o braço do outro e parando diante da porta fechada. Simon teria passado direto por ela. Devia ter feito aquilo umas mil vezes. Ficava no térreo, perto das salas dos professores.

Baz girou a maçaneta. Estava trancada. Ele tirou a varinha do bolso e começou a murmurar. A porta se abriu de repente, quase como se a maçaneta procurasse a mão pálida dele.

— Como você fez isso? — Simon perguntou.

Baz só o olhou com desdém e entrou. Simon o seguiu. O cômodo estava escuro, mas dava para ver que era destinado a crianças. Havia brinquedos e almofadas, trilhos de trem indo em todas as direções.

— O que é este lugar?

— O berçário — Baz sussurrou. Como se houvesse crianças dormindo ali.

— Por que Watford tem um berçário?

— Não tem — Baz disse. — Não tem mais. Este lugar ficou perigoso demais para crianças. Mas os funcionários da escola deixavam os filhos aqui enquanto trabalhavam. Vinham crianças mágicas de fora também, de pais que queriam adiantar seu desenvolvimento.

— Você ficava aqui?

— Sim. Desde que nasci.

— Seus pais deviam achar que você precisava de toda a ajuda necessária.

— Minha mãe foi diretora da escola, seu idiota.

Simon se virou para Baz, mas não conseguia ver seu rosto na escuridão.

— Eu não sabia.

Ele teve certeza de que Baz revirou os olhos.

— Que novidade.

— Mas eu conheci sua mãe.

— Você conheceu minha madrasta — Baz disse. Ele quase não se mexia.

Simon evitou se mexer também.

— Sua mãe foi a última diretora — ele disse, olhando para o perfil de Baz. — A que veio antes do Mago. A que foi morta por vampiros.

A cabeça de Baz pendeu para a frente, como se estivesse cheia de pedras.

— Vamos. A lebre está pra cá.

A outra sala era larga e arredondada. Havia berços ao longo das paredes, além de pequenos colchões dispostos em um círculo no meio. Do outro lado, ficava uma enorme lareira — com metade da altura do teto elevado e curvo. Baz sussurrou contra as mãos e mandou uma bola de fogo para ela. Ele sussurrou de novo, retorcendo as mãos no ar, e a chama azul ficou laranja e quente. O quarto ganhou um pouco de vida.

Baz caminhou em direção à lareira, com as mãos erguidas para o calor. Simon o seguiu.

— Ali — Baz disse.

— Onde? — Simon olhou para o fogo.

— Em cima de você.

Simon ergueu os olhos, então se virou para o quarto. No teto, bem acima dele, havia um mural detalhado do céu noturno. Era de um azul profundo, e a lua o dominava. Havia também um coelho branco encolhido, de olhos fechados, gordo, pleno e adormecido.

Simon foi até o centro do quarto, com o queixo erguido.

— A quinta lebre… — ele sussurrou. — O coelho lunar.

— E agora? — Baz perguntou, atrás dele.

— Como assim?

— E agora, o que acontece?

— Não sei — Simon disse.

— Bom, o que você fez quando encontrou as outras?

— Nada. Só encontrei. A carta só dizia para encontrar.

Baz levou as mãos ao rosto e grunhiu, escorregando frustrado rumo ao chão.

— É assim que você e sua equipe dos sonhos costumam fazer? Não me admira que seja sempre tão fácil atrapalhar vocês.

— Mas não é tão fácil nos impedir, pelo que notei.

— Ah, cala a boca — Baz disse, com o rosto escondido entre os joelhos. — Só… chega. Chega dessa sua voz vazia até que você tenha algo de útil pra dizer. É como uma broca perfurando entre meus olhos.

Simon se sentou no chão, perto de Baz, perto do fogo, ainda olhando para o coelho dormindo. Quando seu pescoço começou a doer, ele se deitou no tapete.

— Eu dormia em um quarto parecido — Simon disse. — No orfanato. Mas nem um pouco legal como esse. Não tinha lareira. Nem coelho lunar. Mas dormíamos todos assim, no mesmo quarto.

— Por Crowley, Snow. Você era parte do elenco de Annie?

— Ainda existem lugares assim. Orfanatos assim. Mas é claro que você não sabe.

— Não sei mesmo — Baz disse. — Minha mãe não escolheu *me deixar.*

— Se sua família é tão incrível, por que você está comemorando o Natal comigo?

— Eu não chamaria isso de "comemorar".

Simon voltou a se concentrar no coelho. Talvez houvesse algo escondido nele. Talvez visse o que era se semicerrasse os olhos. Ou se refletisse a imagem num espelho. Agatha tinha um espelho mágico que dizia na hora se tinha alguma coisa errada. Tipo se a pessoa tinha espinafre no dente ou uma caquinha pendurada no nariz. Quando Simon se olhava nele, o espelho sempre perguntava quem ele estava tentando enganar. "É só ciúmes", Agatha dizia. "O espelho acha que te dou atenção demais."

— Foi escolha minha — Baz disse, interrompendo o silêncio. — Eu não quis ir pra casa no Natal.

Ele se deitou no chão também, a um braço de distância de Simon. Quando Simon olhou para ele, Baz estava concentrado nas estrelas pintadas no teto.

— Você estava aqui? — Simon perguntou, notando a luz do fogo da lareira brincando sobre os traços fortes de Baz. Simon sempre achara que o nariz de Baz era todo errado. Começava alto demais, com um pequeno calombo entre as sobrancelhas. Se Simon observasse o rosto de Baz por tempo demais, sentia vontade de esticar o braço e puxá-lo para baixo. Não que fosse dar certo. Só tinha vontade de fazer isso.

— Se eu estava aqui quando*? — Baz perguntou.*

— Quando atacaram sua mãe.

— Eles atacaram o berçário — Baz disse, como se contasse aquilo para a lua. — Vampiros não podem ter filhos, você sabe. Precisam transformar crianças. E eles acharam que, se transformassem crianças mágicas, elas seriam duas vezes mais perigosas.

E elas seriam mesmo*, Simon pensou, com o estômago se revirando de medo. Vampiros já eram quase invencíveis. Um vampiro que pudesse fazer* magia*...*

— Minha mãe veio proteger a gente.

— Proteger você *— Simon disse.*

— Ela tacou fogo nos vampiros — Baz continuou. — Eles queimaram em segundos.

— Como ela morreu?

— Havia vampiros demais. — Baz continuava falando com o céu, mas de olhos fechados.

— Os vampiros transformaram alguma criança?

— Sim.

A resposta pareceu uma nuvenzinha de fumaça escapando dos lábios de Baz.

Simon não sabia o que dizer. Achava que, de certo modo, devia ser pior haver tido uma mãe, uma mãe amorosa e poderosa, e então a perder, do que ter crescido como ele próprio. Sem ninguém.

Simon sabia o que havia acontecido depois. Com a morte da diretora, da mãe de Baz, o Mago assumira o controle. A escola fora transformada; precisava ser. Eles não eram apenas estudantes agora. Eram guerreiros. Claro que o berçário havia sido fechado. Quando se entrava em Watford, a infância ficava para trás.

Aquilo não era um problema para Simon. Ele não tinha nada a perder.

Mas Baz…

Ele perdeu a mãe, *Simon pensou,* e me ganhou no lugar. *Em um momento de ternura, ou talvez pena, Simon segurou a mão de Baz, esperando que o outro fosse arrancar seu braço em troca.*

A mão de Baz estava fria e imóvel. Quando Simon olhou para ele, percebeu que havia dormido.

A porta se abriu de novo, e pela primeira vez Cath pensou que Reagan aparecia no momento certo. Ela fechou o notebook, para que Levi soubesse que a leitura havia acabado.

— Oi — Reagan disse. — Ah, *oi.* Copos natalinos. Trouxe um latte de biscoito de gengibre pra mim?

Cath olhou culpada para o próprio copo.

— Te trouxe um latte de gemada — Levi disse, oferecendo-o. — Eu o mantive quentinho na minha boca.

— Gemada. — Reagan torceu o nariz, mas aceitou. — O que está fazendo aqui tão cedo?

— Achei que a gente pudesse estudar antes da festa — Levi disse.

— *Duas vidas, dois destinos*?

Ele assentiu.

— Vocês estão lendo *Duas vidas, dois destinos*? — Cath perguntou. — Mas é de criança.

— É para uma matéria de literatura juvenil — ele explicou. — É bem legal.

Reagan enfiava roupas na mala.

— Vou tomar banho na sua casa — ela disse. — Não aguento mais esses banheiros compartilhados.

Levi se arrastou para a beirada da cama de Cath e apoiou um cotovelo na escrivaninha dela.

— Então foi assim que Baz virou vampiro? Quando o berçário foi atacado?

Cath preferiria que ele não tivesse tocado naquele assunto na frente de Reagan.

— Tipo, de verdade?

— Nos livros.

— Não aparece nenhum berçário nos livros — Cath disse.

— Mas na sua versão foi assim que aconteceu.

— Só nesta história. Em cada uma é um pouco diferente.

— E outras pessoas têm outras versões, é isso?

— Ah, sim — ela disse. — Tem um monte de fãs, cada um escrevendo algo diferente.

— Você é a única que escreve sobre Baz e Simon se apaixonando?

Cath riu.

— Nossa, não. A internet inteira escreve sobre os dois. Se você for pesquisar "Baz e Simon", a primeira sugestão do Google é "Baz e Simon apaixonados".

— Quantas pessoas fazem isso?

— Escrevem sobre os dois? Ou fanfics do Simon Snow em geral?

— Escrevem fanfics.

— Nossa, nem sei. Milhares e milhares.

— Então se você não quisesse que os livros acabassem poderia continuar lendo histórias desse universo eternamente…

— Exato — Cath disse, séria. Ela achara que Levi ia julgá-la, mas ele tinha entendido a ideia. — Se você é apaixonado pelo Mundo dos Magos, pode continuar vivendo nele.

— Eu não chamaria isso de “viver” — Reagan disse.

— É uma metáfora — Levi disse, simpático.

— Estou pronta — Reagan disse. — Você vem, Cath?

Cath forçou um sorriso e negou com a cabeça.

— Tem certeza? — Levi perguntou, levantando da cama dela. — A gente pode voltar pra te buscar mais tarde.

— Não precisa. Vejo vocês amanhã.

Logo depois que eles saíram, Cath desceu para jantar sozinha.

— Talvez eu não devesse ter uma varinha. Talvez eu devesse ter um anel que nem você. Ou… um troço no punho, tipo a sarnenta da Elspeth.

— Ah, Simon. — Penelope franziu a testa. — Não chama a garota assim. Ela não tem o que fazer quanto aos pelos… É filha do rei-bruxo de Cânus.

— Não, eu sei, mas é que…

— É mais fácil pra gente — ela disse, tentando tranquilizá-lo. — Os instrumentos mágicos continuam na família. São passados de geração em geração.

— Tá, que nem a própria magia — ele disse. — Não faz sentido, Penelope. Meus pais devem *ter sido feiticeiros.*

Ele já tentara falar com Penelope sobre aquilo, e ela ficara com a mesma expressão de tristeza.

— Simon… não pode ser. Feiticeiros nunca abandonariam um filho. Nunca. A magia é preciosa demais.

Simon desviou o rosto e movimentou a varinha de novo. Parecia que tinha algo morto na mão.

— Eu acho os pelos da Elspeth bonitos — Penelope disse. — Ela parece fofinha.

Ele enfiou a varinha no bolso e se levantou.

— Você só quer adotar um cachorrinho.

do capítulo 21 de *Simon Snow e o terceiro portão*,

copyright © 2004 by Gemma T. Leslie

CATORZE

O pai foi buscá-las na véspera do Dia de Ação de Graças. Quando ele encostou o carro em frente ao Pound Hall, Wren e Courtney já estavam sentadas no banco de trás do carro.

Wren e Cath costumavam ir juntas atrás. O pai sempre reclamava que se sentia um motorista de táxi, e elas diziam: "De *limusine*. Pra casa, James".

— Uau, olha só pra isso… — ele disse quando Cath se sentou no banco ao lado dele. — Companhia.

Ela tentou sorrir.

Courtney e Wren conversavam no banco de trás, mas com o rádio alto Cath não conseguia ouvir. Quando chegaram à estrada, ela se inclinou para o pai para perguntar:

— E o Ravimolho?

— Quê?

Ele abaixou o volume.

— *Pai* — Wren disse. — É nossa música preferida.

— Desculpa — ele disse, fazendo com que o som saísse só pelos alto-falantes de trás. — O que você disse? — o pai perguntou a Cath.

— Perguntei do Ravimolho.

— Ah. — Ele fez uma careta. — Dane-se o Ravimolho. Você sabia que é só ravióli em lata mergulhado em um molho de carne viscoso?

— Parece nojento — Cath disse.

— É repugnante — ele disse. — É como comida de cachorro pra gente. Talvez a gente devesse ter usado essa ideia… “Você tem um desejo secreto por comida de cachorro? O cheiro faz sua boca salivar?”

Cath se juntou a ele, fazendo sua melhor voz de propaganda:

— “A única coisa que o impede de experimentar comida de cachorro é o medo de que os vizinhos vejam as latas no lixo… e percebam que você não tem um cachorro?”

— “Ravimolho” — o pai disse, destacando as vogais. — “É comida de cachorro. *Pra pessoas*.”

— Sinto muito que não tenham conseguido a conta — Cath disse.

Ele balançou a cabeça por um tempo longo demais.

— Conseguimos, sim. E às vezes isso é infinitamente pior do que não conseguir. Tinham seis agências concorrendo. Eles escolheram a nossa e depois recusaram todas as boas ideias que tivemos. Então o Kelly disse em uma reunião com o cliente, desesperado: “De repente um urso sai da hibernação morrendo de fome e tudo o que consegue dizer é *Rrrr*. Então o urso pega um prato enorme de *Rrrr*avimolho e se transforma em um ser humano”. E eles adoraram a ideia, acharam do caralho, ficaram gritando: “É isso!”.

Cath olhou para trás, para ver se Courtney estava ouvindo. O pai só falava palavrão quando falava de trabalho. (E às vezes quando estava em uma crise.) Ele dizia que agências de publicidade eram piores que submarinos: só palavrões e claustrofobia.

— Então agora estamos trabalhando em um urso animado e *rrrr*avimolho — ele disse.

— Parece péssimo.

— É uma tortura. Vamos fazer quatro versões pra TV. Quatro ursos diferentes, virando quatro pessoas diferentes. *Quatro*, pra ter diversidade.

Então o merda do Kelly pergunta se o personagem asiático não devia ser um *panda.* E ele estava falando sério. Não é só racista: *pandas não hibernam.*

Cath riu.

— Tive que dizer isso pro meu chefe. “É uma ideia interessante, Kelly, mas pandas não hibernam.” E sabe o que ele me disse?

Cath riu.

— Não. Conta.

— “Não seja tão literal, Arthur.”

— Não acredito!

— É sério! — O pai riu, balançando a cabeça de novo, rápido demais, por tempo demais. — Esse cliente só me dá raiva do trabalho.

— *Rrrr*aiva — Cath disse.

O pai riu de novo.

— Não faz mal — ele disse, tamborilando no volante. — É só dinheiro. Nada mais.

Ela sabia que não era verdade. Nunca se tratava só de dinheiro com ele — o que importava para o pai era o trabalho. Era ter a ideia perfeita, encontrar a solução mais elegante. Ele não se importava muito com *o que* estava vendendo. Absorventes, tratores, comida de cachorro para pessoas. Só queria encontrar a ideia que se encaixaria perfeitamente, que tornaria tudo lindo, adequado.

Mas mesmo quando ele conseguia fazer aquilo, a coisa quase nunca ia para a frente. Ou o cliente rejeitava, ou o chefe dele. Ou mudavam alguma coisa. Então era como se alguém tivesse pisado no coração do pai, sugado sua alma.

Depois que deixaram Courtney no oeste de Omaha, Wren se inclinou para a frente no banco e desligou o rádio.

— Cinto — o pai disse.

Ela se recostou e voltou a afivelar o cinto.

— A vovó vai vir amanhã?

— Não — ele disse. — Ela foi pra Chicago. Vai passar um mês com tia Lynn. Quer passar as festas de fim de ano com as crianças.

— Somos crianças — Wren disse.

— Não mais. Vocês são mocinhas sofisticadas. Ninguém quer ver as duas abrindo vale-presentes. Ei, que horas sua mãe vem te pegar?

Cath virou na hora para olhar para a irmã.

Wren já estava olhando para ela.

— Meio-dia — ela disse, cuidadosa. — Eles vão almoçar à uma.

— Então a gente pode comer umas seis? Sete? Você ainda vai ter fome?

— Ela vai te buscar? — Cath perguntou. — Ela vai na nossa casa?

O pai olhou para Cath, estranhando, então olhou para Wren pelo retrovisor.

— Achei que vocês fossem conversar sobre isso.

Wren revirou os olhos e se virou para a janela.

— Eu sabia que ela ia surtar…

— Não estou surtando — Cath disse, sentindo os olhos começarem a arder. — E se eu estiver, é porque você não me conta mais nada.

— Não é nada de mais — Wren disse. — Falei com a mamãe por telefone algumas vezes, e vou passar algumas horas com ela amanhã.

— Você fala com ela pela primeira vez em dez anos e não é nada de mais? E já está chamando ela de “mamãe”?

— E do que eu deveria chamar?

— De nada. — Cath se virou quase totalmente, para encarar o banco de trás, forçando o cinto de segurança. — Você não deveria nem ligar pra ela.

Ela sentiu a mão do pai em seu joelho.

— Cath…

— Não — ela disse. — Você também? Depois de tudo o que aconteceu…

— Ela é sua mãe — ele disse.

— Isso é um detalhe técnico — Cath disse. — E por que ela está atrás da gente agora?

— Porque quer nos conhecer melhor — Wren respondeu.

— Ah, conveniente ao extremo. Agora que não precisamos mais dela.

— "Conveniente ao extremo"? — Wren repetiu. — Cuidado aí, você está começando a falar afetado que nem o Snow.

Cath sentiu as lágrimas nas bochechas.

— Por que você continua fazendo isso?

— Isso o quê?

— Esses comentários sobre Simon e Baz.

— Eu não fiz nada.

— Fez, sim — Cath disse. — Está fazendo.

— Então esquece.

— Ela deixou a gente. Ela não amava a gente.

— Não é assim simples — Wren disse, observando os prédios passarem.

— Pra mim é. — Cath voltou a se virar para a frente e cruzou os braços. O rosto do pai estava vermelho, e ele tamborilava freneticamente no volante.

Quando eles chegaram em casa, Cath não queria ser a que ia direto para o andar de cima. Sabia que, se o fizesse, ia se sentir encurralada e triste, a irmã louca. Como uma criança de castigo.

Então ela foi para a cozinha. Ficou perto da bancada e olhou para o quintal. O pai ainda não tinha desmontado os balanços. Cath queria que ele

tirasse logo; tinha se tornado perigoso, e os filhos dos vizinhos gostavam de se esgueirar até o quintal deles para brincar.

— Achei que vocês estavam falando sobre o assunto.

Ele estava logo atrás dela.

Cath deu de ombros.

O pai pôs uma mão em seu ombro, mas ela não se virou.

— Wren está certa — ele disse. — Não é tão simples assim.

— Para — Cath disse. — Só para, tá? Não consigo acreditar que vai ficar do lado dela.

— Estou do lado de vocês duas.

— Não estou falando de *Wren*. — Cath virou de repente. Sentiu uma nova onda de lágrimas vindo. — Estou falando *dela.* Do lado *dela*. Ela deixou você.

— A gente não se fazia bem, Cath.

— Foi por isso que ela deixou nós duas também? Porque *a gente* não se fazia bem?

— Ela precisava de um tempo. Não deu conta de ser mãe…

— E você deu?

Cath viu a mágoa nos olhos dele e balançou a cabeça.

— Não foi isso que eu quis dizer, pai.

Ele inspirou fundo.

— Olha — ele começou a dizer —, sendo sincero, não estou adorando isso também. Seria muito mais fácil para mim se nunca mais tivesse que pensar em Laura. Mas ela é sua mãe.

— Vocês precisam parar de dizer isso. — Cath voltou a olhar pela janela. — Não dá pra bancar a mãe aparecendo só depois que os filhos já cresceram. Ela é tipo aqueles animais que aparecem no fim da história da galinha vermelha pra comer o pão dela. Na época em que precisávamos, ela

nem atendia nossas ligações. Quando eu e Wren ficamos menstruadas, tivemos que pesquisar no Google. E agora que não sentimos mais saudades dela, depois que paramos de chorar por causa dela, *depois que resolvemos a nossa vida… agora* ela quer conhecer a gente? Valeu, não preciso mais de uma mãe. Eu passo.

O pai dela riu.

Ela olhou pra ele, por cima do ombro.

— Por que está rindo?

— Não sei — ele disse. — Acho que por causa do negócio do pão. E… vocês tiveram que pesquisar no Google mesmo? Podiam ter me perguntado. Eu sei o que é menstruação.

Cath soltou o ar devagar.

— Não foi nada de mais. A gente pesquisava tudo no Google na época.

— Você não precisa falar com ela — o pai disse, calmo. — Ninguém vai te obrigar.

— É, mas Wren já… ela já baixou a ponte levadiça.

— Talvez ela ainda precise resolver algumas coisas.

Cath cerrou as mãos em punhos e pressionou os olhos com elas.

— Eu só… *não gosto* disso. Não gosto de pensar nela, não quero ver nem a cara dela. Não quero que entre aqui em casa, pensando que costumava ser a casa dela, e que a gente costumava ser dela também… Não quero que seu cérebro chegue perto da gente.

O pai puxou Cath para um abraço.

— Eu sei.

— Sinto como se tudo estivesse de cabeça pra baixo.

Ele voltou a respirar fundo.

— Eu também.

— Você pirou quando ela ligou?

— Chorei por três horas.

— Ah, pai…

— Sua avó passou o número do meu celular pra ela.

— Você a viu?

— Não.

Cath estremeceu, e o pai a apertou mais forte.

— Quando penso nela vindo aqui — Cath disse —, é como aquela cena de *A sociedade do anel*, quando os hobbits se escondem dos nazgûl.

— Sua mãe não é do mal, Cath.

— É assim que eu me sinto.

Ele ficou em silêncio por alguns segundos.

— Eu também.

Wren não voltou para o jantar. Ela acabou passando a noite na casa da mãe.

— Acho que se a gente puser a mesa e fingir que está tudo normal vai ser ainda pior — Cath disse ao pai.

— Concordo.

Eles comeram peru e purê de batata na sala, vendo History Channel. As vagens gratinadas esfriaram na cozinha, porque Wren era a única entre eles que comia aquilo.

Baz:

— Você já fez isso antes?

Simon:

— Sim. Não.

— Sim ou não?

— Sim. Mas não assim.

Baz:

— Não com outro garoto?

Simon:

— Não querendo de verdade.

de “Vamos?”, postado em abril de 2010 pela autora do FanFixx.net Magicath

QUINZE

Quando Cath viu que era Levi que estava à porta, ficou tão feliz em ver seu rosto sempre simpático que simplesmente o deixou entrar. Nem se deu ao trabalho de dizer que Reagan tinha saído.

— Reagan não está? — ele perguntou já dentro do quarto.

O rosto de Levi não estava simpático, na verdade. Sua testa estava franzida e seus lábios normalmente arqueados estavam tensos.

— Não — Cath disse. — Ela saiu faz horas.

Cath não acrescentou: "Com um cara gigantesco chamado Chance, que joga futebol americano e parece muito, muito forte".

— Merda — Levi disse, se recostando à porta. Ele era do tipo que se recostava mesmo quando ficava bravo.

— O que foi? — Cath perguntou. Ele finalmente estava com ciúme? Seria possível que não soubesse dos outros caras? Cath sempre imaginara que os dois tinham algum tipo de acordo.

— Ela tinha combinado de estudar comigo — ele disse.

— Ah… — Cath disse, sem entender. — Bom, você pode estudar aqui sozinho, se quiser.

— Não. — Levi estava bravo. — Preciso que Reagan me ajude. A gente ia estudar ontem à noite, e ela me enrolou. A prova é amanhã e… — Ele jogou um livro na cama de Reagan, então se sentou na beirada da cama de Cath sem olhar para ela, escondendo o rosto. — Ela disse que ia estudar comigo.

Cath pegou o livro.

— *Vidas sem rumo*?

— É. — Ele levantou o rosto. — Você leu?

— Não. E você?

— Também não.

— Então lê — ela disse. — A prova é amanhã, né? Ainda dá tempo. Não tem tantas páginas.

Levi balançou a cabeça e voltou a olhar para o chão.

— Você não entende. Tenho que passar nessa prova.

— Então lê o livro. Reagan ia simplesmente ler pra você?

Ele balançou a cabeça de novo, mas não em resposta — era mais como se balançasse a cabeça para a ideia de ler o livro.

— Eu já te falei — Levi disse. — Não sou muito de ler.

Levi sempre dizia aquilo. "Não sou muito de ler." Como se livros fossem doces muito doces ou filmes de terror.

— Tá, mas é pra faculdade — ela disse. — Você ia deixar Reagan fazer a prova no seu lugar?

— Talvez. — Ele soltou um suspiro. — Se fosse possível.

Cath deixou o livro perto dele na cama e foi para a escrivaninha.

— Você pode ver o filme — ela disse, um pouco avessa à ideia.

— Não achei.

Cath fez um "hunf" com a garganta.

— Você não está entendendo — Levi disse. — Se eu repetir essa matéria, vou ser jubilado.

— Então lê o livro.

— Não é tão simples.

— É, sim — Cath disse. — Você tem prova amanhã e sua namorada não está aqui pra fazer todo o trabalho no seu lugar. Então lê o livro.

— Você não está entendendo… *nada*.

Levi estava de pé agora. Foi até a porta, mas Cath nem virou para ele. Estava cansada de brigar. Aquela briga nem era dela.

— Tá — ela disse. — Não estou entendendo. Deixa pra lá. Reagan não está aqui. Eu tenho uma tonelada de coisas pra ler e ninguém pra fazer isso por mim. Então…

Ela ouviu quando ele abriu a porta.

— Eu tentei ler — Levi disse, meio ríspido. — Passei as duas últimas horas tentando ler. Só que… não sou um bom leitor. Eu… nunca terminei um livro.

Cath virou para ele, de repente consumida por culpa repentina.

— Está tentando me dizer que não sabe ler?

Levi puxou os cabelos para trás com violência.

— É claro que *sei* ler — ele disse. — Pelo amor de Deus.

— Bom, então o que é que você está tentando me dizer? Que não quer fazer isso?

— Não. Eu… — Ele fechou os olhos e inspirou fundo pelo nariz. — Não sei nem por que estou tentando te explicar isso… Eu sei ler. Mas não *livros*.

— Então finge que é uma placa de rua bem longa e vai em frente.

— Meu Deus — ele disse, surpreso. Magoado. — O que foi que eu te fiz pra você ser tão malvada assim comigo?

— Não estou sendo malvada — Cath disse, sabendo que provavelmente estava. — Só não sei o que quer de mim. Minha aprovação? O que você e Reagan fazem não é da minha conta.

— Você acha que sou preguiçoso. — Ele olhava para o chão. — E eu não sou.

— Então tá.

— É como se eu não conseguisse me concentrar — ele disse, ainda à porta, mas dando as costas para ela. — Leio o mesmo parágrafo de novo e de novo e ainda assim não sei o que diz. É como se as palavras passassem direto por mim, sem que eu conseguisse absorver nada.

— Tá — ela disse.

Ele se virou para trás, encarando Cath. Seus olhos pareciam grandes demais para seu rosto quando ele não estava sorrindo.

— E eu nunca trapaceio — Levi disse.

Então foi embora, deixando a porta fechar atrás dele.

Cath expirou devagar. Então inspirou devagar. Seu peito estava tão apertado que respirar doía. Levi não deveria ter o poder de fazer com que ela se sentisse daquele jeito. Ele não deveria ter acesso ao peito dela.

Levi não era seu namorado. Não era da família. Ela nem tinha escolhido se aproximar dele. Estava presa àquele garoto porque estava presa a Reagan. Era seu colega de quarto por tabela.

O exemplar de *Vidas sem rumo* tinha ficado na cama.

Cath o pegou e correu para a porta.

— Levi! — Ela correu pelo corredor. — *Levi!*

Ele estava parado diante do elevador, com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco.

Cath parou de correr quando o viu. Levi se virou para encará-la. Seus olhos ainda pareciam grandes demais.

— Você esqueceu o livro.

Ela o estendeu para ele.

— Valeu — ele disse, esticando a mão.

Cath não o devolveu.

— Olha… por que não volta pro quarto? Reagan deve estar chegando.

— Desculpa por ter gritado com você — ele disse.

— Você gritou comigo?

— Eu levantei a voz.

Ela revirou os olhos e recuou um passo na direção do quarto.

— Vem.

Levi a encarou nos olhos. Ela permitiu que o fizesse.

— Tem certeza?

— Vem logo. — Cath virou na direção do quarto e esperou que ele a seguisse. — Desculpa — ela disse, baixo. — Não percebi que era uma conversa séria até já ser tarde demais.

— É que estou muito estressado por causa dessa prova — ele disse.

Os dois pararam à porta. Cath levou os punhos às têmporas de repente.

— Droga. — Ela abriu as mãos sobre a cabeça. — Droga, droga, droga. Estamos trancados. Não peguei a chave.

— Deixa comigo.

Levi sorriu e pegou seu molho de chaves.

O queixo dela caiu.

— Você tem a chave do nosso quarto?

— Reagan me deu uma para emergências.

Ele destrancou a porta e a segurou aberta para ela.

— Então por que sempre fica sentado no corredor?

— Nunca é uma emergência.

Cath entrou e Levi a seguiu. Estava sorrindo de novo, mas claramente ainda não operava como o Levi de costume. A briga podia ter ficado pra trás, mas ele ainda ia se dar mal na prova.

— Você não conseguiu encontrar o filme? — ela perguntou. — Nem na internet?

— Não. E não ia servir, de qualquer jeito. Os professores sempre sabem quando você só viu o filme. — Ele se jogou perto da cabeceira da cama

dela. — Normalmente eu ouço o audiobook.

— Isso conta como leitura — Cath disse, sentada à escrivaninha.

— Conta?

— Claro.

Ele chutou uma perna da cadeira dela, de brincadeira, então deixou o pé descansar no apoio horizontal.

— Bom, então deixa pra lá. Parece que eu *li* um monte de livros… Só que não consegui o audiobook desse.

Ele abriu o zíper do casaco e o deixou cair. Estava usando uma camisa xadrez verde e amarela por baixo.

— Mas e aí? Reagan ia ler pra você?

— A gente costuma passar pelos pontos principais. É bom pra ela também, dar uma revisada.

Cath olhou para o livro.

— Bom, não posso te ajudar. Tudo o que eu sei sobre *Vidas sem rumo* é que o personagem se chama Ponyboy.

Levi suspirou e jogou o cabelo para trás. Cath deu uma folheada no livro… Era bem curto. Com muitos diálogos.

Ela olhou para Levi. O sol se punha às costas de Cath, e uma luz laranja o banhava.

Cath virou sua cadeira para a cama, derrubando os pés dele sem avisar. Então apoiou os próprios pés no estrado da cama e tirou os óculos, deixando-os sobre a cabeça.

— "Quando eu saí da escuridão do cinema para o sol forte…"

— Cath — Levi disse. Ela sentiu a cadeira sacudir e soube que ele a estava chutando. — Você não precisa fazer isso.

— Óbvio que não — ela disse. — "Quando eu saí da escuridão do cinema para o sol forte…"

— Cather.

Ela pigarreou, ainda concentrada na leitura.

— Cala a boca, estou te devendo uma. Pelo menos uma. E estou tentando ler aqui… “Quando eu saí da escuridão do cinema para o sol forte, tinha só duas coisas na cabeça…”

Quando Cath ergueu os olhos do livro, em meio a dois parágrafos, Levi estava sorrindo. Ele se inclinou para a frente para tirar o casaco, depois descobriu outro jeito de descansar suas pernas na cadeira e se recostar na parede, de olhos fechados.

Cath nunca havia lido por tanto tempo em voz alta. Por sorte, o livro era bom, então depois de um tempo ela meio que esqueceu que estava lendo em voz alta e que Levi estava ouvindo, fora as circunstâncias que tinham levado os dois até ali. Uma hora ou mais se passou, talvez duas, antes que Cath descansasse as mãos e o livro sobre a perna. O sol tinha se posto, e a única luz no quarto era a da luminária de mesa.

— Pode parar quando quiser — Levi disse.

— Não quero parar. — Ela olhou para ele. — Só estou… — Cath corou, sem entender muito bem por quê. — Com *muita* sede.

Ele riu e se sentou.

— Ah… claro. Eu pego alguma coisa pra você. Refrigerante? Água? Posso voltar em dez minutinhos com um latte de biscoito de gengibre.

Ela estava prestes a dizer que não precisava quando se lembrou de como aquele latte era gostoso.

— Sério?

— Já volto — Levi disse, já de pé, vestindo o casaco. Ele parou à porta. Cath ficou tensa ao recordar como ele parecera triste da última vez que parara bem ali.

Levi sorriu.

Cath não sabia o que fazer, então meio que assentiu e fez o sinal de positivo mais ridículo da história.

Depois que ele se foi, ela levantou e se alongou. Suas costas e seus ombros estalaram. Ela foi ao banheiro. Voltou. Se alongou de novo. Pegou o celular. Então deitou na cama.

Cheirava a ele. A pó de café. E a algo picante e confortável que talvez fosse perfume. Ou sabonete. Ou desodorante. Levi se sentava na cama dela com tanta frequência que o aroma lhe era familiar. Às vezes ele cheirava a cigarro, mas não aquela noite. Às vezes, a cerveja.

A porta tinha ficado destrancada, então, quando ele bateu, Cath só se sentou e disse para Levi entrar. Ela pretendia se levantar e voltar à escrivaninha, mas Levi já estava lhe entregando as bebidas para tirar o casaco. Seu rosto estava vermelho do frio. Quando o casaco dele encostou em Cath, estava tão gelado que ela pulou.

— Menos cinco — ele disse, tirando o gorro e mexendo no cabelo até ele ficar espetado de novo. — Chega pra lá.

Cath obedeceu, indo para mais perto do travesseiro e encostando na parede. Levi pegou sua bebida e sorriu para ela. Cath deixou o suporte de bebidas sobre a escrivaninha. Ele tinha trazido água também.

— Posso perguntar uma coisa? — Ela olhava para seu próprio copo da Starbucks.

— Claro.

— Por que você se matriculou numa aula de literatura se não consegue terminar um livro?

Levi virou para ela. Os dois estavam sentados ombro a ombro.

— Preciso de seis créditos de literatura pra me formar. São duas matérias. Tentei tirar uma da frente já no primeiro ano, mas repeti. Repeti… várias

matérias naquele ano.

— Como você se vira em *qualquer* matéria? — Cath tinha que ler por horas todas as noites, para diferentes disciplinas.

— Estratégias de compensação.

— Como assim?

— Gravo as aulas e ouço depois. Os professores costumam falar toda a matéria nas aulas. Também participo de grupos de estudo.

— E conta com a ajuda de Reagan…

— Não só dela. — Ele sorriu. — Sou bem rápido em identificar a menina mais inteligente de cada turma.

Cath franziu a testa para ele.

— Nossa, Levi, que abuso.

— Por quê? Não faço ninguém usar minissaia. Não chamo ninguém de "linda". Só digo: "Oi, geninho. Quer falar comigo sobre *Grandes esperanças*?".

— Essas meninas devem achar que você gosta delas.

— E eu gosto.

— Se não fosse abuso, você falaria com meninos inteligentes também…

— E eu falo, se precisar. Acha que estou abusando de você, Cather?

Ele ainda sorria para ela, por cima do copo de café.

— Não — ela disse. — Sei que você não gosta de mim.

— Você não sabe de nada.

— Então esse é um truque velho? Encontrar uma menina pra ler um livro inteiro pra você?

Ele balançou a cabeça.

— Não, é a primeira vez.

— Bom, agora *eu* me sinto explorada — ela disse, deixando a bebida de lado e pegando o livro.

— Obrigado — ele disse.

— “Capítulo sete…”

— Estou falando sério. — Levi abaixou o livro e olhou para ela. — Obrigado.

Cath retribuiu o olhar dele por alguns segundos. Então assentiu e puxou o livro de volta.

Depois de mais vinte páginas, Cath já estava pegando no sono. Em algum momento, Levi tinha se inclinado para ela, então ela tinha se inclinado para ele. Era difícil pensar no que estava acontecendo daquele lado de seu corpo, porque estava ocupada lendo… Embora tivesse ficado quase um capítulo inteiro movendo seus lábios e olhos enquanto seu cérebro não registrava nada além de como Levi era quentinho. Como o namorado de sua colega de quarto era quentinho.

Um dos namorados de sua colega de quarto. Aquilo importava? Se Reagan tivesse três namorados, significava que aquilo era apenas um terço errado?

Só se inclinar para Levi provavelmente não era errado. Mas se inclinar para ele porque era quentinho e mais ou menos macio… era.

A voz de Cath falhou, e ele se afastou um pouquinho dela.

— Quer dar uma pausa?

Cath assentiu, só em parte grata.

Levi levantou e se alongou. A barra da camisa de flanela não chegou a levantar acima da cintura do jeans. Cath também se levantou, esfregando os olhos.

— Você está cansada — ele disse. — Vamos parar.

— Não vamos parar agora — ela disse. — Estamos quase terminando.

— Ainda temos umas cinquenta páginas…

— Você está entediado?

— *Não*. Só sinto que é demais, o que você está fazendo pra mim. Beira a exploração.

— *Pff* — Cath fez. — Já volto. E aí vamos terminar o livro. Já estamos perto do fim, e quero saber o que acontece. Ainda não chegou o momento emocionante do Ponyboy.

Quando ela voltou, Levi estava no corredor, encostado na porta. Ele devia ter ido ao banheiro também.

— Isso é meio esquisito agora que sei que você tem a chave — ela disse.

Cath deixou que Levi entrasse. Ele voltou a se jogar na cama e sorriu para ela. Cath olhou para a cadeira, então sentiu a mão dele em sua manga. Levi a puxou para o lado dele na cama, e seus olhares se cruzaram por um segundo. Então Cath desviou os olhos, como se nada tivesse acontecido.

— Olha só o que a gente vende na Starbucks — ele disse, oferecendo uma barrinha de cereal pra ela.

Cath a aceitou.

— De mirtilo! Nossa. Isso me faz voltar no tempo. Dois meses inteiros.

— Os meses são diferentes na faculdade — Levi disse —, especialmente no primeiro ano. Muita coisa acontece. Cada mês de um calouro equivale a seis meses normais. É que nem com os cachorros.

Ela abriu a barrinha e ofereceu metade a ele. Levi aceitou e bateu sua porção contra a dela.

— Tim-tim!

Era bem tarde. E estava escuro demais no quarto para ler tudo aquilo. A voz de Cath já saía áspera, como se alguém tivesse passado uma faca sem corte nela. Como se ela estivesse se recuperando de um resfriado ou de uma crise de choro.

Em algum momento, Levi havia passado o braço esquerdo em volta de Cath e puxado as costas dela na direção de seu peito — Cath ficava se remexendo, esfregando as costas na parede, de modo que ele a puxara para si.

Então ele baixara a mão para a cama e a deixara ali. Com exceção de quando se alongava ou se movia. Ao fazer aquilo, Levi levava uma mão ao ombro de Cath para segurá-la contra si enquanto se ajeitava.

Cath sentia o peito dele se mexer ao inspirar. Sentia sua expiração no cabelo. Quando Levi movia o queixo, batia na parte de trás da cabeça dela. Os músculos dos braços de Cath, suas costas e seu pescoço começavam a doer, só de se segurar por tanto tempo naquela posição.

Ela perdeu onde estava no livro e parou de ler por um momento.

O queixo de Levi rolou sua cabeça.

— Respira um pouco — ele disse, de um jeito que não chegava a ser um sussurro, mas era igualmente suave.

Cath assentiu, e Levi segurou o ombro esquerdo dela enquanto esticava seu próprio braço direito à frente para pegar o copo de água. O corpo dele se curvou em volta dela por um segundo, então voltou a se recostar na parede. Levi manteve a mão no cotovelo de Cath.

Ela bebeu água, então deixou o copo ao lado. Tentava não demonstrar desconforto, mas suas costas estavam rígidas, e Cath se arqueava contra ele.

— Tudo bem aí? — Levi perguntou.

Ela assentiu. Então sentiu Levi se movendo devagar.

— Vem aqui…

Levi escorregou pela parede rumo à cama, descansando de lado, então puxou Cath para que ela deitasse de costas à sua frente, com o próprio braço debaixo da cabeça dela, como um travesseiro. Cath relaxou os ombros e sentiu o calor da flanela na nuca.

— Melhor assim? — Levi perguntou, em voz baixa. Ele olhava para o rosto de Cath. Dava a ela a chance de recusar sem precisar de fato dizer. Ela não disse nada. Não assentiu. Não respondeu. Só baixou os olhos e se virou levemente na direção de Levi, apoiando o livro no peito dele.

Cath voltou a ler, então sentiu a parte interna do cotovelo de Levi em seu ombro.

Ela não precisava ler muito alto com ele tão perto. O que era bom, porque estava quase perdendo a voz. (De verdade.) Levi era quentinho e, de perto, tinha um cheiro tão próprio que fez Cath lacrimejar. Seus olhos estavam cansados. Ela estava cansada.

Quando Johnny — um dos personagens principais — se machucou, Levi arfou. Àquela altura, a bochecha de Cath estava no peito de Levi, e ela sentia a caixa torácica dele se expandido. Cath respirou fundo também — sua voz falhou mais um pouco, e Levi a segurou ainda mais firme.

Ela se perguntou se o sangue ainda circulava pelo braço dele.

Se perguntou o que aconteceria quando chegassem ao fim do livro.

Continuou lendo.

Tinha garotos demais naquela história. Braços, pernas e rostos corados demais.

Ela achou que fosse rir quando finalmente chegou à parte que conhecia do Ponyboy, mas não riu, porque naquela parte Johnny tinha morrido, e Cath achava que Levi talvez estivesse chorando. Talvez ela também estivesse. Seus olhos estavam cansados. Ela estava cansada.

— “Quando eu saí da escuridão do cinema para o sol forte, tinha só duas coisas na cabeça: Paul Newman e arranjar uma carona pra casa…”

Cath fechou o livro e deixou que caísse sobre o peito de Levi, sem saber muito bem o que aconteceria a seguir. Sem saber muito bem se estava desperta, considerando a situação.

No instante seguinte, Levi a puxou para si. Sobre si. Com os dois braços. O peito dela pressionou o dele, e o livro escorregou para entre a barriga deles.

Os olhos de Cath estavam semicerrados, e os de Levi também. Os lábios dele só pareciam pequenos de longe, ela constatou, por causa do biquinho de boneca. Na verdade, agora que ela os observava bem, pareciam grandes. Perfeitos.

Levi roçou o nariz no dela, e a boca de um adormeceu junto com a do outro, se entreabrindo e se suavizando.

Quando os olhos de Cath se fecharam, foi como se suas pálpebras grudassem. Ela queria abri-las. Queria olhar melhor para as sobrancelhas escuras demais de Levi, queria admirar aquele V de vampiro que ele tinha na testa. Tinha a impressão de que aquilo nunca voltaria acontecer, de que poderia arruinar o que restava de sua vida, então queria abrir os olhos e ser testemunha do momento.

Mas estava cansada demais.

E a boca dele era tão macia.

E ninguém nunca a havia beijado daquele jeito. Só havia beijado Abel na vida, e aquilo parecera mais com ser empurrada pela boca e empurrar de volta.

Os beijos de Levi eram puro anseio. Como se ele tirasse algo dela com pequenos golpes do queixo.

Ela levou os dedos ao cabelo dele, sem conseguir abrir os olhos.

Até que não pôde mais se manter acordada.

— Desculpa, Penelope.

— Não desperdice meu tempo com pedidos de desculpa, Simon. Se pararmos para pedir desculpa e nos perdoar toda vez que um der uma mancada com o outro, nunca vamos ter tempo de ser amigos.

do capítulo 4, *Simon Snow e a segunda serpente*,
copyright © 2003 by Gemma T. Leslie

DEZESSEIS

Cath não acordou quando a porta se abriu com tudo.

Mas deu um pulo quando ela bateu. Então sentiu Levi esticado embaixo dela, e o toque quente do queixo dele em sua testa. *Aí* ela acordou.

Reagan estava ao pé da cama de Cath, olhando para os dois. Usava o mesmo jeans da noite anterior, e a sombra azul-metálica tinha escorrido para as bochechas.

Cath se sentou. E Levi se sentou. Meio atordoado. Cath sentiu o estômago subindo até a garganta.

Levi pegou o celular de Cath e olhou para a tela.

— Merda — ele disse. — Estou duas horas atrasado pro trabalho. — Então já estava de pé, vestindo o casaco. — Pegamos no sono lendo — Levi disse, meio para Reagan, meio para o chão.

— Lendo — Reagan repetiu, olhando para Cath.

— Até mais — Levi disse, mais para o chão que para qualquer uma das duas.

E então foi embora. Enquanto Reagan continuava ao pé da cama de Cath.

Os olhos de Cath estavam grudentos e ardidos, e de repente se encheram de lágrimas.

— Desculpa — ela disse, com sinceridade. Sentia o arrependimento no estômago e em todos os músculos doloridos entre seus ombros. — Ah, meu Deus.

— Para — Reagan disse, claramente furiosa.

— Eu… desculpa, por favor.

— *Para.* Não pede desculpa.

Cath cruzou as pernas e se inclinou para a frente, com as mãos no rosto.

— Mas eu sabia que ele era seu namorado.

Cath estava chorando. Ainda que provavelmente só fosse deixar Reagan mais irritada.

— Ele não é meu namorado — Reagan disse, quase gritando. — Não mais. Já faz um bom tempo, na verdade. Então para. — Reagan inspirou audivelmente, então soltou o ar. — Eu só não esperava que isso fosse acontecer — ela disse. — E se acontecesse, não esperava que fosse me incomodar. É só que… é o Levi. E Levi sempre gostou mais de mim.

Eles não são namorados?

— Ele ainda gosta mais de você — Cath disse, tentando não choramingar.

— Não seja idiota, Cather. — A voz de Reagan saiu cortante. — Bom, sei que você é. Nessa questão. Mas tenta não ser idiota agora.

— Desculpa… — Cath disse, tentando olhar para a colega de quarto, mas fracassando. — Não sei por que fiz isso. Juro que não sou esse tipo de garota.

Reagan finalmente se virou. Deixou a bolsa na cama e pegou uma toalha.

— E que tipo de garota é essa, Cath? Do tipo garota? Vou tomar um banho. Quando eu voltar, já vou ter superado.

E quando ela voltou, tinha mesmo.

Cath se encolheu na cama e se permitiu chorar como não fizera em todo o feriado de Ação de Graças. Ela encontrou o exemplar de *Vidas sem rumo* enfiado entre a cama e a parede e o jogou no chão.

Reagan viu o livro ao voltar para o quarto. Usava legging, um moletom justo cinza com capuz e óculos marrom de armação quadrada em vez das lentes de contato.

— Ah, puta que pariu — ela disse, pegando o livro. — Eu tinha ficado de ajudar Levi a estudar. — Reagan olhou para Cath. — Vocês só ficaram lendo *mesmo*?

— Não só — Cath disse, e sua voz saiu em um soluço chiado.

— Para de chorar — Reagan disse. — Estou falando sério.

Cath fechou os olhos e se virou para a parede.

Reagan se sentou ao pé de sua própria cama.

— Levi não é meu namorado — ela disse, solene. — E eu sabia que ele gostava de você, porque ficava aqui o tempo todo. Só não sabia que era recíproco.

— Achei que ele ficasse aqui sempre porque era seu namorado — Cath disse. — Não *queria* gostar dele. Tentei ser maldosa com ele.

— Achei que você só fosse maldosa mesmo — Reagan disse. — O que eu achava legal.

Cath riu e esfregou os olhos pela quinquagésima vez em doze horas. Era como se estivesse com conjuntivite.

— Já superei — Reagan disse. — Só fui pega de surpresa.

— Você não pode ter superado — Cath disse, se sentando e se reclinando contra a parede. — Posso não ter beijado seu namorado, mas *achei* que tinha beijado. Era assim que eu ia retribuir tudo de bom que você fez por mim.

— Nossa… — Reagan disse. — Agora que você descreveu assim, parece bem foda.

Cath assentiu, desanimada.

— Então por que fez isso?

Cath pensou no calor de Levi em sua pele na noite anterior. Em seus dez mil sorrisos. Em sua testa ampla.

Ela fechou os olhos, então afundou a palma das mãos neles.

— Porque eu queria *muito*.

Reagan suspirou.

— Tá bom — ela disse. — Então é o seguinte. Estou com fome e preciso terminar de ler *Vidas sem rumo*. Levi gosta de você e você gosta dele, já superei. Talvez as coisas fiquem esquisitas se você começar a namorar com meu namorado do ensino médio, mas não tem volta, né?

Cath não respondeu. Reagan parou de falar.

— Se ele ainda fosse meu namorado, ia rolar uma treta. Mas ele não é. Então vamos comer, pode ser?

Cath olhou para Reagan. Então assentiu.

Cath já havia perdido as aulas da manhã. Incluindo escrita de ficção. Ela pensou em Nick, o que naquele momento foi como pensar em praticamente qualquer outra pessoa.

Reagan estava comendo sucrilhos.

— Tá — ela disse, apontando com a colher para Cath. — E agora?

— E agora o quê? — Cath perguntou, com a boca cheia de queijo quente.

— O que vai acontecer com o Levi?

Cath engoliu.

— Nada. Não sei. Tenho que saber?

— Quer ajuda com o lance de vocês?

Cath olhou para Reagan. Mesmo sem considerar a maquiagem e o cabelo, ela era aterrorizante. Simplesmente não tinha medo. Não hesitava. Falar com Reagan era como encarar um trem se aproximando.

— Não sei qual é o *lance* — Cath disse. Ela cerrou as mãos em punhos sobre as pernas e se forçou a falar. — É como se… o que aconteceu ontem à noite fosse uma coisa bizarra. Como se só pudesse ter acontecido no meio da noite, com os dois *muito* cansados. Porque, se tivesse sido à luz do dia, a gente teria visto como era inadequado…

— Já te falei — Reagan insistiu. — Ele não é meu namorado.

— Não é só isso. — Cath virou o rosto na direção das janelas, então voltou a olhar para Reagan, com toda a seriedade. — Eu tinha uma quedinha por ele, mas estava fora de cogitação. Na prática, não acho que poderia ficar com alguém como Levi. Somos praticamente de espécies diferentes.

Reagan deixou a colher cair de maneira descuidada na tigela de sucrilhos.

— O que tem de errado com ele?

— *Nada* — Cath disse. — Ele só… não é como eu.

— Inteligente, você quer dizer?

— Levi é muito inteligente — Cath disse, na defensiva.

— Eu sei — Reagan disse, igualmente na defensiva.

— Ele é *diferente* — Cath disse. — É mais velho. Fuma. Bebe. E provavelmente já transou. Quer dizer, tenho essa impressão.

Reagan arqueou as sobrancelhas, como se a outra estivesse bancando a maluca. Cath pensou — não pela primeira vez, mas pela primeira vez desde a noite anterior — que Levi provavelmente tinha transado com Reagan.

— E ele gosta do ar livre — Cath disse, só para mudar de assunto. — E de bichos. Não temos nada em comum.

— Você está fazendo parecer que Levi é um homenzarrão rústico das montanhas que fuma charuto e transa com prostitutas.

Cath riu, mesmo sem querer.

— Tipo um caçador perigoso das antigas.

— Ele é só um garoto — Reagan disse. — É claro que é diferente de você. Nunca vai achar um cara que é exatamente igual a você. Até porque esse cara nunca sairia do próprio quarto…

— Caras como Levi não saem com garotas que nem eu.

— De novo: garotas que nem… garotas?

— Caras como Levi saem com garotas como você.

— Como assim? — Reagan perguntou, inclinando a cabeça.

— Garotas normais — Cath disse. — Bonitas.

Reagan revirou os olhos.

— É sério — Cath insistiu. — Olha só pra você. Está no controle, não tem medo de nada. Eu tenho medo de *tudo*. E sou doida. Talvez você pense que sou *um pouco* doida, mas só deixo os outros verem a pontinha do iceberg. Debaixo dessa camada *um pouco* doida e socialmente inepta, sou um desastre completo.

Reagan voltou a revirar os olhos. Cath pensou que devia parar de revirar os olhos para os outros.

— E o que faríamos juntos? — Cath perguntou. — Ele ia querer ir ao bar, e eu ia querer ficar em casa escrevendo fanfics.

— Não vou ter essa conversa com você — Reagan disse —, principalmente se for bancar a idiota. Tudo o que vou dizer é: você está sendo idiota. Levi já gosta de você. Gosta até do lance bizarro das fanfics, não para de falar nisso. Ele é só um garoto. Mas um muito, muito bom. Talvez o melhor. Ninguém está te dizendo pra casar com ele. Então para de dificultar as coisas, Cath. Vocês se beijaram, certo? A única pergunta é: você quer que isso aconteça de novo?

Cath flexionou os dedos até cravar as unhas nas palmas.

Reagan começou a empilhar os pratos vazios na bandeja.

— Por que vocês terminaram? — Cath perguntou.

— Eu vivia traindo ele — Reagan disse, simplesmente. — Sou uma boa amiga, mas uma péssima namorada.

Cath pegou a própria bandeja e seguiu Reagan até o lixo.

Cath não viu Levi aquela noite. Ele trabalhava nas noites de quarta. Foi quando ela se deu conta de que sabia os horários em que ele trabalhava de cor.

Mas Levi mandou uma mensagem sobre uma festa na quinta-feira, na casa dele.

festa? quinta? minha casa?

Cath não respondeu, embora tivesse tentado. Ficava escrevendo mensagens e apagando antes de enviar. Quase mandou só um emoji sorridente.

Reagan voltou tarde do trabalho e foi direto para a cama. Cath estava à escrivaninha, escrevendo.

— Levi estava totalmente preparado pra prova — Reagan disse, contendo um bocejo.

Cath sorriu para o notebook.

— Vocês falaram de mim?

— Não. Não achei que você fosse querer. Eu falei que sou uma ótima amiga.

— É, só que é mais amiga do Levi do que minha.

— E amizades entre mulheres são mais importantes.

Na manhã seguinte, antes de ir embora, Reagan perguntou a Cath se ela queria ir à festa de Levi.

— Acho que não — Cath disse. — Tenho aula na sexta às oito e meia.

— Quem é que se matricula numa aula às oito e meia de sexta?

Cath deu de ombros.

Ela não queria ir à festa de Levi. Podia gostar *dele*, mas não gostava de festas. E não queria que a primeira vez que o visse depois do que tinha acontecido fosse numa festa. Com gente festeira. Ou com qualquer tipo de gente.

Cath tinha certeza de que era a única pessoa no Pound Hall aquela noite. Tentava convencer a si mesma de que era meio legal ter um prédio de doze andares só para si. De que era como passar uma noite presa em uma biblioteca.

É por isso que não posso ficar com Levi. Porque sou o tipo de garota que fantasia com passar a noite presa em uma biblioteca, enquanto ele nem consegue ler.

Cath se sentiu mal no mesmo instante por ter pensado aquilo. Levi conseguia ler. (Mais ou menos.)

Ela sempre pensara que as pessoas ou sabiam ler ou não sabiam. Sem aquele meio-termo que era o caso de Levi, cujo cérebro compreendia as palavras, mas não se apegava a elas. Era como se ler fosse uma daquelas máquinas de pegar bichinhos de pelúcia que tinha no boliche.

Mas Levi não era burro. Ele se lembrava de tudo. Sabia de cor inúmeras falas dos filmes do Simon Snow e tudo o que era possível saber sobre bisões e batuíras-melodiosas… *E por que ela ficava remoendo aquele assunto?*

Não era como se Cath fosse enviar o histórico escolar de Levi para Abel.

Ela devia ter respondido a mensagem dele. (De Levi, não de Abel.)

Mas aquilo seria se envolver com a situação. Seria mover uma peça de xadrez. Ou dar o impulso para fazer a gangorra deixar o chão. Era melhor deixar Levi no ar por um ou dois dias do que acabar presa ali, sozinha…

O fato de que ela estava comparando o que quer que aquilo fosse a brinquedos de parquinho só provava que não estava pronta para aquilo. Para *ele*. Levi era adulto. Tinha uma caminhonete. E pelos no rosto. Tinha dormido com Reagan; ela praticamente admitira.

Cath não queria olhar para um cara e visualizar as pessoas com quem já havia dormido…

O que nunca havia sido um problema com Abel. Nada nunca era um problema com ele. *Porque você não gostava dele!*, ela podia ouvir Wren gritando.

Cath gostava de Levi. Bastante. Gostava de olhar para ele. Gostava de ouvi-lo — embora às vezes odiasse ouvi-lo falando com outras pessoas. Odiava a maneira como ele distribuía sorrisos para todo mundo, como se não lhe custasse nada, como se não pudesse evitar. Levi fazia tudo parecer tão fácil…

Inclusive ficar de pé. Só dava para notar como todo mundo se esforçava para se manter em pé depois de ver Levi encostado na parede. Ele parecia se apoiar em algo mesmo quando não estava. Fazia com que ficar de pé chegasse muito perto de um deitar vertical.

Pensar nos quadris preguiçosos e nos ombros soltos de Levi só fazia sua mente retornar à cama.

Ela havia passado a noite com um garoto. *Dormira* com ele. E não importava que não tivessem feito nada além disso, porque ainda assim era importante. Cath queria poder falar com Wren a respeito…

Ela que se foda.

Não… Ela que se *dane*. Ela *não importava*. Tudo o que vinha fazendo nos últimos tempos era complicar o mundo de Cath.

Ela havia dormido com um garoto.

Com um cara.

E tinha sido incrível. Quentinho. Emaranhado. O que teria acontecido se tivessem acordado de qualquer outra maneira? Sem Reagan entrando no quarto? Levi teria beijado ela de novo? Ou ainda teria ido embora correndo, sem dizer nada além de um "até mais"?

Até mais…

Cath olhou para o notebook. Fazia duas horas que trabalhava no mesmo parágrafo. Era uma cena de amor (uma bem leve), e ela ficava perdendo o controle de onde estavam as mãos de Baz e de Simon. Às vezes era meio confuso, com todos os "ele" e "dele", e fazia tanto tempo que Cath olhava para aquele parágrafo que começava a sentir que todas as suas frases se repetiam. E talvez fosse verdade.

Ela fechou o notebook e se levantou. Eram quase dez horas. A que horas acabava uma festa? (A que horas começava?) Não que importasse, àquela altura. Cath não tinha como chegar à casa de Levi.

Ela foi até o espelho de corpo inteiro que ficava à porta delas.

Se parecia exatamente com o que era: uma nerd de dezoito anos que não sabia absolutamente nada sobre garotos ou festas.

De jeans justo. Quadris largos. Com uma camiseta rosa desbotada que dizia A PALAVRA MÁGICA É POR FAVOR. Um casaquinho com losangos rosa e marrons. Um meio coque no alto da cabeça e o resto do cabelo solto.

Cath tirou o elástico do cabelo e os óculos. Precisou dar um passo para mais perto do espelho para se ver direito.

Ela ergueu o queixo e tentou relaxar a testa.

— Eu sou a irmã descolada — disse para si mesma. — Alguém me arranja uma tequila e pode deixar que eu viro. De jeito nenhum que vou ter um ataque de pânico no banheiro dos seus pais depois. Quem quer beijar de língua?

Aquele era o motivo pelo qual ela não podia ficar com Levi. Ela falava "beijar de língua" enquanto ele simplesmente enfiava a língua na boca dos outros.

Cath ainda não parecia a irmã descolada. Não parecia Wren.

Ela ajeitou os ombros e empinou o peito. Não havia nada de errado com seus seios (que ela soubesse). Eram grandes o bastante para nunca a terem chamado de tábua. Cath queria que fossem um pouco maiores, para contrabalancear os quadris largos. Assim ela não seria o "formato pera" daqueles guias de como se vestir de acordo com seu corpo. Eles tentavam convencer de que era possível lidar com todo tipo de silhueta, mas ficava difícil acreditar naquilo quando seu próprio corpo parecia não ter jeito.

Cath fingiu que era Wren; fingiu que não se importava. Ajeitou os ombros, ergueu o queixo e tentou fazer seus olhos dizerem: "Já nos conhecemos? Também sou a irmã bonita".

A porta se abriu e a maçaneta atingiu as costelas de Cath.

— Merda — ela disse, caindo meio na cama, meio no chão. Seus braços estavam sobre o rosto, que ela tinha conseguido proteger.

— Merda — Reagan disse, assomando sobre Cath. — Está tudo bem?

Cath apoiou a mão na lateral do corpo e escorregou por inteiro para o chão.

— Ai — ela gemeu.

— Cath? *Merda.*

Cath se sentou devagar. Não parecia ter quebrado nada.

— Por que você estava de pé bem atrás da porta? — Reagan perguntou.

— Vai ver eu ia sair — Cath disse. — Nossa. Por que você tem que abrir a porta com um chute toda vez?

— Estou sempre com as mãos ocupadas. — Reagan largou a bolsa e a mochila e estendeu uma mão para Cath, que a ignorou e se apoiou na cama

para levantar. — Se você *sabe* que sempre abro a porta com um chute, não deveria ficar parada atrás dela.

— Achei que você estivesse na festa… — Cath voltou a colocar os óculos. — É assim que você pede desculpa?

— Desculpa — Reagan disse, como se lhe custasse muito. — Estava trabalhando. Vou pra lá agora.

— Ah.

Reagan tirou um sapato e chutou para dentro do armário.

— Você vai também?

Ela não olhou para Cath. Se tivesse olhado, talvez Cath tivesse respondido outra coisa.

— Vou.

Reagan parou no meio do processo de tirar o outro sapato e levantou o rosto.

— É? Então tá… Bom, vou só me trocar.

— Tá — Cath disse.

— Tá… — Reagan pegou a escova de dente e a bolsinha de maquiagem e voltou a olhar para Cath, sorrindo em aprovação.

Cath olhou para o teto.

— Se troca logo.

Assim que Reagan saiu, Cath levantou com um pulo, o que fez com que voltasse a sentir a dor na lateral do corpo e contraísse o rosto, então abriu o armário. Baz a olhou do lado de dentro da porta.

— Não fica aí parado — ela resmungou para a silhueta. — Me ajuda.

Quando Cath e a irmã haviam dividido as roupas do armário, Wren ficara com tudo o que podia ser classificado como “festa na casa de um garoto” ou “roupa de sair”. Cath ficara com tudo o que tinha cara de “vou passar a noite inteira escrevendo” ou “tudo bem se eu derramar chá”. Sem querer,

ela acabara pegando um jeans de Wren no feriado de Ação de Graças, então o escolheu para vestir. Encontrou uma camiseta branca sem nada escrito, sem nenhuma relação com Simon. Tinha uma mancha estranha, que precisava esconder com uma blusa de frio. Ela desenterrou seu casaquinho preto menos detonado.

Cath sabia que tinha maquiagem em algum lugar… em alguma das gavetas. Encontrou rímel, um lápis de olho e uma base meio empelotada, então se pôs diante do espelhinho de maquiagem da colega de quarto.

Quando Reagan abriu a porta com toda a delicadeza ao voltar, seu rosto parecia revigorado e seu cabelo vermelho estava liso. Cath pensou que ela estava parecida com Adele. Caso Adele tivesse uma irmã gêmea mais durona e cortante. (Uma irmã gêmea do mal.)

— Olha só pra você — Reagan disse. — Parece… um pouquinho melhor que normalmente.

Cath gemeu, desamparada demais para retrucar.

Reagan riu.

— Você está ótima. Seu cabelo também. Tipo o da Kristen Stewart depois dos apliques. Dá uma sacudida.

Cath sacudiu a cabeça, como se discordasse de alguma coisa com vontade.

Reagan suspirou e segurou os ombros de Cath, abaixou a cabeça dela e sacudiu seu cabelo desde a raiz. Os óculos de Cath caíram.

— Se você não vai fazer escova — Reagan disse —, é melhor fingir que acabou de dar pra alguém.

— Meu Deus — Cath disse, soltando a cabeça. — Não precisa ser grossa.

Ela se inclinou para pegar os óculos.

— Você tem mesmo que usar isso? — Reagan perguntou.

— Tenho. — Cath colocou os óculos. — Senão vou virar aquela menina do *Ela é demais.*

— Tanto faz — Reagan disse. — Levi já gosta de você. Acho que ele curte o lance nerd. O cara fala de você como se fosse algo que viu no museu de história natural.

Aquilo confirmou o que Cath sempre temera: que Levi a via como uma atração de circo.

— Isso não é bom — ela disse.

— É sim, no caso do Levi — Reagan garantiu. — Ele adora esse tipo de coisa. Quando está triste, gosta de passear no Morrill Hall.

Era o museu do campus, que contava com dioramas da vida selvagem e o maior fóssil de mamute do mundo.

— É sério?

Isso é tão fofo, pensou Cath.

Reagan revirou os olhos.

— Vamos logo.

Eram quase onze horas quando elas chegaram na festa, mas o lugar não estava exatamente escuro, por causa da neve.

— Ainda vai ter alguém? — Cath perguntou a Reagan quando elas saíram do carro.

— O Levi, com certeza. Ele mora aqui.

A casa era exatamente como Cath imaginara. Ficava em um bairro antigo, com grandes casas vitorianas brancas. Cada uma tinha uma varanda enorme e muitas caixas de correio ao lado da porta. E a rua estava lotada de carros. Elas tiveram que parar a quatro quarteirões de distância, de modo que Cath ficara contente de não estar usando botas de bico fino e salto alto, como Reagan.

Até que chegassem à porta, o estômago de Cath já tinha se dado conta do que estava acontecendo. Ele se revirava dolorosamente, e ela sentia o ar entrando e saindo rápido demais das narinas.

Cath nem conseguia acreditar que estava fazendo aquilo. *Garoto. Festa. Desconhecidos. Cerveja. Desconhecidos. Festa. Garoto. Contato visual.*

Reagan lançou um olhar para ela.

— Se controla — disse, ríspida.

Cath assentiu, olhando para o capacho gasto à porta.

— Não vou te abandonar lá dentro — Reagan disse —, por mais que eu queira.

Cath assentiu de novo, então Reagan abriu a porta.

Estava mais quente e mais claro lá dentro — e não era nem um pouco como Cath imaginara que seria.

Ela visualizara paredes vazias e móveis que tinham ficado largados em uma esquina por uma semana até que alguém decidisse levá-los.

Mas a casa de Levi era bem agradável. Simples, mas agradável. Tinha alguns quadros pendurados nas paredes e plantas por toda parte — samambaias, clorofitos e uma suculenta tão grande que parecia uma árvore.

Havia música tocando — uma música eletrônica sonolenta —, mas não muito alto. E um incenso queimava.

Ainda tinha bastante gente na festa — todas mais velhas que Cath, pelo menos da idade de Levi —, a maioria só conversando. Dois caras meio que dançavam e meio que brincavam perto do som, sem se importar de serem os únicos a fazer isso.

Cath ficou o mais perto possível das costas de Reagan, tentando disfarçar o fato de que procurava por Levi. (Em sua mente, ela andava na ponta dos pés, com uma mão sobre os olhos, como quem vasculha o horizonte à procura de navios.)

Todo mundo ali conhecia Reagan. Alguém entregou uma cerveja para cada uma, e Cath aceitou a dela, mas não abriu. Era o colega de quarto de Levi. Um deles. Quase todo mundo que Cath conheceu nos minutos seguintes morava com Levi. Ela olhou mais adiante.

Talvez Levi estivesse no banheiro.

Talvez já tivesse ido para a cama. Talvez Cath pudesse ir até sua cama, como se fosse a Cachinhos Dourados, para quando ele acordasse dizer apenas "até mais" e sair correndo. Uma mistura de Cachinhos Dourados e Cinderela.

Reagan já tinha tomado metade da cerveja quando perguntou a um cara:

— Cadê o Levi?

Ele tinha barba e usava óculos de armação preta da Ray-Ban.

— Talvez na cozinha — disse, depois de observar ao redor.

Reagan assentiu como se não se importasse. *Porque ela realmente não se importa*, Cath pensou.

— Vem — ela disse a Cath. — Vamos atrás dele. — E então, quando estavam longe dos outros, disse: — Fica tranquila.

A casa começava com três cômodos grandes interligados — sala de estar, sala de jantar e jardim de inverno. A cozinha ficava nos fundos, atrás de uma porta estreita. Cath se manteve logo atrás da colega de quarto, de modo que Reagan viu Levi antes que Cath entrasse de fato.

— Merda. — Cath a ouviu sussurrar.

Cath pisou na cozinha.

Levi estava reclinado contra a pia. (Levi. Sempre reclinado.) Tinha uma garrafa de cerveja na mão, a mesma com que segurava as costas de uma garota.

Ela parecia mais velha que Cath. Mesmo de olhos fechados. A outra mão de Levi estava enfiada em seu cabelo loiro comprido, e ele a beijava com a

boca aberta e um sorriso no rosto. Levi fazia aquilo parecer tão fácil.

Cath olhou para baixo imediatamente e saiu da cozinha, indo direto para a porta da rua. Ela sabia que Reagan estava logo atrás dela, porque a ouvia murmurando:

— Merda, merda, merda.

— Mas eu não entendo — Simon disse. — O que *é o Oco Insidioso? É um homem?*

— Talvez. — O Mago tirou a areia dos olhos e agitou a varinha à frente deles. — Salvo-todos! *— ele sussurrou. Simon se preparou, mas nada aconteceu. — Talvez ele seja um homem — o Mago disse, recuperando seu sorriso seco. — Talvez seja alguma outra coisa. Algo menor, eu arriscaria.*

— Ele é um feiticeiro? Como nós?

— Não — o Mago respondeu, ríspido. — Disso pode ter certeza. Ele… se é que se pode chamá-lo de "ele", é um inimigo da magia. O Oco a destrói. Alguns acham que a devora. Ele extingue a magia do mundo, sempre que pode… Você é jovem demais para ouvir isso, Simon. Onze anos é jovem demais. Mas não é justo continuar escondendo de você. O Oco Insidioso é a maior ameaça que o Mundo dos Magos já enfrentou. Ele é poderoso, é difuso. Lutar contra ele é como lutar contra o sono quando já se está muito mais que exausto. Mas precisamos *fazer isso. Você foi trazido para Watford porque acreditamos que o Oco nutre um interesse especial por você. Queremos te proteger. Prometo que farei isso mesmo às custas de minha própria vida. Mas você deve aprender o quanto antes a melhor maneira de se proteger sozinho, Simon.*

do capítulo 23 de *Simon Snow e o herdeiro do Mago*,

copyright © 2001 by Gemma T. Leslie

DEZESSETE

Elas não conversaram no carro. E Cath não chorou. Ficou feliz por aquilo. Já estava se sentindo uma idiota…

Porque era uma de fato.

O que ela estava pensando? Que Levi gostava dela de verdade? Como podia ter acreditado naquilo, principalmente depois de ter passado os dois dias anteriores explicando para si mesma todos os motivos pelos quais ele nunca gostaria?

Talvez ela tivesse pensado que era possível porque Reagan pensara que era, e sua colega de quarto nunca era a idiota…

Quando elas chegaram ao dormitório, Reagan impediu Cath de sair do carro.

— Espera.

Cath ficou ali, segurando a porta aberta.

— Desculpa — Reagan disse. — Aquilo não era nem um pouco o que eu esperava.

— Só quero fingir que nada aconteceu — Cath disse, sentindo as lágrimas voltarem a queimar seus olhos. — Não quero falar sobre isso. E, tipo, sei que ele é seu melhor amigo, mas não quero que você fale com ele sobre hoje à noite… ou sobre mim. Nunca mais. Já me sinto totalmente idiota.

— Claro — Reagan disse. — Como você quiser.

— Quero fingir que isso não aconteceu.

— Tudo bem.

Reagan era boa em não falar sobre as coisas.

Ela não mencionou Levi durante o resto da semana. Ele ligou para Cath no sábado de manhã, mas ela não atendeu. Alguns segundos depois, o celular de Reagan tocou.

— Não precisa ignorar por minha causa — Cath disse. — Não aconteceu nada.

— Alô — Reagan disse ao celular. — Tá… Pode ser… Me liga quando estiver aqui embaixo. Cath está estudando.

Meia hora depois, o celular de Reagan voltou a tocar. Ela se levantou para ir embora.

— Tchau — disse.

Cath assentiu.

— Tchau.

Levi tentou ligar para Cath de novo naquele fim de semana. Duas vezes. Ele chegou a mandar uma mensagem para ela, dizendo: eles encontraram a quinta lebre, e agora? te dou lattes de biscoito de gengibre e pão de abóbra em troca dessa informação.

Cath fez uma careta ao ver que ele havia escrito "abóbora" errado.

Se ela não houvesse ido à festa — se não tivesse visto Levi em ação —, teria pensado que ele a estava convidando para sair.

Cath sabia que ia ter que vê-lo de novo. Levi ainda era o melhor amigo de Reagan, e os dois estudavam juntos…

Reagan provavelmente ia mantê-lo à distância se ela quisesse, mas Cath não queria que Levi fizesse perguntas para sua colega de quarto. Então decidiu que era melhor ela própria se afastar. Começou a ir à biblioteca depois do jantar, passando um tempo na área em que Nick trabalhava. Em geral, não havia ninguém ali — nem ele próprio. Cath levava o notebook e tentava trabalhar no projeto final de escrita de ficção, um conto de dez mil

palavras. Ela já tinha começado — meia dúzia de vezes, inclusive —, mas ainda não chegara em nada que tinha vontade de terminar.

Em geral, acabava trabalhando em *Sempre em frente, Simon.* Cath andava inspirada, postando longos capítulos quase toda noite. Quando para de escrever o trabalho para escrever sobre Simon e Baz, era como se percebesse que estava com a marcha do carro errada engatada. Ela chegava a sentir os músculos do antebraço relaxando. Sua digitação acelerava, sua respiração ficava mais fácil. Cath se pegava assentindo enquanto escrevia, quase como se estivesse marcando o ritmo das palavras que fluíam dela.

Quando a biblioteca fechava, Cath digitava o número da emergência no celular e corria para o alojamento o mais rápido possível, pronta para completar a ligação.

Mais de uma semana passou antes que ela visse Levi. Cath voltou para o quarto depois da aula uma tarde e o encontrou sentado na cama de Reagan enquanto ela estava mexendo no notebook.

— Cather — ele disse, sorrindo e tirando os fones de ouvido. Agora ela sabia que ele estava ouvindo uma aula. Reagan havia dito que ele ouvia as gravações o tempo todo, e guardava aquelas de que mais gostava. — Ei. Te devo uma bebida. Pode escolher, quente ou fermentada. Mandei muito bem na prova do livro. Reagan te contou? Tirei dez.

— Que legal — Cath disse, tentando não deixar que seu rosto demonstrasse o quanto queria beijá-lo e matá-lo.

Ela tinha pensado que Reagan ia trabalhar aquela noite. Caso contrário, não teria ido para o quarto. De qualquer maneira, não precisava ficar ali. Ia encontrar Nick na biblioteca mais tarde.

Cath fingiu pegar algo de que precisava da escrivaninha. Um pacote de chiclete.

— Bom, eu já vou — ela disse.

— Mas você acabou de chegar — Levi falou. — Não quer ficar um pouco e conversar sobre o simbolismo da relação de Johnny e Ponyboy? Ou o conflito entre Sodapop e Datty? Ei, você acha que tem fanfics de *Vidas sem rumo*?

— Tenho que ir — Cath disse, como se falasse com Reagan. — Vou encontrar alguém.

— Quem? — Levi perguntou.

— Nick. Meu parceiro de escrita.

— Ah. Tá. Quer que eu vá te buscar depois?

— Nick provavelmente vai me trazer — ela disse.

— Ah. — Levi franziu as sobrancelhas, mas não deixou de sorrir. — Legal. Até mais.

Ela não conseguiu fugir dele tão depressa quanto gostaria. Foi para a biblioteca e escreveu três páginas de *Sempre em frente* até Nick aparecer.

— Desliga esse troço — Nick disse. — Você está criando interferência no meu centro criativo com essa estática.

— Hum, que delícia — Cath disse, fechando o notebook.

Nick pareceu não entender direito.

— Foi um "hum, que delícia" meio metafísico.

— Ah. — Ele deixou a mochila no chão e pegou o caderno. — Você está trabalhando no conto final?

— Indiretamente — Cath disse.

— O que isso quer dizer?

— Sabe aquela história de que escultores não esculpem um objeto, eles eliminam tudo o que *não é* o objeto?

— Não.

Ele se sentou.

— Bom, estou escrevendo tudo o que *não é* meu trabalho final, pra não haver mais nada na minha cabeça quando eu me sentar pra escrever de fato.

— Garota esperta — ele disse, empurrando o caderno aberto na direção dela. Cath deu uma folheada. Nick havia preenchido cinco folhas, frente e verso, desde seu último encontro.

— E você? — ela perguntou.

— Não sei — ele disse. — Talvez eu entregue um conto que escrevi nas férias.

— Isso não é errado?

— Acho que não. É como se eu tivesse me adiantado *muito*… Tudo em que consigo pensar agora é *neste* conto. — Ele voltou a empurrar o caderno para Cath. — Lê o que escrevi.

Aquele conto. O conto deles. Nick insistia que era uma anti-história-de-amor.

— Mas não é antiamor — ela havia argumentado.

— É anti tudo o que se costuma encontrar numa história de amor. Tipo olhos sonhadores e "você me completa".

— "Você me completa" é ótimo — Cath dissera. — Você bem que gostaria de ter inventado isso.

Cath não contara a ele que escrevia histórias de amor — que reescrevia a mesma história de amor — todos os dias há cinco anos. Que havia escrito histórias de amor melosas e não melosas, de amor à primeira vista, de amor antes da primeira vista, de amor e ódio…

Ela não contou a Nick que escrever histórias de amor era sua especialidade. O que fazia de melhor. Ou que a anti-história-de-amor dele parecia a primeira fanfic de alguém, com as típicas falhas de principiante. Estava claro que o protagonista era Nick, enquanto a garota era uma mistura de Winona Ryder, Natalie Portman e Selena Gomez.

Em vez disso, Cath consertava o texto. Reescrevia os diálogos. Ela se sobressaía com personagens excêntricas.

— Por que você riscou isso? — Nick perguntava agora, debruçado sobre o ombro esquerdo dela. Ele cheirava bem. (*Notícia urgente: garotos cheiram bem*.) — Eu tinha gostado.

— A personagem acabou de parar o carro em um estacionamento pra pegar um dente-de-leão e fazer um desejo.

— É revigorante — Nick disse. — É romântico.

Cath negou com a cabeça. Seu rabo de cavalo roçou no pescoço de Nick.

— Faz ela parecer uma idiota.

— Você tem algo contra dentes-de-leão?

— Tenho algo contra mulheres de vinte e dois anos desejando coisas para dentes-de-leão. Parando o carro para desejar coisas para dentes-de-leão. E falando no carro: *não*. Nada de Volvo vintage.

— É um detalhe da personagem.

— É um clichê. Juro por Deus que todos os Volvos produzidos entre 1970 e 1985 pertencem a personagens femininas excêntricas.

Nick fez um bico olhando para o papel.

— Você está cortando tudo.

— Não estou, não.

— O que sobrou?

Ele se inclinou um pouco mais para ver o que ela escrevia.

— O ritmo — Cath disse. — O ritmo estava bom.

— É?

Ele sorriu.

— É. Parece uma valsa.

— Ficou com inveja? — Nick sorriu mais um pouco. Seus caninos eram meio tortos, mas não o bastante para que ele precisasse usar aparelho.

— Claro — ela disse. — Nunca escrevi uma valsa.

Às vezes, quando eles falavam daquele jeito, Cath tinha certeza de que rolava algo. Mas quando fechavam o caderno, a luz nos olhos de Nick se apagava. À meia-noite, ele corria para onde quer que sempre corria, provavelmente para segurar a cintura de uma loira e uma cerveja ao mesmo tempo. Para beijá-la com os caninos tortos à mostra.

Cath continuou trabalhando no texto. Uma conversa completamente diferente se formou na margem do papel. Quando levantou o rosto, Nick continuava sorrindo para ela.

— O quê? — Cath perguntou.

— Nada — ele disse, sorrindo.

— O que foi?

— Nada. É só que… É esquisito que isso esteja dando certo. Você e eu. Que a gente consiga escrever juntos. É como se… pensássemos juntos.

— É legal — Cath disse, sincera. — Escrever é muito solitário.

— Quem imaginaria que a gente teria essa sintonia, né? Somos tão diferentes.

— Não somos tão diferentes assim.

— Somos totalmente diferentes — ele disse. — Olha só pra nós.

— Nós dois estudamos letras — Cath disse. — Somos brancos. Moramos em Nebraska. Ouvimos o mesmo tipo de música, assistimos aos mesmos programas de TV, temos até All-Stars iguais.

— Tá, mas é tipo John Lennon escrevendo com… Taylor Swift, em vez de Paul McCartney.

— Se liga — Cath disse. — Você não é nem de perto tão bonito quanto a Taylor Swift.

— Você sabe o que eu quero dizer.

Nick cutucou o braço dela com a ponta da caneta.

— É legal — Cath disse, olhando para ele, ainda sem saber ao certo o que estava rolando, e desconfiada de que preferia que não fosse nada. — Escrever é muito solitário.

Não sobrou tempo para que Cath escrevesse uma folha só sua da história no caderno. Ela e Nick passaram o resto da noite ali, arrumando a parte dele. O Volvo se tornou um Neon enferrujado, e o dente-de-leão desapareceu.

Às quinze para a meia-noite, eles guardaram as coisas. Quando chegaram aos degraus que dava para a entrada da biblioteca, Nick já estava conferindo o celular.

— Ei — Cath disse —, não quer passar pelo Pound Hall no caminho para o carro? Podemos ir juntos.

Ele não tirou os olhos da tela.

— É melhor não. Preciso ir pra casa. A gente se vê na aula.

— Tá — Cath disse. — A gente se vê.

Ela pegou o celular e começou a digitar o número da emergência antes mesmo que ele desaparecesse nas sombras.

— Pai? É a Cath. Só estou ligando pra falar oi. Pensei em ir pra casa este fim de semana. Me liga.

— Pai, você está aí no trabalho? É quinta. Acho que vou pra casa amanhã. Me liga, tá? Ou me manda um e-mail. Te amo.

— Oi, é o papai. É melhor você não vir pra casa este fim de semana. Vou passar o tempo todo na gravação do comercial do Ravimolho. Em Tulsa. Bom, pode vir se quiser. Dar uma festa de arromba. Tipo o Tom Cruise

em… Qual é mesmo o nome daquele filme? Não é *Top Gun*… É *Negócio arriscado*! Faz uma festona. Convida um monte de gente pra ver *Negócio arriscado*. Não tenho bebida, mas sobrou um pouco daquela vagem gratinada. Te amo, Cath. Ainda está brigada com a sua irmã? Não fique.

A biblioteca Love estava mais cheia que o normal aquele fim de semana; só faltava uma semana para as provas finais, e todo mundo parecia mergulhado nos estudos. Cath teve que adentrar mais e mais para encontrar um lugar vazio. Ela pensou em Levi e na teoria dele de que a biblioteca inventava novos salões conforme a pessoa a visitava. Naquela noite, ela passou por uma porta baixa sob uma escada. A placa dizia ALA SUL, e Cath podia jurar que nunca a havia visto.

Ela a abriu e desceu para um corredor de tamanho normal, que dava em outra sala que parecia um silo de míssil, uma imagem espelhada da sala em que Nick trabalhava. Até o vento parecia soprar na direção oposta.

Cath encontrou um cubículo vago e apoiou a mochila, então tirou o casaco. A garota sentada do outro lado da divisória cinza a observava.

Ela se endireitou na cadeira, de modo que Cath pudesse ver que sorria. Observou rapidamente ao redor, então se inclinou para a frente, segurando a divisória.

— Desculpa incomodar, mas adorei sua camiseta.

Cath olhou para o peito. Estava usando a camiseta com um trocadilho com o nome da fanfic e o rosto de Baz e Simon.

— Ah — Cath disse. — Obrigada.

— É sempre legal conhecer mais alguém que lê fanfics na vida real…

Cath devia ter parecido surpresa, porque a garota disse em seguida:

— Ah, meu Deus. Talvez você nem saiba do que estou falando.

— Eu sei — Cath disse. — É claro que sei. Quer dizer, acho que sei. De *Sempre em frente, Simon*?

— Isso! — A garota riu baixo, então voltou a observar ao redor. — Achei que fosse ser constrangedor. Quer dizer, às vezes é como ter uma vida secreta. As pessoas acham tão estranho… a ideia de fanfics. De slash. Você sabe.

Cath assentiu.

— Você lê bastante?

— Não tanto quanto antes — a garota disse. — Eu era viciada na época da escola. — Seu cabelo loiro estava preso em um rabo de cavalo e ela usava um moletom do time de futebol americano da cidade de Verdigree com os dizeres: LUTEM, FALCÕES, LUTEM! Ela não *parecia* uma esquisitona reclusa… — E você?

— Ainda leio bastante… — Cath disse.

— A Magicath é minha autora preferida — a garota interrompeu, como se não conseguisse se segurar. — Sou completamente obcecada por *Sempre em frente.* Você tem acompanhado?

— Tenho.

— Ela tem postado *muito* ultimamente. Sempre que entra um capítulo novo, eu paro tudo pra ler. E depois reler. Minha colega de quarto acha que eu sou maluca.

— A minha também.

— Mas é *tão* bom. Ninguém escreve sobre Simon e Baz como Magicath. Sou apaixonada pelo Baz dela. Tipo, *de verdade.* E eu costumava shippar muito o Simon com a Agatha.

Cath franziu o nariz.

— Não acredito.

— Eu sei, mas eu era criança.

— Se a Agatha se importasse de verdade com os dois — Cath disse —, escolheria logo um deles.

— Total! Quando Simon terminou com ela em *Sempre em frente*… nossa, foi tão bom.

— Você não achou que demorou demais?

— Não — a garota disse. — Você achou?

— Não sei muito bem.

— Pra mim os capítulos nunca passam do ponto. Só quero mais e mais. — A garota movimentou as mãos em frente à boca como se fosse o Come-Come da Vila Sésamo devorando biscoitos. — É sério, sou obcecada por *Sempre em frente.* Sinto que algo *muito importante* está prestes a acontecer.

— Eu também — Cath disse. — Acho que o Mago pode se voltar contra Simon.

— Não! Sério?

— Sei lá, é só uma sensação.

— A demora pro Simon e pro Baz ficarem juntos quase me matou. E agora estou louca pra que venha logo uma grande cena romântica. É a minha única reclamação. Não tem cenas de pegação suficientes entre Simon e Baz.

— Ela quase não escreve cenas românticas — Cath disse, sentindo as bochechas corarem.

— É, mas quando escreve, a coisa pega.

— Você acha?

— Hum… — A garota riu. — *Com certeza.*

— É por isso que as pessoas acham que somos todas umas taradas — Cath disse.

A garota riu de novo.

— Eu sei. Às vezes até esqueço que vai sair o livro de verdade. Tipo, é difícil imaginar que a história vai terminar de um jeito diferente do que a Magicath escrever.

— Às vezes — Cath disse —, quando estou lendo o original, esqueço que Simon e Baz não estão apaixonados.

— Né? Amo a Gemma T. Leslie e sempre vou amar… Ela foi muito importante na minha infância, e sei que a Magicath não existiria sem ela. Mas agora acho que amo mais a Magicath. Acho que ela é minha autora preferida. E nunca nem escreveu um livro…

A boca de Cath estava ligeiramente entreaberta, e ela balançava a cabeça.

— Que *loucura*.

— *Eu sei* — a garota disse. — Mas acho que é verdade. Nossa, desculpa. Estou te enchendo. É que nunca tenho a chance de falar sobre esse tipo de coisa na vida real. A não ser com meu namorado. Ele sabe como sou louca.

— Não precisa pedir desculpa — Cath disse. — Foi bem legal conversar.

A garota se sentou, e Cath também. Ela abriu o notebook e pensou por um minuto na professora Piper, então abriu o último capítulo de *Sempre em frente.* Algo importante estava prestes a acontecer.

— Pai, é a Cath. Já voltou de Tulsa? Só queria saber se está tudo bem. Me liga.

— Pai? É a Cath. Me liga.

— Oi, Cath, é o papai. Já voltei. Estou bem. Não se preocupa comigo. Se preocupa com os estudos. Não, esquece isso, não se preocupa com nada.

Tenta não se preocupar, Cath. É ótimo ser assim. É tipo voar. Te amo, meu bem. Diz pra sua irmã que mandei um oi.

— Pai, sei que você não quer que eu me preocupe, mas eu me preocuparia menos se você me ligasse de volta. E não às três da manhã.

— Dez dias… — a professora Piper disse.

Em vez de estar sentada sobre a mesa, como sempre, ela posava perto das janelas. Nevava lá fora — já havia nevado muito naquele ano, e ainda era começo de dezembro —, e o vidro tomado pelo gelo conferia carga dramática à sua silhueta.

— Gostaria de acreditar que todos vocês já terminaram seus contos — ela disse, voltando os olhos azuis para a classe. — Que estão apenas fazendo ajustes agora, amarrando as pontas soltas…

Ela andou na direção das mesas e sorriu para alguns deles, um a um. Cath sentiu uma palpitação quando seus olhares se encontraram.

— Mas sou escritora também — a professora disse. — Sei como é se deixar distrair. Procurar por distrações. Se exaurir fazendo qualquer outra coisa em vez de encarar a página em branco. — Ela sorriu para um garoto. — A tela em branco… Então, se ainda não terminaram, ou se nem começaram, saibam que entendo, de verdade. Mas imploro para que *comecem agora*. Se isolem do mundo. Desconectem a internet, façam uma barricada na porta. Escrevam como se sua vida dependesse disso. Escrevam como se seu *futuro* dependesse disso. Porque tem uma coisinha que posso prometer a vocês… — Ela deixou o olhar pousar em outro de seus alunos preferidos e sorriu. — Se estão planejando fazer meu curso avançado no próximo semestre, não vão conseguir a menos que tirem pelo menos um oito nesta matéria. E o conto representa metade da nota final. Esta aula é

para *escritores* — ela disse. — Para pessoas dispostas a deixar de lado seus medos e superar as distrações. Amo todos vocês, de verdade, mas não é porque vão desperdiçar o tempo de vocês que vou desperdiçar o meu tempo também. — A professora parou à mesa de Nick e sorriu para ele. — Certo? — ela disse, só para ele.

Nick assentiu. Cath baixou os olhos para sua própria carteira.

Ela não tinha lavado os lençóis, mas não restava nada de Levi neles.

Cath enfiou o rosto no travesseiro da maneira mais indiferente que conseguiu, ainda que não houvesse ninguém no quarto para julgá-la.

A fronha cheirava a fronha suja. E um pouco a salgadinhos.

Cath fechou os olhos e imaginou Levi deitado a seu lado, suas pernas tocando as dela e se emaranhando com elas. Se lembrou de como ficara rouca e o braço dele a enlaçara, como se Levi quisesse segurá-la, como se quisesse facilitar as coisas para ela.

Cath se lembrou da camisa de flanela. Da boca ávida e rosada dele. De como ela tinha passado quase tempo o bastante com os dedos nos cabelos da nuca de Levi.

De repente, estava chorando e seu nariz escorria. Cath o limpou na fronha, porque, àquela altura, que diferença faria?

Simon correu o mais rápido que pôde. E ainda mais rápido. Lançando feitiços em seus pés e pernas, lançando feitiços nos galhos e nas pedras em seu caminho.

Talvez já fosse tarde demais — a princípio ele pensara que era, quando vira Agatha jogada no chão da floresta… Mas seu corpo tremulava. Ela podia estar assustada, mas continuava inteira.

Baz debruçado sobre Agatha, de joelhos, tremendo quase tanto quanto ela. Seu cabelo caía para a frente de uma maneira que ele normalmente não permitiria, e sua pele branca brilhava estranhamente ao luar, como o interior de uma concha. Por um momento Simon se perguntou por que Agatha não tentava escapar. Devia estar em transe, ele pensou. Vampiros podiam fazer aquilo com as pessoas, não?

— Vai embora — Baz sibilou.

— Baz… — Simon disse, esticando um braço.

— Não olha pra mim.

Simon evitou os olhos de Baz, mas não virou o rosto.

— Não tenho medo de você — ele disse.

— Deveria ter. Posso matar vocês dois. Ela primeiro, depois você, sem que se deem conta do que estou fazendo. Sou muito rápido, Simon…

A voz dele falhou no fim.

— Eu sei…

— E muito forte.

— Eu sei.

— E estou com muita sede.

A voz de Simon saiu quase num sussurro:

— Eu sei.

Os ombros de Baz tremeram. Agatha começou a se sentar — devia estar se recuperando. Simon olhou para ela, sério, e balançou a cabeça. Deu outro passo na direção deles. Estava perto agora. Ao alcance de Baz.

— Não tenho medo de você, Baz.

— Por que não? — Baz choramingou. Como um animal ferido.

— Porque conheço você. E sei que não me machucaria. — Simon estendeu a mão e ajeitou um cacho de cabelo preto. Baz inclinou a cabeça com o toque. Suas presas estavam para fora, brilhantes. — Você é muito forte, Baz.

Baz esticou os braços, puxando-o pela cintura e pressionando o rosto contra sua barriga.

Agatha se esgueirou por entre eles e correu na direção da fortaleza. Simon segurou Baz pela nuca e curvou seu corpo na direção dele.

— Eu sei — Simon disse. — Eu sei de tudo.

de *Sempre em frente, Simon*, postado em fevereiro de 2011 pela autora do FanFixx.net Magicath

DEZOITO

— Agora você só mata o tempo aqui?

Nick empurrou o carrinho da biblioteca até a mesa de Cath.

— Só estou tentando escrever — ela disse, fechando o notebook antes que ele desse uma olhada na tela.

— É o trabalho final? — Nick se sentou à cadeira ao lado dela e tentou abrir o computador. Cath pôs um braço em cima. — Já definiu sobre o que vai fazer?

— Já — Cath disse. — Inúmeras vezes.

Ele franziu a testa por um segundo, depois balançou a cabeça.

— Não estou preocupado com você. Pode escrever dez mil palavras enquanto dorme.

Era quase verdade. Cath já havia escrito dez mil palavras de *Sempre em frente* em uma única noite. Seus punhos tinham ficado doloridos no dia seguinte…

— E quanto a você? — ela perguntou. — Já terminou?

— Quase. Bom… tenho uma ideia.

Ele sorriu para Cath. Era um daqueles sorrisos que a faziam pensar que ele podia estar dando em cima dela.

Sorrisos são confusos, ela pensou. *É por isso que eu não sorrio.*

— Acho que vou entregar minha anti-história-de-amor.

Ele arqueou sua sobrancelha expressiva, abrindo um sorriso de expectativa.

Cath sentiu seu queixo cair um pouco, então fechou a boca.

— A anti-história-de-amor? Tipo… a em que estamos trabalhando juntos?

— É — Nick disse animado, arqueando as sobrancelhas de novo. — Bom, no começo pensei que era frívola demais. Um conto deveria ser sobre alguma coisa. Mas é como você sempre diz: é sobre duas pessoas se apaixonando. O que poderia ser mais importante que isso? E já trabalhamos bastante nele, acho que está pronto. — Ele empurrou o cotovelo contra o dela e bateu com a ponta da língua nos dentes. Seus olhos estavam fixos nos de Cath. — O que você acha? É uma boa ideia, né?

O queixo de Cath estava caído de novo.

— Mas… é que… — Ela olhou para a mesa, para o lugar onde seu notebook costumava ficar. — Trabalhamos juntos nele.

— Cath… — ele disse, como se estivesse decepcionado com ela. — O que está tentando me dizer?

— Bom, você está dizendo que o texto é seu.

— Você sempre diz isso — Nick a cortou. — Sempre diz que se sente mais editora que autora dele.

— De brincadeira.

— E está brincando agora? Não dá pra saber.

Ela observou o rosto dele. Nick parecia impaciente. E decepcionado. Como se a culpa fosse de Cath.

— Vamos ser honestos? — ele perguntou e nem esperou que Cath respondesse. — A ideia foi minha. Eu que comecei. Sou o único que trabalha no texto fora da biblioteca. Agradeço sua ajuda, você é uma editora incrível e tem muito potencial… mas acha mesmo que o texto é seu?

— Não — Cath disse. — Claro que não. — Ela sentiu sua voz se encolher até virar um choramingo. — Mas escrevemos juntos. Como

Lennon e McCartney…

— John Lennon e Paul McCartney falaram inúmeras vezes que escreviam as músicas sozinhos e depois mostravam um pro outro. Acha mesmo que o John escreveu metade de “Yesterday”? Ou que o Paul escreveu “Revolution”? Não seja inocente.

Cath cerrou os punhos sobre as pernas.

— Olha — Nick disse, sorrindo como se estivesse se obrigando a fazê-lo. — Sou muito grato por tudo o que você fez. Você me entende como artista de uma maneira que ninguém nunca entendeu. Você é minha melhor leitora. E quero que a gente continue mostrando o que produzimos um pro outro. Não quero que pareça que, se eu te der uma sugestão, é autoria minha. E vice-versa.

Cath balançou a cabeça.

— Mas não é… — Ela não sabia o que dizer, então puxou o notebook para si e começou a enrolar o cabo do carregador em volta dele. Aquele que Abel havia lhe dado. (Tinha sido um presente realmente bom.)

— Cath… não faz isso. Você está me deixando louco aqui. Está mesmo brava por causa disso? Acha de verdade que estou roubando de você?

Ela voltou a balançar a cabeça. Então guardou o notebook na mochila.

— Você está brava? — Nick perguntou.

— Não — ela sussurrou. Afinal de contas, ainda estavam na biblioteca. — Estou só…

Só.

— Achei que fosse ficar feliz por mim — ele disse. — Você é a única pessoa que sabe o quanto eu trabalhei nisso. Sabe que coloquei tudo de mim nesse conto.

— Eu sei — ela disse. Aquela parte era verdade. Nick se importava com aquele texto; Cath não. Ela se importava com a escrita. Com aquele terceiro

elemento mágico que surgia entre eles quando estavam trabalhando juntos. Cath encontraria Nick na biblioteca para escrever obituários, se fosse o caso. Ou rótulo de xampu. — Estou só… — ela começou a dizer. — Preciso trabalhar no meu conto. As provas finais estão chegando.

— Não pode trabalhar aqui?

— Não quero incomodar você com o barulho da minha digitação — ela murmurou.

— Quer se encontrar mais uma vez antes de entregar os contos, para os últimos acertos?

— Pode ser — ela disse, embora não quisesse.

Cath esperou chegar à escada para sair correndo, e continuou correndo durante todo o trajeto até o dormitório, em meio às árvores e à escuridão.

Na quarta à tarde, depois da prova final de biologia, Cath se sentou à frente do computador. Não ia sair do quarto ou entrar na internet até que terminasse o trabalho de escrita de ficção.

Só ia parar de digitar quando tivesse um rascunho inicial. Ainda que aquilo significasse escrever coisas como "Não sei que porra estou digitando agora, blá-blá-blá".

Cath ainda não tinha definido a trama nem os personagens…

Ela passou uma hora escrevendo uma conversa entre marido e esposa. Então se deu conta de que não havia ação ascendente nem ação descendente — marido e esposa só conversavam sobre couve-de-bruxelas, e aquilo não era uma metáfora para nada mais profundo.

Depois Cath começou a escrever sobre o término de um relacionamento sob a perspectiva do cachorro do casal.

E depois ela começou uma narrativa em que um cachorro acaba com um casamento intencionalmente. E depois Cath parou, porque não era tão

interessada assim em cachorros. Ou em pessoas casadas.

Ela pensou em digitar tudo o que lembrava de ter escrito na anti-história-de-amor de Nick. Aquilo chamaria a atenção da professora Piper.

Pensou em pegar uma de suas histórias de Simon e Baz e só mudar os nomes. (Provavelmente daria certo se a professora já não estivesse de olho nela.)

Talvez ela pudesse escrever uma história de Simon e Baz e mudar todos os detalhes. Simon seria um advogado e Baz, um espião. Simon seria um policial e Baz teria uma padaria. Simon gostaria de couve-de-bruxelas e Baz seria um cachorro.

Cath desejava desesperadamente entrar na internet. Só para checar os e-mails ou coisa do tipo. Mas não se permitia abrir o navegador, nem para confirmar se o "b" de "couve-de-bruxelas" era maiúsculo ou minúsculo.

Ela afastou a cadeira da escrivaninha e foi ao banheiro. Caminhou devagar pelo corredor, procurando alguma distração, mas não tinha ninguém por ali com quem pudesse ser simpática. Cath voltou para o quarto e deitou na cama. Tinha ficado acordada até bem tarde na noite anterior, estudando biologia, de modo que não teve dificuldade em fechar os olhos.

Era quase uma mudança bem-vinda ficar remoendo a questão com Nick em vez da questão com Levi. Ela gostava mesmo dele? (De Nick, no caso. Ela com certeza gostava de Levi.) Ou só gostava de tudo o que ele representava? Inteligência, talento, beleza. Uma beleza tipo Primeira Guerra Mundial.

Agora, só pensar em Nick já a deixava envergonhada. Ela tinha sido enganada. Ludibriada. Nick tinha planejado roubar aquele texto o tempo todo? Ou tinha feito aquilo só porque ele estava desesperado? Como Cath estava.

Nick e aquela história idiota.

Era mesmo dele. Não tinha nada nela que Cath teria incluído sozinha. A garota tonta e excêntrica. O garoto tonto e pretensioso. E nenhum dragão.

A história era de Nick. E ele a tinha enganado para que ela a escrevesse. Aquilo que era um narrador não confiável.

Cath queria trabalhar em sua própria história agora. Não na tarefa final. Em *Sempre em frente.*

Sempre em frente era a história dela. Milhares de pessoas a liam. Milhares de pessoas queriam que a terminasse.

Já o conto que ela precisava escrever para a disciplina… só uma pessoa se importava com sua conclusão. E aquela pessoa nem era Cath.

Ela pegou no sono deitada de bruços, ainda de sapatos.

Quando acordou, estava escuro, o que Cath odiava. Deixava-a desorientada pegar no sono à luz do dia e acordar na escuridão, em vez do contrário. Sua cabeça doía, e havia uma mancha de baba na fronha. Aquilo só acontecia se Cath dormia durante o dia.

Ela se sentou desanimada, então percebeu que seu celular estava tocando. Não reconheceu o número.

— Alô?

— Cather?

Era uma voz masculina. Simpática.

— Quem está falando?

— Oi, Cather, é o Kelly. Do trabalho do seu pai.

Kelly era o diretor criativo. O cara do panda. “A porra do Kelly” era como o pai dela costumava chamá-lo. Como em “A porra do Kelly quer que a gente recomece a campanha do Kilpatrick do zero”. Ou “E a porra do Kelly enfiou na cabeça que o robô tem que dançar”.

Ele era o motivo pelo qual o pai dela ainda tinha um emprego. Toda vez que Kelly mudava de agência, convencia-o a ir junto.

Kelly atribuía o comportamento extremo do pai de Cath a sua "mente criativa". "Seu pai é um gênio", ele dissera às gêmeas em uma festa de Natal. "O cérebro dele parece ter sido projetado para criar anúncios. É um instrumento preciso."

Kelly tinha uma voz suave e persuasiva — era como se toda vez que abria a boca, tentasse convencer a outra pessoa de alguma coisa, ou a comprar alguma coisa. "Já experimentaram o coquetel de camarão? É *incrível*."

Ouvir a voz suave dele fez um arrepio desagradável percorrer a espinha de Cath.

— Oi — ela disse.

— Oi, Cather. Desculpa te ligar na faculdade. É a semana de provas, né? Foi o que meu filho Connor disse.

— É — ela confirmou.

— Olha, peguei seu número no celular do seu pai só pra te dizer que ele está bem, que ele vai ficar bem. Mas vai ter que passar a noite, e talvez um ou dois dias, aqui no hospital. No St. Richard's…

— O que aconteceu?

— Nada de mais, ele está bem. De verdade. Só precisar se recuperar um pouco.

— Como assim? O que aconteceu? Por que você levou meu pai praí? Foi você quem levou?

— Fui eu, sim. Fui eu que trouxe seu pai aqui. Mas não aconteceu nada. Ele só se deixou envolver demais pelo trabalho, e você sabe que todos nós fazemos isso. Às vezes é difícil pra todos nós… mas seu pai não ia embora do escritório. Já fazia alguns dias que ele não ia pra casa…

Quantos dias? Ele estava comendo? Ia ao banheiro? Empurrara a escrivaninha para bloquear a porta? Jogara uma pilha de ideias pela janela do sétimo andar? Fora até o corredor e gritara: “Vocês são todos uns vendidos sem sangue na veia! Todos vocês! Principalmente você, Kelly, seu filho da puta descerebrado e sem criatividade!”. Haviam tirado o pai dali carregado? Tinha sido durante o dia? Todo mundo assistira?

— Ele está no St. Richard’s? — Cath perguntou.

— Isso, estão dando uma olhada nele agora. E o ajudaram a dormir. Acho que as coisas já vão melhorar bastante.

— Estou indo — ela disse. — Avisa meu pai que estou indo. Ele se machucou?

— Não, Cather. Ele não se machucou. Só está dormindo. Seu pai vai ficar bem. É que foram meses difíceis.

Meses.

— Estou indo, tá?

— Claro — Kelly disse. — Devo ir pra casa logo mais. Mas liguei do meu celular. Pode ligar se precisar de alguma coisa, tá?

— Obrigada.

— É sério. Qualquer coisa mesmo. Você sabe como me sinto em relação ao seu pai, ele é meu amuleto. Eu faria qualquer coisa por ele.

— Obrigada.

Ela desligou antes dele. Não suportava mais.

Então ligou para Wren. Ela pareceu surpresa quando atendeu. Cath foi direto ao assunto:

— O papai está no St. Richard’s.

— Quê? Como?

— Ele surtou no trabalho.

— Ele está bem?

— Não sei. Kelly disse que ele estava ficando direto no escritório.

Wren suspirou.

— A porra do Kelly?

— É.

— Papai vai odiar essa parte.

— Eu sei — Cath disse. — Vou pra lá assim que arranjar uma carona.

— Kelly pediu pra você ir?

— Como assim?

— Estamos no meio da semana de provas, e você sabe que o papai deve estar desmaiado por causa de todos os tranquilizantes. É melhor ligar amanhã pra ver como ele está.

— Wren, ele está no hospital.

— O St. Richard's não é exatamente um hospital.

— Então você acha que a gente não deve ir?

— Acho que a gente devia terminar as provas — Wren disse. — Aí o papai já vai estar acordando e vamos estar lá com ele.

— Eu vou — Cath disse. — Vou ver se a vovó vem me pegar.

— Ela está em Chicago.

— Ah. Verdade.

— Se for mesmo fazer isso, sei que a mamãe concordaria em te levar. Se for mesmo importante pra você.

— *Não.* Você não pode estar falando sério.

— Então tá. Você que sabe. Me liga quando chegar ao hospital?

Cath queria dizer algo maldoso como "Eu odiaria interromper seus estudos durante a semana de prova". Mas tudo o que disse foi:

— Tá.

Ela ligou para Reagan. Reagan tinha carro. Reagan entenderia…

Mas Reagan não atendeu.

Cath se arrastou até a cama e chorou por alguns minutos.

Pelo pai. Pela humilhação e pela fraqueza dele. E por ela mesma — porque não estivera presente para impedir que aquilo acontecesse, e porque nem mesmo aquela merda toda a tinha aproximado da irmã. Como Wren podia ser tão tranquila? Só porque aquilo já havia acontecido antes não significava que não era sério. Não queria dizer que o pai não precisava delas.

Então Cath chorou porque não tinha feito mais amigos que tivessem carro…

E depois ligou para Levi.

Ele atendeu na hora.

— Cath?

— Oi, Levi. Hum, como você está?

— Bem. Só… trabalhando.

— Você costuma atender o celular no trabalho?

— Não.

— Ah. Bom, hum, mais tarde, quando você sair, tem alguma chance de topar me dar uma carona até Omaha? Sei que é o maior trabalho, mas eu pago a gasolina. É que… é meio que uma emergência familiar.

— Te pego agora. Me dá quinze minutos.

— Não, Levi. Eu posso esperar, se você está trabalhando.

— É uma emergência familiar?

— É — ela disse baixo.

— Chego em quinze minutos.

De jeito nenhum que Snow ia vê-lo ali, na galeria. Estava ocupado demais tentando aprender os passos de dança para o baile. Ocupado demais pisando nas botas de seda de Agatha. Ela estava linda aquele dia — com seu cabelo dourado bem claro e sua pele aveludada e rosada. Essa garota é opaca*, Baz pensou.* Como leite. Como vidro fosco.

Simon deu um passo errado para a frente e Agatha perdeu o equilíbrio. Ele a segurou com um braço forte em torno da cintura.

Eles não brilham juntos? Não são de todos os tons de branco e ouro?

— Simon nunca vai desistir dela, você sabe.

Baz queria virar com tudo para a direção de onde vinha a voz, mas conseguiu se controlar. Não virou nem a cabeça.

— Oi, Penelope.

— Você está perdendo seu tempo — a garota disse, parecendo muito cansada. — Ele acha que ela é o destino dele. Não pode evitar.

— Eu sei — Baz disse, virando para as sombras. — Mas também não posso evitar.

de "Tyrannus Basilton, herdeiro dos Pitch", postado em dezembro de 2009 pelas autoras do FanFixx.net Magicath e Wrenegada

DEZENOVE

Levi não fez nenhuma pergunta, e Cath não teve vontade de se explicar.

Só disse que seu pai estava no hospital, mas não falou por quê. Agradeceu bastante. Deixou uma nota de vinte no cinzeiro e disse que arranjaria mais depois.

Ela tentava não olhar para ele — porque toda vez que fazia aquilo o imaginava beijando alguém, fosse ela ou aquela outra menina, e ambas as recordações eram igualmente dolorosas.

Cath ficou esperando que ele desse uma de Levi, enchendo-a de perguntas e comentários engraçadinhos, mas ele a deixou em paz. Depois de uns quinze minutos, Levi perguntou se Cath se importaria caso ouvisse uma aula, porque tinha uma prova importante no dia seguinte.

— Fica à vontade — Cath disse.

Levi ligou um gravador digital sobre o painel. Pelos quarenta minutos seguintes, eles ouviram um professor de voz grave falando sobre práticas pecuárias sustentáveis.

Quando chegaram à cidade, Cath passou a dar as coordenadas do caminho, porque Levi só estivera em Omaha poucas vezes. Quando entraram no estacionamento do St. Richard's, Cath teve certeza de que ele havia lido a placa que dizia CENTRO PARA A SAÚDE MENTAL E COMPORTAMENTAL.

— Pode me deixar aqui — ela disse. — Muito obrigada mesmo.

Levi pausou sua aula sobre gestão de pastagens.

— Eu me sentiria melhor se te levasse até lá dentro.

Cath não discutiu. Andou à frente dele e foi direto para a recepção. Tinha uma vaga consciência de que Levi se sentava numa cadeira do saguão, mais atrás dela.

O recepcionista não ajudou em nada.

— Avery — ele disse. — Avery… Arthur. — O homem estalou a língua. — Parece que ele não autorizou visitas.

Cath podia falar com um médico? Com um enfermeiro? O recepcionista não sabia ao certo. O pai dela estava acordado? Ele não podia dizer, por causa das leis federais de privacidade.

— Bom, então vou ficar sentada ali — Cath disse. — Talvez você possa dizer a alguém que estou esperando e que gostaria de ver meu pai.

O cara — que era grande e parecia mais um assistente hospitalar musculoso que um recepcionista ou enfermeiro — disse a ela que podia ficar esperando se quisesse. Cath se perguntou se aquele cara estivera na recepção quando tinham trazido seu pai. Ele precisara ser contido? Tinha gritado? Cuspido? Ela queria que todo mundo ali, a começar por aquele cara, soubesse que seu pai era uma pessoa, e não só uma pessoa problemática. Que havia gente que se importava com ele e que perceberia se ele fosse maltratado ou se lhe dessem a medicação errada. Cath se jogou em uma cadeira onde o assistente inútil poderia vê-la.

Dez minutos se passaram antes que Levi dissesse:

— Sem sorte?

— Nunca tenho. — Ela olhou na direção dele, mas não o encarou. — Olha, provavelmente vou ficar aqui um bom tempo. É melhor você voltar.

Levi se inclinou na direção dos joelhos, coçando a nuca, como se pensasse a respeito.

— Não vou te deixar sozinha na sala de espera de um hospital — ele acabou dizendo.

— Mas não posso fazer nada agora além de esperar — ela disse. — Esse é o lugar perfeito pra mim.

Ele deu de ombros e se recostou na cadeira, ainda coçando o pescoço.

— Posso esperar com você. Talvez precise de uma carona mais tarde.

— Tá — Cath disse, então se forçou a continuar falando. — Obrigada… Isso não vai virar um costume, só pra você saber. Prometo que não vou ficar te ligando toda vez que alguém da minha família ficar bêbado ou surtar.

Levi tirou a jaqueta verde e a deixou na cadeira ao seu lado. Usava uma malha preta e jeans preto, e segurava o gravador digital. Ele o guardou no bolso e perguntou:

— Será que tem café em algum lugar?

St. Richard's não era um hospital normal. Nada além da sala de espera ficava aberto ao público, e era só uma área estreita com algumas cadeiras. Não tinha nem uma TV ligada na Fox News.

Levi se levantou e foi até a janelinha da recepção. Ele se inclinou para a frente e começou a conversar com o cara.

Cath sentiu uma onda de irritação e pegou o celular para mandar uma mensagem para Wren. no st. richard's, esperando pra ver o papai. Ela pensou em ligar para a avó, mas decidiu esperar até que tivesse mais informações.

Quando tirou os olhos do celular, estavam liberando a entrada principal para Levi passar. Ele lançou um olhar para Cath logo antes que as portas voltassem a se fechar e sorriu. Fazia tempo que Levi não sorria para ela, e o coração de Cath deu um pulo. Seus olhos lacrimejaram…

Ele ficou bastante tempo lá dentro.

Talvez estivesse dando uma volta, ela pensou. Provavelmente voltaria com uma caneca de cerveja, o rosto coberto de marcas de batom e ingressos

para a final do futebol americano universitário.

Cath não tinha nada com que se distrair além do celular, mas a bateria estava acabando, então ela o guardou na bolsa e tentou não pensar a respeito.

Um tempo depois, ela ouviu o barulhinho da porta sendo liberada. Levi voltou, segurando dois copos descartáveis de café e equilibrando duas embalagens de sanduíche nos antebraços.

— Peru ou presunto? — ele perguntou.

— Por que você está sempre me alimentando?

— Bom, eu trabalho com comida e vou me formar em *pasto*.

— Peru — Cath disse, se sentindo grata, mas ainda sem conseguir encará-lo nos olhos. (Ela sabia o que encontraria. Os olhos dele eram calorosos e azul-bebê. Faziam com que acreditasse que Levi gostava mais de você do que as outras pessoas.) Ela pegou o copo de café. — Como conseguiu entrar?

— Só perguntei onde tinha café — ele disse.

Cath desembrulhou o sanduíche e começou a rasgá-lo com as mãos em pedacinhos. Ela apertava cada um antes de colocar na boca. A mãe costumava lhe dizer para não mutilar a comida. O pai nunca dizia nada — os modos à mesa dele eram muito piores.

— Você pode fazer de novo, tá? — Levi disse, desembrulhando seu próprio sanduíche.

— O quê?

— Me ligar da próxima vez que alguém surtar ou for preso… Fiquei feliz por ter me ligado hoje. Achei que estivesse brava comigo.

Cath amassou outro pedaço do sanduíche. A mostarda vazou dos dois lados.

— É pra você que todo mundo liga quando precisa de ajuda?

— Será que eu sou o Super-Homem?

Pela voz dele, Cath sabia que estava sorrindo.

— Você me entendeu. Você é o cara pra quem todos os amigos ligam quando precisam de ajuda? Porque sabem que você não vai recusar?

— Não sei… — ele disse. — Mas sou o cara pra quem todo mundo liga quando vai se mudar. Acho que é por causa da caminhonete.

— Quando te liguei — ela disse, olhando para os sapatos —, sabia que ia me dar uma carona. Se pudesse.

— Que bom — ele disse. — Você estava certa.

— Acho que posso estar te explorando.

Ele riu.

— Não tem como você me explorar contra minha vontade…

Cath bebeu um gole do café. O gosto não era nem um pouco parecido com o do latte de biscoito de gengibre.

— Está preocupada com seu pai? — Levi perguntou.

— Estou — ela disse. — E não estou. Quer dizer… — Cath deu uma olhada rápida nele. — Não é a primeira vez. Isso acontece… Mas normalmente não é tão grave assim. Normalmente ele pode contar com a gente.

Levi segurou um canto do sanduíche e deu uma mordida no outro.

— Está preocupada demais com seu pai pra me dizer por que está brava comigo? — ele perguntou, de boca cheia.

— Não tem importância — ela resmungou.

— Pra mim tem. — Ele engoliu. — Você vai embora do quarto sempre que eu chego. — Cath não disse nada, então Levi continuou falando. — É por causa do que aconteceu?

Ela não sabia como responder àquela pergunta. E não queria. Olhou para a parede à sua frente, onde ficaria a TV, se aquele lugar não fosse tão

parecido com uma prisão.

Cath sentiu Levi se inclinar em sua direção.

— Porque eu sinto muito — ele disse. — Não queria te deixar desconfortável.

Ela apertou a ponte do nariz, desejando saber onde ficavam os dutos lacrimais, para poder fechá-los.

— Você sente muito?

— Sinto muito por ter chateado você — ele disse. — Acho que entendi tudo errado, e peço desculpas por isso.

O cérebro dela tentou pensar em uma resposta maldosa, sobre como Levi nunca entendia nada.

— Você não entendeu tudo errado — Cath disse, balançando a cabeça. Por um segundo, se sentia mais raivosa que patética. — Eu fui na festa.

— Que festa?

Ela virou o rosto para ele, ainda que tivesse começado a chorar e seus óculos estivessem embaçando, ainda que não penteasse o cabelo desde a manhã do dia anterior.

— A festa — ela disse. — Na sua casa. Na quinta à noite. Eu fui com a Reagan.

— Então por que eu não te vi?

— Você estava na cozinha… ocupado.

O sorriso de Levi desapareceu, e ele se recostou devagar. Cath deixou o sanduíche na cadeira ao lado e entrelaçou as mãos sobre as pernas.

— Ah, Cath… — Levi disse. — Desculpa.

— Não vem com essa. Vocês dois pareciam muito felizes na hora.

— Você não disse que ia.

Ela se virou para ele.

— E se você soubesse que eu ia não estaria se pegando com outra pessoa na cozinha?

Pela primeira vez Levi pareceu não saber o que dizer. Ele deixou seu sanduíche de lado e passou as duas mãos pelo cabelo loiro. Os fios eram ainda mais finos que os de Cath. Pareciam seda. Plumas. Um dente-de-leão soprado.

— Cath… — ele disse. — Desculpa.

Ela não tinha certeza de pelo que Levi pedia desculpas. Ele olhou para Cath, parecendo genuinamente arrependido — e com pena dela.

— Foi só um beijo — ele disse, franzindo a testa.

— Qual deles? — ela perguntou.

Levi desceu as mãos à nuca, e sua franja caiu solta.

— Os dois.

Cath inspirou de maneira trêmula e profunda, então soltou o ar pelo nariz.

— Tá — ela disse. — É, hum… bom ter essa informação.

— Não achei que…

— *Levi.* — Ela o cortou e encarou seus olhos, tentando parecer firme apesar das lágrimas. — Não tenho como agradecer o suficiente por ter me trazido aqui. Mas gostaria muito que você fosse embora, e estou sendo completamente sincera. Eu não saio beijando as pessoas por aí. Pra mim, nunca é *só* um beijo. Por isso tenho evitado você. Por isso quero continuar evitando agora. Pode ser?

— Cath…

A porta se abriu e uma enfermeira saiu, usando um avental florido. Ela sorriu para Levi.

— Querem entrar agora?

Cath se levantou e pegou a bolsa. Ela olhou para Levi.

— Por favor.

Então seguiu a enfermeira.

Quando Cath voltou ao saguão, Levi já tinha ido embora.

Ela foi de táxi até o escritório do pai para buscar o carro, que estava cheio de embalagens de fast-food e folhas de papel amassadas com ideias para o trabalho. Quando chegou em casa, lavou a louça e mandou uma mensagem para Wren.

Cath não tinha vontade de ligar. Não tinha vontade de dizer: “Ei, você estava certa. Ele está dopado e provavelmente não vai acordar por alguns dias, então não tem motivo para você voltar para casa, a menos que você não suporte a ideia de o papai passar por isso sozinho. Mas ele não vai estar sozinho, porque eu vou ficar aqui”.

Fazia um tempo que o pai não lavava a roupa. Os degraus que levavam ao porão estavam cheios de roupas sujas, como se ele simplesmente jogasse tudo ali havia semanas.

Ela encheu a máquina de lavar e ligou.

Jogou fora caixas de pizza cheias de fatias ressecadas.

Havia um poema no espelho do banheiro, escrito com pasta de dente — talvez fosse um poema, talvez fossem só palavras soltas. De qualquer forma, era encantador, por isso Cath tirou uma foto com o celular antes de limpar.

Qualquer uma daquelas coisas teria chamado a atenção delas caso estivessem em casa.

As duas tomavam conta dele.

Elas o teriam encontrado sentado no carro no meio da noite, preenchendo folhas e folhas com ideias que não faziam muito sentido, então o teriam levado para dentro.

Teriam percebido que ele não estava jantando, teriam contado as xícaras de café. Teriam notado o fervor em sua voz.

Teriam tentado trazê-lo de volta.

Em geral, funcionava. Ver que as duas estavam assustadas aterrorizava o pai. Ele ia para a cama e dormia por quinze horas. Marcava uma consulta com o terapeuta. Voltava a tomar remédio, mesmo que todos soubessem que aquilo não ia durar muito.

— Não consigo pensar quando estou tomando remédios — ele dissera uma noite a uma Cath de dezesseis anos. Ela havia descido do quarto para conferir se a porta da frente estava trancada e descobria que não, então sem querer trancara o pai do lado de fora. Ele estava sentado na soleira da porta, e Cath quase morrera de susto quando ouvira a campainha.

— Eles deixam seu cérebro mais lento — o pai dissera, agarrando um frasco de comprimidos. — Eles passam o ferro por cima de todos os vincos… Pode ser que todas as coisas ruins se concentrem nos vincos, mas todas as coisas boas também estão lá… Eles domam seu cérebro, como se fosse um cavalo, e fazem com que obedeçam a todas as ordens. Preciso de um cérebro capaz de ser livre, sabe? Preciso pensar. Se não consigo *pensar*, então quem eu sou?

Não era tão ruim nas fases em que ele dormia bastante. Em que ele comia os ovos que elas preparavam no café da manhã. Quando não trabalhava três semanas direto.

Certo nível de mania não era um problema. Certo nível de mania o deixava feliz, produtivo e carismático. Fazia com que os clientes comessem na palma da mão dele.

Cath e Wren tinham ficado boas em observá-lo. Em notar quando esse nível passava do ideal. Quando carisma dava lugar a maluquice. Quando a luz em seus olhos se tornava um flash queimado.

Cath ficou acordada até as três da manhã, arrumando a bagunça. Se ela e Wren não tivessem ido embora, teriam previsto tudo. Teriam impedido aquilo.

No dia seguinte, Cath levou o notebook com ela para o St. Richard's. Tinha trinta e nove horas para escrever seu conto. Podia mandá-lo por e-mail para a professora Piper — aquilo não seria um problema.

Wren finalmente respondeu a mensagem de Cath.

você está aqui? tem prova de psico amanhã, né?

Elas estavam em turmas diferentes de psicologia, mas tinham o mesmo professor.

vou perder, Cath escreveu.

DE JEITO NENHUM, Wren respondeu.

NÃO VOU DEIXAR O PAPAI SOZINHO, Cath escreveu.

manda um e-mail pro professor, talvez ele te deixe fazer uma substitutiva.

tá.

manda o e-mail. e eu falo com ele.

tá.

Cath nem conseguiu agradecer. Wren deveria perder a prova também.

O pai delas acordou por volta do meio-dia e comeu purê de batata com um molho amarelado. Dava para ver que ele estava bravo — por estar ali e por estar dopado demais para que sua raiva aflorasse.

Havia uma TV no quarto, e Cath encontrou um canal reprisando *Gilmore Girls*. O pai costumava ver o seriado com elas; ele tinha uma quedinha pela Sookie. O notebook de Cath caía no modo de espera o tempo todo, então ela acabou por deixá-lo de lado e se apoiou na cama do pai para ver TV.

— Cadê a Wren? — ele perguntou durante o intervalo.

— Na faculdade.

— Você não devia estar lá também?

— As férias de Natal começam amanhã.

Ele assentiu. Seus olhos pareciam opacos e distantes. Toda vez que piscava, parecia que talvez não fosse conseguir abri-los de novo.

Às duas da tarde, um enfermeiro entrou, trazendo mais remédios. Depois veio um médico que pediu a Cath para esperar no corredor. Ele sorriu para ela quando saiu do quarto.

— Vamos chegar lá — o médico disse animado, com um tom de voz reconfortante. — Tivemos que derrubar seu pai um pouco rápido.

Cath se sentou perto da cama do pai e ficou vendo TV até que o horário de visita acabasse.

Não havia mais nada para limpar, e Cath se sentia inquieta por estar sozinha em casa. Ela tentou tirar um cochilo no sofá, mas ficava perto demais do mundo lá fora e perto demais do quarto vazio do pai, de modo que acabou subindo para o quarto e se deitando na própria cama. Quando aquilo não funcionou, Cath passou para a cama da irmã, levando o notebook consigo.

O pai já tinha sido internado no St. Richard's outras três vezes. A primeira fora no verão depois que a mãe delas partira. As duas tinham chamado a avó porque ele não saía da cama, e ela morara com eles por um tempo. A avó enchera o congelador de lasanha antes de voltar para sua própria casa.

Na segunda vez, Cath e Wren estavam no sexto ano. Cath se lembrava do pai diante da pia, rindo, dizendo a elas que não precisavam mais se preocupar com a escola. Que a vida ensinava por si só. Ele havia se cortado ao fazer a barba e tinha pedacinhos de papel higiênico com gotas de sangue grudados em seu queixo. Cath e Wren tiveram que ficar com sua tia Lynn, em Chicago.

Na terceira vez, elas já estavam no ensino médio. Tinham dezesseis anos, e a avó ficara com eles mais uma vez, mas só depois da segunda noite de surto. As irmãs haviam passado a primeira noite na cama de Wren, com Cath chorando e a irmã segurando os punhos dela.

— Sou que nem ele — Cath havia sussurrado.

— Não é nada — Wren garantira.

— Sou, sim. Sou louca que nem ele. — Cath já tinha crises de pânico. Já se escondia nas festas. No sétimo ano, ela chegara atrasada nas primeiras duas semanas de aula porque não suportava atravessar os corredores cheios do horário de entrada. — Provavelmente vou piorar nos próximos anos. É quando a coisa começa a aparecer.

— Você não é que nem ele — Wren insistira.

— E se eu for?

— É só decidir não ser.

— Não é assim que funciona — Cath retrucara.

— Ninguém sabe como funciona.

— E se eu nem notar que está começando?

— *Eu* notaria.

Cath tentara parar, mas já fazia tanto tempo que estava chorando que o choro havia sumido, fazendo com que respirasse em meio a fungadas e solavancos fortes.

— Mesmo que ameace tomar conta de você — Wren dissera —, não vou te deixar.

Alguns meses depois, Cath emprestara aquela fala a Simon em uma cena relacionada ao desejo de sangue de Baz. Wren ainda escrevia com a irmã na época; quando chegou àquela parte, desdenhara.

— Vou continuar do seu lado em caso de mania — ela dissera. — Mas você vai ter que se virar sozinha se for transformada em vampira.

— E de que você ia me servir? — Cath dissera. Àquela altura, o pai delas já havia voltado para casa. Já estava melhor. No momento, Cath não sentia que seu DNA era uma armadilha pronta para se fechar sobre ela.

— Pra pelo menos uma coisa, aparentemente — Wren dissera. — Porque você continua roubando minhas melhores frases.

Cath pensou em mandar uma mensagem para Wren na sexta à noite, antes de dormir, mas não conseguia pensar em nada para dizer a ela.

O Oco não era nem um homem nem um monstro. Era um garoto.

Simon deu um passo para se aproximar, talvez um ato ingênuo, porque queria ver seu rosto… Ele sentia o poder do Oco ricocheteando à sua volta como ar seco, como areia quente, e uma fadiga dolorida dentro de seus ossos.

O Oco — o garoto — usava jeans desbotado e uma camiseta encardida. Simon provavelmente demorou demais para perceber que aquele garoto era ele. Sua versão de anos antes.

— Para — Simon gritou. — Se revela, seu covarde. Mostra quem você é!

O garoto apenas riu.

do capítulo 23 de *Simon Snow e o sétimo carvalho*,

copyright © 2010 by Gemma T. Leslie

VINTE

O pai e Wren chegaram em casa no mesmo dia. Sábado.

O pai já falava de voltar ao trabalho — ainda que não tivessem acertado os remédios e ele ainda oscilasse entre uma aparente embriaguez e um estado semidesperto. Cath se perguntava se continuaria tomando os remédios no fim de semana.

Talvez não tivesse problema se ele parasse de tomar os remédios. Ela e Wren estavam em casa para cuidar dele.

Com tudo o que havia acontecido, Cath não sabia se ela e a irmã estavam se falando ou não. Então decidiu que estavam, porque facilitaria sua vida. De qualquer maneira, não dividiam nada importante uma com a outra, e Cath ainda não havia contado a ela sobre Levi. Ou sobre Nick. E ela não queria que Wren começasse a falar sobre suas aventuras com a mãe. Cath estava certa de que a irmã tinha planos de revê-la no Natal.

A princípio, Wren só parecia querer falar da faculdade. Ela achava que tinha se saído bem nas provas, e quanto a Cath? E já tinha comprado os livros do semestre seguinte. Que matérias Cath ia cursar? Elas fariam alguma juntas?

Cath quase sempre só ouvia.

— Acha que devemos ligar pra vovó? — Wren perguntou.

— Pra quê?

— Pra falar do papai.

— Vamos esperar pra ver como ele fica.

Todos os amigos delas da época da escola tinham voltado para passar o Natal em casa. Wren ficava tentando convencer a irmã a sair.

— Vai você — Cath dizia. — Eu fico com o papai.

— Não posso ir sem você. Seria esquisito.

Seus amigos da escola achariam esquisito mesmo se Wren fosse e Cath não. Por outro lado, seus amigos da faculdade achariam esquisito se as duas aparecessem juntas em algum lugar.

— Alguém precisa ficar com o papai — Cath disse.

— Pode ir, Cath — o pai delas disse depois de alguns dias daquilo. — Não vou perder o controle vendo *Iron Chef* no sofá.

Às vezes Cath ia.

Às vezes ela ficava em casa e esperava acordada por Wren.

Às vezes Wren não voltava.

— Não quero que você me veja bêbada — Wren explicou quando apareceu uma manhã. — Você me deixa desconfortável.

— Ah, *eu* te deixo desconfortável — Cath disse. — Essa é boa!

O pai delas voltou ao trabalho depois de uma semana. Na semana seguinte, ele começou a sair pra correr antes de ir para o escritório, de modo que Cath soube que tinha parado de tomar os remédios. A atividade física era sua automedicação mais eficaz — era o que ele sempre fazia quando tentava assumir o controle da situação.

Ela começou a descer para a cozinha todas as manhãs, ao ouvir o barulho da cafeteira. Para confirmar se ele estava bem, para vê-lo saindo.

— Está frio demais pra correr lá fora — Cath tentou argumentar uma manhã.

O pai passou a xícara de café — descafeinado — para ela enquanto amarrava os cadarços.

— É gostoso. Vem comigo.

Ele sabia que ela estava tentando encará-lo para medir sua temperatura mental, então segurou o queixo dela e permitiu que o fizesse.

— Estou bem — ele disse, simpático. — Assumi o volante, Cath.

— Volante do quê? — Ela suspirou enquanto o via vestir um moletom da South High. — Da corrida? De trabalhar sem parar?

— *Da vida* — ele disse, um pouco alto demais. — Estou ao volante da minha vida.

Cath preparava o café da manhã enquanto ele corria. Depois que ele comia e ia trabalhar, ela voltava a dormir no sofá. Depois de alguns dias daquilo, já tinham uma nova rotina. Rotinas faziam bem ao pai, mas ele precisava de ajuda para segui-las.

Ela costumava acordar de novo quando Wren descia ou chegava em casa.

Naquela manhã, Wren entrou e foi imediatamente para a cozinha. Ela voltou para a sala segurando uma caneca de café frio e lambendo um garfo.

— Você fez omelete?

Cath esfregou os olhos e assentiu.

— Tinha umas sobras do Los Portales, então misturei tudo. — Ela se sentou. — Isso aí é descafeinado.

— Ele está bebendo descafeinado? Isso é bom, não?

— É…

— Faz um omelete pra mim, Cath. Você sabe que sou péssima nisso.

— O que vai me dar em troca? — ela perguntou.

Wren riu. Era o que elas costumam dizer uma à outra. *O que vai me dar em troca?*

— O que você quer? — Wren perguntou. — Precisa que eu leia algum capítulo antes de publicar?

Cath devia dizer algo inteligente, mas não sabia o quê. Sabia que Wren não estava falando sério sobre ler sua fanfic, e era patético o quanto

desejava que estivesse. E se elas passassem o recesso de Natal inteiro daquele jeito? Reunidas diante do notebook, escrevendo juntas o começo do fim de *Sempre em frente, Simon*.

— Não — Cath acabou dizendo. — Tem uma aluna de doutorado em Rhode Island que edita o que eu escrevo. Ela é uma máquina. — Cath se levantou e foi para a cozinha. — Eu faço o omelete. Acho que tem chili em lata.

Wren a seguiu. Ela pulou na bancada, ao lado do fogão, e ficou vendo Cath pegar o leite e os ovos na geladeira. Cath sabia quebrá-los com uma mão só.

Ovos eram sua especialidade. Café da manhã, na verdade. Ela aprendera a fazer omelete quando estava nos últimos anos do ensino fundamental, assistindo a vídeos no YouTube. Sabia fazer ovos poché e fritos. Além de mexidos, claro.

Wren era melhor em fazer o jantar. Ela passara por uma fase, também nos últimos anos do fundamental, em que todas as receitas que fazia começava com sopa de cebola em pó. Bolo de carne. Estrogonofe. Hambúrguer.

— Tudo o que a gente precisa é de sopa em pó — Wren anunciara. — Dá pra jogar todos esses outros temperos fora.

— Vocês não precisam cozinhar — o pai delas dissera.

Mas ou elas cozinhavam ou precisavam torcer para que ele se lembrasse de comprar McLanche Feliz na volta do trabalho. (Elas ainda tinham uma caixa no andar de cima com centenas de brinquedinhos de plástico.) E se Cath fizesse o café da manhã e Wren fizesse o jantar, elas garantiam que pelo menos duas refeições do pai não seriam feitas no posto de gasolina.

— Não é um posto de gasolina — ela argumentava. — É um posto de serviço com tudo o que alguém poderia realmente precisar. E os banheiros são impecáveis.

Wren se debruçou sobre a frigideira e ficou vendo os ovos começarem a estalar. Cath a empurrou para trás, para longe do fogo.

— É nessa parte que costumo errar — Wren disse. — Ou deixo queimar por fora ou fica cru no meio.

— Você é impaciente demais — Cath disse.

— Não, eu tenho *fome* demais. — Wren pegou o abridor de latas e o girou no dedo. — Acha que devemos ligar pra vovó?

— Bom, amanhã é véspera de Natal — Cath disse —, então imagino que sim.

— Você sabe do que estou falando…

— Ele parece bem.

— É… — Wren abriu a lata de chili e a passou para Cath. — Mas continua muito frágil. Qualquer coisinha pode tirar o papai do rumo. O que vai acontecer quando a gente voltar pra faculdade? Quando você não estiver aqui pra fazer o café da manhã? Papai precisa de alguém cuidando dele.

Cath ficou olhando para os ovos. Estava ganhando tempo.

— Ainda precisamos fazer as compras pra ceia. Você quer peru? Ou podemos fazer lasanha, em homenagem à vovó. Talvez lasanha amanhã e peru no Natal…

— Não vou estar aqui amanhã à noite. — Wren pigarreou. — É quando… a família da Laura vai comemorar.

Cath assentiu e dobrou o omelete no meio.

— Você poderia ir também, sabia? — Wren disse.

Cath desdenhou. Quando levantou o rosto, Wren parecia chateada.

— O que foi? — Cath perguntou. — Não vou discutir com você. Imaginei que tivesse marcado alguma coisa com ela essa semana.

Wren cerrou o maxilar com tanta força que suas bochechas pulsaram.

— Não consigo acreditar que você está me obrigando a fazer isso sozinha.

Cath levantou uma espátula entre as duas.

— *Obrigando*? Não estou te obrigando a nada. Eu é que não acredito que você está fazendo isso mesmo sabendo o quanto me incomoda.

Wren desceu da bancada, balançando a cabeça.

— Ah, tudo te incomoda. *Mudanças* te incomodam. Se eu não te arrastasse comigo, você nunca iria a nenhum lugar.

— Bom, você não vai me arrastar pra nenhum lugar amanhã — Cath disse, dando as costas para o fogão. — Ou pra nenhum lugar a partir de agora. Está livre de todas as suas responsabilidades relacionadas a me arrastar com você.

Wren cruzou os braços e inclinou a cabeça. Era a pose de irmã superior.

— Não foi isso que eu quis dizer, Cath. Só acho que… deveríamos fazer isso juntas.

— Por quê? Você vive me lembrando de que somos duas pessoas separadas, de que não precisamos fazer sempre as mesmas coisas. Então tá. Você pode ter um relacionamento com a pessoa que nos abandonou enquanto eu fico aqui cuidando da pessoa que teve que recolher os cacos.

— Meu Deus do céu… — Wren ergueu os braços no ar, com as palmas abertas. — Pode parar de ser tão melodramática? Por cinco minutos? Por favor?

— *Não*. — Cath cortou o ar com a espátula. — Não se trata de melodrama. É um drama de verdade. Ela deixou a gente. Do jeito mais dramático possível. No Onze de Setembro.

— *Depois* do Onze de Setembro…

— Isso é um detalhe. Ela deixou a gente. Partiu o coração do papai e talvez tenha fundido o cérebro dele. Deixou a gente.

Wren falou, mais baixo:

— Ela se sente péssima a respeito, Cath.

— Ótimo! — Cath gritou. — Eu também me sinto! — Ela deu um passo na direção da irmã. — Provavelmente vou ser maluca pelo resto da vida graças a ela. Vou continuar tomando decisões zoadas e fazendo coisas esquisitas sem nem perceber que são esquisitas. Vão sentir pena de mim e nunca vou ser capaz de ter um relacionamento normal… Tudo porque não tive uma mãe. *Vai ser sempre assim*. Destrói a pessoa de maneira definitiva. Não dá pra se recuperar. Espero mesmo que ela se sinta péssima. Espero que nunca se perdoe.

— Não fala isso. — O rosto de Wren estava vermelho e havia lágrimas em seus olhos. — Não me destruiu.

Não havia lágrimas nos olhos de Cath.

— Te deixou cheia de rachaduras por dentro.

Ela deu de ombros.

— Foda-se.

— Acha que absorvi todo o impacto? Que quando a mamãe foi embora, a batida foi do meu lado do carro? Foda-se *você*, Wren. Ela deixou você também.

— Mas isso não acabou comigo. Nada pode acabar comigo, a menos que eu deixe.

— Você acha que o papai *deixou*? Acha que ele escolheu desmoronar quando ela foi embora?

— Acho! — Wren agora gritava. — E acho que ele continua escolhendo isso. Acho que vocês dois escolhem. Você prefere continuar assim do que seguir em frente.

Foi a gota d'água. Agora as duas estavam chorando, as duas gritando. *Ninguém vence até que ninguém vença*, Cath pensou. Ela voltou a se virar

para o fogão. Saía fumaça dos ovos.

— O papai está doente, Wren — Cath disse, com toda a calma que conseguiu reunir, então transferiu o omelete da frigideira para um prato. — Seu omelete queimou. E prefiro estar destruída do que sempre bêbada. — Ela deixou o prato na bancada. — Pode mandar a Laura ir se foder. Tipo, com gosto. Ela não vai poder seguir em frente no que depender de mim. Nunca.

Cath foi embora antes que Wren pudesse fazê-lo. Subiu a escada e foi trabalhar em *Sempre em frente*.

Sempre passava uma maratona de Simon Snow na TV na véspera de Natal. Cath e Wren sempre viam, e o pai delas sempre fazia pipoca de micro-ondas.

Eles tinham ido ao supermercado mexicano do bairro na noite anterior para comprar pipoca e o que mais precisavam para o Natal.

— Se não tem algo no Jacobo's — o pai havia dito, alegre —, é porque não é realmente necessário.

Foi assim que eles acabaram tendo que fazer lasanha com espaguete e comprando tamales em vez de peru.

Com os filmes passando, era fácil para Cath não conversar com Wren sobre nada importante, embora fosse difícil não falar sobre os filmes em si.

— O cabelo do Baz está incrível — Wren disse, durante *Simon Snow e os quatro selkies*. Todos os atores estavam com o cabelo mais comprido naquele filme. O cabelo preto de Baz estava penteado para trás em um topete liso, deixando evidente o V na linha da testa.

— Total — Cath disse. — Simon fica tentando socar Baz só pra encostar nele.

— Né? Da última vez que ele foi pra cima do Baz, achei que ia tirar um cílio.

— “Faz um pedido, seu cretino irresistível” — Cath disse, em sua melhor voz de Simon.

O pai assistiu a *Simon Snow e a quinta lâmina* com elas, com um notebook no colo.

— Convivo com vocês há tempo demais — ele disse, enquanto desenhava um pratão de Ravimolho. — Fui ver o novo filme dos X-Men com Kelly e fiquei o tempo todo achando que o Professor Xavier e o Magneto estavam apaixonados.

— Isso é óbvio — Wren disse.

— *Às vezes acho que você é obcecado por Basilton* — Agatha disse na tela, com os olhos arregalados de preocupação.

— *Ele está tramando alguma coisa* — Simon disse. — *Tenho certeza.*

— Essa menina é pior que a Liza Minnelli — o pai delas disse.

Depois de uma hora de filme, pouco antes que Simon deparasse com o encontro de Baz e Agatha na Floresta Velada, Wren recebeu uma mensagem e se levantou do sofá. Cath decidiu ir ao banheiro, caso a campainha estivesse prestes a tocar. *Laura não faria isso, faria? Ela não viria até a porta.*

Cath ficou no banheiro, perto da porta, e ouviu o pai dizendo para Wren se divertir.

— Vou dizer à mamãe que você mandou oi — Wren falou para ele.

— Acho que não precisa — ele disse, com alguma animação. *Boa, pai*, Cath pensou.

Depois que Wren foi embora, nem Cath nem o pai falaram sobre ela.

Os dois assistiriam a outro filme do Simon e comeram uma porção gigantesca da “espasanha”, então o pai se deu conta de que eles não tinham

uma árvore de Natal.

— Como podemos ter esquecido? — ele perguntou, olhando para o canto perto da janela onde costumavam montá-la.

— Tinha muita coisa rolando — Cath disse.

— Por que o Papai Noel não conseguiu sair da cama no Natal? — o pai perguntou, em tom de piada.

— Não sei. Por quê?

— Porque ele é da região bipolar.

— Não — Cath disse. — Porque os ursos bipolares o deprimiam.

— Porque o nariz da rena do nariz vermelho brilhava demais.

— Porque as chaminés apertadas o estavam deixando louco.

— Porque… — o pai de Cath riu — os altos e baixos eram demais pra ele. Do trenó, entendeu?

— Essa foi péssima — Cath disse, rindo. Os olhos do pai pareciam acesos, mas não demais. Ela esperou que ele fosse para a cama antes de subir.

Wren ainda não havia voltado. Cath tentou escrever, mas fechou o notebook depois de quinze minutos olhando para a tela em branco. Ela entrou debaixo das cobertas e tentou não pensar em Wren, tentou não a visualizar na nova casa de Laura, com a nova família de Laura.

Cath tentou não pensar em nada.

Quando esvaziou a mente, ficou surpresa em encontrar Levi debaixo de toda aquela bagunça. Levi em sua cidade natal. Provavelmente tendo o Natal mais feliz do mundo. Feliz. Levi estava feliz trezentos e sessenta e cinco dias ao ano. (Em anos bissextos, trezentos e sessenta e seis. Ele devia adorar anos bissextos. Um dia a mais, uma garota a mais para beijar.)

Ficara um pouco mais fácil pensar nele agora que Cath sabia que nunca o teria, que provavelmente nem voltaria a vê-lo.

Ela pegou no sono pensando em seu cabelo loiro-acinzentado, em sua testa ampla e em todo o resto que ainda não estava pronta para esquecer.

— Como não temos árvore — o pai delas disse —, deixei os presentes de vocês debaixo dessa foto nossa *perto* de uma árvore de Natal em 2005. Sabiam que não temos nem um vaso de planta aqui em casa? Não tem nada vivo aqui além de nós.

Cath olhou para a pequena pilha de presentes e riu. Eles estavam bebendo gemada e comendo *pan dulce* de dois dias antes, com glacê cor-de-rosa. Vinha da padaria de Abel, onde eles tinham passado depois do supermercado. Cath tinha ficado no carro, para evitar constrangimentos. Fazia meses que ela parara de responder às mensagens ocasionais de Abel, e pelo menos um mês que ele parara de enviá-las.

— A avó do Abel odiou meu cabelo — Wren dissera ao voltar para o carro. — *¡Qué pena! ¡Qué lástima! ¡Niño!*

— Compraram bolo *tres leches*? — Cath perguntara.

— Não tinha mais.

— *¡Qué lástima!*

Normalmente, haveria um presente de Abel e um da família dele debaixo da árvore, para Cath. A pilha de pacotes aquele ano estava especialmente reduzida. A maior parte eram envelopes.

Cath deu a Wren um par de luvas equatorianas que havia comprado do lado de fora do grêmio estudantil.

— É de alpaca — ela disse. — Mais quente que lã comum. E hipoalergênica.

— Obrigada — Wren disse, alisando as luvas sobre as pernas.

— Agora quero minhas luvas de volta — Cath disse.

Wren deu a Cath duas camisetas compradas na internet. Eram fofas e provavelmente cairiam bem em Cath, mas era a primeira vez em dez anos que Wren não dava a ela algo relacionado a Simon Snow. Aquilo deixou Cath na defensiva e com vontade de chorar.

— Valeu — ela disse, dobrando as camisetas. — São bem legais.

Elas ganharam cartões de presente do iTunes do pai.

Vale-presentes de uma livraria da avó.

Tia Lynn havia mandado calcinhas, sutiãs e meias, para fazer graça.

Depois que o pai delas abrira seus presentes (ele só tinha ganhado roupas), sobrou uma caixinha prateada sob a foto de Natal. Cath a pegou. Tinha uma etiqueta bonita presa a uma fita cor de vinho — "Cather", estava escrito em preto, em uma caligrafia rebuscada. Por um segundo, ela achou que fosse de Levi. ("Cather", ela podia ouvi-lo dizer naquela voz que era só sorrisos.)

Cath desfez o laço e abriu a caixinha. Havia um colar dentro. Com uma esmeralda, a pedra do seu signo. Ela olhou para Wren e notou um colar igual em seu pescoço.

Cath soltou a caixinha e se levantou, disparando desajeitada para a escada.

— Cath — Wren a chamou —, me deixa explicar…

Cath balançou a cabeça e correu pelo resto do trajeto até o quarto.

Cath tentou visualizar a mãe.

A pessoa que lhe havia dado aquele colar. Wren disse que ela tinha se casado de novo e morava em uma casa grande no subúrbio. E que tinha enteados. Crescidos.

Na cabeça de Cath, Laura ainda era jovem.

Jovem demais, viviam dizendo, *para ter duas meninas tão grandes.* Aquilo sempre fazia a mãe delas sorrir.

Quando Cath e Wren eram pequenas e os pais brigavam, tinham medo de que eles fossem se divorciar e separar as duas, como em *Operação Cupido.*

— Eu vou com o papai — Wren dissera uma vez. — Ele precisa de mais ajuda.

Cath pensara em morar sozinha com o pai, avoado e caótico, ou sozinha com a mãe, fria e impaciente.

— Não — ela dissera. — Eu vou com o papai. Ele gosta mais de mim do que a mamãe.

— Ele gosta mais de nós duas do que a mamãe — Wren argumentara.

Não podem ser suas filhas, as pessoas diziam. *Você é jovem demais para ter duas meninas crescidas.*

Eu me sinto mesmo jovem demais, a mãe respondia.

— Então vamos ficar as duas com o papai — Cath dissera.

— Não é assim que funciona, sua boba.

Quando a mãe fora embora sem nenhuma das duas, tinha sido um alívio, de certa forma. Se Cath tivesse que escolher entre todos eles, escolheria Wren.

A porta do quarto não tinha tranca, então Cath se sentou apoiada nela. Mas ninguém subiu.

Ela ficou sentada sobre as mãos, chorando como uma criança.

É choro demais, Cath pensou. *Tipos de choro demais*. Estava cansada de ser a irmã que chorava.

— Você é o feiticeiro mais poderoso em uma centena de eras.

O rosto do Oco, o rosto de criança de Simon, parecia entediado e cansado. Não havia brilho em seus olhos azuis.

— Achou que todo esse poder viria sem sacrifício? Achou que pudesse se tornar você sem deixar algo, sem me *deixar para trás?*

do capítulo 23 de *Simon Snow e o sétimo carvalho*,

copyright © 2010 by Gemma T. Leslie

VINTE E UM

O pai levantava cedo para correr. Cath acordava com o barulho da cafeteira. Ela descia e preparava o café da manhã dele, então ia para o sofá e voltava a dormir até que Wren acordasse. Elas se cruzavam na escada, mas não diziam nada.

Às vezes Wren saía. Cath nunca ia com ela.

Às vezes Wren não voltava. Cath nunca esperava.

Cath passava muitas noites sozinha com o pai, mas ficava adiando falar com ele — falar com ele *de verdade*. Não queria ser a causa de um novo desequilíbrio. Mas o tempo estava acabando… Ele ia levá-las de volta ao campus em três dias. Wren inclusive queria voltar um dia antes, no sábado, para que pudessem "se organizar". (O que era um código para "ir a festas de fraternidade".)

Na quinta à noite, Cath fez *huevos rancheros*, e o pai lavou a louça depois do jantar. Ele estava contando sobre um novo trabalho. O Ravimolho estava indo tão bem que a agência estava mirando uma marca relacionada, a Feijãostein. Cath se sentou em uma banqueta e ficou ouvindo.

— Então eu estava pensando: vai ver dessa vez seja melhor deixar Kelly dar as ideias ruins primeiro. Feijões com o cabelo do Frankenstein. "Monstruosamente deliciosos", ou algo do tipo. Os caras sempre rejeitam a primeira opção…

— Pai, preciso falar com você.

Ele olhou por cima do ombro.

— Achei que você já tinha procurado no Google tudo relacionado a virar mocinha e de onde vêm os bebês.

— Pai…

Ele se virou, de repente preocupado.

— Você está gravida? Você é lésbica? Prefiro a segunda opção. A menos que esteja grávida. Se for o caso, vamos lidar com isso. Independentemente do que for, vamos lidar com isso. Você está grávida?

— Não — Cath disse.

— Tá…

Ele se recostou na bancada da pia e começou a tamborilar os dedos molhados.

— E não sou lésbica.

— Então o que sobrou?

— Hum… a faculdade, acho.

— Você está com problemas na faculdade? Não acredito. Tem certeza de que não está grávida?

— Não estou com problemas… — Cath disse. — Só decidi que não vou voltar.

O pai olhou para ela como se continuasse esperando pela resposta verdadeira.

— Não vou voltar para o próximo semestre — ela disse.

— Por quê?

— Porque não quero. Porque não estou gostando.

Ele enxugou as mãos no jeans.

— Não está *gostando*?

— Não me encaixo lá.

Ele deu de ombros.

— Bom, você não precisa ficar lá pra sempre.

— Não — ela disse. — Quer dizer, a UNL não é a melhor escolha pra mim. Não fui eu que decidi ir pra lá, foi a Wren. E pra ela funciona. Wren está feliz. Mas eu não. É que… é como se todo dia lá ainda fosse o primeiro dia.

— Mas Wren está lá…

Cath balançou a cabeça.

— Ela não precisa de mim.

Não como você precisa, Cath se impediu de dizer.

— E o que vai fazer?

— Vou morar aqui. Estudar aqui.

— Na UNO?

— É.

— Você já se matriculou?

Cath ainda não tinha pensado naquela parte.

— Vou me matricular…

— Você devia terminar o primeiro ano — ele disse. — Vai perder sua bolsa.

— Não — Cath disse. — Não me importo.

— Bom, eu me importo.

— Não foi o que eu quis dizer. Posso pegar um empréstimo. Posso arranjar um emprego também.

— E um carro?

— Acho que sim…

O pai tirou os óculos e começou a limpar as lentes na blusa.

— Você devia terminar o primeiro ano. Na primavera a gente volta a pensar.

— *Não* — ela disse. — Eu… — Ela puxou a gola da camiseta sobre o esterno. — Não posso voltar. Eu odeio. E não tem sentido. Posso ser bem

mais útil aqui.

O pai suspirou.

— Eu estava pensando se era por causa disso. — Ele voltou a colocar os óculos. — Cath, você não vai voltar pra casa pra cuidar de mim.

— Esse não é o principal motivo. Mas não seria ruim. Você fica melhor quando não está sozinho.

— Concordo. E já falei com a sua avó. Foi demais e rápido demais, vocês duas mudando juntas. Sua avó vai vir dar uma olhada em como estou algumas vezes por semana. Vamos jantar juntos. Talvez eu até fique com ela por um tempo se as coisas voltarem a piorar.

— Então você pode voltar pra casa, mas eu não posso? Só tenho dezoito anos.

— Exatamente. Você só tem dezoito anos. Não vai jogar sua vida fora e ficar cuidando de mim.

— Não vou jogar minha vida fora. — *Bela porcaria de vida*, ela pensou. — Estou tentando pensar por mim mesma pela primeira vez. Fui para Lincoln por causa de Wren, e ela nem me quer lá. Ninguém me quer lá.

— Explica melhor — ele pediu. — Me diz por que está tão infeliz.

— É só… *tudo*. Tem gente demais. E eu não me encaixo. Não sei como me portar. Nenhuma das coisas em que sou boa importa lá. Ser inteligente não adianta, ou ser boa com as palavras. E quando importa, é só porque querem alguma coisa de mim. Não porque *me* querem.

A compaixão no rosto dele era dolorosa para ela.

— Não parece que você está tomando uma decisão, Cath. Parece que está desistindo.

— E daí? Quer dizer… — Suas mãos voaram para o alto, então caíram sobre suas pernas. — *E daí?* Não é como se eu fosse ganhar uma medalha por aguentar. É só uma faculdade. Que diferença faz onde eu estudo?

— Você acha que seria mais fácil morar aqui.

— *Isso.*

— Esse é um jeito péssimo de tomar decisões.

— Quem disse? Winston Churchill?

— O que tem de errado com o Winston Churchill? — o pai dela perguntara, parecendo bravo pela primeira vez desde que a conversa começara. Ainda bem que ela não dissera Franklin Roosevelt. O pai adorava os Aliados.

— Nada. *Nada*. Mas… desistir não é permitido às vezes? Tem algum problema em dizer: "Isso dói muito, então vou parar de tentar"?

— Estabelece um precedente perigoso.

— De evitar a dor?

— De evitar a vida.

Cath revirou os olhos.

— Ah. O volante de novo.

— Vocês duas e esse costume de revirar os olhos… Sempre achei que isso fosse passar.

Ele esticou o braço e pegou a mão dela. Cath tentou puxá-la para si, mas ele a segurou forte.

— Cath. Olha pra mim. — Ela olhou, relutante. O cabelo dele estava despenteado. Seus óculos de armação metálica redonda estavam tortos no nariz. — Tem tanta coisa de que me arrependo, e tanta coisa que me assusta…

Os dois ouviram a porta da frente se abrir.

Cath esperou um segundo, então puxou a mão e fugiu escada acima.

— Papai me contou — Wren sussurrou de sua cama aquela noite.

Cath pegou o travesseiro e saiu do quarto. Ela passou a noite no sofá da sala. Mas não chegou a dormir, porque a porta da frente estava bem ali, e ela ficava imaginando que alguém a arrombava.

O pai tentou falar com Cath de novo pela manhã. Quando ela acordou, ele estava sentado no sofá, com a roupa da corrida.

Cath não estava acostumada a ser contrariada por ele. O pai nunca contrariava nenhuma das duas, em relação a nada. Já no fim do ensino fundamental, quando ela e Wren ficavam acordadas até tarde durante a semana, mergulhadas em fóruns de Simon Snow, o máximo que ele dizia era: "Vocês não vão ficar cansadas amanhã?".

E desde que haviam voltado para casa, ele não tinha nem *mencionado* o fato de Wren passar a noite fora de casa.

— Não quero falar — Cath disse quando acordou e o viu sentado ali. Ela virou para o outro lado e abraçou o travesseiro.

— Ótimo — ele disse. — Não fale. Só escute. Pensei na possibilidade de você ficar em casa no próximo semestre…

— É? — Cath virou a cabeça na direção dele.

— É. — O pai encontrou o joelho dela sob o cobertor e o apertou. — Sei que sou parte do motivo pelo qual quer voltar pra casa. Sei que se preocupa comigo e que te dou inúmeras razões pra isso…

Cath quis interromper o contato visual, mas os olhos dele às vezes eram incontornáveis, como os de Wren.

— Cath, se está mesmo preocupada comigo, te imploro pra voltar pra faculdade. Se sair por minha causa, se perder a bolsa, se ficar pra trás *por minha causa*, não vou ser capaz de suportar.

Ela voltou a enfiar o rosto no sofá.

Depois de alguns minutos, a cafeteira soou e Cath sentiu que o pai se levantava.

Quando ouviu a porta da frente se fechar, ela levantou para fazer o café da manhã.

Cath estava no quarto, escrevendo, quando Wren apareceu à tarde e começou a fazer as malas.

Cath não tinha muita coisa para arrumar ou não arrumar. Só havia levado o computador consigo. Nas semanas anteriores, usara roupas de que ela e Wren não gostavam o bastante para levar para a faculdade.

— Você está ridícula — Wren disse.

— Oi?

— Essa camiseta.

Era uma camiseta da Hello Kitty, de quando elas estavam no oitavo ou no nono ano. Da Hello Kitty vestida como uma super-heroína. Tinha SUPERCAT escrito nas costas, e Wren havia incluído um H com caneta de tecido. A camiseta já era mais curta que o normal, e não servia mais em Cath. Ela puxou a bainha, com vergonha.

— Cath! — o pai gritou do andar de baixo. — Telefone.

Cath pegou o celular e olhou para a tela.

— Ele deve estar falando do fixo — Wren disse.

— Quem liga pro fixo?

— Deve ser 2005. Pedindo a camiseta de volta.

— Muito engraçado — Cath murmurou, já saindo.

O pai deu de ombros ao lhe entregar o telefone.

— Alô? — Cath disse.

— A gente quer um sofá? — alguém perguntou.

— Quem está falando?

— A Reagan. Quem mais poderia ser? Quem mais precisaria da sua permissão pra pegar um sofá?

— Como você conseguiu esse número?

— Está na papelada do alojamento. Não tenho seu celular. Acho que porque não costuma ser muito difícil te encontrar.

— Acho que você é a primeira pessoa a ligar pro telefone daqui de casa em anos. Eu nem lembrava onde ficava.

— História fascinante, Cath. A gente quer um sofá?

— Por que a gente ia querer um sofá?

— Não sei. Porque minha mãe fica insistindo que a gente precisa de um.

— Quem ia sentar nele?

— Exatamente. Teria sido útil no semestre passado, pro Levi não ficar esparramado na minha cama ou na sua, mas isso não vai acontecer mais. E se a gente tiver um sofá, vamos ter que passar por cima dele pra chegar à porta. *Ela disse que não, mãe.*

— Por que *isso* não vai acontecer mais?

— Porque sim. É o seu quarto. É ridículo você ter que passar o tempo todo escondida na biblioteca. E de qualquer jeito nós dois só temos uma matéria juntos no semestre que vem.

— Não importa… — Cath disse.

Reagan a cortou:

— Não seja idiota. Importa sim. Me sinto péssima com o que aconteceu. Bom, não é minha culpa se você beijou o cara e ele beijou aquela loira idiota, mas eu não devia ter te encorajado. Não vai acontecer de novo, nunca, com ninguém. Cansei dessa merda.

— Tudo bem — Cath disse.

— Eu sei. Só estou falando que é assim que vai ser. Então nada de sofá, né? Minha mãe está aqui do lado e acho que não vai me deixar em paz até

ouvir você dizer que não.

— Não — Cath disse. Então falou mais alto — *Nada de sofá*.

— Porra, Cath, meu tímpano… *Mãe, você está me obrigando a falar palavrão com essa idiotice dos móveis*… Então tá, a gente se vê amanhã. Provavelmente vou chegar com um abajur horrível, talvez um tapete. Ela é doente.

O pai de Cath estava de pé na cozinha, olhando para ela. O pai de Cath, que era doente de verdade.

— Quem era? — ele perguntou.

— Minha colega de quarto.

— A voz dela é igual à da Kathleen Turner.

— É. Ela é bem peculiar.

Cath puxou a bainha da camiseta e virou as costas.

— O que acha de taco? — ele perguntou. — Pro jantar?

— Pode ser.

— Por que não se troca e vai comigo comprar?

— Pode ser.

PRIMEIRO SEMESTRE DE 2O1 2

Tomates fritos no café da manhã. Todos os calombos no colchão. Poder fazer magia sem se preocupar se tem alguém vendo. Agatha, claro. E Penelope. Ver o Mago — não com muita frequência, mas ainda assim… O uniforme de Simon. A gravata da escola. O campo de futebol, mesmo enlameado. Esgrima. Biscoitos de uva-passa todo domingo, com chantili de verdade…

Do que em Watford Simon Snow não *sentira falta?*

do capítulo 1 de *Simon Snow e os quatro selkies*,

copyright © 2007 by Gemma T. Leslie

VINTE E DOIS

— Já tem quatro pontos de luz aqui — Reagan disse. — O que vamos fazer com um abajur?

O abajur era preto e tinha o formato da Torre Eiffel.

— Deixa no corredor — Cath disse. — Alguém pega.

— Minha mãe vai perguntar onde está da próxima vez que vier… Ela é louca. — Reagan enfiou o abajur no fundo do guarda-roupa e fechou a porta com um chute. — Sua mãe não é louca também?

O estômago de Cath se revirou, como sempre.

— Não sei. Ela foi embora quando eu tinha oito anos.

— Caralho — Reagan disse. — Então era louca mesmo. Está com fome?

— Estou — Cath disse.

— Está tendo um luau de volta às aulas lá embaixo. Estão assando um porco no espeto. É nojento.

Cath pegou a carteirinha e seguiu Reagan rumo ao refeitório.

No fim, Cath não decidira voltar.

Só decidira guardar o notebook na mochila.

Então decidira ir de carro com o pai e Wren até Lincoln.

Então, depois de deixarem Wren do lado de fora do Schramm Hall, o pai perguntara se Cath queria ir para seu próprio alojamento, e ela decidira que queria. No mínimo, podia pegar suas coisas.

Então, os dois ficaram sentados ali, onde era proibido estacionar, e Cath sentira onda após onda de ansiedade atingi-la. Se ficasse, veria Levi de novo. Teria que lidar com a prova de psicologia que havia perdido. Teria que se matricular em disciplinas, e não sabia quais ainda teriam vaga. *E veria Levi de novo.* E tudo nele que causaria uma sensação boa — seu rosto sorridente, seu corpo esticado — também seria como levar um tiro na barriga.

Cath não decidiu sair do carro.

Só olhou para o pai, no banco do motorista, tamborilando dois dedos do meio no volante. Por mais medo que tivesse de deixá-lo, não suportava a ideia de decepcioná-lo.

— Mais um semestre — ela disse. Estava chorando. De tão ruim que era a sensação de dizer aquilo.

Ele levantou o rosto na hora.

— Sério?

— Vou tentar.

— Eu também — ele disse.

— Promete?

— Sim. Sim, Cath. Eu prometo… Quer que eu suba com você?

— Não. Só pioraria tudo.

Ele riu.

— O que foi?

— Nada. Só tive uma lembrança de você no primeiro dia do jardim de infância. Você chorou. E sua mãe chorou. Parecia que nunca mais íamos ver vocês duas.

— E a Wren?

— Nossa, não sei. Provavelmente já estava escolhendo o primeiro namoradinho.

— A minha mãe chorou?

O pai pareceu triste de novo, e sorriu pesaroso.

— Sim…

— Eu odeio ela — Cath disse, balançando a cabeça, tentando imaginar que tipo de mãe chorava no primeiro dia do jardim de infância e abandonava as filhas no terceiro ano do fundamental.

O pai assentiu.

— É…

— Atende quando eu ligar — Cath disse.

— Vou atender.

— Mais uma que ganhou botas Ugg de Natal — Reagan disse, olhando para as pessoas que saíam da fila para se servir e entravam no salão. — Se a gente tivesse uísque, ia ter que virar uma dose agora.

— Uggs me reconfortam — Cath disse.

— Por quê? Porque são quentinhas?

— Não. Porque me lembram de que a gente mora em um lugar onde ainda se pode usar Uggs e até ficar animada com elas. Em lugares mais descolados, a pessoa tem que fingir que se cansou ou que nunca gostou delas. Mas em Nebraska a gente ainda pode ficar contente com Uggs novas. Isso é legal. A inocência permanece.

— Você é tão esquisita… — Reagan disse. — Meio que fiquei com saudades de você.

— Eu só não quero — Simon disse.

— Não quer o quê? — Baz perguntou. Ele estava sentado em sua escrivaninha, comendo uma maçã. Segurou a fruta com os dentes e começou a dar o nó na gravata verde e roxa da escola. Simon ainda precisava usar um espelho para fazer aquilo. Depois de sete anos.

— Nada — *Simon disse, voltando a afundar a cabeça no travesseiro. — Não quero fazer* nada. *Não quero nem começar este dia, porque aí vão esperar que eu o termine.*

Baz concluiu seu nó elaborado e deu uma mordida na maçã.

— Por favor, Snow, assim você nem parece "o feiticeiro mais poderoso em uma centena de eras" falando.

— Isso é a maior bobagem — Simon disse. — E quem é que começou a me chamar assim?

— Provavelmente o Mago. Ele não para de falar de você. "O que foi profetizado", "o herói que estávamos esperando" e tudo mais.

— Não quero ser um herói.

— Mentiroso. — Os olhos de Baz, de um cinza frio, estavam sérios.

— Hoje — Simon se corrigiu. — Não quero ser um herói hoje.

Baz olhou para o miolo da maçã, então o jogou sobre a escrivaninha de Simon.

— Está tentando me convencer a matar a aula de ciência política?

— Estou.

— Já conseguiu — Baz disse. — Agora levanta.
Simon sorriu e pulou da cama.

de *Sempre em frente, Simon*, postado em janeiro de 2012
pela autora do FanFixx.net Magicath

VINTE E TRÊS

— O que significa “inc”? — Cath perguntou.

Reagan olhou para ela de sua própria cama. Ela fazia fichas de estudo (Reagan gostava daquilo) e tinha um cigarro apagado pendendo dos lábios — estava tentando parar de fumar.

— Repete a pergunta de um jeito que faça sentido.

— I-n-c — Cath disse. — Recebi minhas notas, mas em vez de dez ou zero tem um “inc”.

— Incompleto — Reagan disse. — Significa que estão segurando sua nota.

— Quem está?

— Não sei. O professor.

— Por quê?

— *Não sei*. Normalmente é um caso especial, tipo quando te dão mais tempo pra compensar alguma coisa.

Cath ficou olhando para o boletim. Ela havia feito a prova substitutiva de psicologia na semana em que havia voltado, então esperava ver um dez ali. (Cath vinha se saindo tão bem em psicologia que quase nem precisara fazer a última prova.) Mas com escrita de ficção era diferente. Como não havia entregado o trabalho final, Cath tiraria no máximo um sete, e um seis seria muito mais provável.

Por ela não tinha problema com aquilo — Cath havia se conformado com aquele seis. Era o preço que precisava pagar pelo semestre anterior. Por

Nick. E Levi. Pelo plágio. Era o preço de ter aprendido que não queria escrever livros sobre o declínio e a desolação da América rural ou sobre qualquer outra coisa.

Cath estava pronta para receber seu seis e seguir em frente.

Inc.

— O que eu faço? — ela perguntou a Reagan.

— Caralho, Cath. Não sei. Fala com o professor. Você vai me dar um câncer de pulmão.

Era a terceira vez que Cath entrava no Andrews Hall desde que recebera suas notas.

Nas duas primeiras, ela entrara de um lado do prédio e fora direto para a saída do outro lado.

Daquela vez, já estava se saindo melhor. Daquela vez, parou para usar o banheiro.

Ela entrara no prédio bem quando as aulas das quatro horas estavam acabando, e se deparara com uma enxurrada de garotas com cabelos descolados e garotos que pareciam Nick. Cath se escondera no banheiro e agora estava sentada dentro de uma cabine de madeira, esperando o prédio esvaziar. Alguém tinha se dedicado a entalhar grande parte da letra de "Stairway to Heaven" no interior da porta. Devia ter sido bastante trabalhoso. *Alunos de letras…*

Cath não tinha nenhuma aula de letras naquele semestre, e estava pensando em mudar de curso. Ou talvez só mudasse para literatura renascentista em vez de escrita criativa. Aquilo seria útil no mundo real, ter uma cabeça cheia de sonetos e imagens de Cristo. *Quando se estuda algo com que ninguém mais se importa, será que te deixam em paz?*

Cath abriu a porta da cabine devagar, dando a descarga só para o caso de ter alguém ali, então abriu as duas torneiras de uma pia (uma quente e a outra fria) e lavou o rosto. Podia fazer aquilo. Só precisava encontrar a secretaria do departamento e perguntar onde ficava a sala da professora Piper. Ela provavelmente nem estaria lá.

O corredor estava quase vazio agora. Cath encontrou uma escada e seguiu as placas que indicavam a secretaria. Em frente no corredor, virando uma esquina. Talvez só passar diante da secretaria já fosse avanço o bastante para um dia. Ela andava devagar, tocando cada porta de madeira.

— Cath?

Ainda que a voz fosse de mulher, a primeira pessoa que veio à cabeça de Cath, em pânico, foi Nick.

— Cath!

Ela virou na direção da voz… e viu a professora Piper na sala do outro lado do corredor, de pé atrás da escrivaninha. A mulher fez sinal para que se aproximasse. Cath obedeceu.

— Estava me perguntando o que tinha acontecido — a professora Piper disse, sorrindo calorosamente. — Você desapareceu. Entre, vamos conversar.

Ela fez sinal para que Cath se sentasse, e ela obedeceu. (Aparentemente, a professora podia controlá-la com gestos simples. Como em o *Encantador de cães*.)

A professora contornou a escrivaninha e se sentou em cima dela. Como sempre fazia.

— O que aconteceu com você? Pra onde foi?

— Eu… não fui a lugar nenhum — Cath disse. Mas estava pensando em ir naquele momento. Era progresso demais; ela não tinha se preparado para aquilo, para realmente fazer o que tinha ido fazer.

— Mas você não entregou seu conto — a professora Piper disse. — Aconteceu alguma coisa?

Cath inspirou fundo e tentou ser firme ao falar.

— Mais ou menos. Meu pai estava no hospital. Mas esse não foi o motivo. Eu já tinha decidido que não ia escrever.

A professora pareceu surpresa. Ela se segurou na beirada da mesa e se inclinou para a frente.

— Mas *por quê*, Cath? Eu estava animada para ver o que você ia escrever.

— Eu só… — Cath reformulou a frase. — Me dei conta de que não fui feita pra escrita de ficção.

A professora piscou e afastou a cabeça.

— Do que você está falando? Você foi feita exatamente pra isso. É um molde infalível. Essa é a sua vocação.

Foi a vez de Cath piscar.

— Não. Eu… tentei várias vezes. Começar o conto. Eu… olha, sei como se sente em relação a fanfics, mas é o que eu quero escrever. São por elas que sou apaixonada. E sou boa de verdade nisso.

— Tenho certeza — a professora disse. — Você tem talento para contar histórias. Mas isso não explica por que não entregou o trabalho final.

— Quando percebi que não era a coisa certa pra mim, não consegui fazer. Só queria continuar.

A professora olhou para Cath, pensativa, tamborilando a beirada da mesa. *É assim que uma pessoa sã tamborila os dedos.*

— Por que insiste em dizer que não era a coisa certa pra você? — a professora perguntou. — Seus textos no último semestre foram excelentes. Era a coisa totalmente certa. Você é uma das alunas mais promissoras da turma.

— Mas não quero escrever minha própria ficção — Cath disse, tão enfática quanto pôde. — Não quero criar meus próprios personagens ou mundos. Não ligo pra isso. — Ela cerrou as mãos em punho sobre as pernas. — Só ligo pra Simon Snow. Sei que ele não é meu, mas pra mim isso não importa. Prefiro me dedicar a um mundo que amo e compreendo do que tentar criar algo do zero.

A professora se inclinou para a frente.

— Não há nada mais profundo do que criar algo do zero. — Seu rosto encantador tinha se tornado feroz. — Pense a respeito disso, Cath. É isso que um deus faz, ou uma mãe. Não há nada mais inebriante que criar algo do zero. Criar algo a partir de si mesmo.

Cath não esperava que a professora Piper ficasse feliz com a decisão dela, tampouco esperava aquilo. Não achava que ia contra-argumentar.

— Mas pra mim isso não representa nada — Cath disse.

— Você prefere se apropriar ou pegar emprestada a criação de outra pessoa?

— Conheço Simon e Baz. Sei como pensam, o que sentem. Quando escrevo nesse universo, me perco completamente nele, e fico feliz. Quando estou escrevendo textos originais, é como nadar contra a corrente. Ou… tentar agarrar um galho enquanto estou caindo de um penhasco, tentar inventar esses galhos enquanto caio.

— *Isso* — a professora disse, esticando o braço e agarrando o ar à frente de Cath, como se capturasse uma mosca. — A sensação é essa mesmo.

Cath balançou a cabeça. Havia lágrimas em seus olhos.

— Bom, eu odeio isso.

— Você odeia? Ou só tem medo?

Cath suspirou e decidiu enxugar os olhos na blusa. Outro tipo de adulto passaria uma caixa de lenços a ela. Mas a professora Piper continuou

insistindo.

— Você conseguiu uma permissão especial para se matricular na minha aula. Devia querer escrever. E seus textos são deliciosos. Não gostou de nada que produziu?

— Nada que escrevo se compara a Simon.

— Pelo amor de Deus, Cath, está mesmo se comparando à autora de maior sucesso da era atual?

— *Sim* — Cath disse. — Porque quando escrevo sobre os personagens de Gemma T. Leslie, às vezes, de algumas maneiras, sou melhor do que ela. Sei que parece loucura, mas também sei que é verdade. Não sou um deus. Nunca poderia ter criado o Mundo dos Magos. Mas sou muito, muito boa em manipular esse mundo. Posso fazer mais com os personagens dela do que poderia fazer com os meus. Meus personagens são só… rascunhos em comparação com os dela.

— Mas você não pode fazer nada com fanfiction. É fadado ao fracasso.

— Posso deixar que as pessoas leiam. Muitas pessoas já me leem.

— Você não pode viver disso. Não pode seguir uma carreira.

— Quantas pessoas vivem de escrita, de qualquer maneira? — Cath soltou. Ela sentia que tudo dentro dela se rebelava. Seus nervos. Seu temperamento. Seu esôfago. — Vou escrever porque adoro, assim como outras pessoas tricotam ou… fazem scrapbooks. E vou encontrar outra maneira de ganhar dinheiro.

A professora Piper voltou a endireitar a postura e cruzou os braços.

— Não vou mais falar com você sobre fanfiction.

— Tudo bem.

— Mas a conversa ainda não terminou.

Cath voltou a respirar fundo.

— *Eu* tenho medo — a professora Piper disse. — Medo de que você nunca descubra do que é realmente capaz. De que você não chegue a ver, de que eu não chegue a ver, as maravilhas que você tem aí dentro. Você está certa, nenhum texto que entregou no semestre passado se compara a *Simon Snow e o herdeiro do Mago*. Mas eles tinham muito potencial. Seus personagens estremecem, Cath, como se tentassem evoluir para fora da página.

Cath revirou os olhos e enxugou o nariz no ombro.

— Posso perguntar uma coisa?

— Acho que você vai perguntar de qualquer jeito — Cath disse.

A professora sorriu.

— Você ajudou Nick Manter no trabalho final dele?

Cath olhou para um canto do teto e umedeceu o lábio inferior. Sentiu uma nova onda de lágrimas vindo. Droga. Fazia um mês inteiro que não chorava.

Ela assentiu.

— Imaginei — a professora disse, simpática. — Era possível ouvir você. Em algumas das melhores partes.

Cath manteve todos os seus músculos imóveis.

— Nick é meu monitor. Na verdade, acabou de passar por aqui. Ele também está na turma avançada de escrita de ficção. Seu estilo… mudou bastante.

Cath olhou para a porta.

— Cath — a professora insistiu.

— Oi? — Ela ainda não conseguia encarar a professora.

— E se a gente fizesse um acordo?

Cath esperou.

— Ainda não entreguei sua nota. Estava esperando que viesse me ver. E não preciso entregar ainda. Posso te dar o resto do semestre para terminar o conto. Tudo indicava que você ia tirar um nove na minha aula, talvez um dez.

Cath pensou em sua média escolar. E na bolsa de estudos. E no fato de que teria que tirar dez naquele semestre se quisesse manter a bolsa. Não tinha mais margem de erro.

— Você pode fazer isso?

— Posso fazer o que eu quiser com a nota dos meus alunos. Sou a deusa dessa insignificância.

Cath sentiu que enfiava as unhas nas palmas.

— Posso pensar a respeito?

— Claro. — O tom da professora Piper era leve como o ar. — Se decidir fazer isso, quero que a gente se encontre regularmente ao longo do semestre, para falar sobre seu progresso. Vai ser como um estudo independente.

— Tá. Vou pensar. Eu, hum… obrigada.

Cath pegou a mochila e se levantou. Ficou perto demais da professora, então baixou os olhos e foi depressa para a porta. Não voltou a levantá-los até que estava de volta ao alojamento, saindo do elevador.

— Aqui é o Art.

— É assim que você atende o celular?

— Oi, Cath.

— Sem “alô”?

— Não gosto de “alô”. Faz parecer que eu tenho demência, como se nunca tivesse ouvido um telefone tocar e não soubesse o que ia acontecer depois. “Alô?”

— Como está se sentindo, pai?

— Bem.

— Quão bem?

— Saio do trabalho todo dia às cinco. Janto com a vovó. Esta manhã mesmo o Kelly me disse que pareço “impressionantemente aterrado”.

— Isso é impressionante mesmo.

— Ele acabou de me dizer que não podemos usar Frankenstein na proposta do Feijãostein, porque ninguém liga mais pra ele. As crianças de hoje gostam de zumbis.

— Mas o nome do troço não é Zumbifeijão.

— Vai ser, se Kelly conseguir. Vamos sugerir Zumfeijão.

— Nossa, como você consegue se manter aterrado com tudo isso?

— Fico fantasiando em comer o cérebro dele.

— Ainda estou impressionada, pai. Ei… acho que vou pra casa no próximo fim de semana.

— Se você quiser… Não quero que se preocupe comigo, Cath. Fico melhor quando sei que você está feliz.

— Bom, e eu fico feliz quando não estou preocupada com você. É uma relação simbiótica.

— Falando nisso… como está a sua irmã?

O pai dela estava errado. Cath *gostava* de se preocupar. Fazia com que se sentisse proativa, mesmo quando não podia fazer absolutamente nada.

Como com Levi.

Cath não podia controlar se ia vê-lo ou não no campus. Mas podia ficar preocupada com a possibilidade, e se ficasse preocupada aquilo provavelmente não aconteceria. Era como se a ansiedade fosse uma vacina. Como a água que não ferve quando se fica olhando para a panela.

Ela criava esquemas reconfortantes em sua cabeça, preocupada que fosse encontrar Levi, e tranquilizava a si mesma listando todos os motivos pelos quais aquilo não ia acontecer.

Em primeiro lugar, Reagan havia prometido mantê-lo à distância.

Em segundo lugar, Levi não tinha motivo para ir ao campus dela. Cath dizia a si mesma que Levi passaria todo o tempo livre estudando búfalos no campus leste, trabalhando na Starbucks ou beijando loiras bonitas na cozinha. Não haveria ocasião para seus caminhos se cruzarem.

Ainda assim… Cath congelava toda vez que via alguém de cabelo loiro usando jaqueta verde — ou que desejava ter visto.

Ela congelou *agora*.

Porque ali estava ele, bem onde não deveria estar, sentado do lado de fora da porta. Prova de que Cath não vinha se preocupando o bastante.

Levi a viu também e se levantou. Não estava sorrindo. (Ainda bem. Ela não queria saber de seus sorrisos.)

Cath seguiu em frente, cautelosa.

— Reagan está na aula — ela disse, quando ainda estava a algumas portas de distância da sua.

— Eu sei — Levi disse. — É por isso que estou aqui.

Cath balançou a cabeça. Aquilo poderia significar "não" ou "não estou entendendo", qualquer um servia. Ela parou de andar. Seu estômago doía tanto que Cath queria se dobrar sobre ele.

— Preciso te falar uma coisa — Levi disse depressa.

— Não quero que você entre — Cath disse.

— Tudo bem. Posso falar aqui fora.

Cath cruzou os braços sobre a barriga e assentiu.

Levi assentiu de volta. Ele enfiou as mãos nos bolsos do casaco.

— Eu estava errado.

Cath assentiu. Porque… *dã*. E porque não sabia o que Levi queria dela.

Ele enterrou as mãos ainda mais fundo nos bolsos.

— Cath… — Levi disse, muito sério. — Não foi só um beijo.

— Tá. — Cath olhou para a porta do quarto. Então deu um passo à frente, na direção dela, segurando a chave como se a conversa estivesse encerrada.

Levi saiu da frente. Parecia confuso, mas ainda educado.

Cath colocou a chave na fechadura e levou a mão à maçaneta, deixando a cabeça pender para a frente. Podia ouvi-lo respirando atrás dela, inquieto. *Levi.*

— Qual deles? — Cath perguntou.

— Oi?

— Qual beijo?

A voz dela saiu fraca e fina. Como papel molhado.

— O primeiro — Levi disse, depois de alguns segundos.

— Mas o segundo foi? Só um beijo?

— Não quero falar sobre o segundo — Levi disse, e sua voz pareceu vir de mais perto.

— Que pena.

— Então sim — ele disse. — Foi só um… não foi nada.

— E quanto ao terceiro?

— É uma pegadinha?

Ela deu de ombros.

— Cath… estou tentando te dizer uma coisa aqui.

Ela se virou para ele, e se arrependeu no mesmo instante. O cabelo de Levi estava todo emaranhado, a maior parte para trás, mas com algumas mechas caindo na testa. Ele não estava sorrindo, de modo que seus olhos azuis tomavam conta de seu rosto triste.

— O que está tentando me dizer?

— Que não foi *só* um beijo, Cather. Não teve nada de “só”.

— Não?

— Não.

— Então…?

Ela soava muito mais tranquila do que se sentia. Por dentro, seus órgãos estavam se destruindo até formar uma pasta que era puro nervoso. Seu intestino já era. Seus rins se desintegravam. Seu estômago se retorcia para sair, levando a traqueia consigo.

— Então… *aaaaargh!* — Levi soltou, frustrado, passando as duas mãos pelo cabelo. — Desculpa. Não sei por que eu disse aquilo no hospital. Bom, sei por que disse, mas eu estava errado. Muito errado. Queria poder voltar àquela manhã em que acordei aqui e ter uma conversa séria comigo mesmo, para que todo o resto não tivesse acontecido depois.

— Será… — ela começou a dizer — … que se houvesse máquinas do tempo alguém as usaria para ir ao futuro?

— *Cather.*

— *Oi?*

— O que você está pensando?

O que ela estava pensando? Nada. Estava imaginando se conseguiria viver sem os rins. Estava tentando se manter de pé.

— Ainda não sei o que tudo isso significa — ela disse.

— Significa… que gosto de você de verdade. — Ele voltou a levar a mão ao cabelo. Só uma. Segurava-o para trás. — Tipo, *de verdade*. E quero que aquele beijo tenha sido o começo de algo. Não o fim.

Cath observou o rosto de Levi. Suas sobrancelhas estavam franzidas, acumulando pele acima do nariz. Suas bochechas, uma vez na vida,

estavam totalmente relaxadas. E sua boca parecia mais do que nunca com a de uma boneca, sem nenhum traço de sorriso.

— *Pareceu* o começo de algo. — Levi enfiou as mãos nos bolsos e balançou um pouco o corpo para a frente. Como se quisesse trombar com ela. Cath recuou para a porta.

E assentiu.

— Tá.

— Tá?

— Tá. — Ela se virou e abriu a porta. — Você pode entrar. Mas ainda não sei direito o resto.

— Tá — Levi disse.

Ela identificou o comecinho de um sorriso no rosto dele — um feto de sorriso —, e aquilo quase a matou.

— Não confio em você — Simon disse, pegando o braço de Basil.

— Bom, e eu não confio em você — o outro cuspiu. Cuspiu de verdade, os perdigotos pousando nas bochechas de Simon.

— E por que precisa confiar em mim? — Simon perguntou. — Sou eu que estou dependurado no penhasco!

Basil o olhou com desagrado, seu braço tremendo por causa do peso de Simon. Ele ofereceu o outro braço, e Simon o agarrou.

— Por todos os magos! — Basil exclamou, sem fôlego, com o corpo se inclinando para a frente. — Conhecendo você, é bem capaz de derrubar nós dois só pra me provocar.

de *Sempre em frente, Simon*, postado em novembro de 20l 0 pela autora do FanFixx.net Magicath

VINTE E QUATRO

Levi se sentou na cama dela.

Cath tentou fingir que ele não a olhava enquanto tirava o casaco e o cachecol de baixo do cabelo. Achou que seria estranho tirar as botas de neve na frente dele também, então continuou calçada.

Ela se sentou na cadeira.

— Como se saiu na matéria de literatura? — Cath perguntou.

Levi ficou só olhando para ela por alguns segundos.

— Tirei oito.

— Isso é bom, não?

— É ótimo…

Ela assentiu.

— E o seu pai? — ele perguntou.

— Melhor — ela disse. — É complicado.

— E a sua irmã?

— Não sei. A gente não está se falando.

Ele assentiu.

— Não sou muito boa nisso — Cath disse, olhando para as próprias pernas.

— No quê?

— No que quer que isso seja. Essa coisa de garoto e garota.

Levi soltou uma risada leve.

— Que foi? — ela perguntou.

— Você é bem melhor nessa coisa de garoto e garoto, né?

— Rá.

Os dois voltaram a ficar quietos. Levi acabou quebrando o silêncio. Cath tinha certeza de que poderia contar com ele para quebrar o silêncio em qualquer situação.

— Cath?

— Oi?

— Isso… Você está me dando outra chance?

— Não sei — ela disse, vendo as próprias mãos se fecharem e abrirem sobre as pernas.

— Você quer?

— Como assim? — Ela permitiu que seus olhos encontrassem o rosto dele. As bochechas de Levi estavam pálidas, e ele mordia o lábio inferior.

— Tipo… você está torcendo por mim?

Cath balançou a cabeça, daquela vez só porque estava confusa.

— Como assim?

— Eu… — Levi se inclinou para a frente, ainda com as mãos enfiadas nos bolsos. — Bom, passei quatro meses tentando te beijar e as últimas seis semanas tentando entender como consegui estragar tudo. Tudo o que eu quero agora é consertar as coisas, fazer com que você perceba que sinto muito e que deveria me dar outra chance. Mas só quero saber… você está torcendo por mim? Está torcendo pra que eu consiga fazer isso?

O olhar de Cath encontrou o de Levi, hesitante, como se fosse sair voando caso ele se mexesse.

Ela assentiu.

O canto direito da boca dele se ergueu.

— Estou torcendo por você — ela sussurrou, sem ter certeza de que ele conseguiria ouvi-la de onde estava.

O sorriso de Levi se soltou e devorou seu rosto inteiro. Então começou a devorar o rosto de Cath também. Ela teve que desviar os olhos.

Foi assim que o Levi ligado no duzentos e vinte voltou. Sentado na cama dela, sorrindo como se tudo fosse ficar bem.

Cath queria dizer para ele ir mais devagar, porque não estava tudo bem. Ela ainda não o havia perdoado, e embora provavelmente fosse fazê-lo, ainda não confiava nele. Cath não confiava em ninguém, o que era um problema. *Um problema fundamental.*

— Você devia tirar o casaco — foi tudo o que Cath disse.

Ele baixou o zíper, tirou o casaco e o deixou sobre a cama. Estava usando uma blusa que Cath nunca havia visto. Um cardigã verde-oliva com bolsos e botões de couro. Ela se perguntou se tinha sido um presente de Natal.

— Vem aqui — Levi disse.

Cath negou com a cabeça.

— Ainda não estou pronta pra isso.

Levi esticou o braço, e ela ficou imóvel — mas ele mirava o notebook dela, na escrivaninha. Levi o pegou e segurou.

— Não vou fazer nada — disse. — Mas vem aqui.

— É tudo o que você tem pra me dizer? “Não vou fazer nada”?

— É, soou meio idiota, mas você me deixa nervoso. *Por favor.*

A palavra mágica definitiva. Cath já estava levantando. Tirou as botas e se sentou a uns trinta centímetros de distância dele na cama. Se ela deixava Levi nervoso, ele a deixava catatônica.

Levi apoiou o notebook sobre as pernas dela.

Quando Cath o encarou, ele estava sorrindo. Nervoso.

— Cather — Levi disse —, me lê sua fanfic.

— Quê? Por quê?

— Porque sim. Não sei outro jeito de recomeçar. E isso deixa as coisas mais fáceis. Deixa… *você* mais fácil. — Cath arqueou as sobrancelhas. Ele balançou a cabeça, mexendo no cabelo com uma mão. — Isso também soou meio idiota.

Cath abriu o notebook e o ligou.

Aquilo era maluquice. Eles deviam conversar. Ela devia estar fazendo perguntas e ele devia estar se desculpando — depois *ela* devia se desculpar e dizer a ele que tinha sido uma péssima ideia até mesmo voltarem a conversar.

— Não lembro onde paramos — ela disse.

— Simon tinha tocado a mão de Baz, que estava fria.

— Como pode se lembrar disso?

— Todas as células cerebrais que eu deveria usar na leitura servem pra guardar coisas.

Cath abriu o documento do Word e correu as páginas.

— *A mão de Baz estava fria e imóvel* — ela leu em voz alta. — *Quando Simon olhou para ele, percebeu que havia dormido.* — Cath levantou os olhos. — Isso é esquisito. Não é esquisito?

Levi tinha virado de lado para encará-la. Seus braços estavam cruzados e seu ombro tocava a parede. Ele sorriu e deu de ombros.

Cath balançou a cabeça de novo, sem muita certeza do que queria expressar com aquilo, então olhou para a tela do computador e voltou a ler.

Simon também estava cansado. Ele se perguntou se não haveria um encantamento no berçário que deixava as pessoas com sono. Ele pensou nos bebês de colo, nos que engatinhavam, em Baz, acordando em uma sala cheia de vampiros. Então pegou no sono.

Quando acordou, Baz estava sentado de costas para o fogo, olhando para o coelho.

— Decidi não te matar enquanto dormia — ele disse sem olhar para baixo. — Feliz Natal.

Simon esfregou os olhos e se sentou.

— Obrigado?

— Você tentou algum feitiço?

— Como assim?

— Nas lebres.

— A carta não dizia nada sobre feitiços. Só falava de encontrar as lebres.

— Tá — Baz disse, impaciente. Não deviam ter dormido por muito tempo, porque ele ainda parecia cansado. — Mas o remetente deve saber que você é um feiticeiro e deve pensar que você consideraria *usar magia de vez em quando.*

— Que tipo de feitiço? — Simon perguntou, erguendo os olhos para o coelho adormecido.

— Não sei. — Baz movimentou a varinha de ponta branca no ar. — Presto manifesto!

— Um feitiço de revelação? O que está tentando fazer?

— Estou experimentando.

— Você não disse que eu precisava pesquisar mais em vez de me arriscar?

— Isso foi antes de passar metade da noite olhando pra porcaria desse coelho. — Baz agitou a varinha. — Antes e depois!

— Esse feitiço só funciona em gente — Simon disse.

— Estou experimentando. Cocoricó!

Nada aconteceu.

— Por que não continuou dormindo? — Simon perguntou. — Parece que você não dorme desde o primeiro ano. Está pálido como um fantasma.

— Fantasmas não são pálidos, são translúcidos. E me desculpa se não quero ficar de conchinha com você no lugar onde minha mãe foi assassinada.

Simon fez uma careta e baixou os olhos.

— Desculpa — ele disse. — Não tinha pensado nisso.

— Que novidade — Baz disse, então voltou a movimentar a varinha na direção do coelho. — Por favor.

Baz engoliu em seco. Simon achou que estivesse chorando, então virou de costas para lhe dar privacidade.

— Snow… tem certeza absoluta de que não tinha mais nada na carta?

Simon ouviu um farfalhar pesado acima deles. Levantou os olhos e viu um animal gigante e luminoso se mexendo enquanto dormia. Baz se levantou depressa. Simon o imitou e deu um passo para trás, pegando seu braço.

— Cuidado — Baz sibilou, se soltando de Simon e se afastando da lareira atrás deles.

— Porque ele é um vampiro — Levi disse, convencido. — Altamente inflamável.

Seus olhos estavam fechados e sua cabeça estava apoiada na parede. Cath o observou por um momento. Levi abriu um olho e cutucou a perna dela com o joelho. Ela não achava que estava sentada tão perto dele.

Mais acima, o coelho parecia adquirir volume e peso. Ele estendeu as patas traseiras contra o céu e franziu o nariz. Suas orelhas tremeram.

— Será que é pra gente pegar ele? — Baz perguntou. — Falar com ele? Cantar uma musiquinha mágica?

— Não sei — Simon disse. — Achei que fosse receber mais instruções.

O coelho abriu um olho cor-de-rosa do tamanho de um pedregulho.

— Eu tenho uma instrução. Está com sua espada?

— Sim — Simon disse.

— Então pega.

— Mas é o coelho lunar… — Simon argumentou. — Ele é famoso.

O coelho virou a cabeça (prestando atenção, seus olhos eram mais vermelhos que cor-de-rosa) e abriu a boca — para bocejar, Simon torcia —, revelando incisivos que pareciam presas, ou facas brancas com lâmina longa.

— A espada, Snow. Agora.

Baz empunhava a varinha como se estivesse prestes a conduzir uma orquestra. Ele era bastante pomposo às vezes.

Simon levou a mão direita ao quadril e sussurrou o encantamento que o Mago havia lhe ensinado.

— Na justiça. Na coragem. Na defesa dos fracos. Na presença dos poderosos. Através da magia, da sabedoria e do bem.

Ele sentiu o punho da espada se materializar em sua mão. Aquilo nem sempre aconteceria, o Mago havia avisado — a arma tinha vontade própria. Se Simon a invocasse no momento errado, mesmo sem saber, a Espada dos Magos não apareceria.

A lebre esticou a pata dianteira de maneira quase tímida na direção do chão do berçário, então caiu do teto em um montinho gracioso, como um coelho de estimação saltando do sofá.

— Não ataca — Simon disse. — Ainda não sabemos quais as intenções dela… Quais são suas intenções? *— ele gritou. Era um coelho mágico. Talvez pudesse falar.*

O coelho inclinou a cabeça, como se em resposta, e guinchou para o ponto vazio no teto.

— Não vamos machucar você — Simon disse. — Só… fica calmo.

— Por Crowley, Snow. Não é seu cachorro de estimação.

— Bom, temos que fazer alguma coisa.

— Acho que devíamos correr.

O coelho estava encolhido entre eles e a porta. Simon procurou a varinha com a mão esquerda.

— Fica calmo, por favor*! — ele gritou, usando aquela palavra poderosa de novo. O coelho lançou um jato de saliva em sua direção, parecendo furioso.*

— Tá bom — Simon disse para Baz. — Vamos correr. No três.

Baz já fugia na direção da porta. O coelho guinchou para ele, mas não quis dar as costas para o outro. Ele atacou as pernas de Simon com uma garra que parecia mortífera.

Simon conseguiu escapar com um pulo, mas a lebre lançou outro ataque na mesma hora. Quando mirou sua cabeça, Simon se perguntou se Baz ia se dar ao trabalho de voltar com ajuda. Provavelmente não importaria; não chegaria ali a tempo. Simon agitou a espada cortante para o coelho. A fera recolheu a pata como se tivesse se espetado. Então ficou sobre as duas patas traseiras, praticamente uivando.

Simon se pôs de pé… e viu uma sequência de bolas de fogo atingir a pele branca do coelho.

— Seu roedor nojento! — Baz gritava. — Devia nos proteger. Trazer sorte. E não ser a merda de um monstro. E pensar que eu costumava fazer bolos e queimar incenso pro coelho lunar… Se arrependimento matasse!

— É isso aí — Simon disse.

— Cala a boca, Snow. Você tem uma varinha e uma espada, mas prefere gastar essa língua inútil comigo?

Simon voltou a atacar o coelho com a espada. Ele sempre preferia a arma à varinha em uma luta.

Entre as bolas de fogo mágicas, Baz arriscava feitiços paralisantes e maldições dolorosas. Nada além de fogo parecia causar danos.

A espada até funcionava — Simon machucava o coelho —, mas não era o bastante. Era como se o cutucasse com uma agulha de bordado.

— Acho que ele é imune à magia! — Baz gritou, quando o coelho foi em sua direção.

Simon correu atrás do animal e tentou cravar a espada na pele densa da nuca. A lâmina deslizou pela carne sem penetrá-la.

Baz atacou também, deixando a varinha de lado e pulando contra o peito da lebre. Ela se debateu, então Simon a agarrou pelo pescoço e segurou firme. Ele via Baz de relance em meio ao frenesi de pelos e presas. O coelho atacava Baz com os dentes, e Baz segurava uma orelha comprida enquanto golpeava o focinho com o braço. Então a cabeça de Baz desapareceu em meio aos pelos. Quando Simon voltou a vê-lo, seu rosto estava vermelho de sangue.

— Baz! — *Simon soltou o animal sem querer, e o coelho o atirou do outro lado da sala. Ele aterrissou no círculo de colchões e tentou rolar para aliviar o impacto. Quando se recuperou, viu que o coelho se debatia, deitado de costas, com as quatro patas no ar. Baz estava deitado sobre sua barriga, como se abraçasse um bichinho de pelúcia gigante. Os pelos brancos em volta de sua cabeça estavam ensanguentados.*

— Não — Simon sussurrou. — Baz. Não!

Ele correu na direção do coelho, erguendo a espada acima da cabeça com ambas as mãos, então a enfiou com toda a sua força em um olho vermelho. O coelho desabou, flácido, de modo que uma pata caiu no fogo.

— Baz — Simon disse, puxando o braço do outro. Ele esperava que o garoto também estivesse flácido, mas o braço não cedia. Simon tentou de

novo, enterrando os dedos no ombro magro dele. Baz esticou um braço para trás e o empurrou. Simon caiu no chão, confuso.

Foi então que notou que Baz enfiava o rosto no pescoço do coelho. Bebendo devagar. Havia feridas ao longo da garganta e da orelha do animal, muito mais profundas do que as que Simon fora capaz de fazer com sua espada. Baz apoiou os joelhos no peito do coelho e empurrou sua barriga gigante para o lado, enfiando a cabeça ainda mais no pescoço ensanguentado.

— Baz… — Simon sussurrou, se levantando devagar.

Por um momento — por alguns momentos —, só ficou observando.

Até que Baz pareceu… ter terminado.

Ele soltou o coelho e ficou ali, de costas para o outro. Simon viu quando Baz pegou a Espada dos Magos e a desenterrou do olho da criatura, ensanguentada.

Então Baz se virou, jogando os ombros para trás e erguendo o queixo. Seu rosto, toda a frente de seu corpo, sua gravata da escola e sua camisa branca estavam manchados de sangue. Pingava de seu nariz e queixo, e já se acumulava debaixo da mão que segurava a espada. Tanto sangue. Baz estava tão molhado quanto se tivesse acabado de sair do banho.

Baz atirou a espada, que caiu aos pés de Simon. Então passou a manga da camisa na boca e nos olhos. Só espalhou o sangue, sem limpá-lo.

Simon não sabia o que dizer. Como responder… àquilo. Àquela informação.

Ele pegou a espada e a limpou na capa.

— Você está bem?

Baz lambeu os lábios — como se estivessem secos, Simon pensou — e assentiu.

— Que bom — Simon disse, e se deu conta de que estava sendo sincero.

Cath parou de ler. Os olhos de Levi estavam abertos. Ele a observava. Sua boca estava fechada, mas não rígida. Ele parecia meio animado.

— Acabou? — Levi perguntou.

Ela se segurou ao notebook.

— É por isso que você gosta de mim?

— Como assim?

— Porque eu leio pra você?

— Está me perguntando se gosto de você porque sabe ler?

— Você me entendeu.

O sorriso dele se alargou, de modo que deu para ver seus dentes. Era estranho olhar para Levi daquele jeito. Tão de perto. Como se ela tivesse permissão para tal.

— Em parte — ele disse.

Cath olhou por cima do ombro dele, ansiosa.

— Acha que Reagan vai se importar?

— Acho que não. A gente não tá mais junto desde o ensino médio.

— E por quanto vocês namoraram?

— Três anos.

— Vocês chegaram a se apaixonar?

Ele penteou o cabelo para trás, um pouco envergonhado, mas não desconcertado.

— E como…

— Ah.

Cath se afastou um pouco.

Levi inclinou a cabeça para encará-la.

— Era uma cidade pequena. Tinha onze pessoas na nossa classe. Não havia mais ninguém num raio de trezentos quilômetros que qualquer um de nós consideraria namorar.

— E o que aconteceu?

— Viemos pra cá. E percebemos que não éramos as duas únicas pessoas namoráveis do mundo.

— Ela disse que te traiu.

Levi baixou os olhos, mas seu sorriso não desapareceu por completo.

— Teve isso também.

— Quantos anos você tem?

— Vinte e um.

Cath assentiu.

— Parece mais velho.

— É o cabelo — ele disse, ainda sorrindo.

— Adoro seu cabelo — ela soltou.

Levi arqueou a sobrancelha. Só uma.

Cath balançou a cabeça, constrangida, fechando os olhos e o notebook.

Levi deixou a cabeça cair devagar na direção dela, de modo que a franja pendeu para a frente e roçou na orelha dela. Cath afastou a cabeça, consciente de que ficava vermelha.

— Também gosto do seu cabelo — ele disse. — Bom, eu acho. Sempre está preso.

— Que loucura — Cath disse, se afastando um pouco.

— O quê?

— Isso. Você e eu. Essa conversa.

— Por quê?

— Bom, nem sei como aconteceu.

— Acho que não aconteceu nada até agora…

— Não temos nada em comum. — Ela sentia que estava repleta de objeções, que agora começavam a extravasar. — Você nem me conhece. É mais velho e fuma. E trabalha. É experiente.

— Eu não fumo, a menos que tenha outra pessoa fumando…

— Isso é fumar.

— Mas não importa. Nada do que você acabou de dizer importa, Cath. E a maior parte nem é verdade. Temos um monte de coisa em comum. Conversamos o tempo todo… ou costumávamos conversar. E isso só me deixava com vontade de conversar ainda mais. É um ótimo sinal.

— O que a gente tem em comum?

— Gostamos um do outro — ele disse. — O que mais importa? Fora que, comparados com o resto do mundo, temos tudo em comum. Se alienígenas viessem à Terra provavelmente não seriam capazes de nos diferenciar.

Aquilo era parecido demais com o que ela havia dito a Nick…

— Você gosta de mim… — Levi disse. — Não é?

— Eu não teria te beijado se não gostasse — Cath disse.

— Poderia, sim…

— Não — ela disse, firme. — Eu não teria. E não teria passado a noite acordada lendo pra você…

Levi sorriu, e ela conseguiu ver até seus caninos. Depois os pré-molares. Aquilo era errado. Ele não devia estar sorrindo.

— Por que você me disse que tinha sido só um beijo? — ela perguntou, esperando que sua voz falhasse. — Eu nem ligo pra outra menina. Bom, ligo, mas não tanto assim. Por que seu primeiro instinto foi me dizer que o que aconteceu entre a gente não importava? E por que eu deveria acreditar em você agora que está dizendo que importa? Por que deveria acreditar em qualquer coisa que está dizendo?

Então Levi compreendeu. Que não devia estar sorrindo. Ele olhou para as próprias pernas e se virou, apoiando as costas na parede.

— Acho que entrei em pânico…

Cath esperou. Levi levou uma mão ao cabelo e agarrou um punhado de fios. (Talvez aquele fosse o motivo da queda precoce. Não parar de mexer nele.)

— Entrei em pânico — ele repetiu. — Achei que se você soubesse o quanto nosso beijo tinha significado pra mim… faria o fato de eu ter beijado outra garota parecer pior.

Cath tentou absorver aquilo.

— Isso não faz o menor sentido — ela disse.

— Eu não estava raciocinando direito. — Ele voltou a virar para Cath, um pouco rápido demais. — Estava em pânico. Sinceramente? Eu já tinha me esquecido daquela menina.

— Porque você está sempre beijando meninas em festas?

— *Não*. Bom… *aaaaargh!* — Ele desviou o olhar. — Às vezes, mas *não*. Só beijei aquela menina porque você não estava lá. Porque não respondeu minhas mensagens. Porque tinha voltado a pensar que você não gostava de mim. Estava confuso, e um pouco bêbado, e ali estava uma menina que com certeza gostava de mim… Ela deve ter ido embora uns cinco minutos depois de você. E cinco minutos depois, eu já estava com o celular na mão, tentando arranjar uma desculpa pra te ligar.

— E por que não me disse tudo isso no hospital?

— Porque estava me sentindo um babaca. E não estou acostumado com isso. Sou tipo aquele cara do *Polícia desmontada*, sabe?

— Não sei.

— Costumo ser um cara legal. Meu plano pra te conquistar se baseava nisso…

— Tinha um plano?

— Bom… — Ele deixou a parte de trás da cabeça bater na parede e as mãos caírem sobre as pernas. — Era mais uma esperança. De que você

visse que eu era um cara legal.

— E eu vi.

— Tá. E aí me viu beijar outra pessoa.

Cath queria que ele parasse de falar. Já tinha ouvido o bastante.

— Olha, Levi… — Dizer o nome dele em voz alta finalizou a destruição dentro dela. Alguma coisa, talvez seu baço, simplesmente parou de funcionar. Cath se inclinou para a frente, agarrou alguns centímetros da manga da blusa dele e a puxou.

— Sei que você é um cara legal — ela disse. — E quero te perdoar. Não é como se você tivesse me traído. Bom, é só mais ou menos isso. Mas mesmo que eu te perdoe… — Ela voltou a puxar a blusa nova dele, esticando-a. — Acho que não sou boa nisso. Na relação menino e menina. Pessoa e pessoa. Não é só que eu não confio em qualquer um: eu não confio em ninguém. E quanto mais me importo com uma pessoa, mais certeza tenho de que ela vai se cansar de mim e ir embora.

A expressão de Levi se fechou. Ela não achou que fosse porque ele estivesse bravo, mas porque refletia. Levi estava considerando aquilo.

— Que doideira — ele disse.

— Eu sei — Cath concordou, quase aliviada. — É *exatamente* isso. Sou doida.

Ele esticou os dedos e os enganchou na manga da blusa dela.

— Mas ainda vai me dar uma chance, né? Vai dar uma chance pra isso. Pra gente.

— Vou — Cath disse, como se desistisse.

— Ótimo. — Ele puxou a manga dela e sorriu para suas mãos, que não chegavam a se tocar. — Não tem problema você ser doida — Levi disse, baixo.

— Você nem imagina…

— Não preciso — ele disse. — Estou torcendo por você.

Levi ficou de mandar uma mensagem no dia seguinte. Eles iam fazer alguma coisa depois que ele saísse do trabalho.

Um encontro.

Não foi assim que Levi falou, mas seria aquilo, não? Ele gostava dela, e os dois iam sair. Ele ia buscá-la.

Cath queria poder ligar para Wren. *Tenho um encontro. E não com uma mesa de canto. Não com alguém que lembre um móvel. Ele me beijou. E acho que vai me beijar de novo se eu deixar.*

Mas ela não ligou. Em vez disso, estudou. Então ficou acordada até não aguentar mais, escrevendo a fanfic — *"O Oco Insidioso", Baz disse. "Se um dia eu virar um supervilão, vou querer sua ajuda pra inventar um nome que não pareça um tipo de sundae"* — e torcendo para que Reagan voltasse para o quarto.

Cath já estava quase dormindo quando a porta se abriu.

Reagan se esgueirou na escuridão. Ela era boa em entrar e sair sem precisar acender as luzes. Quase nunca acordava Cath.

— Oi — Cath disse, rouca.

— Volta a dormir — Reagan sussurrou.

— Ei… Hoje à noite… Levi veio aqui. Acho que a gente vai sair. Tudo bem?

O remexer cessou.

— Claro — Reagan disse, com a voz quase normal. — Tudo bem por você?

— Acho que sim — Cath disse.

— Tá. — A porta do guarda-roupa de Reagan foi aberta, e ela tirou as botas e as jogou lá dentro com dois baques pesados. Uma gaveta se abriu e

fechou, então ela subiu na cama. — Mas é esquisito pra caralho… — ela murmurou.

— Eu sei — Cath disse, olhando para cima na escuridão. — Desculpa.

— Para de pedir desculpa. Bom pra você. Bom pro Levi. Melhor pra você, acho.

— Como assim?

— Levi é ótimo. E sempre se apaixona por meninas que são um pé no saco.

Cath se virou de lado e puxou o edredom.

— Melhor pra mim — ela concordou.

— Você finalmente vai sair com a Agatha?

A voz de Penelope saiu suave, apesar da surpresa em seu rosto. Nenhum deles queria que Sir Bleakly ouvisse — ele era conhecido por bolar os castigos mais ridículos para os alunos. Elas podiam acabar tirando o pó das catacumbas por horas ou revisando bilhetes de amor confiscados.

— Depois do jantar — Simon sussurrou de volta. — Vamos procurar pela sexta lebre na Floresta Velada.

— Agatha sabe que é um encontro? Porque parece só mais uma quinta à noite com você.

— Acho que sabe. — Simon se controlou para não virar para Penelope com a testa franzida, por mais que quisesse fazê-lo. — Ela disse que ia usar um vestido novo…

— Isso parece só mais uma quinta à noite com Agatha — Penelope disse.

— Você não acha que ela gosta de mim?

— Ah, Simon, eu nunca disse isso. Ela teria que ser uma idiota para não gostar de você. — Ele sorriu. — Então acho que o que estou dizendo — Penelope falou, voltando à tarefa à sua frente — é que vamos ter que esperar para ver.

do capítulo 17 de *Simon Snow e as seis lebres brancas*,

copyright © 2009 by Gemma T. Leslie

VINTE E CINCO

Reagan estava sentada à escrivaninha de Cath quando ela despertou.

— Está acordada?

— Você estava me vendo dormir?

— Sim, Bella. Está acordada?

— Não.

— Tá, então acorda logo. Precisamos estabelecer algumas regras.

Cath se sentou, tirando remela dos olhos.

— Qual é o seu problema? Se eu te acordasse assim, você ia me matar.

— Isso porque sou eu que mando no nosso relacionamento. Acorda, precisamos falar sobre Levi.

— Tá… — Cath não conseguiu evitar sorrir um pouco, só de ouvir o nome. Levi. Ela tinha um encontro com Levi.

— Vocês fizeram as pazes?

— Sim.

— Você dormiu com ele?

— Nossa, Reagan. *Não.*

— Ótimo — Reagan disse. Ela estava sentada na cadeira de Cath, sobre as pernas cruzadas, usando uma camisa de futebol americano e legging preta. — Não quero saber quando você dormir com ele. É a primeira regra.

— Não vou dormir com ele.

— Esse é exatamente o tipo de coisa que não quero saber. Espera aí. Como assim você não vai dormir com ele?

Cath pressionou a palma das mãos contra os olhos.

— No futuro imediato, digo. A gente só conversou.

— É, mas vocês passaram o ano inteiro juntos…

— Coisas que você já me pressionou a fazer: um, beber sendo menor de idade; dois, abusar de remédio tarja preta; três, sexo pré-marital.

— Meu Deus do céu, Cath. Sexo *pré-marital*? Está brincando comigo?

— Aonde quer chegar?

— Eu e Levi namoramos.

— Eu sei.

— Durante todo o ensino médio.

— Eu sei, eu sei. — Cath escondia os olhos. — Não preciso visualizar isso.

— Perdi a virgindade com ele.

— *Aaaargh.* Para. Sério.

— As regras são exatamente pra isso — Reagan disse. — Levi é um dos meus melhores amigos, e eu sou sua única amiga, então não quero que as coisas fiquem estranhas.

— Tarde demais — Cath disse. — E você não é minha única amiga.

— Eu sei… — Reagan revirou os olhos e dispensou aquilo com um gesto. — Você tem *um monte* de amigos na internet.

— Quais são as regras?

Reagan levantou um dedo. Suas unhas estavam longas e pintadas de cor-de-rosa.

— Primeiro, ninguém fala de sexo comigo.

— *Combinado.*

— Segundo, nada de ficar de grudezinho na minha frente.

— Beleza. Já disse, não vai ter nada de *grudezinho*.

— Terceiro, bico calado. Não quero ninguém falando comigo sobre esse relacionamento.

Cath assentiu.

— Tá.

— Quarto…

— Você pensou bastante nisso, hein?

— Criei as regras na primeira vez que vocês se beijaram. Quarto, Levi é meu amigo, e você não pode ter ciúme disso.

Cath olhou para Reagan. Para seu cabelo vermelho, seus lábios volumosos e seus seios bem evidentes.

— Acho que é muito cedo pra concordar com isso.

— Não — Reagan disse. — A gente tem que resolver isso de cara. Você não pode ficar com ciúme. Em troca, não vou ficar me exibindo só pra lembrar Levi e a mim mesma de que ele gostou primeiro de mim.

— Ai, meu Deus — Cath abraçou o edredom, sem acreditar. — Você faria isso?

— Talvez — Reagan disse, se inclinando para a frente, com o rosto tão chocado quanto o de Cath. — Em um momento de fraqueza. Você tem que entender que eu fui a garota preferida de Levi praticamente a vida toda. Ele não namorou mais ninguém, não sério, desde que terminamos.

— Nossa — Cath disse. — Odeio isso tudo.

Reagan assentiu, e o impacto foi de uma dúzia de “eu avisei”.

— Por que deixou que isso acontecesse? — Cath perguntou. — Por que deixou que ele viesse tanto aqui?

— Porque dava pra notar que Levi gostava de você. — Reagan parecia quase brava com aquilo. — E eu queria que ele ficasse feliz.

— Vocês nunca… tiveram uma recaída, né? Desde que terminaram?

— Não… — Reagan desviou o rosto. — Quando a gente terminou, no primeiro ano da faculdade, foi horrível. A gente só voltou a se ver no fim do outro ano. Eu sabia que ele estava com dificuldade nas aulas e queria ajudar…

— Tá — Cath disse, decidindo levar aquilo a sério. — Então quais são as regras mesmo? Nada de falar de sexo, nada de demonstrações públicas de afeto, nada de falar do relacionamento…

— Nada de ciúme.

— Nada de ciúme *desnecessário*, pode ser?

Reagan apertou os lábios.

— Tá, mas procura ser racional quanto a isso. Nada de ciúme desnecessário.

— E nada de agir como uma vaca narcisista que precisa ter a atenção do ex-namorado.

— Combinado — Reagan disse, estendendo a mão.

— Precisamos mesmo apertar as mãos?

— Sim.

— Pode não dar em nada, sabia? Eu e Levi nem saímos ainda.

Reagan deu um sorrisinho tenso.

— Acho difícil. Tenho um pressentimento bom/ ruim quanto a isso. Aperta aqui.

Cath estendeu o braço e apertou a mão dela.

— Agora levanta — Reagan disse. — Estou com fome.

Assim que Reagan saiu para trabalhar aquela tarde, Cath pulou da cadeira e começou a revirar o armário pensando no que iria vestir. Provavelmente uma camiseta com um casaquinho e jeans. Não havia nada no armário dela que não fosse uma camiseta, um casaquinho ou um jeans. Ela estendeu as

opções na cama. Então foi procurar algo que havia comprado no mercado de pulgas no fim do ano — um colarinho verde de tricô, que fechava com um botão rosa antigo.

Ela se perguntou aonde Levi ia levá-la.

Seu primeiro encontro com Abel tinha sido no cinema. Wren e outros amigos haviam ido também. Depois daquilo, sair com ele costumava significar conversar na padaria ou estudar no quarto de Cath. Competições de natação. Competições de matemática. Na verdade, nada daquilo contava como encontro, agora que ela pensava a respeito. Cath não ia contar a Levi que seu último encontro tinha sido uma competição de matemática.

Cath olhou para as roupas que havia separado, desejando que Wren estivesse ali para ajudar. Ela queria ter falado de Levi para a irmã antes das brigas… o que significava no outro ano, quando Cath nem o conhecia.

O que Wren diria se estivesse ali? *Finge que ele gosta de você mais do que você gosta dele. É como comprar um carro: você tem que estar disposta a ir embora.*

Não… aquele era o tipo de conselho que Wren dava para si mesma. O que ela diria para Cath? *Para de franzir a testa. Ficamos mais bonitas sorrindo. Tem certeza de que não quer virar uma dose de alguma coisa antes?*

Droga, pensar em Wren só fazia com que Cath se sentisse pior. Agora ela estava nervosa *e* triste. E solitária.

Foi um alívio quando Reagan abriu a porta e começou a falar em jantar.

— Usa o cabelo solto — Reagan disse, rasgando uma fatia de pizza no meio. — Você tem um cabelo bonito.

— Certeza que esse comentário é contra as regras — Cath disse, comendo uma garfada de queijo cottage. — Contra a número três, acho.

— Eu sei. — Reagan balançou a cabeça. — Mas você precisa muito de ajuda. É tipo ver um gatinho com a cabeça presa dentro de uma caixa de lenços.

Cath revirou os olhos.

— Não quero parecer diferente pra ele, do nada. Vou parecer boba.

— É bobo se arrumar pra um encontro? Levi deve estar fazendo a barba agora mesmo.

Cath fez uma careta.

— Para. Nada de informações privilegiadas sobre o Levi.

— É uma informação privilegiada sobre qualquer cara. É o que eles fazem antes de sair.

— Levi sabe que aparência eu tenho — Cath disse. — Não faz sentido tentar enganar agora.

— Como arrumar seu cabelo e talvez passar um pouquinho de gloss seria enganar alguém?

— É como se eu tentasse distrair Levi com algo brilhante. Ele já sabe de tudo isso. — Cath traçou um círculo com a colher à frente do rosto, derrubando sem querer queijo cottage na blusa. — Minha cara é essa.

Ela tentou tirar o queijo da blusa sem esfregar.

Reagan se inclinou sobre a mesa e pegou a presilha que prendia o cabelo de Cath. Ele caiu sobre as orelhas e os olhos dela.

— Pronto — Reagan disse. — Sua cara é *essa*. *Presto manifesto*.

— Ai, meu Deus — Cath disse, pegando a presilha da mão de Reagan e voltando a prender o cabelo. — Isso foi uma referência a Simon Snow?

Foi a vez de Reagan revirar os olhos.

— Como se você tivesse sido a única que leu Simon Snow. Como se não fosse um fenômeno mundial.

Cath começou a rir.

Reagan fez uma careta para ela.

— E o que é isso que você está comendo? Tem pêssego nesse cottage?

— Nojento, né? — Cath disse. — Mas a gente meio que se acostuma.

Quando elas viraram no corredor, viram Levi sentado com as costas contra a porta. Cath não correria aos gritinhos pelo corredor rumo aos braços dele em nenhuma circunstância. Mas ela fez sua versão daquilo: sorriu, tensa, e desviou o rosto.

— Oi — Levi disse, ficando de pé.

— Oi — Reagan disse.

Levi mexeu no cabelo, encabulado, como se não tivesse certeza de para qual das duas devia sorrir.

— Está pronta? — ele perguntou a Cath enquanto Reagan abria a porta.

Cath assentiu.

— Só… preciso pegar o casaco.

Ela o encontrou e vestiu.

— E um cachecol — Levi disse. Cath pegou um também.

— Te vejo depois — ela disse a Reagan.

— Acho que não — Reagan disse, sacudindo o cabelo na frente do espelho.

Cath sentiu que corava. Ela não voltou a olhar para Levi até que estivessem diante do elevador. (*Estado de saúde: sorrindo, estável.*) Quando a porta se abriu, ele levou uma mão às costas dela, e Cath praticamente pulou para dentro.

— Qual é o plano? — ela perguntou.

Ele sorriu.

— O meu plano é fazer coisas que te deixem com vontade de sair comigo de novo amanhã. E o seu?

— Tentar não me comportar como uma idiota.

Ele sorriu.

— Então pronto.

Ela sorriu de volta para ele. Na direção dele.

— Pensei em te mostrar o campus leste — Levi disse.

— À noite? Em fevereiro?

A porta do elevador voltou a se abrir, e ele esperou que ela saísse.

— Consegui um preço especial no tour porque é baixa temporada. Além do mais, não está *tão* frio hoje.

Levi abria o caminho, afastando-se do estacionamento.

— Não temos que pegar o carro? — Cath perguntou.

— Pensei em pegar o ônibus circular.

— Tem um circular?

Ele balançou a cabeça.

— Esse pessoal da cidade…

O ônibus apareceu quase imediatamente.

— Depois de você — Levi disse.

O interior estava mais iluminado do que se fosse dia e quase vazio. Cath escolheu um banco e se sentou de lado, com um joelho apoiado, para que Levi não pudesse se sentar ao seu lado. Ele não pareceu se importar. Entrou de lado no banco à frente dela e descansou o braço sobre o encosto.

— Você é muito educado — Cath disse.

— Minha mãe adoraria ouvir isso.

Ele sorriu.

— Então você tem mãe.

Levi riu.

— Sim.

— E pai?

— E quatro irmãs.

— Mais novas ou mais velhas?

— Mais novas e mais velhas.

— Você é o do meio?

— Exatamente. E você? É a gêmea mais velha ou mais nova?

Ela deu de ombros.

— Foi cesárea. Mas Wren era maior. Estava roubando minha comida ou sei lá o quê. Tive que ficar no hospital por mais três semanas depois que ela foi embora.

Cath não disse a ele que às vezes sentia que Wren ainda pegava mais do que sua cota, que era como se a irmã sugasse sua vitalidade — ou tivesse nascido com mais suprimentos disponíveis.

Ela não disse aquilo a Levi porque era chato e deprimente. E porque, naquele momento, não trocaria de lugar com a irmã, ainda que aquilo significasse permanecer com o pior cordão umbilical.

— Isso significa que ela é dominante? — Levi perguntou.

— Não necessariamente. Bom, acho que ela é mesmo. Na maior parte das coisas. Meu pai diz que nós duas éramos mandonas quando pequenas. Tipo, eu decidia a roupa que íamos usar e ela decidia do que íamos brincar.

— Vocês se vestiam igual?

— Quando pequenas, sim. A gente gostava.

— Uma vez ajudei no parto de gêmeos — ele disse. — De bezerros gêmeos. A vaca quase morreu.

Os olhos de Cath se arregalaram.

— Como assim?

— Às vezes, quando um boi e uma vaca se conhecem, eles decidem passar mais tempo juntos…

— Por que você estava presente no parto?

— Acontece bastante na fazenda. Não gêmeos, mas partos.

— Você trabalhou numa fazenda?

Ele arqueou uma sobrancelha, como se não tivesse certeza se ela falava sério ou não.

— Eu *moro* numa fazenda.

— Ah — Cath disse. — Não sabia que as pessoas moravam mesmo em fazendas. Achei que era tipo uma fábrica ou uma empresa, um lugar aonde se vai pra trabalhar.

— Tem certeza de que você é de Nebraska?

— Estou começando a achar que Omaha não conta…

— Bom… — Ele sorriu. — Eu moro numa fazenda.

— É tipo uma lavoura?

— Não, é uma fazenda de criação de gado.

— Ah. Parece que… As vacas só ficam lá pastando?

— É. — Ele riu, então balançou a cabeça. — Não. O gado fica em áreas determinadas. Precisa de bastante espaço.

— É isso que você quer fazer quando se formar? Trabalhar na fazenda?

A expressão de Levi se alterou por um momento. Seu sorriso perdeu um pouco do viço e ele franziu as sobrancelhas.

— Bom… não é tão simples assim. Minha mãe divide a fazenda com meus tios, e ninguém sabe muito bem o que vai acontecer quando todos se aposentarem. São doze primos, então não vai dar pra dividir. A não ser que a gente venda. O que… meio que ninguém quer. Hum… — Ele balançou a cabeça de novo e voltou a sorrir para Cath. — Eu gostaria de trabalhar em uma fazenda ou com fazendeiros. Ajudando essas pessoas a fazer seu trabalho melhor.

— Gestão de pastagens.

— E você tentando fingir que não presta atenção… Opa, nosso ponto.

— Já?

— O campus leste fica a três quilômetros do seu alojamento. É uma vergonha que nunca tenha vindo até aqui.

Cath o seguiu para fora do ônibus. Levi agradeceu ao motorista, chamando-o pelo nome.

— Você conhece aquele cara? — ela perguntou, quando o ônibus foi embora.

Levi deu de ombros.

— Ele tinha um crachá. Bom… — Ele deu um passo para ficar bem à frente dela e esticou um braço comprido na direção do estacionamento. Sorria como um apresentador de TV. — Cather Avery, como aluno da Faculdade de Agronomia, um membro dessa comunidade e um cidadão de Lincoln, Nebraska, gostaria de lhe dar as boas-vindas ao campus leste.

— Gostei — Cath disse, observando ao redor. — É escuro. Tem árvores.

— Sarcasmo não atravessa estes portões, Omaha.

— Quem diria que ser de Omaha me tornaria urbana?

— À sua direita está o grêmio do campus leste. É onde fica a pista de boliche.

— Outra pista de boliche…

— Não se empolga. Não tem boliche na nossa programação de hoje.

Cath seguiu Levi ao longo de um caminho sinuoso e sorriu com educação para os prédios que ele apontava. Levi ficava tocando em suas costas para chamar sua atenção ou garantir que ela olhasse na direção certa. Cath não lhe disse que o campus leste (em uma noite de fevereiro) era muito parecido com o campus dela.

— Se fosse de dia — ele disse —, pararíamos na sorveteria agora.

— Que pena — ela disse. — Um sorvete seria perfeito para essa noite congelante.

— Está com frio? — Ele parou na frente dela e franziu a testa. — Foi assim que sua mãe te ensinou a usar um cachecol?

O cachecol pendia solto em volta do pescoço de Cath. Levi o enrolou melhor, prendendo as pontas ao final. Ela torceu para que o casaco tivesse ocultado como sua respiração estava constrangedoramente trêmula.

Levi ergueu as mãos até as laterais da cabeça dela e deu uma puxadinha delicada na parte de cima de suas orelhas.

— Não está tão ruim — ele disse, esfregando-as. — Continua com frio? — Ele arqueou uma sobrancelha. — Quer entrar?

Cath fez que não.

— Quero ver o campus leste.

Ele voltou a sorrir.

— Boa escolha. Nem chegamos ao Museu dos Tratores ainda. Está fechado, claro.

— Claro.

— Mas vale a pena ver mesmo assim.

— Claro.

Cerca de meia hora depois, eles pararam para usar o banheiro no prédio da Faculdade de Odontologia. As pessoas estavam espalhadas em sofás azuis no saguão, estudando. Levi comprou um chocolate quente em uma máquina para dividirem. Cath não gostava muito de dividir bebidas, mas decidiu que seria idiota reclamar. Ela já o havia beijado.

Quando os dois voltaram a sair, a noite parecia mais silenciosa. Mais escura.

— Guardei o melhor pro fim — Levi disse, baixo.

— E o que é?

— Tenha paciência. Por aqui…

Eles caminharam juntos ao longo de outro caminho sinuoso até que a mão de Levi em seu ombro a fez parar.

— Aqui estamos — ele disse, apontando para um caminho tomado pela neve. — Os jardins.

Cath tentou parecer impactada. Ninguém saberia que havia uma passagem se não fosse por uma sequência de pegadas na neve derretendo. Tudo o que ela conseguia ver eram alguns arbustos mortos e uns pequenos trechos de lama.

— É de tirar o fôlego — ela disse, rindo.

— Sabia que ia gostar. Se as coisas correrem bem, te trago de novo na alta temporada.

Os dois caminhavam devagar, parando de vez em quando para ver as placas informativas tomadas pela neve. Levi se inclinava, limpava com a manga e lia em voz alta que planta supostamente havia ali.

— Então o que estamos perdendo aqui — Cath disse enquanto eles se inclinavam sobre uma placa — é uma variedade de gramíneas nativas.

— E flores do campo — Levi disse. — Também estamos perdendo flores do campo.

Ela se afastou um pouco e Levi pegou sua mão.

— Espera — ele disse. — Acho que tem uma sempre-viva aqui…

Cath levantou os olhos.

— Alarme falso — Levi disse, apertando a mão dela. Cath tremeu. — Está com frio? — Ela negou com a cabeça. Ele apertou a mão de Cath de novo. — Ótimo.

Eles deixaram de falar sobre as flores que não estavam conseguindo ver enquanto terminavam o passeio pelos jardins. Cath ficou feliz de não estar de luva; a palma de Levi era macia e quase escorregava na sua.

Eles passaram por uma ponte de pedestres, e Cath sentiu que ele puxava seu braço. Levi parou e se apoiou na treliça.

— Ei, Cath. Posso te perguntar uma coisa?

Ela parou e olhou para ele. Levi pegou sua outra mão e a puxou para mais perto — não para ele nem nada, só para mais perto. Seus dedos se cruzaram como se estivessem fazendo uma cabaninha.

No escuro, Levi era uma fotografia em preto e branco. Pele branca, olhos cinza, cabelo emaranhado…

— Acha mesmo que saio beijando todo mundo por aí? — ele perguntou.

— Mais ou menos — Cath disse. Ela tentou ignorar o fato de que podia sentir cada dedo dele. — Até um mês atrás, eu achava que você e Reagan viviam se beijando.

— Como pôde ter pensado isso? Ela está saindo com, tipo, uns cinco caras.

— Achei que você fosse um deles.

— Mas eu vivia dando em cima de *você*. — Ele empurrou as mãos de Cath para a frente, para dar ênfase.

— Você dá em cima de *tudo*. — Ela sabia que seus olhos saltavam das órbitas; o contorno de seus globos oculares pareceu até esfriar. — Velhinhos, bebês e tudo o que aparecer.

— Eu não faço isso… — Levi aproximou o queixo do pescoço, indignado.

— Faz, sim — ela disse, empurrando as mãos dele de volta. — Lembra aquela noite no boliche? Você deu em cima de todos os seres vivos do lugar. Fiquei surpresa quando o cara dos sapatos não te deu o número dele.

— Eu só estava sendo legal.

— Você é legal *demais*. Com *todo mundo*. Você faz de tudo pra fazer qualquer pessoa se sentir especial.

— Bom, e o que tem de errado nisso?

— Como alguém sabe que é de fato especial pra você? Como eu ia saber que você não estava só sendo legal comigo?

— Não consegue perceber que sou diferente com você?

— Achei que sim. Por, tipo, doze horas. Então… Até onde eu sei, você sai por aí beijando todo mundo, sim. Só pra ser legal. Porque você parece sentir um barato bizarro fazendo as pessoas se sentirem especiais.

Levi fez uma careta, recolhendo tanto o queixo que quase tocava o pescoço.

— Por *quatro meses* eu estava sempre no seu quarto, te convidando pra festas, tentando estar lá quando você precisasse de alguma coisa. E você nem percebeu.

— Achei que você namorasse minha colega de quarto! — Cath disse. — E repito: você é legal com todo mundo. Você distribui simpatia como se não te custasse nada.

Levi riu.

— Não me custa nada mesmo. Não é como se eu fosse acabar com meu estoque sorrindo para desconhecidos.

— Bom, comigo é assim.

— Não sou você. Deixar as pessoas felizes faz com que eu me sinta bem. Acho até que me dá mais energia para gastar com as pessoas com que me importo.

Cath tentara manter o contato visual durante toda a conversa, como um ser humano adulto, mas aquilo estava se provando ser demais, e ela baixou os olhos para a neve.

— Se você sorri pra todo mundo — Cath disse —, como eu deveria me sentir quando sorri pra mim?

Levi puxou as mãos de ambos para si e para cima, de modo que ficaram praticamente acima de seus ombros.

— Como se sente quando sorrio pra você? — ele perguntou, então sorriu para ela, só um pouquinho.

Como se eu não fosse eu mesma, Cath pensou.

Ela se agarrou às mãos dele, para se equilibrar, então ficou na ponta dos pés, encostando o queixo no ombro dele e roçando a cabeça suavemente contra sua bochecha. Foi suave, e ela sentiu um cheiro forte de perfume e hortelã.

— Como uma idiota — Cath disse, baixo. — E como se não quisesse que acabasse nunca.

Eles se sentaram lado a lado no circular, olhando para suas mãos, porque estava claro demais no ônibus para olharem para o rosto um do outro. Levi não falou nada, mas Cath não se preocupou com o motivo daquilo.

Quando voltaram ao quarto dela, ambos sabiam que estava vazio, e ambos tinham a chave.

Levi desenrolou o cachecol de Cath e o puxou pelas pontas, então pressionou o rosto rapidamente contra o topo da cabeça dela.

— Amanhã, amanhã e amanhã — ele disse.

Levi tinha falado sério.

Ele foi vê-la no dia seguinte. E no outro. Depois de cerca de uma semana, Cath já esperava que Levi se incluísse em seu dia de alguma maneira. E que agisse como se sempre tivesse sido daquele jeito.

Levi nunca dizia “Posso te ver amanhã?” ou “Vamos nos ver amanhã?”. Era sempre “Que horas?” e “Onde?”.

Eles se encontravam no grêmio entre as aulas. Ela o encontrava na Starbucks nos intervalos do trabalho dele. Levi esperava no corredor até que ela ou Reagan abrisse a porta.

Até então as coisas não tinham ficado estranhas entre os três. Cath se sentava à escrivaninha enquanto Levi se sentava na cama dela e contava alguma história para as duas ou as provocava. Às vezes, a intimidade e o afeto na voz dele eram demais para ela. Às vezes, Cath sentia que ele falava com ambas como o pai falava com ela e Wren. Como se fossem *suas meninas*.

Cath tentava não pensar naquilo. Preferia encontrá-lo em outros lugares quando Reagan estava no quarto.

Mas quando estavam sozinhos ali, sem Reagan, não agiam de maneira muito diferente. Cath ainda se sentava à escrivaninha. E Levi ainda se sentava na cama, com os pés apoiados na cadeira dela, falando muito mais do que Cath. Daquele seu jeito confortável e tranquilo.

Ele gostava de falar sobre o pai de Cath e Wren. Achava fascinante a ideia de ter uma irmã gêmea.

Ele também gostava de falar sobre Simon Snow. Tinha visto todos os filmes duas ou três vezes. Levi via muitos filmes, e gostava de qualquer coisa que envolvesse fantasia ou aventura. Super-heróis. Hobbits. Feiticeiros. Se não tivesse dificuldades para ler, seria um nerd completo.

Bem… talvez.

Para ser um nerd de verdade, Cath decidira, era preciso preferir mundos ficcionais ao real. Cath se mudaria para o Mundo dos Magos em um segundo. Ela quase se desesperara no ano anterior, quando se dera conta de que, ainda que descobrisse um portal mágico para o mundo de Simon, estava velha demais para estudar na Escola de Magia de Watford.

Wren também ficara chateada quando Cath comentara aquilo. Elas estavam deitadas na cama na manhã de seu aniversário de dezoito anos.

— Cath, acorda, vamos comprar cigarro.

— Não posso — Cath dissera. — Vou ao cinema assistir a um filme proibido para menores. Depois vou ser convocada pelo Exército.

— Ah! Vamos faltar na aula para ver *500 dias com ela.*

— Você sabe o que isso significa, né? — Cath olhara para o mapa gigante de Watford que elas haviam grudado no teto. O pai tinha pagado para que um designer do trabalho fizesse aquele desenho para elas no Natal. — Estamos velhas demais para Watford.

Wren se sentara com as costas apoiadas na cabeceira e olhara para cima.

— Ah. É verdade.

— Não que eu achasse que era real — Cath dissera depois de um minuto —, mesmo quando éramos pequenas. Mas ainda assim…

— Ainda assim… — Wren suspirara. — Agora estou deprimida demais pra começar a fumar.

Wren era uma nerd de verdade. Apesar do cabelo descolado e dos namorados bonitões. Se Cath tivesse encontrado um portal, a toca do coelho, a porta no fundo do armário, Wren teria entrado junto com ela.

E talvez ainda entrasse, mesmo no estado de distanciamento em que se encontravam. (Aquela seria outra vantagem de encontrar um portal mágico. Ela teria uma desculpa para ligar para Wren.)

Mas Levi não era nerd — ele gostava demais da vida real. Para Levi, Simon Snow era só uma história. E ele adorava histórias.

Cath tinha se atrasado com *Sempre em frente, Simon* desde que aquela coisa com Levi havia começado — o que, por um lado, não parecia um problema; ela não era tão nerd que preferisse inventar cenas românticas a viver em uma.

Mas por outro lado… *Simon Snow e a oitava dança* ia ser publicado em menos de três semanas, e Cath tinha que terminar *Sempre em frente* antes. Tinha *mesmo*. *A oitava dança* seria o fim da saga de Simon Snow — resolveria tudo —, e Cath precisava resolver tudo da sua maneira primeiro. Antes que Gemma T. Leslie fechasse as cortinas.

Cath conseguia estudar com Levi no quarto (ele também precisava estudar, então ficava sentado na cama ouvindo as aulas, às vezes jogando paciência ao mesmo tempo), mas não escrever. Ela não conseguia se perder no Mundo dos Magos com Levi ali. Porque se perdia *nele*.

Levi tinha um metro e oitenta. Ela achara que era mais alto.

Havia nascido numa fazenda. Literalmente. O trabalho de parto da mãe fora tão rápido que ela tivera que se sentar na escada e pegá-lo sozinha. O pai cortara o cordão umbilical. ("Estou te falando", Levi dissera, "não é tão diferente dos bezerros.")

Ele morava com outros cinco caras. Tinha uma caminhonete porque achava que todo mundo deveria ter uma — porque achava que ter um carro comum era como viver com as mãos amarradas às costas.

— E se você precisar carregar alguma coisa?

— Não consigo pensar em nenhum momento em que minha família precisou de uma caminhonete — Cath dissera.

— Isso porque seu carro está te cegando. Você nem se permite ver oportunidades maiores.

— Tipo quais?

— Lenha grátis.

— Não temos lareira.

— Animais com galhada — ele dissera.

Cath rira.

— Sofás antigos.

— Sofás antigos?

— Cather, um dia, quando eu te levar para o meu quarto, vou te receber num lindo sofá antigo.

Quando o assunto era a fazenda, a família ou a caminhonete, Levi falava mais devagar, quase como se tivesse sotaque. Arrastando as vogais. Ela não sabia dizer se era forçado ou não.

“Quando eu te levar para o meu quarto” tinha virado uma piada interna.

Eles não *precisavam* se encontrar no grêmio ou esperar que Reagan os deixasse sozinhos no quarto das duas. Podiam ficar na casa de Levi sempre que quisessem.

Mas até então Cath não permitira aquilo. Levi morava em uma *casa*, como um adulto. Ela morava em um alojamento, como uma jovem — como alguém que ainda estivesse no período probatório da maioridade.

Cath podia dar conta de Levi ali, naquele quarto, onde nada era adulto. Com duas camas de solteiro e pôsteres de Simon Snow nas paredes. Onde Reagan poderia entrar a qualquer minuto.

Levi devia sentir que havia sido vítima de propaganda enganosa. Quando os dois não tinham nada — quando ela ainda pensava que ele tinha algo com outra pessoa —, Cath havia deitado na cama com ele e pegado no sono com suas bocas quase grudadas. Agora que estavam se vendo (não exatamente saindo, mas se vendo todo dia), eles só ficavam de mãos dadas de vez em quando. E quando aquilo acontecia, Cath fingia que não era nada — nem reconhecia o que estava acontecendo. E nunca tomava a iniciativa de tocá-lo.

Ainda que quisesse.

Cath queria derrubá-lo e rolar sobre ele como um gato em um campo de margaridas.

E aquele era o exato motivo pelo qual não o fazia. Porque ela era a Chapeuzinho Vermelho. Era virgem e idiota. Levi podia fazê-la perder o fôlego só repousando a mão — por cima do casaco — na parte inferior de suas costas quando estavam no elevador.

Aquilo era algo que poderia discutir com Wren, se ainda a tivesse.

A irmã diria para Cath parar de ser boba — que garotos queriam tanto tocar garotas que nem se importavam se elas eram boas naquilo ou não.

Mas Levi não era um garoto. Não estava desesperado para erguer a blusa de alguém pela primeira vez. Ele já tinha feito aquilo; agora, provavelmente só as tirava.

A ideia fez Cath se arrepiar. Então ela pensou em Reagan e estremeceu.

Cath não planejava continuar virgem para sempre. Mas planejara passar por aquilo com alguém como Abel. Alguém que era ainda mais patético e inexperiente que ela. Alguém que não a fizesse se sentir tão fora de controle.

Analisando de maneira objetiva, Abel talvez fosse mais bonito que Levi em alguns aspectos. Ele nadava. Tinha ombros largos e braços fortes. E seu cabelo era igual ao do cantor Frankie Avalon. (De acordo com a avó de Cath.)

Levi era muito magro, e seu cabelo… bom, seu cabelo… Mas tudo nele fazia Cath se sentir solta e imoral.

Ele tinha o hábito de morder o lábio inferior e arquear uma sobrancelha quando tentava decidir se iria dar risada de algo… Ela ficava *louca*.

Então, se decidisse rir, seus ombros começavam a sacudir e suas sobrancelhas quase se encontravam no meio. As sobrancelhas de Levi eram pornográficas. Se Cath fosse decidir apenas com base nelas, já teria deixado que ele lhe levasse para seu quarto muito tempo antes.

Se Cath fosse ser racional, havia muita coisa no espectro do toque entre ficar de mãos dadas e sexo motivado por um movimento de sobrancelha… Mas ela não estava sendo racional. E Levi fazia com que sentisse como se todo o seu corpo fosse um risco.

Ela se sentou à escrivaninha. Ele se sentou na cama dela e chutou sua cadeira.

— Ei — Levi disse. — Pensei que nesse fim de semana a gente podia ter um encontro de verdade. A gente pode sair pra jantar, ver um filme…

Ele estava sorrindo, então Cath sorriu também. Mas logo parou.

— Não posso.

— Por que não? Você já tem compromisso? Durante todas as noites do fim de semana?

— Mais ou menos. Vou pra casa. Tenho ido mais vezes pra casa esse semestre, pra ver como meu pai está.

O sorriso de Levi perdeu a força, mas ele assentiu, como se compreendesse.

— Como você vai?

— Com uma menina que mora no fim do corredor. Erin. Ela volta pra casa todo fim de semana pra ver o namorado. O que deve ser uma boa ideia, porque Erin é chata e péssima, e o cara vai acabar conhecendo alguém melhor se ela não ficar de olho nele.

— Eu te levo.

— No seu cavalo branco?

— Na minha caminhonete vermelha.

Cath revirou os olhos.

— Não. Você ia ter que ir e voltar duas vezes. Ia gastar uns mil dólares de gasolina.

— Não me importo. Quero conhecer seu pai. E vou poder passar algumas horas com você na caminhonete. Sem ser numa emergência.

— Não tem problema. Posso ir com a Erin. Ela não é tão ruim assim.

— Você não quer que eu conheça seu pai?

— Nem considerei a possibilidade de você conhecer meu pai.

— Não? — Ele soava como se ela o tivesse machucado. (Só um pouco. Tipo, como se uma pelinha tivesse levantado da cutícula. Mas ainda assim.)

— Você pensou em me apresentar aos seus pais? — Cath perguntou.

— Sim — ele disse. — Pensei que você podia ir comigo no casamento da minha irmã.

— Quando é?

— Maio.

— Mas faz só três semanas e meia que estamos juntos…

— O que equivale a seis meses no primeiro ano da faculdade.

— Você não está no primeiro ano.

— Cather… — Levi enganchou o pé na cadeira dela e a puxou para mais perto da cama. — Gosto *muito* de você.

Ela inspirou fundo.

— Também gosto muito de você.

Levi sorriu e arqueou uma daquelas sobrancelhas que pareciam desenhadas à mão.

— Posso te levar até Omaha?

Cath assentiu.

— Chega — Simon disse, avançando e subindo sobre a mesa de jantar comprida. Penelope o segurou pela ponta da capa, e ele quase caiu de cara no banco. Mas se recuperou depressa. — Solta, Penny — disse, então correu na direção de Basil, com os dois punhos erguidos e prontos.

O outro não se moveu.

— Uma boa cerca faz um bom vizinho — *Basil sussurrou, inclinando levemente a varinha.*

O punho de Simon atingiu uma barreira sólida a poucos centímetros da mandíbula firme de Basil. Ele recolheu a mão, gritando, mas seu corpo foi de encontro ao feitiço.

Aquilo fez Dev, Niall e os outros seguidores de Basil rirem como hienas bêbadas. Mas ele mesmo se manteve imóvel. Quando falou, foi tão baixo que apenas Simon o ouviu.

— É assim que vai ser, Snow? É assim que vai derrotar o Oco? — Ele desfez o feitiço com um movimento da varinha, bem quando Simon recuperava o equilíbrio. — Patético — *Baz disse, e foi embora.*

do capítulo quatro de *Simon Snow e as cinco lâminas*,

copyright © 2008 by Gemma T. Leslie

VINTE E SEIS

A professora Piper abriu os braços quando ela entrou.

— Cath, você voltou! Eu queria poder dizer que já sabia que isso ia acontecer, mas não tinha certeza. Embora estivesse torcendo.

Cath havia voltado.

Ela pretendia dizer à professora Piper que tinha chegado a uma decisão. De novo. Não ia escrever o conto. Já tinha muito o que escrever e muito com o que se preocupar no momento. Aquele projeto era tudo o que restava de um primeiro semestre terrível. Só de pensar a respeito ela já sentia o gosto do fracasso (da acusação de plágio e do idiota do Nick roubando as melhores frases dela). Cath queria deixar aquilo para trás.

Mas quando chegou à sala da professora e a viu sorrindo para ela como se fosse a fada do Pinóquio, Cath não conseguiu ir em frente com sua decisão.

É óbvio que se trata da minha necessidade de uma figura maternal, ela pensou, enojada consigo mesma. *Será que vou me deixar levar por qualquer mulher de meia-idade até me tornar uma?*

— Foi muita bondade sua me oferecer uma segunda chance — Cath disse, obedecendo ao gesto da professora e se sentando. Era o momento em que ela deveria dizer: “Mas vou ter que recusar”. No entanto, o que disse foi: — Acho que eu seria idiota se não aceitasse.

A professora Piper ficou radiante. Se inclinou para a frente, com um cotovelo apoiado na mesa, descansando a bochecha contra o punho como se

posasse para uma foto.

— Já tem ideia do que vai escrever? — ela perguntou.

— Não. — Cath fechou as mãos em punho e as esfregou nas coxas. — Sempre que penso a respeito, me sinto… vazia.

A professora assentiu.

— Andei pensando em algo que você me disse da última vez. Sobre não querer construir seu próprio mundo.

Cath ergueu os olhos.

— Isso. Exatamente. Não tenho admiráveis mundos novos dentro de mim, implorando para sair. Não quero começar do zero.

— Mas, Cath, a maioria dos escritores não faz isso. A maioria de nós não é como Gemma T. Leslie. — Ela fez um gesto abarcando sua sala. — Escrevemos sobre mundos que já existem. Eu mesma escrevi quatro livros, e todos se passam em um raio de duzentos quilômetros da cidade onde nasci. A maior parte deles é sobre algo que aconteceu comigo na vida real.

— Mas você escreve romances históricos…

A professora assentiu.

— Pego algo que aconteceu comigo em 1983 e faço com que aconteça com outra pessoa em 1943. Analiso minha vida desse jeito, tento compreender as coisas melhor ao escrever a respeito.

— Então tudo nos seus livros é verdade?

A professora inclinou a cabeça.

— Hum… é. E não é. Tudo começa com uma verdade mínima, então teço minha trama em torno dela. Às vezes, levando tudo para muito longe. Mas o importante é: não começo do nada.

— Nunca escrevi nada sem magia — Cath disse.

— Você ainda pode escrever sobre magia, se quiser. Mas não tem que começar no nível molecular, com uma espécie de Big Bang dentro da sua

cabeça.

Cath enterrou as unhas nas palmas.

— Talvez — a professora Piper disse, com cuidado — você possa começar esse conto com algo real. Com um dia da sua vida. Algo que a confundiu ou intrigou, algo que queira explorar. Comece assim e veja o que acontece. Você pode manter assim ou transformar em algo diferente. Pode acrescentar magia. Mas dê a si mesma um ponto de partida.

Cath assentiu, mais porque estava pronta para ir embora do que porque tinha processado tudo o que a professora havia dito.

— Quero que a gente se encontre de novo — a professora disse. — Em algumas semanas. Vamos nos reunir para falar de como anda o conto.

Cath concordou e se apressou para a porta, torcendo para não parecer grosseira. *Algumas semanas. Claro. Como se algumas semanas fossem consertar esse buraco na minha cabeça.* Ela abriu caminho em meio à multidão de alunos espalhafatosos de letras e escapou para a neve.

Levi não largava o cesto de roupa dela.

— Posso levar — Cath disse. Sua cabeça ainda estava na sala da professora Piper, e ela não estava com disposição para… bom, para Levi. Para suas constantes brincadeirinhas bem-intencionadas. Se Levi fosse um cachorro, seria um golden retriever. Se fosse um jogo, seria o pingue-pongue, incessante, pululante, leve. Cath não estava com vontade de brincar.

— Eu levo — ele disse. — Você abre a porta.

— Não, é sério — ela disse. — Posso levar.

Levi era todo sorrisos e olhares carinhosos.

— Linda, abre a porta. Deixa comigo.

Cath pressionou as têmporas.

— Você acabou de me chamar de “linda”?

Ele sorriu.

— Saiu sem querer. Mas foi bom.

— Linda?

— Você prefere “meu bem”? Me lembra da minha mãe… Que tal “anjo”? Não. “Fofa”? “Gatinha”? “Chuchu”? — Ele fez uma pausa. — Quer saber? Vou continuar com o “linda”.

— Não sei nem por onde começar — Cath disse.

— Começa pela porta.

— Levi. Posso carregar minha roupa suja nojenta.

— Cath. Não vou deixar.

— Não tem que deixar. A roupa é minha.

— Só que está comigo.

— Não preciso que você carregue minhas coisas. Tenho dois braços em perfeito funcionamento.

— Não se trata disso — ele falou. — Que tipo de cara eu seria se deixasse minha namorada carregar algo pesado comigo do lado, balançando os braços?

Namorada?

— Do tipo que respeita meus desejos — ela disse. — E minha força e… *meus braços*.

Levi sorriu ainda mais. Porque não a estava levando a sério.

— Tenho muito respeito pelos seus braços. Gosto de como estão ligados ao resto do seu corpo.

— Você está fazendo com que eu me sinta frágil e molenga. Me dá o cesto.

Ela tentou pegá-lo.

Ele deu um passo atrás.

— Cather. Sei que você é plenamente capaz de carregar isso. Mas *eu* não sou capaz de deixar que faça isso. Eu literalmente não conseguiria andar ao seu lado de mãos vazias. Não é pessoal. Eu faria o mesmo por qualquer pessoa com dois cromossomos X.

— O que é ainda *pior*.

— Por quê? Por que é ainda pior? Eu ser respeitoso com as mulheres.

— Isso não é respeito, é menosprezo. Você tem que respeitar a nossa força.

— Eu respeito. — Uma mecha de cabelo caiu em seus olhos, e Levi tentou afastá-la soprando. — O cavalheirismo é respeitoso. As mulheres foram oprimidas e perseguidas desde os primórdios da existência. Se posso tornar a vida delas mais fácil porque tenho força superior da cintura pra cima, vou fazer isso. Em todas as oportunidades.

— *Superior.*

— É. Superior. Quer fazer uma queda de braço?

— Não preciso de sua força superior da cintura pra cima pra carregar meu cesto de roupa suja.

Ela pôs os dedos nas alças, tentando tirar os dele.

— Você está fazendo questão de não me entender — Levi disse.

— Quem está fazendo isso é você.

— Está toda vermelha, sabia?

— Bom — ela disse —, estou frustrada.

— Não me faz te beijar com raiva.

— Me dá o cesto.

— Nervos à flor da pele, rostos corados… É assim que começa.

Aquilo fez Cath rir. O que era irritante. Ela usou a maior parte de sua força inferior da cintura para cima para empurrar o cesto contra o peito dele.

Levi fez força no sentido contrário com cuidado, mas não soltou.

— Vamos brigar sobre isso da próxima vez que eu tentar fazer algo legal por você, pode ser?

Ela o encarou nos olhos. O modo como Levi a olhava de volta fazia com que Cath se sentisse totalmente exposta, como se cada pensamento seu fosse expresso em legendas em seu rosto. Ela soltou o cesto e pegou a bolsa do notebook, então abriu a porta.

— Finalmente — Levi disse. — Meus tríceps estão me matando.

Era o inverno mais frio de que Cath se recordava, e com mais neve. Já era metade de março, tecnicamente primavera, mas ainda parecia janeiro. Cath vestia as botas de neve todas as manhãs sem nem considerar outra opção.

Ela tinha se acostumado tanto à neve e a ser uma pedestre no inverno que nem pensara em verificar como estaria o tempo aquele dia. Ela não pensara nas condições da estrada, na visibilidade ou no fato de que aquela poderia não ser a melhor tarde para Levi lhe dar uma carona para casa.

Mas agora pensava.

Parecia que o carro dele era o único na estrada. Eles não conseguiam ver o sol; não conseguiam ver a pista. A cada dez minutos mais ou menos, faróis traseiros emergiam em meio à estática à frente deles, e Levi pisava no freio.

Fazia quase uma hora que ele não falava. Sua boca era uma linha fina, e ele apertava os olhos para o para-brisa, como se precisasse de óculos.

— É melhor a gente voltar — Cath sussurrou.

— É… — ele disse, passando as costas da mão na boca, depois segurando firme o câmbio. — Mas talvez seja melhor continuar agora. Já passamos pelos piores trechos. Pensei em insistirmos até Omaha.

Houve um ruído metálico quando um carro passou à esquerda deles.

— O que foi isso? — ela perguntou.

— O pneu do carro tinha correntes para neve. — Levi não parecia assustado. Mas estava estranhamente quieto.

— Desculpa — ela disse. — Nem pensei no clima.

— A culpa foi minha — ele disse, relaxando um segundo para sorrir para Cath. — Eu não queria te deixar na mão. Mas vai ser pior se você morrer por causa disso…

— E não vai ser nada cavalheiresco.

Levi sorriu de novo. Ela levou a mão ao câmbio e tocou a dele, passando os dedos ao longo dos seus, depois a recolheu.

Eles voltaram a ficar quietos por alguns minutos — talvez menos. Era difícil saber como o tempo passava com tudo tão tenso e cinza.

— No que está pensando? — Levi perguntou.

— Nada.

— Não pode ser. Você parece pensativa e esquisita desde que cheguei ao seu quarto. É porque vou encontrar seu pai?

— Não — Cath disse depressa. — Meio que esqueci isso.

Mais silêncio.

— Então o que é?

— É que… aconteceu um negócio com uma professora. Posso te contar depois, quando não estivermos correndo perigo mortal.

Levi procurou pela mão dela no banco, então Cath a ofereceu a ele. Levi a segurou firme.

— Não estamos correndo perigo mortal. — Ele devolveu a mão ao câmbio. — Talvez… perigo de ficar atolados numa vala por algumas horas. Mas fala. Eu não consigo me concentrar em falar agora, mas posso ouvir. Quero ouvir.

Cath deu as costas para a janela e olhou para ele. Era agradável olhar para Levi quando ele não podia olhar de volta. Ela gostava do perfil dele. Era bem… achatado. Havia uma linha reta da testa ampla até o nariz comprido, que se curvava um pouquinho na ponta, mas não muito. E outra linha reta do nariz até o queixo. O queixo se abrandava às vezes, quando ele sorria ou demonstrava surpresa, mas nunca chegava a relaxar de fato. Cath ia beijá-lo ali um dia, bem no contorno da mandíbula, onde o queixo era mais vulnerável.

— O que aconteceu na aula? — Levi perguntou.

— Depois da aula, eu fui… Bom, então tá. Você lembra que no último semestre eu fazia aquela matéria de escrita de ficção?

— Lembro.

— Bom, eu não entreguei o trabalho final. Precisava escrever um conto, mas não escrevi.

— Quê? — Ele encolheu o queixo, surpreso. — Por quê?

— Eu… Por várias razões. — Aquilo era mais complicado do que Cath imaginara. Ela não queria contar a Levi como tinha sido infeliz no semestre anterior, como não quisera voltar à faculdade, como não quisera mais vê-lo. Não queria que ele pensasse que tinha todo aquele poder sobre ela. — Eu não quis escrever — ela disse. — Bom, é claro que não foi só isso, mas… basicamente eu não queria. Estava com bloqueio criativo. E teve o lance do meu pai, você sabe. Eu não voltei às aulas na semana de provas, depois do surto dele.

— Eu não sabia disso.

— Bom, foi o que aconteceu. Então decidi não entregar o trabalho final. Mas a professora de escrita de ficção não fechou minha nota. Ela quer me dar uma segunda chance. Disse que posso escrever o conto ao longo do semestre. E eu meio que topei.

— Nossa. Isso é ótimo.

— É…

— Não é ótimo?

— Não. É sim. Mas… a sensação de ter deixado isso pra trás era boa. De abandonar a ideia toda. De escrita de ficção.

— Você escreve ficção o tempo todo.

— Eu escrevo fanfic.

— Você vai ter que ser mais clara comigo agora. Estou dirigindo em meio a uma nevasca.

Um carro se materializou à frente deles, e o rosto de Levi ficou tenso.

Cath esperou até que ele voltasse a relaxar.

— Não quero ter que criar meus próprios personagens, meu próprio mundo. Não tenho isso em mim.

Nenhum deles falou. O carro seguia bem devagar… Algo chamou a atenção de Cath, do outro lado da janela de Levi: um caminhão atravessado na pista. Ela inspirou com dificuldade, e ele voltou a segurar sua mão.

— Faltam só vinte e cinco quilômetros — Levi disse.

— Eles não precisam de ajuda?

— Tinha um carro da polícia lá.

— Não reparei.

— Desculpa por isso — Levi disse.

— Para — ela falou. — Não foi você que fez nevar.

— Seu pai vai me odiar.

Cath levou a mão dele aos lábios e beijou o nó dos dedos. Ele franziu a testa, quase como se doesse.

Cath ficou ouvindo o barulho do limpador e olhando através do para-brisa para o que quer que viesse a seguir.

— Tem certeza? — Levi perguntou depois de alguns quilômetros. — Sobre o lance da escrita de ficção? Tem certeza de que não tem isso aí dentro? Você é inacreditável quando se trata de Simon e Baz.

— É diferente com eles. Já existem. Só os levo para lugares diferentes.

Ele assentiu.

— Talvez você seja como Frank Sinatra. Ele não escrevia suas músicas. Mas era um intérprete genial.

— Odeio Frank Sinatra.

— Ah, vai! Ninguém odeia Frank Sinatra.

— Ele tratava as mulheres como objeto.

— Tá. — Levi se ajeitou no banco, movimentando o pescoço. — Nada de Frank Sinatra, então… Aretha Franklin.

— Afe. Maior diva.

— Roy Acuff?

— Quem?

Levi sorriu, o que fez Cath voltar a beijar seus dedos. Ele lhe lançou um breve olhar questionador.

— A questão é… — Levi disse, em voz baixa. Algo naquela tempestade de neve fazia os dois falarem baixo. — Há tipos diferentes de talento. Talvez o seu seja interpretar. Talvez você seja uma estilista.

— E você acha que isso vale?

— Tim Burton não criou o Batman. Peter Jackson não escreveu *O Senhor dos Anéis*.

— Sob a luz certa, você é muito nerd.

O sorriso dele se alargou. A caminhonete passou por um trecho escorregadio, e Levi puxou a mão de volta, mas seu sorriso permaneceu. Uma caixa-d'água em formato de bule passou devagar pela janela dele.

Estavam na entrada da cidade. Havia mais carros, tanto na estrada quanto no acostamento.

— Mas você vai ter que escrever o conto mesmo assim — Levi disse.

— Por quê?

— Pra aumentar sua nota. Você não precisa manter a média alta por causa da bolsa?

Ela havia lhe contado sobre a bolsa algumas noites antes. (“Estou saindo com um gênio”, ele dissera. “Uma acadêmica.”)

Claro que ela queria manter a média alta.

— É…

— Então é só escrever o conto. Não precisa ser excepcional. Você não tem que ser Ernest Hemingway. Tem sorte de ter essa segunda chance.

Cath suspirou.

— É.

— Não sei onde você mora — ele disse. — Vai ter que me explicar o caminho.

— Só toma cuidado — Cath disse, se inclinando depressa para beijar a bochecha macia dele.

— Você não pode raspar o cabelo. Vai parecer um doido.

— Eu pareço pior que isso com esse cabelo. Pareço maligno.

— Não existe cabelo maligno. — Simon deu risada. Eles estavam deitados no chão da biblioteca, entre duas fileiras de estantes. Baz de costas. Simon apoiado em um cotovelo.

— Olha pra mim — Baz disse, puxando para trás o cabelo que ia até a altura do queixo. — Todo vampiro famoso tem um V desses na linha do cabelo. Sou um clichê. É como se eu tivesse ido ao barbeiro e pedido um corte estilo Drácula.

Simon estava rindo tanto que quase caiu em cima de Baz. O outro o empurrou com a mão livre.

— Estou falando sério — Baz disse, ainda segurando o cabelo para trás, tentando manter uma expressão concentrada. — É como ter uma seta no rosto. "Vampiro nesta direção."

Simon afastou a mão de Baz e beijou aquele V o mais suavemente que pôde.

— Eu gosto do seu cabelo — Simon disse contra a testa do outro. — Muito.

de *Sempre em frente, Simon*, postado em março de 2012
pela autora do FanFixx.net Magicath

VINTE E SETE

Quando eles embicaram na entrada da garagem, Cath soltou o ar completamente pela primeira vez em duas horas.

Levi se recostou e deixou a cabeça cair contra o descanso. Ele abriu e fechou as mãos, alongando os dedos.

— Nunca mais vamos fazer isso — ele disse.

Cath desafivelou o cinto e foi na direção dele, enlaçando seus ombros. Levi sorriu tão amplamente que ela desejou que não tivesse sido necessário uma onda de adrenalina para se permitir abraçá-lo daquele jeito. Os braços dele envolveram a cintura dela, e Cath o apertou com força, enterrando o rosto em seu casaco.

A boca de Levi estava próxima do ouvido dela.

— Você não devia me recompensar assim por colocar sua vida em risco. Pensa só no precedente que está abrindo.

Cath o abraçou ainda mais forte. Ele era ótimo. Ele era ótimo e ela não queria perdê-lo. Não que ela tivesse sentido que ia perdê-lo quando estavam na estrada. Em geral. Cath não queria perdê-lo em geral.

— Eu não pensaria duas vezes antes de dirigir nessas condições — ele disse, baixo —, se estivesse sozinho. Mas não devia ter feito isso com você. Desculpa.

Ela balançou a cabeça.

A rua estava silenciosa, e a cabine da caminhonete estava cinza-escura e branca, e depois de alguns minutos a mão de Levi subiu e desceu pelas

costas dela.

— Cather — ele sussurrou. — Gosto muito de você…

Quando os dois saíram do carro, o para-brisa estava coberto de neve. Levi carregou o cesto de roupa. Cath deixou que o fizesse. Ele estava nervoso porque ia conhecer o pai dela, e ela estava nervosa pelo pai, só isso. Falava com ele todos os dias desde as férias de Natal, e tinha voltado para visitá-lo algumas vezes. O pai parecia estar indo bem, mas com ele nunca dava para saber…

Quando Cath abriu a porta, ele estava bem ali, na sala. Havia papéis por toda parte, do tipo fino e translúcido, presos com fita adesiva às cortinas e paredes, todas as ideias do pai divididas em seções. Ele próprio estava sentado na mesinha de centro, mordendo a ponta da caneta.

— Cath — o pai dela disse, sorrindo. — Ei… já está na hora? — Ele olhou para as janelas e em seguida para o próprio punho, embora não estivesse usando relógio. Então viu Levi e parou. Abaixou os óculos do alto da cabeça e se levantou.

— Pai, esse é o Levi. Ele me deu uma carona. — Não era bem o que ela queria dizer. Cath tentou de novo. — Ele é, hum… o Levi.

O garoto estendeu a mão.

— Muito prazer, sr. Avery — ele disse, com aquele sotaque de volta. Talvez fosse um tique nervoso.

— Muito prazer — o pai dela disse. E então: — Levi.

— Sinto muito por ter trazido Cather com esse tempo — Levi disse. — Não sabia que estava tão ruim.

A ficha não pareceu cair para o pai. Ele voltou a olhar para as janelas de novo.

— O tempo está ruim? Acho que nem reparei…

O rosto de Levi ficou quase inexpressivo. Então ele sorriu, educado.

O pai olhou para Cath, então lembrou que pretendia abraçá-la.

— Está com fome? — ele perguntou. — Já é hora de jantar? Fiquei o dia todo imerso no Feijãostein.

— Vocês conseguiram a conta? — ela perguntou.

— Ainda estamos apresentando nossas ideias. Parece que só fazemos isso. Levi — ele disse —, você vai ficar para jantar?

— Ah, obrigado, mas acho melhor voltar antes que fique mais escuro.

Cath virou para ele.

— Está falando sério? Você não vai voltar pra Lincoln com esse tempo.

— Não tem problema — ele disse. — Tenho tração nas quatro rodas. Pneus de neve. Celular.

— Não — Cath disse, dura. — Não seja idiota. Tivemos sorte de chegar bem. Você não vai voltar.

Levi mordeu os lábios e arqueou as sobrancelhas, impotente.

O pai dela passou pelos dois na direção da porta.

— Minha nossa — ele disse, da varanda. — Ela está certa, Levi. Vou continuar repetindo seu nome até gravar, está bem?

— Claro.

Cath puxou a manga de Levi.

— Você fica, tá?

Ele umedeceu o lábio inferior, nervoso. Ela não estava acostumada a vê-lo nervoso.

— Sim, senhora — Levi sussurrou.

— Muito bem — o pai dela disse, voltando para a sala. — Agora o jantar…

Ele ainda parecia estar imerso no Feijãostein.

— Deixa comigo — Cath disse. — Pode continuar trabalhando. Você parece no meio de uma ideia.

O pai sorriu para ela, grato.

— Obrigado, querida. Me dá uma meia hora pra resolver isso. — Ele voltou a seus esboços. — Levi, pode tirar o casaco.

Cath começou a tirar as botas, enquanto pendurava o próprio casaco em um gancho. Ela puxou a manga de Levi de novo.

— Tira o casaco.

Ele obedeceu.

— Vem — ela disse, indo para a cozinha. Tudo parecia em ordem. Ela deu uma olhada no quarto do pai e no banheiro. Nada de poema escrito com pasta de dente no espelho.

— Desculpa — Levi disse, quando entraram na cozinha.

— Cala a boca — ela disse. — Você está me deixando nervosa.

— É melhor eu ir.

— Não tão nervosa quanto eu ficaria se você estivesse dirigindo nessa nevasca. Meu Deus. Senta. Está tudo bem, tá?

— Tá.

Levi abriu um de seus sorrisos e se sentou a uma banqueta.

— É estranho ver você aqui — ela disse. — É como se dois mundos colidissem.

Levi passou os dedos pelo cabelo, tirando um pouco de neve.

— Seu pai parece tranquilo.

— Ele está acostumado com garotos por aqui.

Levi arqueou uma sobrancelha.

— Ah, é?

— Por causa da minha irmã… — Cath disse, sentindo as bochechas esquentarem.

Ela abriu a geladeira. A avó claramente tinha passado ali. As garrafas de condimento lambuzadas do pai tinham sumido, e havia potes de comida etiquetados. Além de leite, ovos e iogurte. Cath abriu o congelador… Havia refeições saudáveis prontas, provavelmente as mesmas da última vez em que ela estivera ali.

Cath olhou para Levi.

— O que acha de ovos?

— Incrível. — Ele sorriu. — Acho ovos uma coisa incrível.

Um dos potes tinha linguiça com pimentão vermelho. Cath virou o conteúdo em uma frigideira e decidiu fazer ovos poché. Só para se exibir. Tinha pão para fazer torrada. E manteiga. Não seria nada mal.

— Posso ajudar? — Levi perguntou.

— Não. Deixa comigo. — Ela olhou para ele por cima do ombro, então virou e sorriu para o fogão. — Deixa eu fazer algo pra você, pra variar.

— Tá… — ele disse. — O que seu pai está fazendo?

Ela contou a Levi. Sobre a porra do Kelly e o Ravimolho e a vez em que eles tinham ido ao Grand Canyon de férias e o pai ficara sentado dentro do carro alugado com um caderno e uma caneta.

Como estavam em Nebraska, o pai de Cath havia trabalhado com muitos clientes da área agrícola ao longo dos anos, de modo que Levi reconheceu um slogan que ele havia criado para um fertilizante: “Maior produção, mais satisfação — deixe o ano que vem por conta da Spurt”.

— Seu pai é tipo aqueles caras malucos do *Mad Men* — ele disse.

Cath riu, e Levi pareceu encabulado.

— Não foi isso que eu quis dizer.

Eles comeram à mesa de jantar, e na metade da refeição Cath sentiu que não precisava ficar tão nervosa. Levi tinha relaxado e voltara à sua versão

que todo mundo amava, só ligeiramente mais educada, e o pai de Cath parecia feliz porque ela estava em casa.

Os ovos estavam *perfeitos*.

O único momento mais amargo foi quando o pai perguntou sobre Wren. Cath deu de ombros e mudou de assunto. Ele não pareceu notar. Estava meio ansioso e agitado aquela noite, meio distante, mas Cath decidiu que só estava envolvido com o trabalho. O pai estava com uma aparência boa, e lhe contou que continuava correndo todas as manhãs. De vez em quando, parecia voltar à tona para olhar para Levi em avaliação.

Depois do jantar, Levi insistiu em tirar a mesa e lavar a louça. Quando estava a caminho da cozinha, o pai de Cath se inclinou para ela.

— Ele é seu namorado?

Cath revirou os olhos, mas assentiu.

— Há quanto tempo?

— Um mês — Cath disse. — Mais ou menos. Talvez mais. Não sei.

— Quantos anos ele tem?

— Vinte e um.

— Parece mais…

— É o cabelo.

O pai assentiu.

— Ele parece legal.

— Ele é *muito* legal — Cath disse, com toda a sinceridade que conseguiu reunir, querendo que o pai acreditasse nela. — É do tipo bonzinho, eu juro.

— Não sabia que você tinha terminado com Abel.

Depois que a louça foi lavada — e enxugada por Cath —, ela e Levi foram para a sala ver um filme, mas o pai fez uma careta quando a filha começou a tirar a papelada do sofá.

— Vocês se importam em ver TV lá em cima? Prometo que serei todo seu amanhã, Cath. Só preciso…

— Tudo bem — ela disse. — Mas não fica até muito tarde, tá?

Ele sorriu, já voltando a se concentrar no caderno.

Cath olhou para Levi e fez um sinal com a cabeça indicando a escada. Ela sentia sua presença mais atrás nos degraus, e seu estômago se revirava por completo. Quando chegaram ao topo, Levi tocou as costas do braço dela, mas Cath se afastou dele, indo na direção do quarto.

Parecia um quarto de criança, agora que ela o imaginava sendo visto pelos olhos dele. Era grande, com teto baixo e inclinado, tapete rosa-escuro e duas camas iguais, com dossel creme.

Cada centímetro das paredes e do teto estava coberto de pôsteres e fotos; ela e Wren não tiraram nada conforme foram ficando mais velhas. Só acrescentaram coisas. No melhor estilo Simon Snow despojado-chique.

Quando Cath o encarou, os olhos de Levi brilhavam, e ele mordia o lábio inferior. Ela deu um empurrão em Levi, e ele começou a rir.

— É a coisa mais fofa que eu já vi — Levi disse.

Cath suspirou.

— Sei…

— Não, sério. Acho que esse quarto deveria ser preservado pra que as pessoas do futuro saibam como era ser uma adolescente no século XXI.

— Já entendi…

— Nossa — Levi disse, ainda rindo. — Não aguento…

Ele foi até a porta e saiu, mas voltou depois de um segundo com uma nova onda de risadas.

— *Tá bom* — Cath disse, indo até sua cama e se sentando com as costas apoiadas na cabeceira. O edredom era xadrez, rosa e verde. As fronhas eram

do Simon Snow. Tinha um móbile da Hello Kitty pendurado sobre a cabeça dela, como se fosse um filtro dos sonhos.

Levi foi se sentar no meio da cama.

— Você está tão fofa nesse momento que sinto que é como um eclipse, que vou ficar cego se olhar diretamente pra você.

Cath revirou os olhos e Levi botou as pernas em cima da cama, posicionando-as de modo que se cruzassem com as dela na altura das canelas.

— Ainda não consigo acreditar que seu pai me mandou vir pro seu quarto na mesma noite em que me conheceu. Tudo o que ele sabe sobre mim é que te fiz sair no meio de uma nevasca.

— Ele é assim — Cath disse. — Nunca foi muito rigoroso com a gente.

— Nunca? Nem quando eram pequenas?

— Não. — Ela balançou a cabeça. — Ele confia na gente. E você viu… Ele é meio distraído.

— Bom, quando conhecer meus pais, é melhor não esperar que minha mãe vai perder a gente de vista.

— Aposto que Reagan adorava isso.

Os olhos de Levi se arregalaram.

— Ninguém se adorava ali. As duas não se davam muito bem. A irmã mais velha de Reagan ficou grávida no último ano do ensino médio, e minha mãe tinha certeza de que era coisa de família. Então fez todo o grupo de oração da igreja rezar pela gente. Quando descobriu que a gente tinha terminado, ergueu as mãos pro céu, literalmente.

Cath sorriu, desconfortável, então puxou um travesseiro para as pernas e ficou mexendo na fronha.

— Te incomoda quando falo da Reagan? — Levi perguntou.

— Fui eu que toquei no assunto.

— Mas incomoda?

— Um pouco — Cath disse. — Me conta mais sobre sua mãe.

— Finalmente consigo ficar num quarto com você e acabamos falando da minha ex e da minha mãe.

Cath sorriu para o travesseiro.

— Bom… — ele disse. — Minha mãe cresceu numa fazenda. Ela costura. É muito ativa na igreja.

— Que igreja?

— Batista.

— Como ela chama?

— Marlisse — ele disse. — Como sua mãe chama?

— Laura.

— Como ela é?

Cath arqueou as sobrancelhas e deu de ombros.

— Ela era uma artista. Bom, talvez ainda seja. Meus pais se conheceram em uma agência de publicidade, logo depois de se formarem na faculdade.

Levi bateu um joelho contra o dela.

— E…?

Cath suspirou.

— E ela não queria se casar, engravidar nem nada do tipo. Eles não estavam nem namorando sério, ela estava procurando um emprego em Minneapolis ou Chicago… Mas aí ela ficou grávida. Acho que é coisa de família mesmo, porque foi assim por *gerações*… E os dois se casaram. — Cath olhou para ele. — Foi um desastre. Ela não queria nem *um* bebê, então ter gêmeas foi uma surpresa bem desagradável.

— Como você sabe de tudo isso? Seu pai que contou?

— *Ela* contou. Achou que devíamos saber quem ela realmente era e como tinha terminado naquela situação lamentável. Pra gente não repetir

seus erros, imagino.

— O que ela esperava que vocês aprendessem?

— Não sei — Cath disse. — A ficar longe dos homens? Talvez a lição fosse só “usem camisinha”. Ou “fiquem longe dos homens que não sabem usar camisinha”.

— Já estou até gostando mais do grupo de oração da minha mãe.

Cath riu por um segundo.

— Quando ela foi embora? — Levi perguntou. Ele já sabia que a mãe de Cath tinha ido embora. Ela contara para ele de um modo que deixava claro que não queria conversar sobre o assunto. Mas agora…

— A gente tinha oito anos — Cath disse.

— Vocês imaginavam que ia acontecer?

— *Não*. — Cath olhou para ele. — Acho que ninguém teria imaginado. Nenhuma criança espera que a mãe vá embora, não importa o que aconteça, sabe? Mesmo achando que ela não gosta de você.

— Tenho certeza de que sua mãe gostava de você.

— Ela foi embora e nunca mais voltou — Cath disse. — Quem faz isso?

— Não sei… Alguém que sente falta de algo.

Cath sentiu as lágrimas se formando, e tentou afastá-las ao piscar.

— Você sente falta dela? — Levi perguntou.

— Não — Cath disse, baixo. — Não poderia me importar menos com ela. Mas sinto falta da *Wren*.

Levi recolheu as pernas e se inclinou para a frente, então engatinhou na cama até se sentar ao lado de Cath. Ele passou o braço por cima de seus ombros e a puxou para seu peito.

— Tudo bem?

Ela assentiu e se inclinou para ele, hesitante, como se não tivesse certeza de como se encaixaria. Levi traçava círculos com o dedão no ombro dela.

— Sabe — ele disse —, faz tempo que queria comentar que parece que Simon Snow vomitou aqui… Mas na verdade é como se alguém tivesse comido Simon Snow num rodízio do Simon Snow e depois vomitado aqui.

Cath riu.

— Eu gosto.

— Eu não disse que não gostava.

Desde que estivessem falando, era fácil. E Levi estava sempre falando.

Ele contou a ela sobre uma organização de que fazia parte, a 4-C.

— E o que são os quatro Cs?

— Cabeça, coração, capacidade e caráter. Não tem 4-C no sul de Omaha?

— Tem, mas significa conflito, conhecido e crocodilagem.

— Ah, que pena. Você perdeu uma série de torneios de criação de coelhos.

— Você criava coelhos?

— Coelhos premiados — ele disse. — E uma porca em um ano.

— É como se você tivesse crescido em outro planeta.

— Cabeça, coração, controle e capacidade… É bem legal, né?

— Tem fotos de você com esses coelhos?

— E com os troféus — ele disse.

— Agora eu é que não vou conseguir olhar diretamente pra isso.

— Você está brincando? Porque eu era tão fofo que você vai ter que usar óculos especiais pra ver as fotos. Ah, acabei de lembrar o juramento do 4-C: “Juro empregar minha cabeça para pensar com clareza, meu coração para ser leal, minha capacidade para servir aos outros e meu caráter para uma vida melhor, pela organização, pela comunidade, pelo país e pelo mundo”.

Cath fechou os olhos.

— Vou precisar daqueles óculos.

Então Levi contou a ela sobre as feiras — com mais coelhos, porcas e um ano intenso assando brownies —, depois mostrou fotos de suas quatro irmãs loiras no celular.

Cath não conseguia decorar os nomes delas. Eram todos bíblicos.

— Do Velho Testamento — Levi disse. Ele tinha uma irmã da idade de Cath e outra que ainda estava na escola.

— Você não acha isso esquisito?

— O quê?

— Sair com alguém da idade da sua irmã mais nova?

— Sair *com* a minha irmã mais nova é que seria esquisito.

— Ainda sou adolescente.

Ele deu de ombros.

— Você é maior de idade.

Ela o empurrou.

— Cath, sou só dois anos e meio mais velho que você.

— Você tem dois anos e meio de faculdade a mais do que eu — ela disse. — O que equivale a uma década.

Levi revirou os olhos.

— Meu pai achou que você tinha trinta.

Ele encolheu o queixo.

— Achou nada… Né?

Ela riu.

— Não.

Levi notou que ela tinha um jogo de perguntas e respostas do Simon Snow, e insistiu que jogassem. Cath achou que acabaria com ele, mas a memória de Levi era inacreditável, e as perguntas eram sobre os filmes, e não sobre os livros.

— Você deu azar que não tem nenhuma pergunta sobre homossexualidade nas entrelinhas — Levi disse. — Vai ter que me dar um troféu quando eu ganhar.

À meia-noite, Cath começou a pensar no pai no andar de baixo. Ele precisava dormir um pouco.

— Está cansado? — ela perguntou a Levi.

— Vou ter minha própria cabaninha?

— É uma cama com dossel, e não. Você vai ter seu próprio sofá. Se eu disser pro meu pai que você está cansado, ele vai ter que parar de trabalhar.

Levi assentiu.

— Precisa de pijama ou algo do tipo?

— Posso dormir de roupa. É só por uma noite.

Ela achou uma escova de dente nova para ele, encontrou lençóis limpos e pegou um de seus travesseiros.

Quando os dois desceram, a papelada tinha se multiplicado — mas o pai se dispôs a liberar o sofá e deu um beijo na testa de Cath. Ela o fez prometer que não continuaria trabalhando na cama.

— Não me obriga a gritar com você na frente das visitas.

Cath estendeu o lençol no sofá. Quando Levi saiu do banheiro, com o rosto e a frente do cabelo úmidos, ela lhe entregou o travesseiro. Ele o deixou no sofá e sorriu para Cath.

— Precisa de mais alguma coisa? — ela perguntou.

Ele negou com a cabeça. Cath recuou um passo, e Levi pegou sua mão. Ela passou os dedos pela palma dele ao soltá-la.

— Boa noite — Cath disse.

— Boa noite, linda.

Cath acordou às três da manhã, com a cabeça vazia e o coração batendo rápido.

Ela desceu na ponta dos pés, mas sabia que os degraus rangeriam mesmo assim.

Foi até a cozinha para garantir que o fogão estava desligado, a porta dos fundos estava trancada e tudo estava bem…

A porta do quarto do pai estava aberta. Ela ficou ao batente até ouvir sua respiração. Então passou pelo sofá tão silenciosamente quanto pôde. A porta da frente estava trancada. As cortinas estavam fechadas. Um limpa-neves passava na rua.

Quando Cath se virou, Levi estava apoiado em um cotovelo, olhando para ela.

Ele havia tirado a malha e vestia só uma camiseta branca solta. Seu cabelo estava todo bagunçado, e seus lábios e olhos continuavam marcados pelo sono.

Cabeça, coração…

— O que foi? — ele sussurrou.

Cath balançou a cabeça e correu para cima.

Levi precisou ir embora antes do café da manhã porque tinha que trabalhar. Jim Flowers, o meteorologista preferido do pai de Cath, havia dito que as estradas estavam muito melhores, mas que todo mundo devia "ir com calma".

O pai disse que podia levar Cath para a faculdade no domingo, mas Levi olhou para o Honda atolado na neve e disse que não se importava em voltar.

— Então… — o pai disse para Cath na varanda, enquanto viam a caminhonete de Levi virar a esquina. — Esse é o seu namorado.

Ela assentiu.

— Ainda está doida pra voltar pra casa? Pra se transferir pra UNO? Pra passar a vida inteira cuidando do seu pai mentalmente instável?

Cath passou por ele no caminho para a sala.

— Vamos tomar café?

Foi um bom fim de semana. Ela escreveu cinco mil palavras de *Sempre em frente*. Eles comeram tacos de peixe com repolho e rabanete. Só tiveram duas conversas a respeito de Wren. E na tarde de domingo Levi estava de volta, subindo dois degraus por vez até a porta da frente.

O Oco fazia uma bolinha vermelha quicar.

Simon tinha carregado aquela bolinha por toda parte, por pelo menos um ano. Ele a havia perdido quando fora para Watford — não precisava mais dela.

— Você está mentindo — Simon disse. — Você não é eu. Não é parte de mim.

— Sou o que resta de você — o Oco disse. E Simon poderia jurar que sua própria voz nunca tinha soado tão alta e doce.

do capítulo 23 de *Simon Snow e o sétimo carvalho*,

copyright © 2010 by Gemma T. Leslie

VINTE E OITO

— Nossa, Cather. Se precisa de um tempo é só falar.

Levi estava deitado na cama dela no alojamento. Tinha acabado de dizer a Cath que ia passar uns dias na casa da família, por causa do aniversário da irmã. E em vez de dizer "Vou ficar com saudade" ou "Aproveita", Cath havia dito: "Ah, isso é ótimo".

— Não foi o que eu quis dizer — ela se corrigiu. — É que meu pai vai pra Tulsa esse fim de semana, então não precisa de mim. E se você vai pra sua casa, não vai precisar de mim também, o que significa que vou ter o fim de semana todo pra escrever. Estou muito atrasada com *Sempre em frente*…

Muito atrasada. E muito fora de ritmo.

Se ela não trabalhasse na fanfic todos os dias, pelo menos um pouco, perdia o fio da meada, o ímpeto. Ela acabava escrevendo diálogos longos, que não iam a lugar nenhum — ou cenas em que Baz e Simon memorizavam os traços do rosto um do outro. (Cenas que eram estranhamente populares a julgar pelos comentários, mas que não ajudavam a história a evoluir.)

— Ainda vou *precisar* de você — Levi disse, provocando.

Àquilo se seguira um longo diálogo que não tinha ido a lugar nenhum, durante o qual ela tentara memorizar os traços do rosto dele. (Era mais difícil do que parecia; eles estavam sempre mudando.) Cath quase o beijara…

E quase o beijara de novo naquela tarde, quando Levi passara no alojamento para se despedir imediatamente antes de pegar a estrada. Cath tinha ficado na calçada e Levi se inclinara para fora da cabine da caminhonete, e teria sido fácil para ambos se encontrarem no meio do caminho. Também teria sido seguro, porque ele estava dentro do carro e prestes a sair da cidade. Não haveria efeito cascata. Uma coisa não levaria a outra. Não haveria *outra.*

Se Cath o tivesse beijado — se tivesse deixado claro para Levi que podia beijá-la —, não estaria mais vivendo na lembrança daquele beijo semiadormecido de novembro…

Fazia seis horas que Levi havia partido para Arnold, e Cath já tinha escrito duas mil palavras. Ela havia feito tanto progresso naquela noite que pensava em fazer uma pausa no dia seguinte para começar o trabalho de escrita de ficção — talvez até conseguisse terminá-lo. Seria incrível contar a Levi que ela havia acabado quando ele voltasse, no domingo.

Cath estava reclinada na cadeira, alongando os braços, quando a porta se abriu com tudo e Reagan entrou. (Cath nem se sobressaltou.)

— Olha só quem está aqui — Reagan disse. — E sozinha. Não deveria estar em algum lugar com o orgulho de Arnold?

— Ele foi pra casa, pro aniversário da irmã.

— Eu sei. — Reagan se colocou diante do armário e ficou ali, pensando. — Ele tentou me convencer a ir junto. O cara é alérgico a solidão.

— Ele tentou me convencer também — Cath disse.

— Onde você ia ficar?

— Ele ainda não tinha pensado sobre isso.

— Rá! — Reagan disse, soltando a gravata do Olive Garden. — Eu voltaria a Arnold pra ver isso. Você conhecendo Marlisse.

— Ela é tão ruim assim?

— Não deve ser mais. Eu a amansei pra você.

Reagan tirou a camisa branca pela cabeça e pegou uma malha preta. Seu sutiã era de um roxo brilhante.

Era exatamente aquele tipo de coisa que entrava na cabeça de Cath e a impedia de beijar Levi. Ver a lingerie em tecnicolor da ex dele. Saber exatamente quem o tinha treinado. Se Cath não gostasse tanto de Reagan…

Reagan passou para o lado de Cath do quarto e se inclinou para colocar o topo da cabeça na frente do rosto da outra.

— Meu cabelo está com cheiro de pão de alho?

Cath inspirou com cuidado.

— O cheiro não é desagradável.

— Droga — Reagan disse, se levantando. — Não tenho tempo de lavar. — Ela sacudiu o cabelo na frente do espelho da porta, depois pegou a bolsa. — Bom, a menos que algo dê incrivelmente errado, vai ter o quarto só pra você hoje à noite. Não faça nada que eu não faria.

— Até agora não fiz — Cath disse, seca.

Reagan riu e foi embora.

Cath franziu a testa para a porta. *Não fica com ciúme.* Elas tinham uma regra para aquilo, mas Cath poderia criar outra, só para si: *Não se compare a Reagan. Seria comparar maçãs com… melões.*

Quando seu celular tocou alguns minutos depois, Cath deixou de lado qualquer resquício de ciúme e sorriu. Levi ia ligar para ela antes de dormir. Ela pegou o celular e já ia atender quando viu o nome de Wren na tela. WREN.

Ela e Wren não se falavam — não tinham nem trocado mensagens — desde o recesso de Natal. Fazia quase três meses. Por que a irmã estaria ligando agora? Talvez por engano. Talvez só tivesse confundido os Cs de novo.

Cath ficou com o celular na mão, encarando-o, como se esperasse por uma explicação.

O celular parou de tocar. Cath ficou olhando para ele. Então tocou de novo.

WREN.

Cath o atendeu e o levou ao ouvido.

— Alô?

— Alô? — Não era a voz de Wren. — Cather?

— Isso.

— Graças a Deus. É… sua mãe.

Sua mãe. Cath afastou a orelha do aparelho.

— Cather?

— Oi? — ela disse, fraco.

— Estou no hospital com Wren.

Sua mãe. Cather.

Wren.

— Por quê? Ela está bem?

— Ela bebeu demais. Alguém… Olha, não sei de nada. Alguém a deixou aqui. Achei que você pudesse saber de alguma coisa.

— Não — Cath disse. — Não sei de nada. Estou indo praí. Você está no hospital?

— No St. Elizabeth's. Já liguei pro seu pai. Ele está voltando.

— Tá — Cath disse. — Estou indo.

— Tá — Laura disse. *Sua mãe.* — Que bom.

Cath assentiu, ainda segurando o celular longe do ouvido, então deixou que caísse sobre as pernas e desligou.

Reagan voltou para buscá-la. Cath tentara ligar para Levi antes — não porque achou que ele pudesse ajudar, já que estava a quatro horas de distância, mas porque queria falar com ele. (Como se entrar em contato com Levi garantisse sua segurança, tal qual o pique num jogo de pega-pega.) Levi não atendeu, então ela mandou uma mensagem objetiva: *wren está no hospital.* Depois ligou para o pai, que tampouco atendeu.

Reagan sabia onde ficava o St. Elizabeth's e deixou Cath na porta da frente.

— Precisa de companhia?

— Não — Cath disse, achando que Reagan ia perceber que precisava. Reagan não percebeu. Ela foi embora, e Cath permaneceu por um momento na porta giratória, sentindo que não conseguiria empurrá-la.

O hospital estava quase vazio, por causa da hora. Não tinha ninguém na recepção, e os elevadores principais estavam desligados. Cath acabou encontrando o caminho até o pronto-socorro. Um funcionário disse a ela que Wren já tinha subido, e mandou Cath pegar outro corredor vazio. Pouco depois, ela saiu do elevador no sexto andar, incerta quanto a quem procurava.

Quando tentava visualizar Laura, tudo o que Cath conseguia lembrar era da aparência da mãe nas fotos da família. Cabelo castanho comprido, olhos castanhos e grandes. Anéis prateados. Jeans desbotado. Um vestidinho amarelo simples no dia do casamento, já com uma barriguinha aparecendo.

Aquela mulher não estava ali.

A sala de espera estava vazia, a não ser por uma loira sentada no canto, com as mãos cerradas em punho sobre as pernas. Ela ergueu o rosto quando Cath entrou.

— Cather?

Levou alguns segundos para que os traços e as cores se assentassem em um rosto que Cath achou que talvez reconhecesse. Naqueles segundos, uma parte dela correu para a desconhecida, abraçou suas pernas e pressionou o rosto contra sua barriga. Parte de Cath gritou. Tão alto quanto podia. E parte dela botou fogo no mundo todo, só para vê-lo queimar.

A mulher se levantou e caminhou na direção de Cath.

Cath permaneceu imóvel.

Laura passou pela recepção da enfermagem e disse alguma coisa em voz baixa.

— Você é a irmã? — um enfermeiro perguntou, olhando para ela.

Cath assentiu.

— Precisamos que responda algumas perguntas.

Ela fez o melhor que pôde. Não sabia o que Wren andava bebendo. Não sabia onde estivera ou com quem.

Quanto às outras perguntas, Cath sentiu que não deveria respondê-las na frente de uma desconhecida — na frente de Laura, que só ficava ali, olhando para o rosto da garota como se estivesse tomando nota dele. Cath lançou um olhar para ela, impotente, na defensiva, e Laura voltou para o canto. *Wren costumava beber?* Sim. *Ela costumava ficar bêbada?* Sim. *Tinha apagões?* Sim. *Usava drogas?* Não sei. *Tomava algum remédio?* Anticoncepcional. *Ela tem seguro de saúde?* Sim.

— Posso ver minha irmã? — Cath perguntou.

— Ainda não — o enfermeiro respondeu.

— Ela está bem?

— Não estou cuidando dela. Mas o médico acabou de falar com sua mãe.

Cath olhou para Laura, para sua mãe, para aquela loira triste, de olhos cansados, usando um jeans que parecia caro. Cath foi se sentar à frente dela,

tentando manter o controle. Não era um reencontro; não era nada. Cath estava ali pela irmã.

— Ela está bem?

A mãe levantou a cabeça.

— Acho que sim. Ainda não acordou. Alguém deixou Wren no pronto-socorro algumas horas atrás, então foi embora. Acho que ela não estava respirando… bem. Não sei direito como funciona. Estão dando soro pra ela. Agora é só dar um tempo. Esperar.

Laura tinha um corte de cabelo médio, como duas asas inclinadas debaixo do queixo. Usava uma camisa branca com gola engomada e anéis demais nos dedos.

— Por que o hospital te ligou? — Cath perguntou. Talvez fosse uma pergunta grosseira, mas ela não se importava.

— Ah — Laura disse. Ela se debruçou sobre uma bolsa creme de marca e pegou o celular de Wren, então o estendeu para o outro lado do corredor.

Cath o pegou.

— Eles olharam os contatos — Laura disse. — Disseram que sempre ligam primeiro para a mãe.

A mãe, Cath pensou.

Ela ligou para o pai. Caiu direto na caixa postal. Ela se levantou e foi um pouco adiante, para garantir dois passos de privacidade.

— Pai, é a Cath. Estou no hospital. Ainda não vi Wren. Ligo quando souber de alguma coisa.

— Falei com seu pai mais cedo — Laura disse. — Ele está em Tulsa.

— Eu sei — Cath disse, olhando para o celular. — Por que *ele* não me ligou?

— Eu… disse que ligaria. Ele precisava ligar pra companhia aérea.

Cath voltou a se sentar, mas não diante de Laura. Não tinha mais nada a lhe dizer, e não queria ouvir mais nada.

— Vocês… — Laura pigarreou. Começava cada frase como se não tivesse fôlego para terminar. — Vocês continuam tão parecidas.

Cath levantou a cabeça na hora para encará-la.

Foi como olhar para o vazio.

Então foi como olhar para a pessoa que você esperava ver te reconfortando quando acordasse no meio da noite por causa de um pesadelo.

Não importava o que Levi perguntasse sobre a mãe dela, Cath sempre dizia que não se lembrava de muita coisa. E sempre fora verdade.

Mas agora não era. Agora, só de ficar sentada assim perto de Laura um segredo era revelado, uma portinha se abria no cérebro de Cath. E ela podia ver com nitidez a mãe sentada do outro lado da mesa de jantar. Ela rira de algo que Wren havia dito — então Wren repetia, e a mãe ria de novo. Ela ria pelo nariz. Seu cabelo era escuro e ela prendia canetas no rabo de cavalo, e podia desenhar qualquer coisa. Uma flor. Um cavalo-marinho. Um unicórnio. E quando se irritava, estourava com elas. Estalava os dedos. Estalava, estalava, estalava, enquanto falava ao telefone. Com as sobrancelhas rígidas, os dentes à mostra. *Shh.* Laura no quarto com o pai delas, gritando. No zoológico, ajudando Wren a perseguir um pavão. Abrindo a massa para fazer biscoitos de gengibre. Ao telefone, estalando os dedos. No quarto, gritando. De pé na varanda, ajeitando o cabelo de Cath atrás da orelha, de novo e de novo, acariciando sua bochecha com um dedão comprido e chato, fazendo promessas que não ia cumprir.

— Somos gêmeas — Cath disse. Porque era a coisa mais idiota em que conseguia pensar. Porque era a resposta que “vocês continuam tão parecidas” merecia quando era sua própria mãe falando aquilo.

Cath pegou o celular e mandou uma mensagem para Levi. estou no hospital, mas ainda não vi wren. intoxicação alcoólica. minha mãe está aqui. te ligo amanhã. Então ela escreveu: fico feliz que você esteja em algum lugar lendo isso, quando for ler. torna as coisas melhores. A bateria do celular dela estava acabando.

Laura também pegou seu celular. (Por que Cath se referia a ela pelo nome? Quando era pequena, nem sabia como a mãe se chamava. O pai delas a chamava de "querida" — de um jeito forçado, tenso e cuidadoso —, enquanto a mãe o chamava de "Art".) Laura escrevia para alguém, provavelmente o marido, e por algum motivo aquilo irritou Cath. O fato de que estivesse mandando mensagens naquele momento. De que exibia sua nova vida.

Cath cruzou os braços e ficou olhando para a recepção da enfermagem. Quando sentiu as lágrimas chegando, disse a si mesma que eram por causa de Wren, e com certeza em parte eram.

As duas esperaram.

E esperaram.

Mas não juntas.

Laura se levantou para ir ao banheiro. Ela andava como Wren, balançando os quadris, jogando o cabelo para tirá-lo do rosto.

— Quer café? — ela perguntou.

— Não, obrigada — Cath disse.

Na ausência de Laura, Cath tentou mais uma vez ligar para o pai. Estava certa de que choraria mais se ele atendesse. Talvez até o chamasse de "papai". Ele não atendeu.

Laura voltou com uma garrafa de água e a deixou na mesinha perto de Cath. A garota não a abriu.

Os enfermeiros as ignoravam. Laura folheou uma revista. Quando um médico entrou na sala de espera, as duas se levantaram.

— Sra. Avery? — ele disse, olhando para a mãe de Cath.

— Como ela está? — Laura perguntou, e Cath achou que era uma boa resposta.

— Ela deve ficar bem — o médico disse. — A respiração melhorou. O nível de oxigenação está bom. Ela está tomando soro. E conseguiu acordar um pouco para conversar comigo há alguns minutos. Acho que foi só um susto… e às vezes um susto pode ser precioso.

— Posso ver minha irmã? — Cath perguntou.

O médico olhou para ela. Quase pôde ouvi-lo pensar "gêmeas".

— Pode — ele disse. — Não tem problema. Estamos só fazendo um exame. Vou pedir para o enfermeiro vir buscar vocês quando acabar.

Cath assentiu e cruzou os braços por cima da barriga.

— Obrigada — Laura disse.

Cath voltou à cadeira para esperar. Mas Laura ficou ali, perto da recepção da enfermagem. Depois de um minuto, ela voltou à cadeira e pegou a bolsa de marca, enfiando um lencinho usado em um bolso e alisando nervosa as alças de couro.

— Bom — ela disse —, acho que vou pra casa.

— Quê? — Cath levantou a cabeça na hora.

— É melhor eu ir — Laura disse. — Seu pai vai chegar daqui a pouco.

— Mas… você não pode.

Laura colocou a alça da bolsa no ombro.

— Você ouviu o médico — Cath disse. — Vamos poder ver Wren daqui a pouco.

— Você pode ir — Laura disse. — Você deve ir.

— Você também.

— É isso que você quer? — A voz de Laura saiu cortante, e Cath se encolheu um pouco.

— É o que Wren ia querer.

— Não tenha tanta certeza — Laura disse, voltando a parecer cansada e apertando a ponte do nariz. — Olha… eu nem deveria estar aqui. Foi um erro terem me ligado. Agora você chegou e seu pai está a caminho…

— Você não pode simplesmente deixar uma pessoa sozinha no hospital — Cath disse, de maneira acalorada.

— Wren não está sozinha — Laura disse, inflexível. — Ela tem você.

Cath ficou de pé e hesitou. *Não Wren*, ela pensou. *Eu não estava falando dela.*

Laura puxou as alças da bolsa mais para cima.

— Cather…

— Você não pode ir embora assim…

— É a coisa certa a fazer — Laura insistiu, falando mais baixo.

— Em que universo? — Cath sentiu a fúria subindo pela garganta, como uma rolha de champanhe estourando. — Que tipo de mãe vai embora do hospital sem ver a filha? Que tipo de mãe *vai embora*? Wren está inconsciente. Se acha que isso não tem nada a ver com você, é incapaz de ver além da superfície. E eu estou bem aqui, faz anos que você não me vê, e agora vai embora? Agora?

— Isso não é sobre *mim* — Laura sibilou. — Você claramente não me quer aqui.

— Isso é sobre *mim* — Cath disse. — Não cabe a mim querer ou não querer você. Não cabe a mim *merecer* você.

— Cather — a boca e os punhos de Laura estavam rígidos —, eu procurei me aproximar de você. Eu tentei.

— Você é *minha mãe* — Cath disse. Os punhos dela estavam ainda mais rígidos. — Se esforça mais.

— Não é a hora nem o lugar pra isso — Laura disse, baixo, firme, segurando a bolsa. — Falo com Wren depois. E adoraria falar com você também. Adoraria *conversar* com você, Cather. Mas não posso ficar aqui agora.

Cath balançou a cabeça.

— Agora é tudo o que você tem — ela soltou, desejando que estivesse fazendo mais sentido. Desejando que mais palavras lhe ocorressem, palavras melhores. — Agora é tudo o que você vai ter.

Laura ergueu o queixo e jogou o cabelo para longe do rosto. Não estava mais ouvindo. Ela era a descolada.

— Aqui não é meu lugar — ela repetiu. — Não vou me intrometer.

Então Laura foi embora. Com os ombros para trás e os quadris balançando.

Ele ia ter que contar ao Mago o que havia visto.

Finalmente encontrei o Oco, senhor. Sei o que estamos enfrentando: eu mesmo.

"O que resta de você", o monstro havia dito.

E o que é isso?*, Simon se perguntou.* Um fantasma? Um buraco? Um eco?

Um garotinho enfurecido que não consegue ficar com as mãos paradas?

do capítulo 24 de *Simon Snow e o sétimo carvalho*,

copyright © 20l 0 by Gemma T. Leslie

VINTE E NOVE

Levou mais uma hora até um enfermeiro aparecer. Cath bebeu a garrafinha de água. Enxugou o rosto na blusa. Pensou em como aquela sala de espera era mais agradável que a do St. Richard's. Quis usar o celular, mas estava sem bateria.

Quando o enfermeiro apareceu, ela se levantou.

— Você está com Wren Avery?

Cath assentiu.

— Pode entrar agora. Ou quer esperar pela sua mãe?

Ela fez que não com a cabeça.

Wren estava em um quarto individual. Estava escuro, e seus olhos estavam fechados. Cath não sabia se a irmã dormia ou não.

— Preciso ficar de olho em alguma coisa? — Cath perguntou ao enfermeiro.

— Não, ela está só descansando.

— Meu pai deve chegar logo — Cath disse.

— Mandamos ele pra cá quando chegar.

Cath se sentou, devagar, em silêncio, na cadeira ao lado da cama. Wren estava pálida. Tinha uma mancha escura, talvez um hematoma, na bochecha. Seu cabelo estava mais comprido do que no Natal, caindo sobre os olhos e cacheando no pescoço. Cath o afastou do rosto.

— Estou acordada, tá? — Wren sussurrou.

— Continua bêbada?

— Um pouco. Zonza.

Cath voltou a ajeitar o cabelo de Wren para trás, em um gesto tranquilizador. Para Cath, pelo menos.

— O que aconteceu?

— Não lembro.

— Quem te trouxe?

Wren deu de ombros. Tinha um acesso venoso no braço dela e algo preso a seu indicador. De perto, ela cheirava a vômito. E a Wren — uma mistura de sabão em pó e do perfume Lola de Marc Jacobs.

— Você está bem?

— Zonza — ela disse. — Enjoada.

— O papai está vindo.

Wren gemeu.

Cath cruzou os braços, à beira do colchão, e deixou a cabeça cair, soltando o ar.

— Ainda bem que te trouxeram — ela disse —, quem quer que tenha sido. Eu… desculpa.

Porque eu não estava lá, porque você não me queria lá, porque eu não saberia como impedir mesmo se estivesse lá.

Agora que estava com Wren e via que ela se encontrava bem, Cath se deu conta da própria exaustão. Ela enfiou os óculos no bolso do casaco e recostou a cabeça. Estava pegando no sono — ou tinha acabado de pegar —, quando ouviu Wren choramingando. Cath levantou a cabeça. Sua irmã chorava. Seus olhos se mantinham fechados, mas as lágrimas escorriam para os cabelos. Cath quase conseguia sentir como aquilo lhe fazia cócegas.

— O que foi?

Wren sacudiu a cabeça. Cath enxugou as lágrimas da irmã com os dedos, depois enxugou os dedos na blusa.

— Quer que eu chame a enfermeira?

Wren fez que não e começou a se mexer na cama.

— Vem aqui — ela disse, abrindo espaço.

— Tem certeza? — Cath perguntou. — Não quero que engasgue no próprio vômito por minha causa.

— Não tem mais nada pra sair — Wren sussurrou.

Cath tirou as botas e subiu por cima da grade de proteção da cama, deitando no espaço que Wren havia aberto para ela. Ela passou um braço com todo o cuidado debaixo do pescoço de Wren.

— Pronto — Cath disse.

Wren se encolheu contra ela, com a cabeça em seu ombro. Cath tentou desemaranhar os tubinhos que saíam do braço da irmã, então segurou sua mão com força. Estava pegajosa.

Os ombros de Wren tremulavam.

— Tudo bem — Cath disse. — Está tudo bem.

Cath tentou não pegar no sono antes de Wren, mas estava escuro, ela estava cansada, e tudo era um borrão.

— Ah, meu Deus — ela ouviu o pai dizer. — Ah, Wren. Querida.

Cath abriu os olhos e viu o pai se debruçando para beijar a testa das duas. Ela se sentou com cuidado.

Os olhos de Wren estavam remelentos e inchados, mas abertos.

O pai endireitou o corpo e levou uma mão à bochecha de Wren.

— Jesus Cristo — ele disse, balançando a cabeça. — Filha.

Ele estava com uma calça cinza e uma camisa azul-clara para fora da calça. A gravata, laranja com estrelinhas brancas, estava enfiada no bolso, quase caindo. Era o tipo de roupa que ele usava nas apresentações, Cath pensou.

Ela reparou nos olhos dele, por hábito. Estavam cansados e brilhando, mas focados.

De repente, Cath se sentiu inundada pelas emoções, e ainda que aquele momento não fosse dela, se inclinou para a frente e o abraçou, pressionando o rosto contra a camisa amarrotada do pai até conseguir ouvir o coração dele batendo. O pai a envolveu com um braço quente.

— Está tudo bem — ele disse, com dificuldade. Cath sentiu Wren pegar sua mão. — Está tudo bem — o pai repetiu. — Estamos bem agora.

Wren não precisou ficar no hospital.

— Você pode dormir e beber bastante água em casa — o médico disse.

Em casa de verdade. Em Omaha.

— Você vai voltar comigo — o pai disse, e Wren não discutiu.

— Eu também vou — Cath disse, e ele assentiu.

Um enfermeiro tirou o acesso do braço de Wren, e Cath a levou até o banheiro, dando tapinhas em suas costas enquanto ela tentava vomitar na pia sem que nada saísse. Depois Cath a ajudou a lavar o rosto e vestir a roupa — jeans e regata.

— Cadê seu casaco? — o pai perguntou a Wren. Ela só deu de ombros. Cath tirou o casaquinho e o entregou à irmã.

— Está com cheiro de suor.

— É melhor do que como você cheira agora — Cath respondeu.

Então eles tiveram que esperar que a alta fosse aprovada. O enfermeiro perguntou se Wren queria conversar com um especialista em vício. Ela

disse que não. O pai só franziu a testa.

— Você comeu alguma coisa? — Cath perguntou a ele.

O pai bocejou.

— A gente pega alguma coisa no caminho.

— Eu dirijo — Cath disse.

O pai tentara pegar um voo em Tulsa na noite anterior, mas não havia nenhum até aquela tarde, então ele acabara alugando um carro — "Kelly me deixou usar o cartão da empresa" — e tinha dirigido por sete horas.

O enfermeiro voltou com a papelada da alta e disse a Wren que ela teria que sair em uma cadeira de rodas.

— É a norma do hospital.

Wren reclamou, mas o pai se colocou atrás da cadeira de rodas e disse:

— Quer discutir ou quer ir pra casa?

Quando o enfermeiro apertou o botão para abrir as portas que davam para a sala de espera, Cath sentiu o estômago se revirar e se deu conta de que meio que esperava que Laura estivesse ali fora. *Até parece*, ela pensou.

As portas se abriram, e Wren arfou de leve. Por um segundo, Cath pensou que talvez Laura realmente estivesse ali. Ou que Wren fosse vomitar de novo.

Tinha um cara sentado na sala de espera, com a cabeça entre as mãos. Ele ouviu Wren arfar e olhou para ela, então se levantou. Wren abandonou a cadeira de rodas e correu na direção dele. O cara a pegou em seus braços e afundou o rosto em seu cabelo cheio de vômito.

Era o grandalhão do Muggsy's. O cara dos socos. Cath não conseguia lembrar o nome dele. Javier. Julio.

— Quem é esse? — o pai perguntou.

— Jandro — Cath disse.

— Ah — o pai repetiu, vendo os dois se abraçarem. — Jandro.

— É…

Cath torcia para que não tivesse sido Jandro quem levara Wren ao pronto-socorro e a deixara ali sozinha. Torcia para que ele não soubesse nada a respeito daquele hematoma na bochecha dela.

— Ei — alguém disse, e Cath deu um passo para o lado ao perceber que estava no meio do corredor. — Ei — a pessoa repetiu.

Ela levantou a cabeça… e deparou com o rosto sorridente de Levi.

— *Oi* — ela disse, e aquilo quase saiu com um ponto de exclamação. — O que está fazendo aqui?

— Recebi sua mensagem. E te escrevi de volta.

— Estou sem bateria. — Cath observou os olhos enrugados de Levi e seu sorriso aliviado, tentando absorver tudo aquilo.

Ele segurava dois copos de café e tinha uma banana enfiada no bolso da camisa de flanela.

— Sr. Avery? — ele disse, oferecendo um café. — Era para o Jandro, mas acho que ele não precisa mais.

O pai de Cath aceitou o café.

— Obrigado. Levi.

— Levi — Cath repetiu, sabendo que estava quase chorando. — Você não precisava ter vindo.

Ele fechou levemente o punho e empurrou delicadamente o queixo dela, dando meio passo em sua direção.

— Precisava, sim.

Cath tentou não sorrir, mas acabou sorrindo tanto que chegou a doer.

— Eles não me deixaram entrar — Levi disse. — Nem Jandro. Só a família.

Cath assentiu.

— Sua irmã está bem?

— Está. Só está de ressaca. E com vergonha… Nós três vamos voltar pra Omaha agora.

— E você está bem?

— Estou. *Estou*. — Ela pegou a mão dele e a apertou. — Obrigada.

— Você nem sabia que eu estava aqui.

— Agora eu sei, e o sentimento vai ser retroativo. Obrigada… Você perdeu a festa da sua irmã?

— Não. É amanhã, depois da missa. Vou tirar uma soneca e voltar. A menos que precise de alguma coisa.

— Não preciso.

— Está com fome?

Cath riu.

— Vai me oferecer uma banana?

— Vou te oferecer *meia* banana — Levi disse, soltando a mão dela. Ele passou o café para Cath e pegou a banana do bolso para descascar. Cath olhou para Wren. Ela estava apresentando Jandro ao pai. Seu aspecto era péssimo, mas Jandro a olhava como se fosse uma fada. Levi ofereceu meia banana a Cath, e ela aceitou. — Um brinde — ele disse, batendo sua metade contra a dela.

Cath comeu a banana com os olhos fixos nos dele.

— Eu iria até a Lua por você agora — ela disse.

Os olhos de Levi brilharam, alegres, e ele arqueou uma sobrancelha.

— É, mas você enfiaria uma espada nela por mim?

Cath foi dirigindo até Omaha. Eles passaram no McDonald's no caminho. O pai pediu dois McFish e disse que elas não podiam pegar no pé dele por conta daquilo.

Wren fez uma careta.

— Nem ligo pro seu colesterol, mas o cheiro está me deixando enjoada.

— Talvez você não devesse ter bebido tanto — o pai delas disse. Foi então que Cath percebeu que ele não ia fingir que não havia nada de errado. Que não ia deixar que Wren cuidasse daquilo sozinha.

Cath segurava um cheeseburger contra o volante. Era a única pessoa na estrada andando abaixo do limite de velocidade.

Quando chegaram em casa, Wren foi direto tomar um banho.

O pai ficou de pé na sala, parecendo perdido.

— Pode ir depois — Cath disse. — Não estou tão nojenta.

— Vamos ter que conversar sobre o que aconteceu — ele disse. — Mais tarde. Bom, não você e eu. Você não precisa participar. É com a Wren que tenho que conversar. Eu devia ter falado com ela no Natal, mas tinha tanta coisa acontecendo…

— Desculpa.

— Para com isso, Cath.

— É minha culpa também. Escondi de você.

Ele tirou os óculos e coçou a testa.

— Não muito bem. Eu sabia o que ela estava fazendo… Mas achei que, não sei, fosse parar sozinha. Que fosse superar essa fase.

A gravata dele já estava quase totalmente para fora do bolso.

— Você precisa dormir — Cath disse. — Toma um banho e depois vai dormir.

Wren saiu do banheiro usando o roupão do pai e abriu um sorriso fraco para os dois. Cath deu um tapinha no braço do pai, então seguiu a irmã escada acima. Quando ela chegou ao quarto, Wren estava de pé diante da cômoda dela, revirando impaciente uma gaveta quase vazia.

— Não tem nenhum pijama.

— Espera aí — Cath disse, indo até a própria cômoda. — Pronto. — Ela entregou a Wren uma camiseta e o short de educação física da escola.

Wren se vestiu e se enfiou debaixo do cobertor. Cath subiu na cama ao lado da irmã.

— Você está fedendo a vômito — Wren disse.

— *Seu* vômito — Cath disse. — Como está se sentindo?

— Cansada.

Wren fechou os olhos.

Cath bateu de leve na testa da irmã.

— Aquele era seu namorado?

— Era — Wren sussurrou. — Alejandro.

— Alejandro — Cath repetiu, raspando o J e enrolando o R. — Vocês estão juntos desde o último semestre?

— Isso.

— Você estava com ele ontem à noite?

Wren negou com a cabeça. Lágrimas começaram a se acumular por entre os cílios.

— Com quem você saiu?

— Courtney.

— Como você machucou o rosto?

— Não lembro.

— Mas não foi o Alejandro.

Wren abriu os olhos na hora.

— Meu Deus, Cath. *Não*. — Ela voltou a fechar os olhos com força, depois hesitou. — Ele provavelmente vai terminar comigo. Odeia quando eu bebo. Vive dizendo que é inadequado.

— Não pareceu que ele pretendia terminar com você hoje de manhã.

Wren inspirou de maneira profunda e trêmula.

— Não quero pensar nisso agora.

— Não pensa — Cath disse. — Só dorme.

Wren dormiu. Cath foi para o andar de baixo. O pai já tinha pegado no sono. Sem tomar banho.

Ela sentia uma paz inexplicável. A última coisa que Levi lhe dissera ao se despedirem no saguão do hospital fora:

— Depois carrega o celular.

Então Cath o pôs para carregar. E foi lavar roupa.

— Não podemos ser amigos — Baz disse, passando a bola para Simon.

— Por que não? — Simon perguntou, chutando a bola para cima e fazendo embaixadinha com o joelho.

— Porque já somos inimigos.

— Não precisa continuar assim. Não tem nenhuma regra quanto a isso.

— Tem, sim — Baz disse. — Eu que criei. Não fique amigo do Snow. Ele já tem amigos demais.

Ele afastou Simon do caminho com uma ombrada e quicou a bola no próprio joelho.

— Você é irritante — Simon disse.

— Ótimo. Estou cumprindo meu papel como seu arqui-inimigo.

— Você não é meu arqui-inimigo. O Oco é.

— Hum… — Baz disse, deixando a bola cair e a chutando de volta para Simon. — Vamos ver. A história ainda não acabou.

de "Como Baz gosta", postado em setembro de 2008
pelas autoras do FanFixx.net Magicath e Wrenegada

TRINTA

— Não precisamos conversar sobre isso — Wren disse.

— Você foi parar no hospital porque bebeu demais — o pai delas disse. — Vamos ter que conversar sobre isso.

Cath serviu uma pilha de burritos embrulhados em papel-alumínio na mesa, entre os dois, então se sentou na cabeceira.

— Não tem nada pra falar — Wren insistiu. Ela ainda parecia péssima. Tinha olheiras enormes e sua pele estava oleosa e amarelada. — Você vai dizer que não posso beber tanto assim, e eu vou dizer que você está certo…

— Não — o pai a interrompeu. — Vou dizer que você não deve beber nada.

— Bom, isso não é muito realista.

Ele bateu o punho contra a mesa.

— E por que não, cacete?

Wren se recostou na cadeira e demorou um segundo para se recuperar. Ele nunca xingava quando falava com elas.

— Todo mundo bebe — ela disse, calma. Como se fosse a única racional ali.

— Sua irmã não bebe.

Wren revirou os olhos.

— Desculpa, mas não vou passar a faculdade inteira sóbria no meu quarto escrevendo sobre feiticeiros gays.

— Protesto — Cath disse, pegando um burrito.

— E com razão — o pai delas disse. — Sua irmã tira ótimas notas, Wren. E tem um namorado muito educado. Ela está se saindo muito bem na faculdade.

Wren virou a cabeça na hora.

— Você está namorando?

— Você não conhece o Levi? — O pai pareceu surpreso. E triste. — Vocês não estão se falando?

— Você roubou o namorado da sua colega de quarto? — Wren perguntou, de olhos arregalados.

— É uma longa história — Cath disse.

Wren continuava olhando para ela.

— Vocês se beijaram?

— *Wren* — o pai disse. — Estou falando sério.

— O que você quer que eu diga? Bebi demais.

— Você está descontrolada — ele disse.

— Estou bem. Só tenho dezoito anos.

— Exatamente — ele disse. — E vai voltar pra casa.

Cath quase cuspiu a comida.

— Não vou, não — Wren disse.

— Vai, sim.

— Você não pode me obrigar — ela disse, soando como se tivesse doze anos.

— Na verdade, posso, sim. — Ele tamborilava tão forte na mesa que devia doer. — Sou seu pai. Vou dar essa carteirada. Devia ter feito isso há muito tempo, mas antes tarde do que nunca, imagino. *Eu sou seu pai.*

— Pai — Cath sussurrou.

— Não — ele disse, olhando para Wren. — Não vou deixar que isso aconteça com você. Não vou receber outra ligação dessas. Não vou passar

os fins de semana me perguntando onde você está e com quem, ou se você está sóbria o bastante pra perceber quando cair na sarjeta.

Cath já tinha visto o pai bravo daquele jeito antes — já o vira gritar, jogar os braços para o alto, xingar, com fumaça saindo das orelhas —, mas nunca por causa delas. Nunca com elas.

— Foi um alerta — ele disse, apontando para Wren e quase gritando. — Foi o disparo do alarme de incêndio. E você quer ignorar. Que tipo de pai eu seria se te mandasse de volta pra faculdade sabendo que não aprendeu a lição?

— Tenho dezoito anos! — Wren gritou. Cath pensou que aquela não era uma boa estratégia.

— Não estou nem aí pra isso! — ele gritou de volta. — Você ainda é minha filha.

— Estamos no meio do semestre. Vou reprovar em todas as matérias.

— Você não estava preocupada com a faculdade ou com seu futuro enquanto enchia a cara de tequila.

Ela inclinou a cabeça.

— Como você sabe que bebi tequila?

— Pelo amor de Deus, Wren. — Ele suspirou, com amargura. — Você estava cheirando a margarita.

— Ainda cheira um pouco — Cath murmurou.

Wren apoiou os cotovelos na mesa e escondeu o rosto nas mãos.

— Todo mundo bebe — ela insistiu, teimosa.

O pai empurrou a cadeira para trás.

— Se é tudo o que tem a dizer em sua defesa, então tudo o que tenho a dizer é: você vai voltar pra casa.

Ele levantou e foi para o quarto, batendo a porta.

Wren deixou a cabeça e as mãos caírem sobre a mesa.

Cath arrastou a cadeira para mais perto dela.

— Quer uma aspirina?

Wren ficou quieta por alguns segundos.

— Por que não está brava comigo?

— Por que eu deveria estar? — Cath perguntou.

— Você está brava comigo desde novembro. Desde *julho.*

— Bom, cansei disso. Está com dor de cabeça?

— Cansou? — Wren virou a cabeça para Cath, com a bochecha apoiada na mesa.

— Você me assustou ontem à noite — Cath disse. — E eu decidi que nunca mais quero me afastar de você desse jeito. E se você tivesse morrido? E a gente tivesse passado três meses sem se falar?

— É claro que eu não ia morrer — Wren disse, revirando os olhos.

— O papai está certo — Cath disse. — Você parece uma idiota falando.

Wren olhou para baixo e esfregou o rosto no punho.

— Não vou parar de beber.

Por que não?, Cath queria perguntar. Mas tudo o que disse foi:

— Só faz uma pausa, então. Até o fim do ano. Só pra mostrar a ele que consegue.

— Não consigo acreditar que você está namorando — Wren sussurrou — e eu nem fiquei sabendo.

Seus ombros começaram a sacudir. Ela estava chorando de novo. Cath nunca tinha visto Wren chorar tanto.

— Ei… — Cath disse. — Tá tudo bem.

— Eu não ia *morrer* — Wren disse.

— Tá bom.

— Eu só… senti muito a sua falta…

— Você ainda está bêbada? — Cath perguntou.

— Acho que não.

Cath se inclinou para a frente, ficou na beirada da cadeira, e ajeitou o cabelo de Wren atrás da orelha.

— Está tudo bem. Também senti sua falta. Não desse lance da bebida, mas de você.

— Fui uma babaca com você — Wren sussurrou para a mesa.

— E eu fui uma babaca com você.

— É verdade — Wren disse. — Mas… Você me perdoa?

— Não — Cath disse.

Wren levantou o rosto, de um jeito patético.

— Não tenho que te perdoar — Cath disse. — Não é assim entre a gente. Estamos juntas nessa. Em tudo. Não importa o que aconteça.

Wren ergueu a cabeça e enxugou os olhos com os dedões.

— É?

Cath assentiu.

— É.

O pai delas saiu para correr.

Wren comeu um burrito e voltou para a cama.

Cath finalmente leu todas as mensagens de Levi.

fzendo a volta agora.. chego as 3

cather.. gosto mto de vc. parece uma boa hora pra dizer isso. chego em uma hora

na sala de espera, só família, não vou voltar, handros aqui tb. aqui.. tá? se precisar de mim

cheguei em arnold. dia lido. sabia que tem canions e dunas aqui? a diversadade biologica ia te fazer chorar Cather Avery. retorna linda. estou pedindo pra vc me ligar.. não pra vc voltar mas pode voltar se quiser. me liga me liga me liga

Cath ligou. Levi estava jantando com a família.

— Tudo bem? — ele perguntou.

— Tudo — ela disse. — Só um pouco tenso. Meu pai está bravo com Wren, mas ele não sabe muito bem como ficar bravo com a gente. E ela está

agindo como uma criança mimada. Acho que não está acostumada a estar errada.

— Queria poder conversar — Levi disse —, mas minha mãe não curte essa história de atender o celular durante o jantar. Te ligo amanhã da estrada, pode ser?

— Só se a estrada for uma reta e não tiver trânsito.

— Você vai voltar amanhã? — ele perguntou.

— Não sei.

— Estou com saudades.

— Para de ser bobo — ela disse. — Você me viu hoje de manhã.

— Não é uma questão de tempo — Levi disse, e por sua voz ela soube que estava sorrindo. — É de distância.

Alguns minutos mais tarde, ele mandou uma mensagem: tive uma IDEIA.. se estiver entediada e com sdd podia escrever uma fanfic safada da gente. e ler pra mim depois. demais né?

Cath sorriu para o celular, como uma boba.

Ela tentou imaginar como seria voltar a morar com o pai agora, deixar Levi para trás. Não conseguia nem pensar em como seria o verão sem ele.

O pai não faria aquilo. Não ia obrigar Wren a largar a faculdade. Seria loucura…

Mas ele *era* louco. E talvez tivesse razão: Wren estava fora de controle. E da pior maneira — achando que na verdade estava muito bem, obrigada.

Cath gostava da ideia de Wren ali. Ela e o pai em um só lugar, onde Cath poderia tomar conta deles. Se tivesse como deixar uma parte sua ali, de vigia…

A porta da frente se abriu e o pai entrou, ainda ofegante por causa da corrida, então deixou a chave e o celular na mesa.

— Oi — ele disse para Cath, tirando os óculos para secar o suor do rosto, então voltando a colocá-los.

— Oi — ela disse. — Deixei seu burrito no forno.

Ele assentiu e passou por Cath no caminho da cozinha. Ela o seguiu.

— Vai defender sua irmã? — ele perguntou.

— Não.

— Ela poderia ter morrido, Cath.

— Eu sei. E… acho que Wren está assim faz bastante tempo. Acho que ela só teve sorte.

— Até onde sabemos — o pai disse.

— É só que… *deixar a faculdade?*

— Tem alguma ideia melhor?

Cath balançou a cabeça.

— Talvez ela pudesse falar com um psicólogo ou algo do tipo.

Pela cara que o pai fez, parecia que Cath tinha jogado algo molhado nele.

— Nossa, Cath, como você ia se sentir se alguém te forçasse a ver um psicólogo?

Já fizeram isso comigo, ela pensou.

— Eu ia odiar — Cath disse.

— Então…

Ele tirou o burrito do forno e o colocou em um prato, e em seguida encheu um copo de leite. Ainda parecia cansado, e arrasado.

— Te amo — Cath disse.

Ele levantou o rosto, ainda segurando a caixa de leite sobre o copo. Parte das rugas de sua testa se aliviaram.

— Também te amo — ele disse, como se ela esperasse uma resposta.

— Pareceu um bom momento pra te dizer isso — Cath se explicou.

O pai assentiu, com os olhos marcados por um sentimento intenso.

— Posso pegar seu notebook emprestado? — ela pediu.

— Claro. Está na…

— Eu sei. Obrigada.

Cath foi para a sala e pegou o notebook prateado do pai. Sempre o cobiçara, mas o pai dizia que ela não precisava de um processador de texto de mil e oitocentos dólares.

Quando Cath chegou ao quarto, Wren estava ao celular, chorando. Ela levantou da cama e foi até o closet, se sentou no chão lá dentro e fechou a porta. Aquele não era um comportamento estranho, a não ser pelo choro — era o que sempre faziam quando precisavam de privacidade. O closet era grande.

Cath abriu sua conta no FanFixx e deu uma olhada nos comentários. Havia tantos que não dava para respondê-los individualmente, então ela escreveu uma única mensagem: Obrigada, pessoal, mas estou muito enrolada pra responder tudo! Em seguida, Cath abriu o rascunho do capítulo em que trabalhava.

Ela parara com Baz ajoelhado diante da lápide de sua mãe. Ele tentava explicar a ela por que estava se voltando contra o próprio pai, por que estava dando as costas à família Pitch para lutar ao lado de Simon.

— Não é só por ele — Baz disse, passando os dedos compridos sobre o nome da mãe. — É por Watford. É pelo Mundo dos Magos.

Depois de um tempo, Wren saiu do closet e subiu na cama da irmã. Cath deu espaço e continuou digitando.

Depois de mais um tempo, Wren entrou debaixo das cobertas e pegou no sono.

E um pouco depois, o pai apareceu no topo da escada. Olhou para Cath e desejou boa noite sem emitir nenhum som. Cath assentiu.

Ela escreveu mil palavras.

Então escreveu mais quinhentas.

O quarto estava escuro, de modo que Cath não tinha como saber quanto tempo fazia desde que Wren estava acordada ou que vinha lendo por cima de seu ombro.

— O Mago vai mesmo trair Simon ou é uma pista falsa? — Wren sussurrava, ainda que não pudesse acordar ninguém.

— Acho que vai — Cath disse.

— Aquele capítulo em que ele fez Simon queimar os ovos de dragão me fez chorar por três dias.

Cath parou de digitar.

— Você leu?

— É claro. Você tem acompanhado o número de acessos? Está uma loucura. Ninguém vai abandonar *Sempre em frente* agora.

— Achei que você tinha abandonado — Cath disse. — Há um bom tempo.

— Bom, achou errado. — Wren apoiou o rosto na mão. — Pode acrescentar isso à enorme pilha de coisas importantes sobre as quais você está errada.

— Acho que o Mago vai matar Baz. — Cath não havia contado aquilo a ninguém, nem à sua leitora beta.

Wren se sentou, com a expressão horrorizada no rosto.

— Cath — ela sussurrou —, não…

— Alejandro terminou com você?

Wren balançou a cabeça.

— Não… ele só está chateado. *Cath.* Você não pode matar o Baz.

Cath não soube o que dizer.

Wren pegou o notebook e o puxou quase todo para as próprias pernas.

— Minha nossa, considere isso uma intervenção…

Quando Cath acordou na manhã seguinte, domingo, estava sozinha no quarto. Ela sentiu cheiro de café. E de comida.

Ao chegar lá embaixo, encontrou o pai sentado à mesa com um caderno. Ela devolveu o notebook dele.

— Ah. Ótimo — ele disse. — Wren disse que devíamos esperar por você.

— Pra quê?

— Pra eu dar meu veredito. Vou dar uma de rei Salomão pra cima de vocês.

— Quem é o rei Salomão?

— Foi ideia da sua mãe criar vocês sem religião.

— Ela também achava que você devia criar a gente sem mãe.

— Bom argumento, querida. Wren? Vem aqui. Sua irmã acordou.

Wren entrou na sala, segurando uma frigideira e um descanso de panela.

— Você estava dormindo — ela disse, colocando a comida na mesa —, então fiz o café.

— Ah, meu Deus — o pai delas disse. — Isso é Ravimolho?

— Não — Wren disse. — É Ravimolho *de queijo.*

— Senta — ele disse. — Vamos conversar.

Ele estava usando roupa de corrida. Parecia tenso e nervoso.

Wren se sentou. Fazia graça, mas também estava nervosa — Cath sabia pelo modo como fechava as mãos com força em punhos. Ela queria ir até a irmã e abri-las.

— Certo — o pai disse, afastando o Ravimolho, para que não ficasse entre eles. — Meus termos são: você pode voltar pra faculdade — Wren e Cath expiraram aliviadas —, mas não vai mais beber. Nada. Nem um pouco, nem só com seu namorado, nem só em festas. Nunca. Você vai fazer terapia uma vez por semana, começando nessa, e vai frequentar reuniões dos Alcoólicos Anônimos.

— Pai — Wren disse. — Não sou alcoólatra.

— Ótimo. Mas você vai às reuniões mesmo assim. Não é contagioso.

— Eu vou com você — Cath se ofereceu.

— Ainda não terminei — o pai delas disse.

— O que mais você quer? — Wren choramingou. — Exames de sangue?

— Você vai voltar pra casa todo fim de semana.

— *Pai.*

— Ou pode mudar pra cá. A escolha é sua.

— Tenho uma vida em Lincoln — Wren disse.

— Não vem me falar da sua vida. Você mostrou que não tem o menor respeito por ela.

As mãos de Wren continuavam fechadas em punhos firmes sobre suas pernas. Cath chutou o tornozelo dela. A cabeça de Wren pendeu.

— Tá — ela disse. — *Tá bom.*

— Ótimo — o pai falou, então inspirou fundo e segurou o ar por um segundo. — Eu levo vocês de volta mais tarde, se achar que está pronta. — Ele se levantou e olhou para o Ravimolho. — Não vou comer isso.

Cath puxou a frigideira para mais perto e pegou uma colher.

— Eu como. — Ela pegou uma colherada. Os pedaços de macarrão dissolveram imediatamente em sua boca. — Gosto de como é molinho. Não preciso nem usar os dentes.

Wren ficou observando Cath por alguns segundos, então pegou a colher da irmã para experimentar.

— Tem gosto de Ravimolho normal…

Cath pegou a colher de volta.

— Com queijo.

— São três coisas deliciosas num prato só — Wren disse.

— É como um travesseiro de pizza.

— É como Cheetos molhado.

— Credo — Cath disse. — Esse não pode ser o slogan.

— Estou começando a sentir que você não me quer por perto.

— Eu nunca *te quis por perto — Simon disse, tentando passar pelo colega de quarto.*

— Verdade. — Baz se moveu para bloquear a porta. — Até que você decidiu que sempre *me quis por perto. Que a vida é uma casca vazia a menos que você saiba que meu coração bate em algum lugar nas proximidades.*

— Eu decidi isso?

— Talvez eu que tenha decidido. Não importa. Dá na mesma.

Simon respirou fundo, desanimado.

— Snow. Você está desanimado?

— Um pouco.

— Por Aleister Crowley, nunca imaginei que esse dia chegaria.

de *Sempre em frente, Simon*, postado em fevereiro de 2012 pela autora do FanFixx.net Magicath

TRINTA E UM

Alejandro estava esperando quando chegaram ao Schramm Hall. Ele apertou a mão de Cath, muito formal.

— Coisa de fraternidade — Wren disse. — Todos os membros fazem isso. — Jandro era de uma fraternidade do campus leste, ela explicou, chamada Chácara. — É sério.

A maior parte dos membros era de estudantes de agronomia do interior de Nebraska. Jandro era de Scottsbluff, que ficava praticamente em Wyoming.

— Eu nem sabia que tinha mexicanos lá — Wren dissera —, mas ele disse que tem uma comunidade enorme.

Jandro não disse muito além de:

— É bom finalmente te conhecer, Cath. Wren fala de você o tempo todo. Sempre que você posta sua história do Simon Snow não posso falar com ela até que leia tudo.

Ele parecia com a maior parte dos namorados de Wren — cabelo curto, aspecto respeitável, corpo de jogador de futebol americano —, mas Cath não se lembrava de Wren olhando para qualquer um dos outros do modo como olhava para Alejandro. Como se tivesse sido convertida.

Eram dez da noite quando Levi chegou de Arnold.

Cath já tinha tomado banho e vestido o pijama. Sentia que o fim de semana tinha durado dois anos, e não dois dias. *Dias de calouro*, ela podia ouvi-lo dizer.

Levi ligou para dizer que havia chegado. Saber que estavam ambos na mesma cidade de novo fez a saudade que sentia dele se inflamar dentro de Cath. Em seu estômago. Por que as pessoas sempre falavam do coração? Quase tudo relacionado a Levi se passava no estômago de Cath.

— Posso passar aí? — ele perguntou. Como se quisesse muito. — Pra dar boa-noite?

— Reagan está aqui — Cath disse. — Ela está tomando banho. Acho que vai deitar em seguida.

— Você pode descer?

— Aonde a gente iria? — Cath perguntou.

— Podemos ficar na caminhonete…

— Está congelando.

— É só ligar o aquecedor.

— O aquecedor não funciona.

Ele hesitou.

— Você podia vir aqui.

— Seus amigos não estão em casa? — Era como se ela tivesse uma lista de argumentos e passasse um a um, embora não tivesse mais certeza de por que fazia aquilo.

— Não tem problema — Levi insistiu. — Tenho um quarto só pra mim. E eles querem te conhecer.

— Acho que conheci a maior parte na festa.

Levi grunhiu.

— Quantas regras Reagan estabeleceu pra gente?

— Não sei. Cinco? Seis?

— Tá, então essa é a sétima: nada de falar daquela droga de festa, a menos que seja absolutamente relevante.

Cath sorriu.

— Mas como é que eu vou te cutucar então?

— Tenho certeza de que vai arranjar alguma coisa.

— Não vou — ela disse. — Você é bom demais pra mim.

— Vem pra casa comigo, Cath. — Ela podia ouvir o sorriso em sua voz. — É cedo, e não quero dar tchau pra você.

— Eu nunca quero dar tchau pra você, mas é a vida.

— Espera, você não quer?

— Não — ela sussurrou.

— Vem pra cá comigo — ele sussurrou de volta.

— Pro templo da perdição?

— Isso, é assim que todo mundo chama o meu quarto.

— Afe — Cath disse. — Já te falei. É coisa demais… Sua casa. Seu quarto. Vamos entrar e só vai ter uma cama lá. Vou vomitar de nervoso.

— E de desejo?

— Mais de nervoso — ela disse.

— Por que é tão importante? No seu quarto também só tem uma cama.

— *Duas* camas — ela disse. — E *duas* escrivaninhas. Fora a ameaça constante da minha colega de quarto interromper.

— É por isso que a gente devia ficar na minha casa. Ninguém nunca vai interromper a gente.

— Isso me deixa nervosa.

Levi fez “hum”. Como se estivesse pensando.

— E se eu prometesse não tocar em você?

Cath riu.

— Agora não tenho nenhum incentivo pra ir.

— E se eu prometer deixar você me tocar primeiro?

— Está falando sério? Eu sou a pessoa em que não se pode confiar nessa relação. Tenho mão-boba.

— Nunca vi nenhuma evidência disso, Cather.

— Na minha cabeça, tenho mão-boba.

— Quero viver na sua cabeça.

Cath escondeu o rosto com uma mão, como se ele pudesse vê-la. Eles não costumavam flertar daquele jeito. Com tanta franqueza. Talvez o celular despertasse aquilo nela. Talvez tivesse sido o fim de semana. Tudo naquele fim de semana.

— Ei, Cath… — A voz de Levi saiu baixa. — O que estamos esperando exatamente?

— Como assim?

— Você fez um voto de abstinência?

Ela riu, mas ainda conseguiu parecer ofendida.

— *Não.*

— É… — Ele soltou o ar depressa, como se forçasse a saída de algo. — Ainda é uma questão de confiança? De eu me provar digno da sua confiança?

A voz de Cath quase sumiu.

— Meu Deus, Levi. Não. Confio em você.

— Não estou nem falando de sexo — ele disse. — Bom, não só de sexo. Podemos tirar isso de jogo por completo, se vai fazer você se sentir melhor.

— Por completo?

— Até conversarmos mais a respeito. Se você soubesse que não vou insistir nisso, se não fosse nem uma possibilidade, acha que poderia relaxar e… me deixar tocar em você?

— Tocar como? — ela perguntou.

— Quer que eu te mostre usando uma boneca?

Cath riu.

— Só tocar — ele disse. — Quero tocar em você. Te abraçar. Quero sentar do seu lado, mesmo que eu possa sentar em outro lugar.

Ela inspirou fundo. Sentia que devia a ele continuar com aquela conversa. Ser recíproca ao menos na fala.

— Também quero tocar em você.

— É?

— É — ela disse.

— Como? — ele perguntou.

— Você já deu o número do seu cartão de crédito pra operadora?

Levi riu.

— Vem pra casa comigo, Cath. Estou com saudade. E não quero dar tchau.

A porta se abriu com tudo, e Reagan voltou ao quarto com uma toalha enrolada no cabelo, vestindo uma camiseta e calça legging.

— Tá bom — Cath disse. — Quando você chega?

Ele estava claramente sorrindo.

— Já estou aqui embaixo.

Cath vestiu uma meia-calça de tricô marrom e um vestido xadrez abotoado que tinha pegado no quarto de Wren. Além de luvas compridas que a faziam lembrar de manoplas, como se ela fosse um cavalheiro de armadura cor-de-rosa de crochê. As provocações de Levi quanto às escolhas de blusa de frio dela só faziam com que se vestisse de maneira ainda mais exagerada.

— Vai sair? — Reagan perguntou.

— Levi acabou de voltar.

— Te espero acordada? — Reagan lançou um olhar.

— Sim — Cath disse. — Melhor esperar. Assim vai ter tempo pra pensar em como não tem vergonha de quebrar suas próprias regras.

Cath se sentiu meio boba enquanto esperava o elevador. Algumas garotas passavam de pijama, enquanto ela estava vestida para sair.

Quando chegou ao saguão, Levi estava ali, recostado a uma coluna, conversando com alguém, uma menina que ele devia conhecer… Quando viu Cath, seu sorriso se alargou e ele endireitou o corpo, já se despedindo da garota.

— Oi — ele disse, beijando o topo da cabeça de Cath. — Seu cabelo está molhado.

— É o que acontece quando a gente lava.

Ele puxou o capuz dela. Cath pegou a mão de Levi antes que ele pudesse pegar a sua, e foi recompensada com um sorriso especialmente cheio de dentes.

Quando os dois saíram do prédio, Cath sentia em seu coração — sentia em seu estômago — que não ia voltar até a manhã seguinte.

A princípio, Cath achou que estavam dando outra festa na casa dele. Música tocava e havia gente em quase todos os cômodos.

Mas todos moravam ali, ou eram amigos ou namoradas — talvez um namorado — dos que moravam ali.

Levi a apresentou a todo mundo

— Essa é a Cather.

— Essa é minha namorada, Cather.

— Galera? Cather.

Ela sorria, tensa, sabendo que não ia se lembrar de nenhum nome.

Então Levi a conduziu por uma escada que certamente não fora feita na construção original — os patamares eram estranhos e apertados, e corredores surgiam a intervalos irregulares. Levi indicou todos os quartos. Indicou todos os banheiros. Cath contou três andares, mas Levi continuava subindo. Quando a escada ficou tão estreita que eles não conseguiam mais andar lado a lado, ele tomou a dianteira.

A escada fez mais uma curva e desembocou em uma porta. Levi parou e virou, desajeitado, se segurando nos dois corrimões.

— Cather. — Ele sorriu. — Agora é oficial: te trouxe pro meu quarto.

— Quem imaginaria que ficava ao fim de um labirinto?

Ele abriu a porta atrás de si, então pegou as mãos dela, puxando-a para cima e para dentro.

O quarto era muito pequeno, com trapeiras se projetando dos dois lados. Não havia luz no teto, então Levi acendeu um abajur que ficava ao lado da cama queen-size. Era mesmo só um quarto com uma cama — e uma namoradeira forrada de tecido turquesa brilhante que devia ter pelo menos uns cinquenta anos.

Ela olhou para cima e em volta.

— Estamos no ponto mais alto da casa, né?

— Nos aposentos dos empregados — ele disse. — Eu era o único que não ligava de ter que subir tudo isso de escada.

— Como você conseguiu trazer o sofá?

— Convenci Tommy a me ajudar. Foi horrível. Não sei como alguém conseguiu trazer esse colchão, com todas as curvas do caminho. Deve estar aqui desde sempre.

Cath se remexeu, nervosa, e o chão estalou debaixo dela. Levi não tinha arrumado a cama — havia uma colcha que parecia muito velha jogada

sobre ela, e uma confusão de travesseiros. Ele esticou a colcha e pegou um travesseiro do chão.

O quarto parecia mais próximo do exterior que o resto da casa. Exposto. Cath podia ouvir o vento assoviando contra as janelas.

— Deve fazer frio aqui…

— E calor no verão — ele disse. — Está com sede? Posso fazer um chá. Eu devia ter perguntado quando ainda estávamos lá embaixo.

— Não precisa — ela disse.

O cabelo de Levi, de onde ele estava, roçava no teto.

— Se importa se eu me trocar? Ajudei a lavar os cavalos antes de vir. Me sujei um pouco de lama.

Cath tentou sorrir.

— Claro.

Havia algumas gavetas embutidas na parede. Levi se ajoelhou diante de uma, depois saiu do quarto — a porta era pelo menos dois centímetros baixa demais para ele. Cath se sentou com cuidado na namoradeira. O tecido estava frio. Cath passou a palma por ele — era de um algodão escorregadio, com espirais e flores em relevo.

O quarto era pior do que ela pensara.

Escuro. Reservado. Praticamente nas árvores. Praticamente encantado.

Uma prova de cálculo pareceria íntima ali.

Ela tirou o casaco e o deixou sobre a cama, então tirou as botas molhadas e puxou as pernas para o assento. Se segurasse a respiração, conseguia ouvir Bon Iver tocando pelo menos dois andares abaixo.

Levi voltou antes que Cath estivesse pronta. (E não poderia ser diferente.) Parecia ter lavado o rosto, e usava jeans e uma camisa de flanela azul-bebê. A cor ficava bem nele. Fazia sua pele parecer mais bronzeada, seu cabelo mais loiro e sua boca mais rosada. Ele se sentou ao lado de Cath

no sofá, como ela sabia que faria. Com o tamanho daquele quarto, era impossível respeitar o espaço dos outros.

Ele pegou as mãos de Cath e as segurou meio soltas nas suas, olhando para elas, então passou a ponta dos dedos, subindo e descendo, pelas costas dos dedos dela.

Cath respirou fundo.

— Como você acabou morando aqui?

— Eu trabalhava com Tommy na Starbucks. Um dos caras com quem ele morava se formou e foi embora. Eu dividia uma casa com três vagabundos, e não ligava pra escada… O pai de Tommy comprou esse lugar para investir. Ele mora aqui desde o segundo ano da faculdade.

— O que ele estuda?

— Direito.

Cath assentiu. Quanto mais Levi tocava sua mão, mais ela sentia cócegas. Ela esticou os dedos e suspirou de leve.

— Está gostoso? — ele perguntou, erguendo seus olhos para ela sem que a cabeça acompanhasse. Cath assentiu de novo. Se ele continuasse a tocá-la, não seria mais capaz nem de falar. Teria que piscar uma vez para "sim" e duas para "não".

— Como foi o fim de semana? — Levi perguntou. — Como está sua família?

Cath balançou a cabeça.

— Maluca. Bem. Eu… acho que Wren e eu estamos bem de novo. Acho que fizemos as pazes.

Ele ergueu um canto dos lábios.

— É?

— É.

— Isso é ótimo.

Dava para ver que ele realmente achava que era.

— *É* — Cath disse. — É ótimo. Sinto que…

Levi colocou uma perna entre eles, e seu joelho roçou na coxa dela. Cath quase pulou para o braço do sofá.

Ele soltou um ruído frustrado que era meio risada e meio suspiro, e franziu o nariz.

— Você está tão nervosa assim?

— Acho que sim — ela disse. — Desculpa.

— Sabe por que está assim? Tipo, o que te deixa nervosa? Eu estava falando sério aquela hora, sobre tirar certos assuntos de jogo.

— Não tem nenhum jogo aqui — Cath disse. — Só uma cama.

Ele puxou a mão dela para o próprio peito.

— É disso que você tem medo?

— Não sei do que tenho medo… — Era mentira. E uma das grandes. Cath tinha medo de que Levi começasse a tocá-la e então os dois não conseguissem parar. Tinha medo de ainda não estar pronta para ser aquela pessoa. Alguém que não para. — Desculpa.

Levi olhou para as mãos dos dois, parecendo muito decepcionado e confuso. Aquela não era a maneira certa de tratá-lo. Não sendo sincera. Se mantendo distante. Depois que ele se expusera de novo e de novo.

— Este fim de semana… — Cath disse, tentando se aproximar dele no sofá. Ela se ajoelhou na almofada ao lado dele. — Obrigada.

Levi voltou a sorrir e ergueu os olhos, e só os olhos, para Cath.

— Acho que nem consigo dizer o quanto foi importante pra mim — ela continuou. — Te ver no hospital. Você ter ido até lá. — Ele apertou a mão dela. Cath prosseguiu. — Acho que nem consigo te dizer o quanto você é importante pra mim — ela disse. — Levi.

Ele levantou o rosto. Seus olhos pareciam esperançosos agora. Cuidadosos.

— Vem aqui — Levi disse, puxando a mão dela.

— Acho que não sei como.

Ele tensionou a mandíbula.

— Tenho uma ideia.

— Não posso te ler minha fanfic — ela disse, brincando. — Não trouxe o notebook.

— Mas trouxe o celular, não?

Ela inclinou a cabeça.

— É essa mesmo sua ideia? Ler fanfic?

— É — ele disse, acariciando a palma da mão dela. — Sempre te relaxa.

— Achei que você queria que eu lesse porque estava gostando da história…

— E estou gostando. Também gosto de como te deixa relaxada. Você não terminou de ler aquela do coelho pra mim. E nunca leu nem um trecho de *Sempre em frente.*

Cath olhou para o casaco. O celular estava no bolso.

— Sinto que estou te decepcionando — ela disse. — A ideia era eu vir aqui para fazer coisas com você, não ler uma fanfic boba.

Levi mordeu o lábio e conteve uma risada.

— *Fazer coisas*. É assim que o pessoal fala agora? Anda, Cath, quero saber o que acontece. Eles mataram o coelho e Simon finalmente descobriu que Baz é um vampiro.

— Tem certeza?

Levi sorriu, ainda parecendo cuidadoso demais, e assentiu.

Cath levantou do sofá e foi pegar o celular. Não estava acostumada a procurar suas fanfics no Google, mas quando digitou “Magicath” e “quinta

lebre” o texto apareceu na hora.

Enquanto ela pensava em como se sentar, Levi levou as mãos à cintura dela e a puxou de costas para si, delicadamente.

— Está bom assim? — ele perguntou.

Ela assentiu.

— Vê se eu já li essa parte. “*Simon não sabia o que dizer. Como responder… àquilo. Àquela informação.*”

— Acho que sim.

— A gente chegou à parte em que a lebre pega fogo?

— Quê? Não.

— Tá — Cath disse. — Acho que já achei.

Ela se reclinou contra o peito de Levi e sentiu o queixo dele em seu cabelo. *Assim está bom*, ela disse a si mesma. *Já ficamos assim antes.* Ela ajeitou os óculos no alto da cabeça e pigarreou.

Simon não sabia o que dizer. Como responder… àquilo. Àquela informação.

Ele pegou a espada e a limpou na capa.

— Você está bem?

Baz lambeu os lábios — como se estivessem secos, Simon pensou — assentiu.

— Que bom — Simon disse, e se deu conta de que estava sendo sincero.

Então uma coluna de fogo surgiu atrás de Baz, lançando seu rosto nas sombras.

Ele se virou e se afastou do coelho. A pata do animal pegava fogo, e as chamas subiam para seu peito.

— Minha varinha… — Baz disse, olhando para o chão em volta. — Rápido, lança um feitiço pra apagar, Snow.

— Eu… não conheço nenhum — Simon disse.

Baz pegou a mão da varinha de Simon e envolveu os dedos com os dele.

— Faz um pedido! — *ele gritou, movimentando a varinha em um semicírculo.*

O fogo se extinguiu e o berçário ficou no escuro.

Baz soltou a mão de Simon e foi em busca de sua varinha. Simon chegou mais perto do cadáver macabro.

— E agora? — ele perguntou.

Como se respondesse, o coelho começou a brilhar, depois desbotar — até que desapareceu, sem deixar nada para trás além de um cheiro metálico e de cabelo queimado.

E algo mais…

Baz conjurou uma de suas bolas de luz azul.

— Ah — ele disse, recuperando a varinha. — O desgraçado estava em cima dela.

— Olha — Simon disse, apontando para outra sombra no chão. — Acho que é uma chave.

Ele se inclinou para pegá-la. Era uma chave antiga, com a ponta dentada.

Baz deu um passo à frente para ver melhor. Ele pingava sangue; o cheiro era insuportável.

— Acha que é isso que tenho que encontrar? — Simon perguntou.

— Bom — Baz disse, pensativo —, chaves parecem mais úteis que coelhos assassinos gigantes… Com quantos mais você tem que lutar?

— Cinco. Mas não posso fazer isso sozinho. Esse aí teria me matado se…

— Temos que limpar essa sujeira — Baz disse, olhando para as manchas no tapete grosso.

— Vamos ter que contar ao Mago quando ele voltar — Simon disse. — Causamos danos demais aqui pra lidar com isso sozinhos.

Baz ficou em silêncio.

— Vamos — Simon disse. — É melhor a gente se limpar agora.

O banheiro masculino estava tão vazio quanto o resto da escola. Eles escolheram cabines de lados opostos…

— O que foi? — Levi perguntou.

Cath tinha parado de ler.

— É meio esquisito ficar lendo essa coisa gay melosa em voz alta, com seus amigos aqui. Um deles é gay? Acho que não consigo ler com um gay de verdade presente.

Levi riu.

— Micah? Relaxa, não tem problema. Ele fica vendo coisas hétero na minha frente o tempo todo. É obcecado por *Titanic*.

— É diferente.

— Cath, não tem problema. Ninguém está te ouvindo… Espera aí. Vai rolar alguma coisa? Tipo, *no chuveiro*?

— *Não* — Cath disse. — Afe…

Levi ajeitou os braços em volta da cintura dela até que a estivesse abraçando direito. Então aproximou a boca de seus cabelos.

— Lê pra mim, linda.

Simon saiu do banho primeiro e vestiu um jeans limpo. Quando olhou para a cabine de Baz, a água continuava escorrendo rosada aos pés dele.

Vampiro*, Simon pensou, se permitindo pensar na palavra pela primeira vez, enquanto observava a água escorrendo.*

Aquilo deveria tê-lo enchido de ódio e aversão — pensar em Baz geralmente o enchia daquilo. Mas tudo o que Simon sentia no momento era

alívio. Baz o ajudara a encontrar o coelho, o ajudara a lutar contra ele, mantivera ambos vivos.

Simon estava aliviado. E agradecido.

Ele jogou suas roupas manchadas e chamuscadas no lixo, então voltou para o quarto. Demorou bastante para que Baz se juntasse a ele. Quando o fez, tinha um aspecto melhor do que Simon vira nele o ano todo. Suas bochechas e lábios estavam corados, e as sombras tinham desaparecido de seus olhos cinza.

— Está com fome? — Simon perguntou.

Baz começou a rir.

O sol ainda não tinha aparecido no horizonte, e não havia ninguém na cozinha. Simon encontrou pão, queijo e maçãs, e empilhou tudo numa bandeja. Parecia estranho ficarem sozinhos no refeitório vazio, então ele e Baz se sentaram no chão da cozinha, recostados nos armários.

— Vamos acabar logo com isso — Baz disse, mordendo uma maçã-verde, em uma tentativa escancarada de parecer tranquilo. — Você vai contar ao Mago sobre mim?

— Ele já sabe que você é um imbecil completo — Simon disse.

— Tá — Baz disse, baixo —, mas isso é pior, e você sabe. Sabe o que o Mago vai ter que fazer.

Entregar Baz ao conciliábulo.

O que significava prisão, talvez morte. Fazia seis anos que Simon tentava fazer com que Baz fosse expulso, mas nunca quisera vê-lo empalado.

No entanto… Baz era um vampiro — um vampiro*, droga. Um monstro. E ele já era inimigo de Simon antes daquilo.*

— Um *monstro* — Levi repetiu. Ele ergueu uma mão para tirar a presilha do cabelo de Cath. Os óculos estavam presos ali e caíram para o lado, no braço dela. Levi os pegou e os jogou na cama. — Seu cabelo ainda está molhado — ele disse, soltando-o com uma mão.

Simon olhou para Baz e mais uma vez tentou demonstrar o horror adequado. Tudo o que conseguiu reunir foi desânimo e cansaço.

— Quando aconteceu? — ele perguntou.

— Já te disse — Baz falou. — Acabamos de deixar a cena do crime.

— Você foi mordido no berçário? Quando criança? Como ninguém percebeu?

— Minha mãe tinha morrido. Meu pai veio me buscar para me levar de volta para casa. Acho que ele devia desconfiar… Nunca falamos a respeito.

— Ele não percebeu quando você começou a chupar o sangue das pessoas?

— Eu não faço isso — Baz soltou, imperioso. — Além do mais, a sede… não se manifesta de imediato. Só na adolescência.

— Tipo acne?

— Fale por si mesmo, Snow.

— Quando começou pra você?

— Nas últimas férias — Baz disse, olhando para baixo.

— E você não…

— Não.

— Por que não?

Baz virou para ele.

— Está brincando comigo? Vampiros mataram minha mãe. E se eu for descoberto, vou perder tudo… Minha varinha. Minha família. Talvez minha vida. Sou um feiticeiro. Não sou… — ele apontou para a garganta e o rosto — … isso.

Simon se perguntou se ele e Baz já tinham ficado tão próximos, se já tinham se permitido sentar tão perto, em todos aqueles anos morando juntos. O ombro de Baz quase tocava o dele, e Simon podia ver cada protuberância ou sombra no rosto notoriamente pálido de Baz. Cada linha de seus lábios, cada tom de azul em seus olhos cinza.

— Como você se mantém vivo? — Simon perguntou.

— Eu me viro, muito obrigado.

— Não muito bem — Simon disse. — Fica com uma aparência péssima.

Baz deu um sorriso afetado.

— De novo, muito obrigado, Snow. É ótimo ouvir isso.

— Não foi o que eu quis dizer — Simon falou. — Você está com uma boa aparência agora. — Baz arqueou uma sobrancelha e abaixou a outra. — Mas nos últimos tempos, parece estar definhando — Simon insistiu. — Você tem… bebido*… alguma coisa?*

— Faço o que posso — Baz disse, jogando o miolo da maçã no prato. — Você não quer saber os detalhes.

— Quero, sim — Simon disse. — Como seu colega de quarto, tenho muito interesse em impedir que você ande por aí com sede de sangue.

A mão de Levi continuava no cabelo de Cath. Ela sentiu quando ele o levantou, sentiu a boca na nuca dela. O outro braço de Levi puxou a coxa dela para si. Cath se concentrou no celular. Fazia tanto tempo que havia escrito aquela história que nem se lembrava direito de como acabava.

— Eu nunca *morderia você — Baz disse, com os olhos fixos nos de Simon.*

— Que bom — Simon disse. — Fico feliz que planeje me matar à moda antiga. Mas precisa admitir que deve ser difícil pra você.

— É claro que é difícil. — Baz ergueu uma mão no ar, no que Simon reconheceu como um gesto típico dele. — Tenho uma sede milenar e passo o dia todo cercado por bolsas de sangue inúteis.

— E a noite também — Simon disse, baixo.

Baz balançou a cabeça e desviou o olhar.

— Eu disse que nunca machucaria você — ele murmurou.

— Então me deixa ajudar. — Simon se moveu alguns centímetros, de modo que seus ombros se tocaram. Mesmo com a camiseta dele e a camisa de algodão de Baz, ele sentia que o outro não estava mais gelado. Estava quente. Parecia saudável.

— Por que quer me ajudar? — Baz perguntou, voltando a virar para Simon, que agora estava perto o bastante para sentir o calor suave do hálito de Baz em seu queixo. — Você esconderia um segredo desses de seu mentor para ajudar o inimigo?

— Você não é o inimigo — Simon disse. — É só… um péssimo colega de quarto.

Cath sentiu Levi rindo em sua nuca.

Simon sentiu Baz rindo em seus cílios.

— Você me odeia — Baz argumentou. — Desde o momento em que nos conhecemos.

— Não odeio isso *— Simon disse. — O que você está fazendo. Negando sua necessidade primordial pra proteger outras pessoas. É mais heroico que qualquer coisa que eu tenha feito.*

— Não é minha necessidade primordial *— Baz disse, baixo.*

— Sabia que metade do tempo que a gente passa junto você fica falando sozinho? — Simon disse.

— Ah, Snow, não achei que você ligasse.

— Eu ligo *— Simon disse, sentindo seis anos de irritação e raiva e doze horas de exaustão chegarem a um pico vertiginoso em algum ponto entre suas orelhas. Ele balançou a cabeça, e deve ter se inclinado para a frente, porque acabou roçando o nariz e o queixo em Baz. — Me deixa te ajudar.*

Baz manteve a cabeça imóvel. Então assentiu, batendo a testa contra a de Simon delicadamente.

— Eu ligo *— Simon disse, deixando a boca vagar para a frente. Ele pensou em tudo que tinha passado pelos lábios do outro. Sangue, bile e maldições.*

Mas a boca de Baz estava suave agora, e tinha gosto de maçã.

E naquele momento, Simon não se importou de estar mudando tudo.

Cath fechou os olhos e sentiu o queixo de Levi percorrendo sua nuca.

— Continua lendo — ele sussurrou.

— Não posso — ela disse. — Acabou.

— Acabou? — Ele afastou o rosto. — Mas o que acontece? Eles enfrentam os outros coelhos? Ficam juntos? Simon termina com Agatha?

— Você é quem decide. O texto não diz mais nada.

— Mas *você* pode dizer. Você escreveu.

— Escrevi dois anos atrás — Cath disse. — Não sei no que estava pensando na época. Principalmente nesse último parágrafo. É bem fraco.

— Eu gostei de tudo — Levi disse. — Gostei da “sede primordial”.

— É, acho que foi uma frase razoável…

— Lê outra coisa — ele sussurrou, beijando o ponto debaixo da orelha dela.

Cath inspirou fundo.

— O quê?

— Qualquer coisa. Outra fanfic, as últimas notícias sobre a soja… Você é tipo um tigre que adora Brahms: desde que esteja lendo, deixa que eu te

toque.

Levi estava certo. Desde que ela estivesse lendo, era quase como se ele estivesse tocando outra pessoa. O que era meio esquisito, agora que Cath pensava a respeito…

Ela deixou o celular cair no chão.

Então virou para Levi, devagar, sentindo sua cintura girar nos braços do garoto, erguendo os olhos para o queixo dele e balançando a cabeça.

— Não — Cath disse. — *Não.* Não quero me distrair. Quero te tocar também.

O peito de Levi subiu assim que ela pôs ambas as mãos na camisa de flanela dele.

Seus olhos se arregalaram.

— Tá…

Cath se concentrou na ponta dos dedos. Sentindo a flanela, sentindo-a escorregar pela camiseta que ele usava por baixo — sentindo Levi sob ela, seus músculos e seus ossos. Seu coração batia na palma da mão de Cath, bem ali, como se ela pudesse fechar os dedos em torno dele…

— Gosto muito de você — Levi sussurrou.

Ela assentiu e espalhou os dedos.

— Gosto muito de você também.

— Fala de novo — ele pediu.

Cath riu. Tinha que haver uma palavra específica para uma risada que termina assim que começa. Uma risada que é mais uma surpresa e um reconhecimento que qualquer outra coisa. Cath rira daquele jeito, então deixara a cabeça pender para a frente, empurrando o peito dele com as mãos.

— Gosto muito de você, Levi.

Cath sentiu as mãos de Levi em sua cintura e a boca dele em seu cabelo.

— Não para de falar — ele disse.

Cath sorriu.

— Gosto de você — ela repetiu, roçando o nariz no queixo dele.

— Eu teria feito a barba se soubesse que ia te ver hoje.

O queixo de Levi se movia quando ele falava.

— Gosto de você assim — ela disse, deixando que roçasse em seu nariz e em sua bochecha. — Gosto de você.

Ele levou uma mão à nuca de Cath e a manteve ali.

— Cath…

Ela engoliu em seco e tocou o queixo dele com os lábios.

— Levi.

Naquele momento, Cath se deu conta de como estava próxima do contorno da mandíbula de Levi, e se recordou do que havia prometido a si mesma fazer ali. Cath fechou os olhos e beijou um ponto debaixo de seu queixo, atrás da mandíbula, onde ele era macio e quase gordinho, lembrava um bebê. Levi arqueou o pescoço, e foi ainda melhor do que Cath esperava.

— Gosto de você — ela disse. — Muito. Gosto desse ponto seu.

Cath subiu as mãos até o pescoço dele. Como Levi era quentinho… a pele grossa, mais grossa do que a dela, irradiando calor. Cath enfiou os dedos no cabelo dele e segurou a parte de trás de sua cabeça.

Os dedos de Levi imitavam os dela, puxando seu rosto para mais perto.

— Cath, se eu te beijar agora, você vai pular pra longe?

— Não.

— Vai entrar em pânico?

Ela balançou a cabeça.

— Provavelmente não.

Ele mordeu um canto do lábio inferior e sorriu. Seus lábios curvados impediram um sorriso mais largo.

— Gosto de você — Cath sussurrou.

Ele a puxou para si.

Certo. Tinha *aquilo*. Beijar Levi.

Era muito melhor quando Cath estava desperta e sua boca não estava cansada de ter lido a noite toda em voz alta. Ela assentiu, assentiu e o beijou de volta.

Quando Baz e Simon se beijavam, Cath sempre se demorava no momento em que um deles abria a boca. Mas quando se está beijando alguém na vida real, é difícil mantê-la fechada. A boca de Cath já tinha aberto antes mesmo que Levi chegasse ali. Estava aberta naquele instante.

A boca de Levi também estava aberta, e ele fazia menção de se afastar, como se fosse dizer alguma coisa; então voltava a projetar o queixo para a frente, de volta ao dela.

Ah, o queixo dele. Cath queria se casar com aquele queixo. Queria trancá-lo a sete chaves.

Na vez seguinte em que Levi se afastou, Cath voltou a beijar seu queixo, com o rosto sob sua mandíbula.

— Gosto tanto desse ponto seu.

— E eu gosto tanto de você — Levi disse, deixando a cabeça cair para trás no sofá. — Mais do que gosto, sabia?

— E desse — Cath disse, levando o nariz à orelha dele. Os lóbulos de Levi eram colados à cabeça. O que fazia Cath pensar em genética. Em Mendel. E a fazia tentar afastá-los com os dentes. — Esse ponto seu é ótimo — ela disse. Os ombros dele ficaram tensos, como se aquilo fizesse cócegas.

— Vem aqui, vem aqui — Levi disse, puxando-a pela cintura. Ela estava sentada ao seu lado, e ele parecia querer puxá-la para o seu colo.

— Sou pesada — Cath disse.

— Ótimo.

Cath sempre soubera que ia se esbaldar se ficasse sozinha com Levi, e vinha provando aquilo. Ela atacava sua orelha. Queria sentir cada parte dele em seu rosto.

Foi o.k.…, ela o imaginava contando para Reagan ou para um dos dezoito caras com quem dividia a casa no dia seguinte. *Ela não parava de lamber minha orelha. Acho que deve ter um fetiche. E não vou nem comentar o que fez com meu queixo.*

Levi ainda segurava sua cintura, apertada demais, como se estivesse se preparando para levantá-la em uma competição de patinação no gelo em duplas.

— Cath… — ele disse, e engoliu em seco. Seu pomo-de-adão desceu, e ela tentou pegá-lo com a boca.

— E desse ponto também — ela disse, e sua voz soava dolorida. Ele era amoroso demais, bonzinho demais, demais. — Muito. Na verdade… da sua cabeça inteira. Gosto da sua cabeça inteira.

Levi riu, e ela tentou beijar tudo o que se moveu. Seu pescoço, seus lábios, suas bochechas, o canto de seus olhos.

Baz nunca beijaria Simon de maneira tão caótica.

Simon nunca apertaria o nariz contra o V na linha do cabelo de Baz, como Cath estava prestes a fazer com Levi.

Ela obedeceu às mãos dele e subiu em seu colo, deixando um joelho de cada lado de seus quadris. Levi inclinou o pescoço para olhá-la, e Cath segurou seu rosto pelas têmporas.

— Gosto disso, disso, disso — ela falou, beijando a testa de Levi, se permitindo tocar o cabelo dele, leve como uma pluma. — Ah, Levi… Essa sua testa me deixa maluca.

Cath alisou o cabelo dele com as mãos e o rosto, então beijou o topo de sua cabeça, como ele sempre fazia com ela (os únicos beijos que ela havia permitido por inúmeras semanas).

O cabelo de Levi não cheirava a xampu — ou a trevo recém-cortado. Cheirava principalmente a café e ao travesseiro de Cath por uma semana depois que ele dormira na cama dela. A boca de Cath se concentrou na linha do cabelo dele, onde os fios eram mais claros e mais finos. O cabelo dela não era nem um pouco tão macio.

— Gosto de você — ela disse, se sentindo esquisita e lacrimejando. — Gosto muito de você, Levi.

Aí ela beijou a linha do meu cabelo e chorou, ela o imaginou dizendo. Em sua imaginação, Levi era o protagonista de *Grease*, e os caras que moravam com ele eram os outros T-Birds. *Tell me more, tell me more*, já dizia a música.

O rosto dele irradiava calor nas mãos dela.

— Vem *aqui* — Levi disse, pegando a mandíbula de Cath com uma mão e levando a própria boca à dela.

Certo.

Tinha *aquilo*. Beijar Levi.

Aquilo, aquilo e *aquilo*.

— Você não tem mão-boba… — Levi sussurrou para ela depois. Estava encolhido no canto da namoradeira, enquanto Cath descansava em cima dele. Ela passara horas ali. Curvada sobre Levi como se fosse um vampiro. Apesar de exausta, Cath não conseguia parar de esfregar os lábios adormecidos no peito coberto de flanela dele. — É mais um lance de boca…

— Desculpa — Cath disse, mordendo os lábios.

— Não seja boba — ele disse, afastando o lábio dela dos dentes com o dedão. — E não precisa pedir desculpa… nunca mais.

Levi a puxou, de modo que o rosto de Cath ficasse acima do dele. O olhar dela correu para o queixo dele, por hábito.

— Olha pra mim — Levi pediu.

Cath olhou. Para o rosto em tom pastel de Levi. Amoroso demais, bonzinho demais.

— Gosto de você aqui — ele disse, apertando-a. — Comigo.

Cath sorriu, já começando a baixar os olhos.

— Cather…

Ela voltou a encará-lo.

— Você sabe que estou me apaixonando, né?

— Você sabia o tempo todo?

— Não o tempo todo *— Penelope disse. — Mas faz tempo. Pelo menos desde o quinto ano, quando você insistia em seguir Baz pelo castelo dia sim, dia não. Você me fez ir a todos os jogos de futebol dele.*

— Pra garantir que Baz não estava trapaceando — Simon disse, por hábito.

— Sei — Penelope disse. — Eu estava começando a me perguntar se você *ia perceber um dia. Você percebeu, né?*

Simon sentiu que sorria e corava, e não era a primeira vez naquela semana. Nem a quinquagésima.

— É…

de *Sempre em frente, Simon*, postado em março de 2011
pela autora do FanFixx.net Magicath

TRINTA E DOIS

Wren estava de volta, e parecia que alguém havia virado o mundo de Cath de cabeça para cima. Era como se durante todos os meses anteriores ela tivesse ficado pendurada no chão, tentando não cair no teto.

Agora, Cath podia ligar para a irmã sempre que queria. Sem precisar pensar duas vezes ou se preocupar. Elas almoçavam e jantavam juntas. Adaptavam seus horários uma de acordo com a outra, preenchendo qualquer tempo livre.

— É como se você tivesse recuperado um braço perdido ou algo do tipo — Levi disse. — Como se fosse uma estrela-do-mar radiante. — Com o tanto que ele sorria, seria de pensar que fora ele quem fizera as pazes com a irmã. — Aquilo estava te fazendo mal. Não falar com sua mãe. Não falar com sua irmã. Era meio Esaú e Jacó.

— Ainda não estou falando com minha mãe — Cath disse.

Ela tinha conversado com Wren sobre a mãe. Bastante, na verdade.

Wren não ficou surpresa ao saber que Laura havia ido embora do hospital.

— Ela não lida com nada pesado — Wren dissera. — Fico surpresa que tenha aparecido.

— Deve ter achado que você estava morrendo.

— Eu não estava morrendo.

— Como é possível não lidar com nada pesado? — Cath perguntara, indignada. — É isso o que as mães fazem.

— Ela não quer ser mãe — Wren dissera. — Até pediu que eu a chame de Laura.

Cath decidiu voltar a chamar Laura de “mãe” em sua cabeça. Então decidiu simplesmente deixar de pensar nela…

Wren ainda falava com ela (com aquela-que-não-devia-ser-nomeada). Disse que trocavam mensagens e eram amigas no Facebook. Wren achava que tudo bem aquele nível de envolvimento. Parecia pensar que era melhor que nada e mais seguro que tudo.

Cath não compreendia. Seu cérebro simplesmente não funcionava daquele jeito. Ou seu coração.

Mas ela estava cansada de brigar com Wren sobre aquela questão.

Agora que Cath e Wren tinham voltado a ser Cath e Wren, Levi achava que todos deviam ficar juntos o tempo todo. Os quatro.

— Você sabia que Jandro também é da agronomia? — ele perguntou. — Já fizemos algumas matérias juntos.

— A gente podia sair sempre em quarteto — Cath disse —, depois casar no mesmo dia, numa só cerimônia, com vestido combinando, e acender a vela da união todos juntos.

— Afe — Levi disse. — Vou escolher meu próprio vestido.

Os quatro já tinham se reunido uma ou duas vezes, sem combinar. Porque Jandro tinha ido buscar Wren. Porque Levi tinha ido buscar Cath.

— Você não quer passar um tempo comigo e com Wren juntas — Cath tinha tentado explicar a Levi. — Só ficamos ouvindo rap e falando do Simon.

Faltavam apenas seis semanas até que *A oitava dança* fosse publicado, e Wren estava ainda mais estressada com aquilo do que Cath.

— Não sei como você vai resolver tudo — ela dizia.

— Tenho um rascunho — Cath insistia com ela.

— É, mas também tem aula. Me deixa ver esse rascunho.

Em geral, elas se reuniam diante do notebook no quarto de Cath. Ficava mais perto do campus.

— Não esperem que eu saiba distinguir vocês — Reagan dissera, quando aquilo tinha se tornado uma rotina.

— Tenho cabelo curto — Wren dissera —, e ela usa óculos.

— Para — Reagan grunhira. — Não me obrigasse a olhar pra vocês. Parece *O iluminado*.

Wren inclinara a cabeça e semicerrara os olhos.

— Não sei se você está falando sério ou brincando.

— Não importa — Cath dissera. — Ignora.

Reagan franzira a testa para Cath.

— Você é o Zack ou o Cody?

Naquele dia, elas estavam no quarto de Wren, só para dar sossego a Reagan. Estavam sentadas na cama dela, com o notebook sobre um joelho de cada. Courtney também estava lá, se arrumando para sair. Ia estudar em uma irmandade.

— Você não pode matar o Baz — Wren disse, apertando a tecla para descer a tela enquanto dava uma olhada no rascunho de *Sempre em frente* que a irmã tinha feito. Elas viviam voltando àquele ponto. Wren estava inflexível.

— Eu nunca pensei que mataria Baz — Cath disse. — Nunca mesmo. Mas seria a redenção final, sabe? Se Baz se sacrificar por Simon, depois de todos aqueles anos brigando, depois de um ano de amor… vai tornar tudo pelo que eles passaram ainda mais emocionante.

— Vou ter que te matar se você matar o Baz — Wren disse. — E vou ser a primeira de uma longa fila.

— Eu tenho certeza de que ele vai morrer no último filme — Courtney disse, colocando o casaco. — Simon *tem* que matar Baz. Ele é um vampiro.

— Antes ele vai ter que morrer no último livro — Cath disse. Ela ainda não sabia se Courtney era burra mesmo ou se só não se dava ao trabalho de pensar antes de falar. Wren balançou a cabeça para Cath e revirou os olhos, como quem dizia "nem perde seu tempo com ela".

— Não se matem escrevendo, mocinhas — Courtney disse, acenando para elas ao sair. Só Cath acenou de volta.

Algo havia acontecido entre Wren e Courtney. Cath não tinha certeza se era por causa do pronto-socorro ou alguma outra coisa. Elas ainda eram amigas; ainda almoçavam juntas. Mas até coisas pequenas pareciam irritar Wren agora — o fato de que Courtney usava salto alto com calça jeans ou de que às vezes falava "escrevido" em vez de "escrito". Cath tentara perguntar a respeito, mas a irmã sempre mudava de assunto.

— Ela está errada — Cath disse. — Não acho que Gemma vá matar Baz.

— Espero que você também não mate — Wren disse.

— Mas assim ele seria um grande herói romântico. Tipo Tony em *Amor, sublime amor* ou Jack em *Titanic*. Ou Jesus.

— Quanta asneira — Wren disse.

Cath riu.

— *Asneira?*

Wren deu uma ombrada nela.

— *É*. O maior ato de heroísmo dele não deveria ser a morte. Você está sempre dizendo que quer dar a ele a história que merece. Salvar Baz da Gemma…

— Não acho que ela perceba o potencial que ele tem como personagem — Cath disse.

— Então vai matar Baz? A melhor vingança não é uma vida bem vivida? O jeito radical de encerrar *Sempre em frente* seria deixar que Baz e Simon vivessem felizes para sempre.

Cath riu.

— Estou falando sério — Wren disse. — Os dois passaram por tanta coisa juntos. Não só na sua história, mas na de Gemma, e nas centenas de fanfics que lemos sobre eles… Pensa nos leitores. Pensa em como seria bom deixar a gente com um pouquinho de esperança.

— Mas não quero ser melosa.

— Felizes para sempre, ou só *juntos* para sempre, não é meloso — Wren disse. — É a coisa mais nobre e corajosa que duas pessoas podem desejar.

Cath avaliou o rosto de Wren. Foi como olhar para um espelho levemente destorcido. *Através de um vidro, sombriamente.*

— Você está apaixonada?

Wren corou e olhou para o notebook.

— Não estou falando de mim, estou falando de Simon e Baz.

— Mas eu estou falando de você — disse Cath. — Você está apaixonada?

Wren puxou o notebook totalmente para suas pernas e começou a subir as páginas do rascunho de Cath.

— Estou — ela disse, calma. — E não tem nada de errado com isso.

— Eu não disse que tinha. — Cath sorriu. — Você está *apaixonada*.

— Ah, cala a boca. Você também está.

Cath fez menção de retrucar.

— Nem vem — Wren disse, apontando para o rosto da irmã. — Eu vi como você olha pro Levi. Como foi que você escreveu pro Simon que os olhos dele seguiam Baz "como se fosse a coisa mais brilhante da sala, como se deixasse todo o resto nas sombras"? É você. Não consegue tirar os olhos dele.

— Eu… — Cath estava certa de que Levi era mesmo a coisa mais brilhante da sala, de qualquer sala. Brilhante, quente, estalante. Ele era uma fogueira humana. — Gosto muito dele.

— Já dormiu com ele?

— *Não*. — Cath sabia a que Wren estava se referindo, sabia que a irmã não queria ouvir sobre a colcha de retalhos da avó de Levi e o modo como eles haviam dormido encaixadinhos, como cadeiras empilháveis. — Você dormiu? Com Jandro?

Wren riu.

— *Dã.* Então… Você vai dormir?

Cath mexeu no punho direito. Da mão que escrevia.

— Vou — ela disse. — Acho que sim.

Wren pegou o braço de Cath, depois a empurrou.

— Ai, meu Deus. Vai me contar quando acontecer?

— *Dã.* — Cath a empurrou de volta. — Bom, não acho que precisa acontecer agora, tipo, imediatamente, mas ele me deixa com vontade. E faz com que eu pense… que vai ficar tudo bem. Que não preciso me preocupar com a possibilidade de estragar tudo.

Wren revirou os olhos.

— Você não vai estragar tudo.

— Bom, também não vou ser boa, né? Lembra quanto tempo demorei pra aprender a dirigir? E ainda não consigo patinar de costas…

— Pensa em quantas primeiras vezes lindas você escreveu pro Simon e pro Baz.

— É totalmente diferente — Cath disse. — Inclusive em termos de anatomia.

Wren começou a rir e não conseguiu mais parar. Ela abraçou o notebook junto ao peito.

— Você fica mais confortável com a anatomia *deles* do que… — ela ainda ria — … com a sua, mas… mas nunca nem *viu* a deles…

— Tento contornar isso quando escrevo — Cath disse, rindo também.

— Eu sei, e faz um bom trabalho.

Quando elas se cansaram de rir, Wren deu um soco no braço de Cath.

— Você vai mandar bem. Nas primeiras vezes, só estar ali já vale.

— Ótimo — Cath zombou. — Isso faz com que eu me sinta melhor. — Ela balançou a cabeça. — Nem é o momento de ter essa conversa ainda.

Wren sorriu, mas parecia séria, como se quisesse alguma coisa.

— Ei, Cath…

— O que foi?

— Não mata o Baz. Posso até ser sua leitora beta, se quiser. Mas… não mata ele. Baz merece um final feliz mais que qualquer outra pessoa.

— *Shh.*

— *Eu só…*

— *Quieto.*

— *Fico preocupado que…*

— *Não fique.*

— *Mas…*

— *Simon.*

— *Baz?*

— *Vem.*

de *Sempre em frente, Simon*, postado em setembro de 2011 pela autora do FanFixx.net Magicath

TRINTA E TRÊS

— Você já começou? — a professora Piper perguntou.

— Já — Cath mentiu.

Ela não tinha outra opção. Não ia dizer que não, ou a professora poderia desistir de toda aquela empreitada. Cath ainda não havia mostrado nada a ela…

Porque não havia *escrito* nada.

Tinha coisas demais acontecendo. Wren. Levi. Baz. Simon. O pai dela… Na verdade, Cath não andava mais tão preocupada com o pai quanto antes. Aquilo era uma vantagem de Wren ter que voltar para casa todo fim de semana. Quando a irmã ficava presa em casa, o tédio fazia com que praticamente narrasse ao vivo para Cath tudo o que acontecia, através de mensagens e e-mails constantes. papai está me fazendo ver um documentário sobre a expedição de lewis e clark. é como se ele QUISESSE que eu bebesse. Wren nem sabia do conto que Cath precisava escrever para a aula.

Cath pensara em dizer à professora Piper — de novo — que ela não havia sido feita para a escrita de ficção, que tinha praticamente desenvolvido uma fobia. Mas ao chegar lá e deparar com o rosto esperançoso e confiante da professora Piper…

Ela não conseguiu. Preferiria suportar reuniões excruciantes a dizer a verdade: que só pensava na tarefa quando estava na sala da professora.

— Isso é ótimo — a professora disse, se inclinando sobre a mesa para dar alguns tapinhas no braço de Cath, sorrindo daquela maneira que a garota

gostava. — Fico tão aliviada. Achei que fosse ter que fazer outro discurso dramático, e não sabia se ia aguentar.

Cath sorriu. E pensou na criatura repugnante que era.

— Então me conta — a professora disse. — Ou posso ler o que escreveu até agora?

Cath fez que não com a cabeça rápido demais, então continuou negando num ritmo normal.

— Não, ainda não. Eu só… ainda não.

— Tudo bem. — A professora pareceu desconfiada. (Ou talvez fosse só Cath sendo paranoica.) — Pode me dizer sobre o que está escrevendo?

— Posso — Cath disse. — Claro. Estou escrevendo sobre… — Ela imaginou uma roleta enorme girando. Como num programa de auditório da TV. Onde quer que parasse, estaria definido: ela teria que escrever sobre aquilo. — Estou escrevendo sobre…

A professora Piper sorriu. Como se soubesse que Cath estava mentindo, mas ainda quisesse muito que ela conseguisse se safar.

— Minha mãe — Cath disse. E engoliu em seco.

— Sua mãe — a professora repetiu.

— É. Bom… é meu ponto de partida.

A expressão da professora pareceu quase brincalhona.

— É o ponto de partida de todo mundo.

— O ninho da águia — Cath disse. — É o que é.

Levi estava sentado com as costas apoiadas na cabeceira da cama e Cath estava em seu colo, com as pernas enlaçando sua cintura. Ela andava passando bastante tempo no colo dele. Gostava de ficar por cima, de sentir que podia sair se quisesse. (Mas quase nunca queria.) Cath também passava bastante tempo fazendo questão de não pensar em mais nada que pudesse

estar acontecendo naquela região; tratava-se de um território abstrato, no que dizia respeito a Cath. Incerto. Não mapeado. Se ela pensasse no colo de Levi em termos concretos, acabaria saindo da cama e se encolhendo sozinha na namoradeira.

— E o que que é?

— Este lugar.

— Ah. — Ele assentiu. — Tá.

Levi passou a mão pelo cabelo. Cath fez o mesmo com a própria mão, sentindo os fios sedosos escaparem de seus dedos. Ele sorriu para Cath como se ela fosse alguém que tivesse acabado de lhe pedir um latte de menta.

— Está tudo bem? — Cath perguntou.

Levi assentiu e beijou o nariz dela.

— Claro.

Ele sorriu de novo, mas só com a boca.

— O que foi? — Cath começou a sair de seu colo, mas Levi a segurou.

— *Nada.* Nada importante, é só que… — Ele fechou os olhos, como se estivesse com dor de cabeça. — Recebi uma prova hoje. A nota não foi nem um pouco boa, mesmo pra mim.

— Ah. Você estudou?

— Claramente não o bastante.

Cath não sabia muito bem quanto Levi estudava. Ele nunca abria um livro — mas ia de fone de ouvido para todo lugar. Estava sempre ouvindo uma palestra na caminhonete quando ia buscá-la. Mas sempre desligava quando ela subia no carro.

Cath pensava em como ele costumava estudar com Reagan, espalhando fichas por todo o quarto, respondendo uma pergunta após a outra…

— É por minha causa, né?

— Não. — Ele sacudia a cabeça.

— Indiretamente — ela disse. — Você não está mais estudando com outras pessoas.

— Cather. Olha pra mim. Nunca fui tão feliz.

— Você não parece feliz.

— Eu não quis dizer neste instante. — Ele abriu um sorriso; cansado, mas genuíno. Cath teve vontade de beijar sua boquinha cor-de-rosa.

— Você precisa estudar — ela disse, dando um soco no peito dele.

— Tá.

— Com Reagan. Com todas aquelas meninas que você explora.

— Tá.

— Comigo, se quiser. Posso te ajudar a estudar.

Ele levou a mão ao rabo de cavalo dela e começou a puxar o elástico. Cath deixou a cabeça cair para trás.

— Você já tem lição de casa o bastante — ele disse. — E milhares de fãs de Simon Snow se agarrando a cada palavra que escreve.

Cath observou as rachaduras no gesso do teto enquanto ele soltava o cabelo dela.

— Se isso significar estar *aqui*, no *ninho da águia*, com você — ela disse —, em vez de em *qualquer outro lugar*, com *qualquer outra pessoa*, estou mais do que disposta a fazer esse sacrifício.

Ele puxou o cabelo dela para a frente; o comprimento passava um pouco dos ombros.

— Não consigo decidir se você me ama ou se só ama esse quarto — ele disse.

— As duas coisas — Cath disse, então pensou melhor na escolha de palavras dele e ficou vermelha.

Levi sorriu, como se tivesse conseguido enganá-la.

— Tá bom — ele disse, brincando com o cabelo dela. — Vou estudar mais. — Ele ergueu as pernas e a jogou para a frente. — Tira os óculos.

— Por quê? Achei que você gostasse.

— Amo seus óculos. Principalmente quando você tira.

— Precisa estudar esta noite?

— Não. Acabei de bombar na prova. Não tenho motivo pra estudar.

Ele a balançou com as pernas de novo.

Cath revirou os olhos e tirou os óculos.

Levi sorriu.

— De que cor são seus olhos?

Ela os abriu o máximo que conseguia.

— Já dava pra ver — ele disse. — Mas não consigo definir a cor. Como aparece na sua carteira de motorista?

— Azul.

— Não é azul.

— É sim. Na parte de fora.

— E castanho na de dentro — ele disse. — E cinza nas beiradas e verde no meio.

Cath deu de ombros e olhou para o pescoço de Levi. Tinha uma pinta logo abaixo da orelha dele, e outra no fim do pescoço. Levi estava mais pálido do que quando tinham se conhecido; parecera tão bronzeado aquele dia, como uma criança que tinha passado o verão todo brincando ao ar livre.

— O que você vai fazer nas férias? — ela perguntou.

— Trabalhar na fazenda.

— Vou te ver?

— Claro.

— Quando?

— Vamos dar um jeito.

Ele tocou a bochecha dela.

— Mas não vai ser assim…

Levi observou ao redor e segurou o rosto dela entre suas mãos.

— Não vai ser assim — ele concordou.

Cath assentiu e se inclinou para beijar aquele ponto abaixo da orelha dele.

— Tem certeza de que não precisa estudar?

— Você precisa?

— Não — ela disse. — É sexta.

Levi tinha acabado de fazer a barba, de modo que sua mandíbula e seu pescoço estavam especialmente atraentes. Suaves e mentolados. Ela desceu um dedo por ali, até chegar ao primeiro botão da camisa de flanela… e decidiu abri-lo.

Levi inspirou fundo.

Ela encontrou o segundo botão.

Quando tinha terminado de abrir o terceiro, ele se afastou e arrancou a camisa pela cabeça. Depois a camiseta. Cath olhou para o peito de Levi como se nunca tivesse visto nada igual. Como se nunca tivesse ido a uma piscina pública.

— Você parece mais magro de blusa — ela disse, surpresa, traçando seus ombros com os dedos.

Ele riu.

— É um elogio?

— É… Não esperava que você parecesse tão forte.

Ele tentou beijá-la, mas Cath se afastou — ainda não queria parar de olhar. Levi não era visivelmente musculoso. Não como Jandro. Nem mesmo como Abel. Mas era firme e definido, com músculos se curvando sobre os ombros, sobre os braços e ao longo do peito.

Cath queria voltar atrás e retrabalhar todas as cenas que havia escrito que mencionavam o peitoral de Baz ou de Simon. Ela os descrevera como lisos, pronunciados e rígidos. Mas Levi era todo movimento suave e respiração, curvas e concavidades quentes. Seu peitoral era um ser vivo.

— Você é lindo — ela disse.

— Você que é.

— Não discute comigo. Você é lindo.

Tirar a camisa de Levi tinha sido uma ideia tão inspiradora que Cath já pensava em tirar a blusa dela também. E Levi pensava o mesmo. Ele brincava com a bainha, escorregando os dedos para baixo dela em meio aos beijos. *Beijos*. Cath amava aquela palavra. Usava-a com parcimônia na escrita, de tão poderosa que era a sensação despertada. Pronunciá-la já parecia um beijo. Era preciso parabenizar o idioma por aquilo.

Levi beijava com a mandíbula e o lábio inferior. Ela ainda não havia feito aquilo com pessoas o suficiente para saber se era algo particular, mas sentia que era. Levi a beijava e passava os dedos por baixo da bainha da blusa; se Cath levantasse os braços, ele provavelmente tiraria a blusa dela. Tinha certeza de que podia contar com ele para aquilo. Ela não conseguia lembrar o que estava esperando, do que tinha tanto medo…

Estava esperando o casamento? Naquele momento, era difícil pensar em algo além de Levi… com quem ela não estava nem um pouco perto de se casar. Aquilo só fazia com que o quisesse mais. Porque, se acabassem não se casando, Cath não teria acesso eterno a seu peitoral, seus lábios e o que quer que estivesse acontecendo no colo dele. E se os dois se casassem com outras pessoas? Era melhor transar com ele *agora*, enquanto ainda podia.

É um péssimo argumento, o cérebro dela gritava. *Cheio de falhas.*

Como é que uma pessoa sabe quando está perto de se casar com alguém?, Cath se perguntou. *É uma questão de tempo? Ou de distância?*

O celular dela tocou.

Levi a beijou como se tentasse sentir o último gostinho de geleia do fundo da garganta dela.

O celular tocou de novo.

Não devia ser importante. Wren. Reclamando do pai. Ou o pai reclamando de Wren. Ou um dos dois sendo levado para o hospital…

Cath se afastou, segurou as mãos de Levi e tentou recuperar o fôlego.

— Vou só ver o que é — ela disse. — Wren…

Ele assentiu e tirou as mãos da blusa dela. Cath resistiu à vontade de deslizar por suas pernas como se ele fosse um cavalinho de pau. (A sensação seria boa, mas ela nunca recuperaria a dignidade.) Em vez disso, ela desmontou dele, meio tonta, e se esticou para fora da cama para pegar o celular.

Levi se arrastou atrás dela, tentando ler por cima de seu ombro.

Era Wren. ei, você devia vir pra omaha. jandro veio, vamos dançar mais tarde no guaca maya. vai ser legal! vem!

não posso, Cath respondeu. estou com levi.

Ela jogou o celular no chão, então tentou voltar para o colo de Levi. Mas ele já tinha voltado a se recostar na cabeceira, com os joelhos erguidos. Seu colo estava indisponível.

Cath tentou tirar os joelhos dele do caminho, mas Levi não deixou. Olhava para ela como se ainda tentasse descobrir de que cor eram seus olhos.

— Está tudo bem? — Cath perguntou, se ajoelhando à frente dele.

— Está. Tudo bem aí também? — Ele apontou com o queixo para o celular dela.

Cath assentiu.

— Perfeito.

Levi assentiu.

Cath assentiu de novo. Então levantou os braços acima da cabeça.

Agatha enganchou os dedos na capa, infeliz. (*Mas ainda bonita. Mesmo marcado pelas lágrimas, o rosto de Agatha era uma coisa linda.*) *Simon queria dizer a ela que estava tudo bem, queria esquecer toda a cena com Baz na floresta…* Agatha de pé ao luar, segurando as mãos pálidas de Baz nas suas…

— Me conta — Simon disse, com a voz trêmula.

— Não sei o que dizer. — Ela chorava. — Tem você. E você é bom. Você é a coisa certa. E tem ele… E ele é diferente.

— Ele é um monstro.

Simon cerrou os maxilares.

Agatha só assentiu.

— Pode ser.

do capítulo 18 de *Simon Snow e o sétimo carvalho*,

copyright © 2010 by Gemma T. Leslie

TRINTA E QUATRO

Elas entraram no elevador, e Cath apertou o nove.

— Não acredito que faz quinze minutos que estamos discutindo se Simon Snow devia pegar a espada ou a varinha em uma cena de uma fanfic boba.

Por "não acredito", Cath queria dizer "não acredito em como estou feliz". Wren estava subindo para o quarto dela, e as duas iam trabalhar em *Sempre em frente* até que Levi saísse do trabalho. Aquilo tinha virado uma rotina. Cath gostava de rotinas. Se sentia cheia de serotonina.

Wren a empurrou.

— Não é boba. É importante.

— Só pra mim.

— E pra mim. E pra todo mundo que lê. Além disso, mesmo que fosse só pra você já seria o bastante. Você se dedica a isso faz quase *dois anos*. É o trabalho da sua vida.

— Nossa, isso é patético.

— Quero dizer o trabalho da sua vida até agora. E é muito impressionante. Seria mesmo que você não tivesse milhares de fãs. Jandro nem consegue acreditar em quantos leitores você tem. Ele acha que você deveria tentar ganhar dinheiro com isso… não entende direito esse lance de fanfics. Tentamos ver *O herdeiro do Mago*, mas ele dormiu.

Cath arfou, brincando só em parte.

— Você nunca me disse que ele era um herege.

— Queria que você o conhecesse primeiro. E o Levi?

A porta do elevador se abriu, e elas saíram no andar de Cath.

— Levi adora — ela disse. — Simon Snow. Fanfics. Tudo. Me faz ler meus textos pra ele.

— Ele não fica irritado com o lance com Baz?

— Não, ele é zen. Por quê? Jandro fica?

— Muito.

— Ele fica irritado com gays em geral?

— Não… Bom, talvez. Mas acho que é mais com a ideia de garotas héteros escrevendo sobre meninos gays. Ele acha uma depravação.

Aquilo fez Cath rir. Então Wren começou a rir com ela.

— Ele acha que *eu* sou a gêmea depravada — Cath disse.

— Cala a boca — Wren disse, empurrando-a.

Cath parou. Tinha um garoto esperando do lado de fora do quarto.

O garoto errado.

— O que foi? — Wren parou também. — Esqueceu alguma coisa?

— *Cath* — Nick disse, dando alguns passos à frente. — Oi. Estava esperando você.

— Oi — Cath disse. — Oi, Nick.

— Oi — ele repetiu.

Cath estava a seis passos do quarto. Não queria se aproximar mais.

— O que está fazendo aqui?

As sobrancelhas de Nick estavam baixas, e sua boca estava aberta. Ela via sua língua batendo contra os dentes.

— Só queria falar com você.

— Esse é o seu parceiro de biblioteca? — Wren perguntou, olhando para ele como se fosse uma foto em uma rede social, e não um ser humano.

— Não — Cath disse, reagindo mais ao “seu” que a qualquer outra coisa.

Nick olhou para Wren, então decidiu ignorá-la.

— Olha, Cath…

— Você não podia ter ligado antes? — ela perguntou.

— Eu não tinha o seu número. Liguei pro seu quarto… Peguei o número no diretório estudantil. Deixei um monte de mensagens.

— O fixo tem caixa postal?

A porta do quarto se abriu de repente e Reagan olhou para fora.

— Isso é seu? — ela perguntou para Cath, indicando Nick com um movimento de cabeça.

— *Não* — Cath disse.

— Imaginei. Por isso mandei ele esperar aqui fora.

— Você tinha razão — Wren disse, não muito baixo. — Ele tem a maior cara de Velho Mundo…

Reagan e Wren não sabiam o que tinha acontecido com Nick, não sabiam que ele havia usado Cath. Tudo o que sabiam era que ela não queria mais falar sobre ele — e que se recusava a ir à biblioteca Love. Sentira vergonha demais para contar os detalhes a alguém.

Cath não sentia vergonha agora, olhando diretamente para ele. Ela sentia raiva. Se sentia roubada. Tinha escrito coisas boas com Nick, e nunca ia recuperá-las. Se tentasse usar qualquer uma daquelas frases, qualquer uma daquelas piadas, poderiam dizer que tinha roubado dele. Como se Cath fosse roubar algo de Nick — com exceção daquele lenço estampado que ele usava e de que ela sempre tinha gostado. Nick que ficasse com sua segunda pessoa sofrível, sua narrativa no presente. E suas personagens magras com os dedos manchados de nicotina. (Aquelas garotas agora contavam as piadas de Cath; era revoltante.)

— Olha, só preciso falar com você — ele disse. — Não vai demorar muito.

— Então fala — Wren disse.

— É — Reagan disse, encostando no batente da porta. — Fala.

Nick parecia esperar que Cath o salvasse daquela situação, mas ela não estava nem um pouco a fim. Ela pensou em ir embora e deixar que ele lidasse sozinho com Reagan e Wren, que eram difíceis e desagradáveis em boa parte do tempo, mesmo para quem gostava delas.

— Anda — Cath disse. — Estou ouvindo.

— Tá… — Nick pigarreou. — Hum. Tá. Vim te dizer… vim dizer a Cath… — Ele olhou para ela. — Que meu conto foi selecionado pelo *Prairie Schooner*. É o periódico literário da universidade — Nick disse para Wren. — É uma grande honra para alguém da graduação.

— Parabéns — Cath disse, todos os sentimentos de ter sido usada retornando. Era como se Nick a tivesse roubado de novo, usando uma arma daquela vez.

Nick assentiu.

— É. Bom… A professora responsável… A Piper, ela, hum… — Ele observou ao redor, agitado, então bufou de leve. — Ela sabe que você me ajudou com o meu conto e achou que seria legal dividirmos o crédito.

— O conto *dele*? — Wren olhou para Cath.

— *Legal?* — Cath perguntou.

— É uma publicação de prestígio — Nick disse. — E seria uma coautoria. Podemos até assinar em ordem alfabética. Seu nome viria primeiro.

Cath sentiu uma mão em suas costas.

— Oi — Levi disse, beijando o topo da cabeça dela. — Saí mais cedo. Oi — ele disse para Nick, animado, estendendo o braço atrás de Cath para cumprimentar o outro. — Sou o Levi.

Nick apertou a mão dele, parecendo confuso e desconfortável.

— Nick.

— Nick da biblioteca — Levi disse, ainda animado, descansando um braço nos ombros de Cath.

Nick voltou a olhar para Cath.

— E aí, o que você acha? Tudo bem? Vai dizer à professora Piper que tudo bem?

— Não sei — Cath disse. — É só que… — *Só, só, só.* — Depois de tudo o que aconteceu, não sei se me sinto confortável…

Os olhos azul-escuros dele a perfuraram.

— Você tem que concordar, Cath. É uma oportunidade incrível pra mim. Você sabe o quanto quero isso.

— Então aproveita — Cath disse, baixo, tentando fingir que todas as pessoas que faziam parte de sua vida não estavam bem ali, ouvindo. — Pode assinar, Nick. Não precisamos dividir os créditos.

Ele também estava fingindo aquilo.

— Não posso — ele disse, dando um passo para mais perto de Cath. — Ela… a professora Piper disse que ou sai com o meu nome e o seu ou não sai. Cath. *Por favor.*

O corredor tinha ficado muito silencioso.

Reagan olhava para Nick como se já o estivesse amarrando aos trilhos do trem.

Wren o encarava como uma das garotas descoladas das histórias dele. Exalando desprezo.

Levi sorria. Como tinha sorrido para os garotos bêbados no Muggsy's. Antes que Jandro desse um soco em um deles.

Cath voltou a fingir que eles não estavam ali. Pensou no conto de Nick — no conto deles? —, em tudo o que havia investido nele e na chance de obter algo em troca agora.

Então pensou nela mesma sentada ao lado de Nick na biblioteca, tentando fazer com que largasse o caderno.

Levi apertou o ombro de Cath.

— Desculpa — Cath disse. — Mas não quero assinar. Você estava certo. O conto sempre foi seu.

— Não — ele disse, cerrando os dentes. — Não posso ficar sem isso.

— Você vai ter outras oportunidades. É um ótimo escritor, Nick — ela disse, com sinceridade. — Não precisa de mim.

— *Não.* Não vou deixar passar. Já perdi a vaga de monitor por sua causa.

Cath deu um passo para trás. E trombou com Levi.

Reagan abriu mais a porta, e Wren passou por Nick, puxando Cath para dentro.

— Foi bom te conhecer — Levi disse, e era preciso conhecê-lo a fundo para saber que não estava sendo sincero.

Nick se manteve ali, como se ainda achasse que pudesse convencer Cath a ajudá-lo.

Reagan fechou a porta na cara dele com um chute.

— Você saiu mesmo com esse cara? — ela perguntou, antes que a porta tivesse batido de fato. — Esse era o seu namorado bibliotecário?

— Meu parceiro de escrita — Cath disse, evitando os outros e deixando a mochila sobre a escrivaninha.

— Que babaca — Reagan resmungou. — Acho que minha mãe tem um lenço igual ao dele.

— Ele roubou seu texto? — Wren perguntou. — Aquele em que vocês estavam trabalhando juntos?

— Não. Não exatamente. — Cath se virou. — Não importa — ela disse, tão decidida quanto podia. — Tudo bem?

Cath olhou para o rosto dos três, todos prontos para se sentirem ofendidos por ela, então se deu conta de que aquilo não importava mesmo. Nick — que não era capaz de escrever sua anti-história-de-amor sem ela — era coisa do passado.

Cath sorriu para Levi.

— Você está bem? — ele perguntou, sorrindo de volta, porque não podia evitar. (Santo Levi. Santíssimo Levi.)

— Estou ótima — ela disse.

A irmã ainda parecia avaliar Cath.

— Ótimo — Wren disse, parecendo se decidir. — Certo. Ótimo. — Ela se virou para Levi e deu um soquinho no braço dele. — Muito bem, tenente Starbuck, já que está aqui, pode me levar pra Chácara. E pode pegar uns mochas de chocolate branco pra gente no caminho.

— Podemos ir agorinha — Levi disse, brincalhão. — Parei o carro onde é proibido estacionar.

Cath voltou a pegar a mochila.

— E quero que vocês duas saibam — Levi disse, abrindo a porta, e Cath deu uma espiada para garantir que Nick tinha ido embora — que saquei que é uma referência a *Battlestar Galactica*.

— Tá bom, tá bom — Wren disse. — Você é um nerd de carteirinha.

Quando chegaram à casa onde Jandro morava, Levi desceu para ajudar Wren. Só de vez em quando ele ajudava Cath a subir e a descer da caminhonete. Em geral, ela já tinha se virado antes que ele tivesse a chance de fazer alguma coisa. Quando Wren desceu da caminhonete, Cath se afastou do banco do motorista, relutante, e afivelou o cinto.

Levi deu a partida e engatou a marcha sem virar para Cath. Não tinha olhado direito para ela desde que haviam deixado o quarto.

— Você está bem? — ela perguntou.

— Estou. Só estou com fome. Está com fome?

Ele continuava sem olhar para ela.

— É por causa do Nick? — Cath perguntou. Ela se deu conta de que esperava que a resposta fosse sim.

— Não — Levi disse. — Deveria ser? Pareceu que você não queria falar dele.

— E não quero — Cath disse.

— Tá. Está com fome?

— Não. Está com ciúme?

— Não. — Ele balançou a cabeça, como se tentasse tirar algo dela. Então virou para Cath e sorriu. — Quer que eu esteja? — Ele arqueou uma sobrancelha. — Posso dar o maior escândalo, se você gosta desse tipo de coisa.

— Não precisa — Cath disse. — Mas obrigada.

— Ótimo. Estou com fome demais pra ficar com raiva. Se importa se a gente parar em algum lugar?

— Não — ela disse. — Ou posso te fazer alguma coisa, se quiser. Ovos.

Levi sorriu para ela.

— Sim, por favor. Posso ficar vendo?

Cath sorriu.

— Você é ridículo.

Levi queria um omelete. Tirou os ovos e o queijo da geladeira, e Cath encontrou uma frigideira e manteiga. (A cozinha quase não a lembrava mais da garota loira. Ela não era das mais memoráveis.)

Cath já tinha quebrado três ovos quando Levi puxou o rabo de cavalo dela.

— Ei.

— Oi?

— Por que sua irmã não gosta de mim?

— Todo mundo gosta de você — Cath disse, batendo os ovos com um garfo.

— Então por que vocês duas só se encontram quando não estou por perto?

Cath virou para olhar para Levi. Ele estava recostado na pia.

— Queijo — ela disse, indicando as mãos dele com um sinal de cabeça. — Ralado. — Quando Levi só continuou encarando-a, Cath disse: — Talvez eu goste de ter você só pra mim.

— Talvez… — ele disse, passando uma mão no cabelo. — Talvez você tenha vergonha de mim.

Ela despejou os ovos na frigideira e pegou o ralador sozinha.

— E do que eu teria vergonha? Da sua beleza longilínea ou da sua personalidade irresistível?

— Alejandro tem uma bolsa de excelência acadêmica — Levi disse baixo, atrás dela. — E a família dele é dona de uma boa parte de Nebraska.

— Espera… quê? — Cath deixou tudo de lado e virou para ele. — Acha mesmo que tenho vergonha de você?

Levi sorriu com educação e deu de ombros.

— Não estou bravo, linda.

— Não, mas está *doido*. Eu nem sabia isso do Jandro. E quem se importa? — Ela esticou os braços para ele e agarrou sua malha preta. — Nossa. Levi. Olha só pra você… Você é… — Ela nem tinha palavras para o que Levi era. Ele era uma pintura rupestre. Era o balão vermelho do filme. Cath ficou na ponta dos pés e o puxou para si até que seus rostos estivessem

tão próximos que ela só conseguia olhar em um olho dele por vez. — Você é *mágico.*

Os olhos de Levi quase se fecharam com um sorriso. Ela beijou um canto de seus lábios, e ele virou o rosto para pegar sua boca toda.

Quando Cath ouviu os ovos começando a estalar, se afastou — então Levi segurou sua cintura.

— Então por quê? — ele perguntou. — Wren não gosta mesmo de mim? Você não consegue agir naturalmente na minha frente? Eu percebi que você não me quer por perto quando ela está.

Cath empurrou seu peito e se afastou, voltando ao fogão para ralar o queijo depressa sobre os ovos.

— Não tem nada a ver com você.

Levi tentou se colocar no campo de visão dela, se encostando na bancada ao lado do fogão.

— Então com o que tem?

— É só… não é nada, é esquisito — ela disse. — Seria diferente se você tivesse crescido com a gente, ou se tivesse conhecido as duas ao mesmo tempo…

— Seria diferente como?

Cath deu de ombros e mexeu o omelete com uma espátula de madeira.

— Eu saberia que você tinha informações o bastante para poder me escolher.

Levi se reclinou sobre o fogão, tentando encará-la.

— Pra trás — Cath disse. — Você vai se queimar.

Ele recuou, mas só alguns centímetros.

— Eu te escolhi.

— Mas não conhecia a Wren.

— Cath…

Ela queria poder fazer alguma coisa com o omelete, em vez de só ficar olhando.

— Sei que acha Wren bonita…

— E sabe disso porque acho *você* bonita.

— Você disse que ela era “muito gata”.

— Quando?

— Quando a conheceu. — Levi pareceu confuso por um segundo, com uma sobrancelha arqueada de um jeito lindo. — Você disse que ela era o Super-Homem — Cath falou.

— *Cather* — ele disse, recordando. — Eu estava tentando chamar a sua atenção. Estava tentando dizer que você era linda sem ser direto.

— Bom, foi péssimo.

— Desculpa. — Ele pegou na cintura dela. Cath continuou olhando os ovos.

— Sei que você gosta de mim — ela disse.

— Você sabe que eu te amo.

Cath continuou encarando a frigideira.

— Mas ela é muito parecida comigo. Alguns dos nossos melhores amigos nem conseguiam diferenciar a gente. E quando conseguiam, era porque Wren era a versão melhorada. Ela falava mais, sorria mais… ou simplesmente tinha uma aparência melhor.

— Não tenho nenhuma dificuldade em diferenciar vocês.

— Cabelo comprido. Óculos.

— Cath… Anda, olha pra mim. — Levi a puxou pelo passante da calça, mas Cath virou o omelete antes de se permitir virar para ele. — Sei diferenciar vocês.

— Temos a mesma voz. Falamos de um jeito parecido. Fazemos os mesmos gestos.

— É verdade — ele disse, assentindo, depois erguendo o queixo. — Mas é quase como se isso tornasse as diferenças ainda mais aparentes.

— Como assim?

— Tipo, às vezes sua irmã diz alguma coisa e é meio um choque ouvir o que saiu com a sua voz.

Cath o encarou nos olhos, incerta. Estavam bem abertos e pareciam sinceros.

— Tipo o quê?

— Não consigo pensar em nada específico — ele disse. — Tipo… ela sorri mais que você. Ao mesmo tempo, é mais dura. Mais fechada.

— Sou eu que nunca saio do quarto.

— Não estou conseguindo explicar direito… Eu gosto da Wren — Levi disse. — Do que conheço dela. Só que ela é mais… enérgica que você.

— Confiante.

— Em parte. Talvez. É mais como… se ela conseguisse o que quer das situações.

— Não tem nada de errado com isso.

— Não, eu sei — Levi disse. — Mas você não é assim. Você não pressiona o tempo todo. Você presta atenção. Você absorve tudo. Gosto disso em você. Gosto mais disso.

Cath fechou os olhos e sentiu as lágrimas nas bochechas.

— Gosto dos seus óculos — ele continuou. — Gosto das suas camisetas do Simon Snow. Gosto que você não sorri pra todo mundo, porque, quando sorri pra mim… *Cather*. — Ele a beijou na boca. — Olha pra mim.

Ela olhou.

— Escolho você acima de qualquer pessoa.

Cath inspirou com dificuldade e levou uma mão ao queixo dele.

— Eu te amo — ela disse. — Levi.

A expressão de Levi se alterou antes que ele a beijasse.
Ele voltou a se afastar alguns segundos depois…
— Repete.

Ela teve que fazer outro omelete para ele.

— Sabe o que é mais decepcionante em ser um feiticeiro?

Penelope balançou a cabeça e revirou os olhos, uma combinação de gestos em que tinha se especializado ao longo dos anos.

— Não seja bobo, Simon. Não tem nada de decepcionante na magia.

— Tem, sim — ele insistiu, só em parte para provocá-la. — Sempre achei que a essa altura a gente já teria aprendido a voar.

— Ah, por favor! — Penelope disse. — Qualquer um pode voar. Desde que tenha um amigo. — Ela estendeu a mão do anel para ele e sorriu. — Para o alto e avante!

Simon sentiu os degraus se afastando dele e riu enquanto dava uma cambalhota lenta no ar. Quando voltou a ficar de cabeça para cima, apontou a varinha para Penelope.

do capítulo 11 de *Simon Snow e as cinco lâminas*,

copyright © 2008 by Gemma T. Leslie

TRINTA E CINCO

— Olha só pra elas — Reagan disse, balançando a cabeça com um olhar carinhoso. — Cresceram tanto.

Cath virou para onde ficavam os cereais e viu duas calouras claramente de ressaca se atrapalharem com as colheres.

— Ainda me lembro da noite em que chegaram em casa com suas primeiras tatuagens do Pequeno Pônei — Reagan concluiu.

— E da manhã em que percebemos que as tatuagens tinham inflamado — Cath disse, tomando seu suco de tomate.

Aquilo era algo do alojamento de que ela ia sentir falta. Quatro tipos diferentes de suco disponíveis, incluindo de tomate — onde mais conseguiria tomar suco de tomate? Reagan odiava vê-la bebendo aquilo.

— É como se estivesse bebendo sangue — ela tinha reclamado uma vez. — Se sangue tivesse consistência de molho.

Reagan continuava observando as garotas de ressaca.

— Quantos rostos conhecidos será que vamos ver no próximo ano letivo? Cada ano traz uma nova leva de alunos, e a maioria das pessoas não volta para o alojamento no segundo ano.

— Não vou cometer o erro de me apegar tanto de novo — Cath disse.

Reagan desdenhou.

— Precisamos entregar os formulários logo se quisermos continuar no mesmo quarto.

Cath pôs o copo de suco na mesa.

— Espera aí… está dizendo que quer continuar comigo?

— Claro que sim, você nunca fica no quarto. É como se eu finalmente tivesse o quarto só pra mim.

Cath sorriu. Então tomou outro grande gole de suco de tomate.

— Bom… Vou pensar a respeito. Você tem mais ex-namorados gatinhos?

Wren estava certa.

Ela tinha insistido que Cath postasse um capítulo de *Sempre em frente, Simon* toda noite.

— Ou você não vai conseguir terminar antes do lançamento da *Oitava dança.*

Elas planejavam ir à festa de lançamento em uma livraria de Omaha, à meia-noite. Levi também queria ir.

— A gente vai fantasiado? — ele perguntara uma outra noite, quando estavam no quarto dele.

— Não nos fantasiamos desde o ensino fundamental.

Cath estava sentada na namoradeira, com o notebook no colo. Agora conseguia escrever com ele no quarto; estava tão concentrada em *Sempre em frente* que conseguiria escrever em um quarto cheio de animais de circo.

— Droga — ele disse. — Queria me fantasiar.

— De quem você iria?

— De Mago. Ou de um dos vampiros, tipo o conde Vidalia. Ou Baz. Ia te deixar louca de tesão?

— Já estou louca de tesão.

— Ela diz do outro lado do quarto…

— Desculpa — Cath disse, esfregando os olhos. Levi a tinha cutucado a noite toda. Provocando-a. Tentando fazer com que parasse de escrever e

ficasse com ele. — Mas preciso terminar esse capítulo se quiser que Wren leia antes de dormir.

Cath estava tão perto do fim de *Sempre em frente* que todo capítulo parecia importante. Se ela escrevesse algo ruim agora, não conseguiria consertar ou controlar depois. Não havia mais espaço para encher linguiça; cada capítulo representava a resolução de uma linha da trama ou a última grande cena de um personagem. Ela queria que todos tivessem o fim que mereciam. Não só Baz, Simon, Agatha e Penelope, mas todos os outros também — Declan, o caçador de vampiros relutante, Ebb, a pastora de cabras, o professor Benedict, o treinador Mac…

Cath tentava ignorar o número de acessos — que só aumentaria a pressão —, mas sabia que devia ser astronômico. Na casa das dezenas de milhares. Ela andava recebendo tantos comentários que Wren passara a respondê-los em seu lugar, agradecendo às pessoas e respondendo perguntas básicas.

Cath mal conseguia acompanhar as aulas, mas conseguia. Os trabalhos pareciam obstáculos que ela precisava superar no caminho para chegar até Simon e Baz.

Uma vantagem de escrever naquele ritmo era que seu cérebro nunca desconectava do Mundo dos Magos. Quando Cath se sentava para escrever, não precisava se inserir na história aos poucos, esperando até se acostumar com a temperatura. Ela estava lá o tempo todo. O dia todo. A vida real acontecia em sua visão periférica.

O notebook se fechou e Cath recolheu os dedos bem a tempo. Não tinha notado Levi se aproximando da namoradeira. Ele pegou o computador dela e o pôs no chão, com cuidado.

— Pausa para os comerciais.

— Livros não têm comerciais.

— Não sou muito de ler — ele disse, puxando-a para seu colo. — Intervalo?

Cath subiu em cima dele, relutante, ainda pensando na última coisa que havia digitado, sem saber ao certo se queria deixar aquilo para trás.

— Livros não têm intervalos também.

— O que eles têm?

— Fins.

As mãos dele estavam nos quadris dela.

— Você vai chegar lá — Levi disse, roçando o nariz na gola da camiseta dela. O cabelo dele fez cócegas no queixo de Cath, o que a tirou do transe mental. Ou a colocou em outro.

— Tá — ela disse, beijando a cabeça de Levi, embalada contra o corpo dele. — Tá. Intervalo.

— Você tem que reservar um capítulo só pra Penelope — Wren disse. Elas voltavam aos alojamentos, atravessando poças d'água. Wren usava galochas amarelas e ficava pulando nas poças, molhando os tornozelos e as pernas de Cath.

— Onde entraria? — Cath bufou. A neve estava derretendo, mas sua respiração ainda condensava. — Eu deveria ter escrito duas semanas atrás. Agora vai parecer forçado… É por isso que autores de verdade esperam o livro inteiro estar pronto para mostrar aos outros. Eu faria tudo para poder voltar ao começo e reescrever tudo.

— Você é uma autora de verdade — Wren disse, espirrando água. — Você é tipo Dickens. Ele também publicava em capítulos.

— Vou destruir suas galochas.

— É pura inveja.

Wren pisou em outra poça.

— Não estou com inveja. Elas são péssimas. Devem fazer seus pés suarem.

— E daí? Ninguém vai saber.

— Eu vou saber quando a gente entrar no meu quarto e você tirar. Nojento.

— Ei — Wren disse. — Eu meio que queria falar com você sobre isso.

— O quê?

— Seu quarto. Quartos. Colegas de quarto… Eu estava pensando que no ano que vem a gente podia ficar juntas. Podemos ficar no Pound, se você quiser. Não me importo.

Cath parou e virou para a irmã. Wren continuou andando por um segundo antes de perceber e parar também.

— Você quer dividir o quarto comigo? — Cath perguntou.

Wren estava nervosa. Ela deu de ombros.

— É. Se você quiser. Se não estiver mais brava com… tudo.

— Não estou brava. — Cath pensou no dia em que Wren lhe dissera que não queria morar com ela, no verão anterior. Nunca se sentira tão traída. Quase nunca. — Não estou brava — ela repetiu, falando sério daquela vez.

Wren sorriu e pisou em uma poça entre as duas.

— Que bom.

— Mas não posso — Cath disse.

A expressão de Wren se desfez.

— Como assim?

— Bom, já combinei com a Reagan de continuarmos juntas.

— Mas ela te odeia.

— Quê? Reagan não me odeia. Por que acha isso?

— Ela é tão má com você.

— É só o jeito dela. Acho que sou a melhor amiga da Reagan, na verdade.

— Ah — Wren disse. Ela pareceu pequena e molhada. Cath não tinha certeza do que dizer…

— Você é a *minha* melhor amiga — Cath disse, desconfortável. — Você sabe disso. Original de fábrica. Pra vida inteira.

Wren assentiu.

— Sim… Não, tudo bem. Eu devia ter pensado nisso, na possibilidade de vocês duas continuarem morando juntas.

Ela voltou a andar, e Cath a seguiu.

— E Courtney?

— Ela vai mudar pra casa de uma irmandade.

— Ah — Cath disse. — Esqueci que ela era assim.

— Mas não foi por isso que falei com você — Wren disse, como se fosse importante deixar aquilo claro.

— Você deveria mudar pro Pound. Poderia ficar no nosso andar. De verdade.

Wren sorriu e jogou os ombros para trás, já se recuperando.

— É — ela disse. — Tá. Por que não? Fica mais perto do campus.

Cath pulou na primeira poça grande que viu, encharcando Wren até as coxas. Wren pulou e gritou, e valeu totalmente a pena. Os pés de Cath já estavam ensopados.

— Pelo amor de Morgana, Simon, vai mais devagar. — Penelope levou um braço à frente do peito dele e observou ao redor, o pátio estranhamento iluminado. — Tem mais de um modo de atravessar um portão em chamas.

do capítulo 11 de *Simon Snow e o terceiro portão*,
copyright © 2004 by Gemma T. Leslie

TRINTA E SEIS

Fazia quatro horas que Cath estava escrevendo. Quando ela ouviu alguém batendo à porta, sentiu como se estivesse no fundo de um lago, olhando para o sol.

Era Levi.

— Oi — Cath disse, colocando os óculos. — Por que não mandou mensagem? Eu podia ter descido.

— Eu mandei — ele disse, beijando a testa dela. Cath pegou o celular no bolso. Tinha duas mensagens e uma ligação perdida. Estava no silencioso.

— Desculpa — ela disse, balançando a cabeça. — Vou só pegar minhas coisas.

Levi se jogou na cama e ficou observando. Vê-lo ali, recostado na parede, despertava tantas lembranças e tanto carinho em Cath que ela subiu na cama e começou a beijar o rosto inteiro dele.

Levi sorriu e a envolveu com seus braços compridos.

— Você ainda precisa escrever muito?

— Preciso — Cath disse, esfregando o queixo no dele. — Tenho quilômetros a percorrer antes de ir dormir.

— Já mostrou alguma coisa pra professora?

Cath tinha acabado de começar a morder o queixo dele, mas então se afastou e ficou olhando para as marcas de dente.

— Como assim?

— Você está entregando aos poucos ou está esperando até terminar o conto?

— Eu… estou escrevendo *Sempre em frente.*

— Não, eu sei — ele disse, sorrindo e passando a mão no cabelo dela. — Mas eu estava pensando no seu trabalho de escrita de ficção. Queria que lesse pra mim quando acabar.

Cath se sentou na cama. As mãos de Levi não deixaram sua cabeça ou seu quadril.

— Eu… não vou fazer isso — ela disse.

— Não vai ler pra mim? É pessoal demais ou algo do tipo?

— Não. Não é isso. É só que… não vou escrever o conto.

O sorriso de Levi se desfez. Ele ainda não estava entendendo.

— Não vou escrever — ela disse. — Foi um erro ter dito que escreveria.

As mãos dele a seguraram mais firme.

— Não foi, não. Como assim? Você nem começou?

Cath se afastou, saindo da cama para ir guardar o notebook.

— Foi um erro ter concordado com a professora. Não consigo fazer isso. Não tenho nenhuma ideia, e é coisa demais. Não sei nem se vou conseguir terminar o *Sempre em frente*.

— É claro que vai.

Ela lançou um olhar irritado a ele.

— Faltam só nove dias.

Levi ainda parecia confuso. Talvez um pouco magoado.

— Você tem doze dias até o fim do semestre. E uns catorze antes de eu voltar pra Arnold. Mas me parece que tem a vida inteira pra terminar *Sempre em frente*.

Cath sentiu sua expressão endurecer.

— Você não entende — ela disse. — Nem um pouco.

— Então me explica.

— *Simon Snow e a oitava dança* vai sair em *nove* dias.

Levi deu de ombros.

— E daí?

— Faz dois anos que estou trabalhando nisso.

— Em terminar *Sempre em frente*?

— É. E tenho que terminar antes de o livro sair.

— Por quê? Gemma Leslie te desafiou pra uma corrida?

Cath enfiou o cabo enrolado do notebook na mochila.

— Você não entende.

Levi suspirou com aspereza e passou os dedos pelo cabelo.

— Você tem razão. Eu não entendo.

As mãos de Cath tremiam enquanto ela as enfiava pelos braços do casaco grosso de tricô trançado com forro quentinho.

— Não entendo como você pode abandonar essa disciplina *duas vezes* — Levi disse, franzindo a testa, agitado. — Eu tenho que me matar por cada nota, e adoraria uma segunda chance na maioria das matérias que faço. E você simplesmente ignora esse trabalho porque não está a fim de fazer, porque tem um prazo arbitrário e não consegue ver nada além disso.

— Não quero falar sobre esse assunto — ela disse.

— Você não quer falar sobre nada.

— Verdade. Não tenho tempo pra ficar discutindo com você.

Foi a coisa errada a dizer. Levi olhou para ela, abalado. Cath procurou por algo para dizer, mas tudo a seu alcance parecia errado.

— Talvez seja melhor eu ficar aqui essa noite.

Levi percorreu o olhar por ela, mais tranquilo do que Cath julgaria possível. Havia duas rugas profundas entre suas sobrancelhas.

— Tá — ele disse, se levantando. — Te vejo em nove dias.

Ele já tinha saído antes que ela pudesse gaguejar:

— Quê?

Cath não estava tentando comprar uma briga de nove dias. Só queria sossego aquela noite — não tinha tempo para se sentir culpada sobre o trabalho de escrita de ficção. Só pensar naquela história idiota a fazia se sentir ferida e exposta.

Ela se deitou na cama e começou a chorar. O travesseiro não cheirava a Levi. Não cheirava a nenhum dos dois.

Ele não entendia.

Quando o último livro de Simon Snow fosse publicado, aquilo acabaria. Tudo. Todos os anos imaginando e reimaginando. Gemma T. Leslie teria a palavra final, e pronto; tudo o que Cath havia construído nos dois anos anteriores ia se tornar um universo alternativo. Oficialmente desviante.

A ideia a fez soluçar em meio às lágrimas, pateticamente, com o rosto no travesseiro.

Como se terminar antes de Gemma T. Leslie fosse fazer alguma diferença.

Como se Cath pudesse de fato fazer Baz e Simon viverem felizes para sempre apenas com suas palavras. *Desculpa, Gemma, agradeço pelo que fez, mas acho que todos nós concordamos que deveria terminar assim.*

Não era uma corrida. Gemma T. Leslie nem sabia que Cath existia. Ainda bem.

No entanto… quando Cath fechava os olhos, tudo o que via era Simon e Baz.

Tudo o que ouvia era os dois falando em sua cabeça. Eles eram dela, sempre tinham sido dela. Se amavam porque Cath acreditava naquilo. Precisavam que ela resolvesse tudo para eles. Precisavam que ela os levasse até o fim.

Baz e Simon em sua mente. Levi em seu estômago.

Levi em algum lugar, longe.

Em nove dias, estaria acabado. Em doze dias, Cath não seria mais uma caloura. E em catorze…

Ela era uma idiota.

Sempre ia ser tão idiota? Infeliz sua vida inteira?

Cath chorou até sentir que aquilo não fazia sentido, então levantou da cama para buscar água. Quando abriu a porta, Levi estava sentado no corredor, curvado sobre os joelhos dobrados à sua frente. Ele ergueu os olhos quando Cath saiu.

— Sou um idiota — Levi disse.

Cath se abaixou entre os joelhos dele e o abraçou.

— Não consigo acreditar que disse aquilo — ele falou. — Não consigo passar nem nove *horas* sem te ver.

— Não, você estava certo — Cath disse. — Tenho me comportado como uma doida. A coisa toda é loucura. Não é nem real.

— Não foi isso que eu quis dizer. É real. Você tem que terminar.

— É… — ela disse, beijando o queixo dele, tentando lembrar onde tinha parado. — Mas não hoje. Você estava certo. Tenho tempo. Eles vão esperar por mim.

Ela pôs as mãos dentro da jaqueta dele.

Levi a segurou pelos ombros.

— Faz o que tem que fazer — ele disse. — Só me deixa ficar do seu lado. Nas próximas duas semanas, tá?

Ela assentiu. Catorze dias. Com Levi. E então aquele ano letivo acabaria.

— Talvez lutar contra ele não seja a resposta — Simon disse.

— Quê? — Baz estava recostado em uma árvore, tentando recuperar o fôlego. Seu cabelo pendia em cachos oleosos, e seu rosto estava manchado de sujeira e sangue. Simon devia estar ainda pior. — Você não pode desistir agora — disse, esticando o braço para o peito de Simon e o puxando ferozmente para si, pelas fivelas da capa. — Não vou deixar.

— Não estou desistindo — Simon disse. — É só que… talvez lutar não seja a resposta. Não foi a resposta com você.

Baz arqueou uma sobrancelha elegante.

— Você vai beijar o Oco? É esse o seu plano? Porque ele tem onze anos. E é igualzinho a você. É repugnante e excesso de vaidade ao mesmo tempo, Snow, até mesmo pra você.

Simon conseguiu rir e levar uma mão à nuca de Baz, segurando-o com firmeza.

— Não sei o que vou fazer. Mas cansei de lutar, Baz. Se continuarmos assim, não vai sobrar nada pelo que lutar.

de *Sempre em frente, Simon*, postado em abril de 2012
pela autora do FanFixx.net Magicath

TRINTA E SETE

— Cather.

— Hum.

— Ei. Acorda.

— Não.

— Sim.

— Por quê?

— Tenho que ir pro trabalho. Se a gente não sair logo, vou me atrasar.

Cath abriu os olhos. Levi já tinha tomado banho e vestido a roupa gótica da Starbucks. Ele cheirava a desodorante.

— Posso ficar? — ela pediu.

— Aqui?

— É.

— Mas você ficaria presa o dia todo.

— Gosto daqui. E vou ficar escrevendo.

Ele sorriu.

— Tá… claro. Eu trago comida quando voltar… E você escreve as palavras todas — Levi disse, beijando a testa dela. — Manda lembranças pro Simon e pro Baz.

Cath pensou em voltar a dormir, mas não podia. Então levantou e tomou um banho (que a deixou cheirando a Levi), felizmente sem encontrar ninguém no corredor. Tinha pelo menos um cara na casa. Conseguia ouvir música.

Ela voltou ao quarto de Levi. A noite tinha sido quente, e eles haviam adormecido com as janelas abertas. Mas o tempo tinha mudado e estava frio, especialmente para alguém com o cabelo molhado. Cath pegou o notebook e entrou debaixo da colcha, dobrando-a em cima do corpo. Ela não queria fechar as janelas.

Cath apertou o botão e ficou esperando o notebook ligar. Então abriu um documento do Word e ficou olhando para o cursor, que piscava para ela. Cath via o próprio rosto na tela em branco. Dez mil palavras, e nenhuma delas precisava ser boa. Uma única pessoa ia lê-las. Não importava por onde Cath começasse, desde que terminasse. Ela começou a digitar…

Me sentei nos degraus dos fundos.

Não…

Ela se sentou nos degraus dos fundos.

Cada palavra pesava e machucava, como se Cath arrancasse uma a uma do estômago.

Um avião passou lá no alto, e aquilo estava errado, estava tudo errado, e a irmã sabia também, porque apertou sua mão como se as duas fossem desaparecer caso não fizesse aquilo.

Não estava bom, mas já era alguma coisa. Cath poderia mudar depois. Aquela era a beleza de acumular palavras — quanto mais se tinha, mais baratas elas ficavam. A sensação de retornar e cortar aquilo quando tivesse chegado a algo melhor seria boa.

O avião voava tão baixo, se movia tão preguiçosamente pelo céu, que seria possível imaginar que estava escolhendo o telhado perfeito onde aterrissar. Elas conseguiam ouvir as turbinas; pareciam mais próximas que as vozes gritando dentro da casa. A irmã esticou o braço, como se pudesse alcançar o avião. Como se pudesse agarrá-lo.

A menina apertou a outra mão da irmã, tentando ancorá-la aos degraus. Se você for embora*, ela pensou,* eu vou junto.

Às vezes, escrever é uma corrida morro abaixo, e seus dedos balançam atrás de você pelo teclado do mesmo modo como suas pernas quando não conseguem acompanhar a gravidade.

Cath caiu e caiu, deixando um rastro de palavras confusas e metáforas ruins atrás dela. Às vezes, seu queixo tremia. Às vezes, ela enxugava as lágrimas na blusa.

Quando fez uma pausa, estava morrendo de fome e tão apertada que mal conseguiu chegar ao banheiro no terceiro andar. Ela encontrou uma barrinha de cereal na mochila de Levi, depois voltou para a cama e continuou escrevendo até o ouvir correndo escada acima.

Cath fechou o notebook e a porta se abriu. A visão dele sorrindo fez seus olhos arderem até a garganta.

— Para de *pular* — Wren soltou. — Você está fazendo a gente parecer um bando de nerds.

— Ah, tá — Reagan disse. — É isso que está fazendo a gente parecer um bando de nerds. Os pulos.

Levi sorriu para Cath.

— Desculpa. Fui contaminado pelo ambiente. — Ele estava usando a camiseta vermelha de *Sempre em frente* dela por cima de uma camiseta preta de manga comprida. Por algum motivo, a visão de Baz e Simon se encarando sobre o peito de Levi era perturbadora de tão atraente.

— Tudo bem — ela disse. Ela também estava contaminada pelo ambiente. Estavam na fila fazia mais de duas horas. A livraria estava lotada e tocava as trilhas sonoras dos filmes de Simon Snow. Cath reconheceu

algumas pessoas de outros lançamentos. Era como se todos fizessem parte de um clube que se reunia a cada tantos anos.

11 h58.

Os vendedores começaram a organizar caixas grandes — caixas especiais, azul-escuras com estrelas douradas. A gerente usava uma capa e um chapéu pontudo de bruxa que não tinha nada a ver. (Ninguém usava chapéus pontudos em Watford.) Ela subiu em uma cadeira e tocou uma caixa registradora com uma varinha que parecia mais algo que a Sininho usaria. Cath revirou os olhos.

— Chega de teatro — Reagan disse. — Tenho prova amanhã.

Levi estava pulando de novo.

A gerente chamou cheia de pompa a primeira pessoa da fila, e todo mundo na loja começou a aplaudir. A fila começou a andar — alguns minutos depois, Cath estava no caixa, e entregaram a ela um livro que tinha pelo menos dez centímetros de espessura. A sobrecapa parecia veludo ao toque.

Cath se afastou do caixa, tentando sair do caminho, agarrando o livro com ambas as mãos. Havia uma ilustração de Simon na capa segurando a Espada dos Magos sob um céu cheio de estrelas.

— Você está bem? — ela ouviu alguém, talvez Levi, perguntar. — Ei… você está chorando?

Cath passou os dedos pela capa, pelas letras douradas em relevo.

Então alguém mais se aproximou, empurrando o livro de Cath contra o peito dela. Empurrando dois livros contra o peito dela. Cath levantou o rosto bem quando um braço de Wren a enlaçava.

— As duas estão chorando — Cath ouviu Reagan dizer. — Não estou suportando olhar.

Cath soltou uma mão do livro para abraçar a irmã também.

— Não acredito que acabou — ela sussurrou.

Wren a abraçou mais forte e balançou a cabeça. Estava mesmo chorando.

— Não seja tão melodramática, Cath. — Wren soltou uma risada rouca. — Nunca vai acabar… É o *Simon*.

Simon avançou na direção do Oco. Nunca tinha chegado tão perto. O calor e a atração eram quase demais para ele; sentia como se o Oco fosse sugar seu coração através do peito, seus pensamentos da cabeça.

— Eu o criei com minha fome — Simon disse. — Com minha necessidade de magia.

— Com sua capacidade — o Oco disse.

Simon deu de ombros, um esforço hercúleo na presença e sob a pressão do Oco.

Ele havia passado a vida inteira — bom, os oito anos anteriores — tentando se tornar mais poderoso, tentando fazer jus ao seu destino, tentando se tornar o tipo de feiticeiro, e talvez o único, que poderia derrotar o Oco Insidioso.

E tudo o que Simon havia feito fora satisfazer a necessidade do Oco.

Simon deu um último passo para a frente.

— Não tenho mais fome.

do capítulo 27 de *Simon Snow e a oitava dança*, copyright © 2012 by Gemma T. Leslie

TRINTA E OITO

Era a última noite de sexta dela no Pound Hall.

Tinha um garoto no quarto.

Na cama dela, ocupando mais espaço do que seria justo, acabando com sua manteiga de amendoim.

Ele tirou a colher da boca.

— Você entregou?

— Passei por debaixo da porta. E mandei por e-mail também, só pra garantir.

— Vai ler pra mim?

— *Pff*. — Cath tirou *A oitava dança* da mochila e deixou na cama. — Prioridades — ela disse. — Chega pra lá.

Levi franziu o nariz e tentou sugar a manteiga de amendoim dos dentes.

Cath empurrou o ombro dele.

— *Chega pra lá.*

Levi sorriu, se recostando no travesseiro e dando um tapinha no colchão, entre suas pernas dobradas. Ela sentou lá, e ele a abraçou, puxando-a para mais perto. Cath sentiu o queixo dele em sua nuca.

— Está sujando meu cabelo de manteiga de amendoim?

— Só por prevenção. Assim, quando eu estiver mascando chiclete depois, não vai grudar no seu cabelo.

Ela abriu o livro e procurou a página em que tinham parado. Era enorme. Havia dois dias que estavam lendo, com intervalos para estudar e fazer as

provas finais, e ainda faltavam quatrocentas páginas. Era sua última semana juntos, de modo que Cath ia ler até ficar sem fôlego.

— Não consigo acreditar que ninguém revelou nada até agora — ela disse.

— Eu pretendia te revelar *tudo* depois, mas se quiser podemos inverter a ordem das coisas.

— Fui almoçar com Wren hoje e ela quase deu spoiler, umas quatro vezes. Não tenho coragem de entrar na internet. O FanFixx está uma loucura.

— Escrevi "NÃO ME CONTA O QUE ACONTECE EM SIMON SNOW" em um papel e grudei no avental do trabalho.

— Eu devia escrever isso na testa — Cath disse.

— Posso fazer isso pra você…

— Lembra onde paramos? O marcador caiu.

— Página trezentos e dezenove. O Oco tinha voltado os lobisreios contra a escola, e eles estavam rastejando, arrastando as barbatanas, molhando tudo e rangendo os dentes pras criancinhas, aí Penelope Bunce, a heroína da nossa história, lançou um feitiço que fez chover prata…

— Acho que foi o Baz.

— Tá, mas ela ficou vendo. Foi importantíssima.

— Página trezentos e dezenove — Cath disse. — Está pronto?

Levi a sacudiu, beijou seu pescoço algumas vezes e depois o mordeu, prendeu Cath entre seus joelhos e a apertou.

— Pronto.

Cath visualizou os olhos dele fechando… então pigarreou.

A prata rebateu na pele de Simon como se fosse mercúrio, mas foi absorvida pela pele do lobisreio. Linhas de um cinza metálico apareceram nos olhos amarelos da criatura, então ela ficou flácida e caiu ao chão.

Simon recuperou o fôlego e olhou em volta no gramado. Todos os lobisreios tinham caído, e Penelope conduzia os alunos mais novos à relativa segurança da fortaleza.

Basil atravessou o gramado na direção de Simon, tirando a prata da capa preta. Nem se deu ao trabalho de esconder as presas; Simon podia vê-las à distância.

Ele acertou a pegada na Espada dos Magos e a empunhou, em aviso.

Baz parou na frente dele e suspirou.

— Dá um tempo, Snow.

Simon ergueu ainda mais a espada.

— Acha mesmo que quero lutar com você? — ele perguntou. — Agora?

— Por que hoje seria diferente de qualquer outro dia das nossas vidas?

— Porque estamos em guerra. E estamos perdendo. Uma vez na vida… você *está perdendo. E não estou nem um pouco tão satisfeito quanto sempre achei que estaria.*

Simon queria discutir — queria dizer que não estava perdendo, que não podia se dar ao luxo de perder aquela luta —, mas não teve coragem. Tinha medo, pavor até, de que Baz estivesse certo.

— O que você quer, Baz? — ele perguntou, cauteloso, deixando a espada pender ao lado do corpo.

— Quero te ajudar.

Simon riu e enxugou o rosto na manga, o que deixou marcas de sangue e prata.

— Sério? Espero que não se ofenda por eu não acreditar no que diz, visto que passou os últimos quinze anos tentando me matar.

— Não acha que eu já teria te matado se realmente quisesse? — Baz arqueou uma sobrancelha escura. — Não sou tão incompetente, sabe? Eu só queria te incomodar… e roubar sua namorada.

Os dedos de Simon se tensionaram em torno do punho da espada. Baz deu um passo para mais perto dele.

— Snow, se você perder, todos perdemos. Posso querer um mundo sem você… e um mundo sem o tirano do seu pai. Mas não quero um mundo sem magia. Se o Oco vencer…

Simon avaliou o rosto pálido e sério de Baz, depois seus olhos cinza em chamas. Havia vezes em que Simon achava que conhecia aqueles olhos melhor que os dele próprio…

Levi deu uma risadinha.

— Shh — Cath disse. — Não consigo acreditar que isso está acontecendo.

… havia vezes em que achava que podia ler o rosto do inimigo melhor que o de qualquer outra pessoa. Melhor até que o de Agatha.

— Me deixa te ajudar — Baz disse. Havia algo em sua voz que Simon não reconhecia. Sinceridade, talvez. Vulnerabilidade.

Simon se decidiu rapidamente. (*Que era como sempre se decidia.*) *Assentiu uma vez e embainhou a Espada dos Magos. Então limpou a mão no jeans e a estendeu para ele.*

Baz encarou os olhos de Simon com a mesma ferocidade de sempre, e o outro se perguntou se havia animosidade demais — história demais — entre os dois. Coisas demais para deixar de lado ou superar.

Todas as maldições.

Todos os feitiços.

Todas as vezes que tinham ido ao chão, sacudindo os punhos e as varinhas, um dependurado no pescoço do outro…

Então Baz apertou sua mão.

Os dois feiticeiros, agora quase homens, trocaram um aperto de mão e compartilharam um momento marcado por nada mais — e o que poderia ser mais*? — que compreensão.*

— E quanto a Agatha? — Simon perguntou quando aquele momento tinha passado, quando a mão de cada um voltou a cair ao lado do corpo.

Baz sorriu e começou a subir o morro que dava no castelo.

— Não seja idiota, Snow. Nunca vou desistir de Agatha.

O problema de brincar de esconde-esconde com sua irmã é que às vezes ela fica entediada e para de procurar por você.

E você fica ali, debaixo do sofá, dentro do armário, espremida atrás da árvore, sem querer desistir, porque sabe que ela está só esperando uma oportunidade. Mas talvez tenha simplesmente ido embora…

Talvez esteja lá embaixo, vendo TV e comendo o que sobrou de salgadinho.

Você espera. Espera até esquecer que estava esperando, até esquecer que existe alguma coisa além de imobilidade e silêncio; uma formiga caminha pelo seu joelho, e você não se move. E não importa mais se ela está vindo atrás de você — se esconder já basta. (*Você ganha se não for encontrada, mesmo que não tenha ninguém te procurando.*)

Quando você sai de trás da árvore, é porque quer. É a primeira respiração depois de um mergulho demorado. Galhos estalam sob seus pés, e o mundo parece mais quente e mais brilhante. Pronta ou não, aí vou eu.

Aí vou eu, pronta ou não.

de "Deixada", de Cather Avery, conto vencedor do prêmio
para o primeiro e o segundo ano da *Prairie Schooner*,
outono de 2012

AGRADECIMENTOS

Obrigada, obrigada, obrigada a todo mundo que foi bom comigo enquanto eu escrevia este livro, mas especialmente a:

Bethany, que é uma excelente e incansável leitora, e uma amiga *maravilhosa* — e que sai por aí tornando a vida e a internet melhores.

Forest, que sempre fala desses personagens como se fossem pessoas de verdade; e Jade, que nunca se cansa deles.

Minha editora, Sara, que é incrível pra caralho.

E todo mundo na St. Martin's Press que trabalhou muito para ajudar meus livros a encontrar leitores — e para ajudar leitores a encontrar meus livros.

Obrigada a Christopher, dez quilos de agente em uma embalagem de cinco.

A Rosey e Laddie, que me fazem feliz.

E a Kai, que sempre me diz para escrever as palavras todas.

Além disso: decidi escrever este livro depois de ler muita (e quero dizer *muita mesmo*) fanfic. Toda essa leitura foi uma experiência transformadora para mim — mudou a maneira como penso a escrita e a narração de histórias, e me ajudou a compreender mais profundamente minha própria relação intensa com mundos e personagens ficcionais. Então agradeço *vocês* por escreverem.

AUGUSTEN BURROUGHS

RAINBOW ROWELL às vezes escreve para jovens (*Eleanor & Park*, *Fangirl* e a série Simon Snow) e às vezes para adultos (*Anexos e Ligações*), mas sempre cria personagens que falam demais, que acham que estão estragando tudo e que se apaixonam. Gosta de ler quadrinhos, planejar viagens para a Disney e discutir sobre assuntos banais. Mora em Nebraska com o marido e os dois filhos.

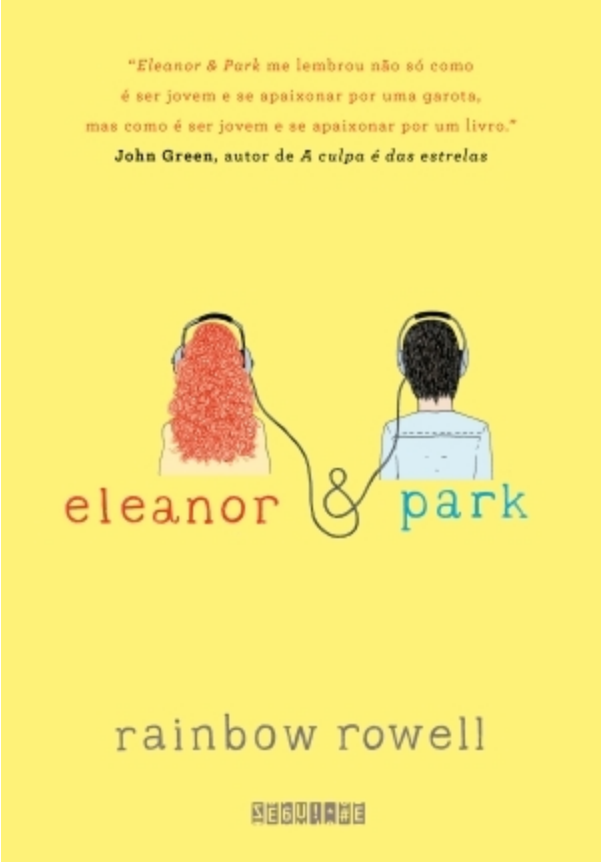
Copyright © 2013 by Rainbow Rowell
Publicado mediante acordo com a autora por intermédio de The Lotts Agency, Ltd.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Fangirl
CAPA Olga Grlic
ILUSTRAÇÃO DE CAPA Noelle Stevenson
PREPARAÇÃO Sofia Soter
REVISÃO Renata Lopes Del Nero e Luciane H. Gomide
VERSÃO DIGITAL Rafael Alt
ISBN 978-65-5782-062-9

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.seguinte.com.br
contato@seguinte.com.br


"*Eleanor & Park* me lembrou não só como
é ser jovem e se apaixonar por uma garota,
mas como é ser jovem e se apaixonar por um livro."
John Green, autor de *A culpa é das estrelas*
eleanor & park
rainbow rowell
SEGUINTE

Eleanor & Park

Rowell, Rainbow
9788554517045
360 p﹀ginas

Compre agora e leia

Uma das maiores obras da literatura jovem contemporânea em nova edição.

Eleanor é nova na cidade. Com roupas inusitadas, cachos ruivos indomáveis e uma família problemática, ela sente que nunca vai conseguir se encaixar. Park senta sozinho no ônibus da escola. Sempre de camiseta preta, fones de ouvido e a cabeça enfiada num livro, acha que consegue passar despercebido.
Mas não para Eleanor.
Aos poucos, entre fitas cassetes gravadas, pilhas de histórias em quadrinhos e conversas até tarde da noite, Eleanor e Park se apaixonam.
Narrada durante o ano letivo de 1986, essa é a história de dois jovens de dezesseis anos que, mesmo sabendo que o primeiro amor quase nunca é para sempre, têm coragem e esperança suficientes para tentar.
" *Eleanor & Park* me lembrou não só como é ser jovem e se apaixonar por uma garota, mas como é ser jovem e se apaixonar por um livro." — John Green, autor de *A culpa é das estrelas*
* Best-seller do *New York Times.*
* Livro de honra do Michael L. Printz Award (2014).
* Vencedor do Boston Globe-Horn Book Award de melhor livro de ficção

(2013).
* Escolhido como um dos melhores livros juvenis pela *Publishers Weekly* (2013).
* Escolhido como um dos melhores livros juvenis pelo *New York Times Book Review* (2013).

Compre agora e leia

Da autora de *Por lugares incríveis*
JUNTANDO
OS PEDAÇOS
JENNIFER NIVEN
ALEXANDRE

Juntando os pedaços

Niven, Jennifer
9788543808062
392 p﹀ginas

Compre agora e leia

Junte um pedaço de amizade com outro de autoaceitação, mais outro de amor e ainda um de esperança – todos juntos compõem a história de Libby e Jack.
Jack tem prosopagnosia, uma doença que o impede de reconhecer o rosto das pessoas. Quando ele olha para alguém, vê os olhos, o nariz, a boca... mas não consegue juntar todas as peças do quebra-cabeça para gravar na memória. Então ele usa marcas identificadoras, como o cabelo, a cor da pele, o jeito de andar e de se vestir, para tentar distinguir seus amigos e familiares. Mas ninguém sabe disso – até o dia em que ele encontra Libby. Libby é nova na escola. Ela passou os últimos anos em casa, juntando os pedaços do seu coração depois da morte de sua mãe. A garota finalmente se sente pronta para voltar à vida normal, mas logo nos primeiros dias de aula é alvo de uma brincadeira cruel por causa de seu peso e vai parar na diretoria. Junto com Jack. Aos poucos essa dupla improvável se aproxima e, juntos, eles aprendem a enxergar um ao outro como ninguém antes tinha feito.

Compre agora e leia

SEOVINTE
MALALA
Minha história em defesa dos direitos das meninas
VENCEDORA DO PRÊMIO NOBEL DA PAZ
MALALA YOUSAFZAI
COM PATRICIA McCORMICK

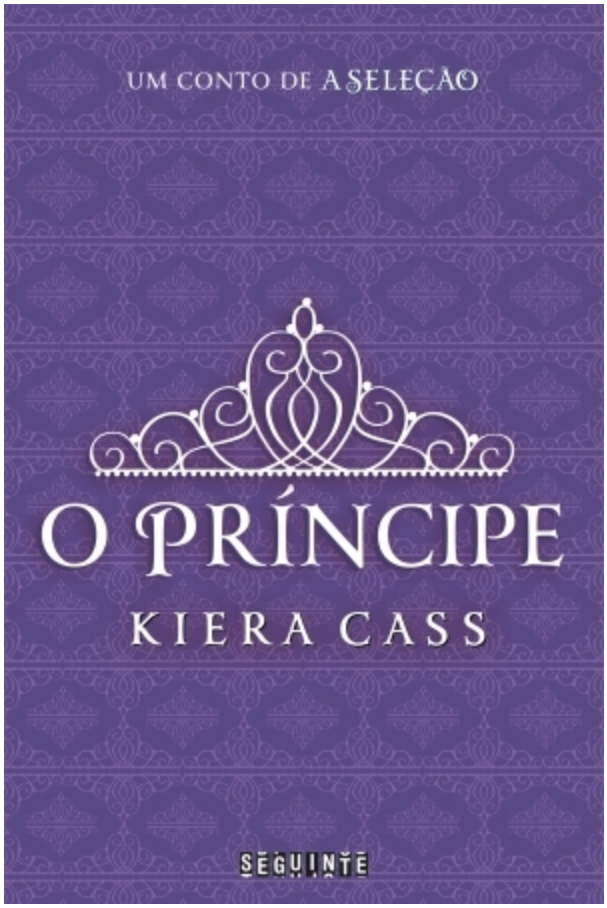
Malala (Edição infantojuvenil)

Yousafzai, Malala
9786557820773
200 pCompre agora e leia

A autobiografia da mais jovem ganhadora do prêmio Nobel da paz, em edição ilustrada e adaptada, para leitores de 8 a 12 anos.

Antes de se tornar uma ativista conhecida no mundo inteiro, Malala era apenas uma garota que lutava por aquilo em que acreditava. Quando a região onde morava, no Paquistão, foi dominada pelo Talibã e as meninas foram proibidas de ir à escola, Malala arriscou a vida para defender o direito à educação.
Nesta edição adaptada de suas memórias — enriquecida com ilustrações, glossário e linha do tempo —, você vai conhecer a história impressionante de uma jovem que se recusou a ficar em silêncio. Com suas próprias palavras, Malala nos mostra a importância de combater o ódio e o extremismo, e nos traz uma mensagem inspiradora de determinação e esperança.

Compre agora e leia


UM CONTO DE A SELEÇÃO
O PRÍNCIPE
KIERA CASS
SEGUINTE

O príncipe

Cass, Kiera
9788580866827
72 p﹀ginas

Compre agora e leia

Antes que trinta e cinco garotas fossem escolhidas para participar da Seleção... Antes que Aspen partisse o coração de America... Havia outra garota na vida do príncipe Maxon.
Conto inédito e gratuito, *O Príncipe* não só proporciona um vislumbre dos pensamentos de Maxon nas semanas que antecedem a Seleção, como também revela mais um pouco sobre a família real e as dinâmicas internas do palácio. Você descobrirá como era a vida do príncipe antes da competição, suas expectativas e inseguranças, assim como suas primeiras impressões quando as trinta e cinco garotas chegam ao palácio. É uma leitura indispensável a todos que terminaram A Seleção e ficaram querendo mais! Ao final, contém os dois primeiros capítulos de A Elite, segundo volume da trilogia.

Compre agora e leia

UM CONTO DE A SELEÇÃO

O GUARDA

KIERA CASS

SEGUINTE

O guarda

Cass, Kiera
9788580869507
102 p⿻ginas

Compre agora e leia

***O guarda* é o segundo conto que se passa no universo criado por Kiera Cass, autora da trilogia A Seleção. Depois de conhecermos os verdadeiros pensamentos e inquietações de Maxon em *O príncipe*, agora temos um vislumbre das ideias e emoções do jovem Aspen, ex-namorado de America, que vai trabalhar como soldado no palácio durante o concurso.**

Antes de ir para o palácio competir pelo coração do príncipe Maxon, America Singer era completamente apaixonada por Aspen. Criado como um Seis, ele nunca imaginou que acabaria se tornando um dos soldados responsáveis por proteger a monarquia. Em *O guarda*, a história é contada pelo seu ponto de vista, a partir do momento que a Seleção é reduzida à Elite. Sua rotina é composta de exercícios e tarefas variadas dentro da casa da família real — desde cuidar da correspondência até combater os ataques rebeldes. Pela primeira vez, o enfoque é o mundo paralelo dos funcionários do palácio, suas dinâmicas e rede de relacionamentos, que America nunca chegou a conhecer.

O guarda também está disponível em edição impressa, como parte da antologia *Contos da Seleção*, que traz ainda *O príncipe* com final estendido e bônus exclusivos (como uma entrevista com a autora e informações

inéditas sobre os personagens), além dos três primeiros capítulos de A escolha, último livro da trilogia, que será lançado em maio de 2014.

Compre agora e leia